ANNA GABRIELA RODRIGUES CARDOSO

# PAIXÃO FORA DE CAMPO:

# O UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO E SEUS ÍDOLOS EM (TECNO)NARRATIVAS DE SI E DO OUTRO PUBLICADAS NO *BLOG* MULHERES EM CAMPO

**BELO HORIZONTE**
**2025**

Anna Gabriela Rodrigues Cardoso

# PAIXÃO FORA DE CAMPO:

# O UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO E SEUS ÍDOLOS EM (TECNO)NARRATIVAS DE SI E DO OUTRO PUBLICADAS NO *BLOG* MULHERES EM CAMPO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET- MG) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa

**BELO HORIZONTE**

**2025**

Cardoso, Anna Gabriela Rodrigues.
C268p Paixão fora de campo : o universo futebolístico e seus ídolos em (tecno)narrativas de si do outro publicadas no *blog* mulheres em campo / Anna Gabriela Rodrigues Cardoso. – 2025.
252 f. : il.
Orientador: Cláudio Humberto Lessa.

Tese (doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2025.
Bibliografia.

1. Narrativas digitais. 2. Análise do discurso. 3. Futebol - Torcedores. 4. Ethos. I. Lessa, Cláudio Humberto. II. Título.

CDD: 796.334

Ficha elaborada pela Biblioteca - *campus* Nova Suíça - CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**
**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**
**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS**

**ATA DE DEFESA DE TESE Nº 24 / 2025 - POSLING (11.52.09)**

**Nº do Protocolo: 23062.030824/2025-41**

**Belo Horizonte-MG, 09 de junho de 2025.**

**ANNA GABRIELA RODRIGUES CARDOSO**

**PAIXÃO FORA DE CAMPO: O UNIVERSO FUTEBOLÍSTICO E SEUS ÍDOLOS EM (TECNO)NARRATIVAS DE SI E DO OUTRO PUBLICADAS NO BLOG MULHERES EM CAMPO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 30 de maio de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Claudio Humberto Lessa (Orientador)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Mariana Ramalho Procópio-Xavier
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.ª Dr.ª Marina de Mattos Dantas
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof. Dr. Antônio Augusto Braico Andrade
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

***(Assinado digitalmente em 10/06/2025 08:13 )***
ANTONIO AUGUSTO BRAICO ANDRADE
*PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO*
*DELTEC (11.55.08)*
*Matrícula: 2233045*

***(Assinado digitalmente em 10/06/2025 10:50 )***
CLAUDIO HUMBERTO LESSA
*PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO*
*DELTEC (11.55.08)*
*Matrícula: 2989064*

***(Assinado digitalmente em 14/07/2025 12:01 )***
PAULO HENRIQUE AGUIAR MENDES
*ASSINANTE EXTERNO*
*CPF: ###.###.496-##*

***(Assinado digitalmente em 09/06/2025 18:59 )***
MARINA DE MATTOS DANTAS
*ASSINANTE EXTERNO*
*CPF: ###.###.217-##*

***(Assinado digitalmente em 10/06/2025 10:04 )***
MARIANA RAMALHO PROCOPIO XAVIER
*ASSINANTE EXTERNO*
*CPF: ###.###.776-##*

Visualize o documento original em **https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **24**, ano: **2025**, tipo: **ATA DE DEFESA DE TESE**, data de emissão: **09/06/2025** e o código de verificação: **79e31760ea**

Em memória de William Oliveira Santos,

03 de novembro de 1992 – 27 de novembro de 2022,

a quem dedico esta tese.

## AGRADECIMENTOS

A jornada que culmina nesta tese não foi trilhada sozinha. Cada etapa foi acompanhada por pessoas, memórias e afetos que merecem aqui o meu mais sincero agradecimento.

A Deus, por me sustentar nos momentos de dúvida e cansaço, e por me dar forças para seguir mesmo quando tudo parecia difícil.

Aos meus pais, ao meu irmão, a todos meus familiares e às minhas amigas e meus amigos, pelo amor incondicional, apoio e incentivo constante. Ao Gabriel, que chegou no meio do caminho dessa escrita, mas se fez presente com carinho, cuidado e apoio inabalável.

Ao meu orientador Claudio e aos professores que me guiaram academicamente com generosidade e paciência. À banca avaliadora, pelo olhar atento e pelas contribuições que enriqueceram este trabalho.

Às meninas do *blog Mulheres em Campo*, em especial à Mariana, que, com suas vozes e escritas potentes, alimentaram o *corpus* desta pesquisa e me ensinaram muito sobre coragem, paixão e resistência.

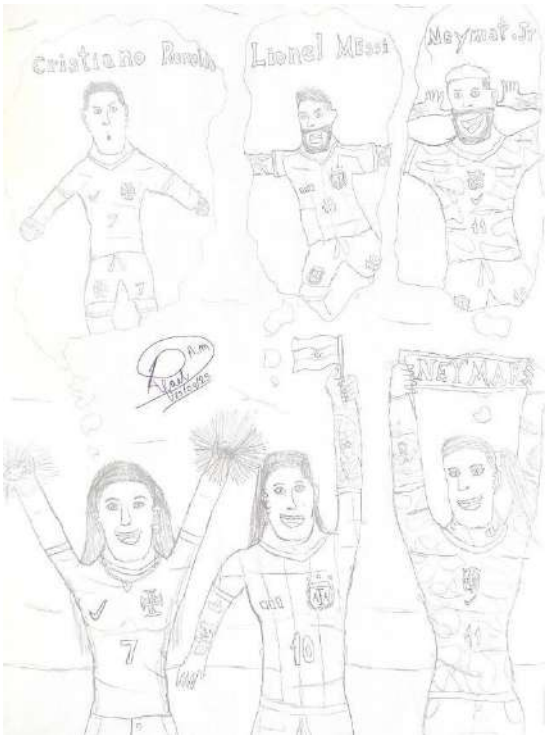
Aos colegas do CEFET, com quem compartilhei aprendizados, desafios e companheirismo ao longo do percurso.

Aos meus gatinhos, que foram companhia silenciosa (nem sempre!) e presença reconfortante nos dias longos de escrita solitária.

Aos meus alunos, que me ensinam e me inspiram constantemente — é por acreditar no poder transformador da educação que sigo escrevendo, estudando e resistindo.

Ao William, que partiu durante este processo, mas permanece comigo nas lembranças, no amor e na força que me inspira todos os dias. Esta tese também é por você.

***Epígrafe***




Desenho feito pelo aluno Rafael do 7º ano para a "tia" Anna.

## RESUMO

A Análise do Discurso busca entender as condições de produção dos discursos a partir das materialidades linguísticas e das práticas dos sujeitos em diferentes esferas de atividade social. Ao pensarmos a participação das mulheres em práticas sociais e discursivas, nas quais predominam a presença de homens, é extremamente importante destacarmos as narrativas de resistência que permeiam essas relações. Por isso, por meio da Teoria Semiolinguística, proposta por Patrick Charaudeau, procuramos compreender como o blog MEC se apresenta no universo tecnodiscursivo da Blogosfera a partir do entendimento de quem é a enunciadora torcedora que entende de futebol e escreve sobre personagens desse esporte. Para isso, abordamos a enunciação de mulheres torcedoras de futebol na blogosfera a partir de uma análise de suas narrativas a respeito de seus ídolos. Nesse sentido, a Análise do Discurso Digital (ADD), com base em Marie-Anne Paveau permite analisarmos produções linguageiras da internet e a narrativa de vida é um sintagma que demarca um território que busca ir além daquilo apresentado pelas tradicionais biografias e autobiografias, visto que elas podem surgir em espaços inesperados. Nos tecnotextos objetos de nossa pesquisa, nos quais as torcedoras descrevem seus ídolos e, ao mesmo tempo, narram sobre si, existe um processo de construção de identidades virtuais. Desse modo, entendemos que os tecnotextos do *blog MEC* apresentam características dos discursos digitais nativos, dos quais apontamos, com base em Marie-Anne Paveau, a composição, a ampliação, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade. Além disso, entendemos que eles são *narrativas de vida* dentro da perspectiva discursiva apresentada por Machado (2015) e outros pesquisadores. Por fim, com base, principalmente, em Santa (2012), compreendemos que os ambientes virtuais influenciam na construção da identidade dessas blogueiras, numa relação direta entre real e ficcional. Ao tratarmos dos tecnotextos do *blog Mulheres em Campo*, em uma perspectiva das *narrativas de vida*, entendemos que eles são mais do que simples textos escritos e publicados na *web*, sendo fenômenos discursivos dos quais diferentes efeitos de sentidos são possíveis. É nesse entremeio, a partir de discussões sobre mídia, gêneros textuais e discursivos, biografias e *narrativas de vida*, que nosso trabalho se encaixa. Portanto, pudemos inferir que a presença de uma escrita perpassada, principalmente, por traços de emoções diversas e de um pertencimento pelo qual as enunciadoras-torcedoras-blogueiras buscam, em suas escolhas lexicais, exposição de fotografias pessoais e, consequentemente, nas marcas implícitas, (re)afirmar que elas podem e vão falar de seus ídolos do futebol, mesmo que esse espaço, por vezes, seja negado a elas.



**Palavras-chave:** Discurso digital; narrativas de vida; torcedoras de futebol; *ethos.*

**ABSTRACT**

The Analysis Discourse aims to understand the conditions of discourse production based on linguistic materialities and the practices of subjects within different spheres of social activity. When considering the participation of women in social and discursive practices predominantly occupied by men, it is essential to highlight the narratives of resistance that permeate these relations. Therefore, through the Semiolinguistic Theory proposed by Patrick Charaudeau, we seek to understand how the blog *MEC* presents itself within the technodiscursive universe of the blogosphere by analyzing the figure of the woman fan who understands soccer and writes about its characters. To this end, we approach the enunciation of woman soccer fans in the blogosphere by analyzing their narratives about their idols. In this regard, Digital Discourse Analysis (DDA), based on Marie-Anne Paveau, allows us to examine internet-based language productions, and the concept of "life narrative" marks a territory that seeks to go beyond what is typically presented in traditional biographies and autobiographies, since such narratives may emerge in unexpected spaces. In the technotexts that are the object of our research — texts in which fans describe their idols while simultaneously narrating themselves — there is a process of constructing virtual identities. Thus, we understand that the technotexts from the blog *MEC* exhibit characteristics of native digital discourses, which, based on Marie-Anne Paveau, we identify as composition, expansion, relationality, investigability, and unpredictability. Furthermore, we interpret these texts as life narratives within the discursive perspective presented by Machado (2015) and other reserchs. Finally, drawing primarily on Santa (2012), we understand that virtual environments influence the identity construction of these bloggers, in a direct relationship between the real and the fictional. In addressing the technotexts of the blog *Mulheres em Campo* from the perspective of life narratives, we understand them to be more than mere texts published on the web; they are discursive phenomena from which various effects of meaning may arise. It is in this intersection — through discussions on media, textual and discursive genres, biographies, and life narratives — that our work is situated. Therefore, we infer that the writing found in these texts is marked, above all, by traces of emotion and a sense of belonging, through which the blogger-fan-enunciators, via lexical choices, the sharing of personal photographs, and implicit markers, seek to (re)affirm that they can and will speak about their soccer idols, even when such a space is often denied to them.

**Keywords:** Digital discourse; life narratives; woman football fans; *ethos*.

# Sumário

**Prólogo** ..... **10**
**INTRODUÇÃO** ..... **15**
**CAPÍTULO 1 – AS TORCEDORAS E OS ÍDOLOS DO FUTEBOL NO MEIO DIGITAL** ..... **29**
1.1 Mulheres e os ídolos do futebol ..... 29
1.2 Mulheres e o pertencimento clubístico ..... 37
1.3 Sobre formas de torcer no meio digital ..... 41
**CAPÍTULO 2 – UM CAMINHO PELA ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL** ..... **45**
2.1 Um recorte do *Blog Mulheres em Campo* ..... 45
2.2 A construção do *corpus* discursivo ..... 49
2.3 Para além do pré-digital ..... 55
**CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DA TORCEDORA BLOGUEIRA NO *BLOG MULHERES EM CAMPO*** ..... ***62***
3.1 A situação de comunicação no *Blog Mulheres em Campo* ..... 62
3.2 O contrato de comunicação no *Blog MEC* ..... 71
3.3 Identidades no *Blog MEC* ..... 81
3.4 Visadas de informação e de captação na página Ídolos ..... 92
3.4.1 A visada de informação na página Ídolos ..... 96
3.4.2 A visada de captação na página Ídolos ..... 97
3.5 Sobre a patemização e os papéis das emoções ..... 100
3.6 Sobre a extimidade e a construção das imagens de si ..... 107
**CAPÍTULO 4 – OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO NO *BLOG MEC*** ..... **115**
4.1 Modo de organização enunciativo ..... 115
4.1.1 A mecânica dos tipos de discurso relatado ..... 118
4.2 Modo de organização narrativo ..... 120
4.3 Modo de organização descritivo ..... 124
4.4 Do Modo de organização argumentativo a Argumentação no Discurso ..... 128
**CAPÍTULO 5 – IMAGENS DE SI E DO OUTRO EM TECNONARRATIVAS DE VIDA NO *BLOG MULHERES EM CAMPO*** ..... **136**
5.1 Um caminho pelas narrativas de vida ..... 136
5.2 Diferentes *ethé* em tecnonarrativas na página Ídolos ..... 146
5.2.1 "Ídolo Fabuloso" ..... 147
5.2.2 "Nas quatro linhas, volante, fora de campo, guerreira" ..... 152
5.2.3 "O goleiro de todas as séries" ..... 155
5.2.4 "Se é pra falar de ídolo, eu sempre irei falar dele" ..... 160

5.2.5 “Olé, olé, olé, olá, Lucas, Lucas” ..... 165
5.2.6 “Ziquita: o herói do povo” ..... 170
5.2.7 “O mais temido pelo rival” ..... 173
**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 181**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 185
ANEXOS ..... 191

# PRÓLOGO

Existem muitos desafios na vida de uma pesquisadora. As horas de leitura são dedicadas à busca, seja por objetos para serem analisados, seja por teorias que possibilitem essas análises. No meu caminho, ainda na graduação em Letras, encontrei a Análise do Discurso. Inicialmente, passei por uma perspectiva do teórico Michel Pêcheux, que possibilitou o início da minha caminhada como futura pesquisadora. Depois, a partir da Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, já no mestrado em Estudos Linguísticos, desembarquei em outras terras para encontrar novos modos de entender o que ainda me incomodava sobre as relações entre mulheres e futebol. Atualmente, no doutorado da mesma área, minha pesquisa dá continuidade à minha viagem pelo mundo acadêmico e teórico, no qual sempre há algo novo a se revelar.

Ao pensar se sou uma torcedora-pesquisadora ou uma pesquisadora-torcedora, desembarco em um mar de ondas frágeis e ao mesmo tempo agitadas e prontas para uma longa ressaca. Para não me perder nessa breve linha do tempo, vou iniciar refletindo sobre a torcedora-pesquisadora. Essa é uma história que se inicia em uma embarcação tímida, com poucas oportunidades. Nasci no final dos anos 80, em uma cidade pequena, no interior de Minas Gerais e, como acontece com muitas mulheres, mesmo agora no século XXI, o futebol não tinha espaço no meu barco. Porém, isso não impediu que esse esporte estivesse sempre por perto, principalmente nos navios vizinhos.

Meu pai, aos meus olhos, era um dos donos dessas grandes embarcações. Ele apitava jogos, era técnico e jogador do time local, algo típico na época e ainda hoje nas regiões interioranas e nas periferias das grandes capitais. Além dele, meu avô, quase sempre no time rival, dividia com a gente sua paixão pela “estrela solitária”. Mesmo assim, minha mãe, que era do contra, torcia para um dos maiores rivais de seu genitor. Essa opção por torcer para times cariocas pode ser resultado do fato da distância considerável de nossa cidade

em relação à capital mineira e, em compensação, a aproximação com o Rio de Janeiro. Além de a televisão naquela época dar preferência, quase que total, pela transmissão de jogos do eixo Rio-São Paulo.

Sempre mais próxima do estibordo do navio do meu pai, demorei para chegar na popa e reconhecer nele a paixão por um time. Foi apenas quando nos mudamos para outra cidade,

ainda no interior, no entanto mais próxima de Belo Horizonte, que enxerguei a grandiosidade do torcedor que habitava aquele navio alvinegro.

Esse pai-torcedor sempre esteve ali, isso não posso negar, porém, o meu contato com ele, pelo menos quando busco esse momento em minha memória, acontece quando fui fazer uma viagem em seu navio. Viajamos até a minha adolescência e lá me encontrei, pela primeira vez, com uma torcida organizada. Nesse momento, o eu-torcedora ganhou um espaço gigante na minha embarcação, que precisou ser reformada para caber tanta paixão por um clube de futebol.

Outros caminhos foram sendo traçados pelo meu barco que crescia diante de tantos mistérios sendo revelados. Quando ele era quase um navio, eu estava na busca por uma direção acadêmica. Foi quando encontrei pelo caminho Michel Foucault e a sua "Ordem do Discurso" e, pouco depois, descobri Michel Pêcheux; como um Moisés em minha vida, suas obras abriram o mar e enxerguei uma oportunidade: estudar torcidas de futebol na perspectiva discursiva. Assim, nasceu a pesquisadora-torcedora!

Nessa tentativa de entender a totalidade de um grupo, encontrei nas histórias de muitas mulheres os mesmos problemas que eu percebia quando era apenas uma torcedora apaixonada, cabe dizer aqui que era uma paixão não só pelo time, mas também pelas arquibancadas. Eu vi que muitas torcedoras navegavam em barcos como o meu, com algumas construções inacabadas, impossibilitando-as de os transformarem em grandes navios, algumas vezes por proibições de suas próprias torcidas, outras por causa de preconceitos

sociais que reforçam a ideia de futebol como “coisa de homem”.

Com a Análise do Discurso, passei a estudar as condições de produção desses “barcos”, os quais nesta pesquisa chamaremos de discursos. Nessas descobertas, deixei Michel Pêcheux em alguma parte da minha embarcação, não para abandoná-lo, mas porque as metodologias de construção me levaram para outro caminho. No encontro com os textos de Patrick Charaudeau minha relação com o futebol e com as torcidas foi engrandecida com novas pinturas.

Entendo que à primeira vista pode parecer algo complexo, mas é essa teoria que permitiu minha primeira titulação como pesquisadora-torcedora, a de Mestra em Estudos de Linguagens. Fiz uma análise de imagens discursivas, com base na teoria de *Ethos* abordada, entre outros autores, por Ruth Amossy e Dominique Maingueneau. Nessa pesquisa, estudei discursivamente as denúncias, as críticas e as formas de pertencimento das torcedoras que participaram do 1º Encontro de Mulheres de Arquibancadas, evento extremamente importante para a história das torcedoras brasileiras — um marco na luta por respeito e por igualdade nas arquibancadas e nas torcidas.

Com um navio mais completo e longe de ser perfeito, continuei nos entremeios de ser uma torcedora que pesquisa outras torcedoras. Penso que a minha relação com o futebol se deu sempre nesses embarques e desembarques, principalmente, nas viagens no navio do meu pai. Além de, é claro, na passagem pelo porto que hoje é objeto de meus estudos, do qual tratarei adiante.

A Análise do Discurso reforça a constatação de que não falo sozinha, pois há outros discursos que permeiam minhas falas. Por isso, é nessa área de pesquisa, na qual também me debruço nas possibilidades de interdisciplinaridade, que encontro algumas respostas para os problemas apontados neste trabalho.

Antes de me aprofundar no mar no qual estou ancorada, preciso revisitar aquele porto do qual tratei anteriormente — o Blog Mulheres em Campo. Nele encontrei espaço para escrever sobre o meu time do coração. Nas linhas alvinegras fui colunista e fiz a cobertura dos jogos; graças à pluralidade de apropriações do blog (eu fui uma torcedora escrevendo e publicando minhas percepções sobre as partidas do meu time do coração). O melhor de tudo isso é que eu não estou sozinha, pois são mais de 50 torcedoras de todas as regiões do país que também deixam em seus textos as marcas de uma paixão ao descreverem os jogos, suas torcidas, seus ídolos.

O porto "Mulheres em Campo" é parte da minha trajetória. Com minha embarcação ancorada, deparei-me com uma problemática em que, com os Estudos do Discurso, seria possível aprofundar a partir de diferentes hipóteses. Como já vinha tratando das relações das mulheres torcedoras com o futebol, percebi que uma das "estações de serviços do porto" trazia uma grande oportunidade de pesquisa: a aba "Ídolos", que contém 79 textos, todos eles escritos por mulheres. Ao adentrar em cada um desses "containers" identifiquei que além de descreverem e de narrarem sobre o outro — no caso, seus ídolos—, nos textos elas narravam sobre si.

Para (não) concluir, volto à lembrança daquele meu pequeno barco no qual mal eu enxergava a grandeza interna do navio do meu pai. Mais precisamente quando viajo para a minha adolescência, dessa vez na intenção de justificar a analogia das embarcações. Uma adolescente que acompanhava fielmente uma série televisiva na qual o barco era, na minha percepção, o principal meio de transporte para unir as histórias dos personagens. E é exatamente essa união que busco com minhas pesquisas nas quais, por meio da interdisciplinaridade, pretendo entender a relação entre as mulheres torcedoras e o futebol, grupo do qual também faço parte.

Um adendo:

No final de 2022 meu barco furou, afundou, precisei recuperá-lo, estou

recuperando-o aos poucos — o futebol tem me ajudado mais uma vez. Não é fácil retomar a escrita no luto, mas faço isso por amor, pelo William, pela minha pesquisa e por todos que acreditam em mim, como ele sempre acreditou!

# INTRODUÇÃO

Ao considerarmos a presença, por vezes limitada, de mulheres no meio futebolístico, um meio permeado por discursos machista[1] e, por isso, muitas vezes reconhecido como espaço específico para os homens, percebemos que nas biografias de jogadores de futebol, geralmente, os autores são homens, jornalistas e historiadores. Nesse cenário, contrariando a tradição do gênero biográfico sobre esse tema, encontra-se a página "Ídolos" no *Blog Mulheres em Campo (MEC)* — um portal para publicação de opiniões e informações de jogos, times e jogadores de futebol.

Diante de tais apontamentos, nosso tema de pesquisa são as torcedoras que escrevem nesse *Blog* tecnonarrativas de seus ídolos. Com isso, temos o intuito de abordarmos a enunciação de mulheres torcedoras de futebol na blogosfera a partir da análise de suas narrativas a respeito de seus ídolos. Narrativas nas quais é possível observar uma dimensão argumentativa[2] pela qual as enunciadoras mobilizam argumentos calcados no *ethos*. Nesse contexto, entendemos *ethos* como as imagens de si que as enunciadoras constroem no ato de enunciação, assunto que aprofundaremos no capítulo 3. Além disso, essas narrativas são passíveis de serem analisadas pelo viés da Análise do Discurso Digital, uma abordagem a partir da qual pretendemos considerar o máximo de elementos digitais e linguageiros do nosso *corpus*. É importante também apontarmos que, a partir de agora, acrescentaremos também o uso do termo "tecno" com base na noção de tecnogênero[3].

Primeiramente, ressaltamos que o espaço futebolístico é socialmente reconhecido como um lugar para homens, por vezes excluindo, entre outros

[1] De acordo com Tenório (2019, p. 7) "O machismo é o preconceito que exerceuma função social de dominação dos homens sobre as mulheres, inferiorizando-as com a finalidade de controlar comportamentos e subjugar sua existência, para que a apropriação do tempo, do corpo e do trabalho delas seja mais eficaz e lucrativa nessa sociedade".

[2] Conceito cunhado por Ruth Amossy e que será tratado adiante neste trabalho.

[3] De acordo com Paveau (2021, p. 328) "Definiremos o tecnogênero de discurso como um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico".

grupos, as mulheres — em vários aspectos de participação nesse meio. Torcedoras, jornalistas, jogadoras, árbitras e outras profissionais do esporte enfrentam em seu cotidiano o machismo envolto a ele. No futebol, em uma simples observação, percebemos uma participação mais visível de homens, porém isso não quer dizer que as mulheres não entendem ou não gostam do jogo. O que acontece são exclusões construídas social e discursivamente durante anos. Um exemplo é a proibição da prática do futebol por mulheres no Brasil que durou cerca de 40 anos do século passado. Enquanto o futebol de homens crescia e ganhava o público, o futebol de mulheres precisava lutar por um espaço com jogos às escondidas e com a busca por ter de volta um espaço que vinha sendo construído antes de proibido.

Fora das quatro linhas, as torcedoras também enfrentam vários problemas, principalmente com casos de importunação sexual nas arquibancadas. Nos jogos no Mineirão, por exemplo, em 2021, depois de dois casos de assédio denunciados por torcedoras, foi possível presenciar momentos em que nos alto falantes, durante as partidas, eram anunciados alertas sobre a gravidade de tais atitudes e a possibilidade de punição, além de outras campanhas partindo de órgãos públicos e das próprias torcedoras.

Nos últimos anos, mais especificamente em 2020 e 2021, o futebol também esteve além das quatro linhas do campo: com questões sobre o assunto na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O esporte muito praticado nas aulas de Educação Física tem ganhado espaço nas escolas também em outras áreas do conhecimento dentro da perspectiva das Linguagens e suas tecnologias. Nesse viés, as provas apresentaram questões sobre a desigualdade de salários entre jogadores e jogadoras e a respeito da presença de mulheres nas arquibancadas. Esse cenário reforça a constatação de que o futebol deve ser visto como um fenômeno social, pois modifica e interfere nas ações dos sujeitos em diferentes instâncias sociais.

Nas torcidas organizadas ou entre os torcedores “comuns”, as

torcedoras ainda tentam ganhar espaço, como concluímos em minha dissertação (Cardoso, 2020), na qual analisamos o 1º Encontro de Mulheres de Arquibancada. O evento aconteceu em 2017 e reuniu mais de 300 torcedoras de todo o Brasil. Durante a assembleia, várias torcedoras, membros de torcidas organizadas e as conhecidas como torcedoras "comuns", fizeram denúncias sobre os problemas que elas enfrentam para serem ouvidas em suas torcidas. Algumas também relataram que tiveram muitas melhorias, como o acesso aos materiais (bandeiras, faixas, instrumentos musicais), que, por anos, foram proibidos às mulheres membros das torcidas organizadas e a ida em viagens de caravana; mas ainda existem pontos a serem observados, como os julgamentos em relação à vestimenta das mulheres e à confiabilidade de cargos importantes nas torcidas organizadas, entre outros. Quanto às torcedoras comuns, a maioria dos casos denunciados estão relacionados tanto ao machismo quanto à desconfiança, seja em relação aos conhecimentos sobre o esporte, seja julgando a credibilidade como torcedora que pode e é capaz de "puxar" um grito de guerra na arquibancada, por exemplo.

Partindo desses depoimentos e de outros ouvidos e vivenciados, chegamos a uma outra problemática: quem escreve sobre futebol? E mais ainda, quem narra as histórias de ídolos e feitos de grandes times? Entendemos que, com base nas pesquisas levantadas para esta tese, quando alguém retoma partes de sua vida para contar uma história, temos uma narrativa de vida. Ou seja, elas estão para além daquilo que é socialmente visto/marcado como narrativa de vida, tais como as biografias, autobiografias e memórias. Sendo assim, outros gêneros podem ter em seu interior narrativa de vida; e é isso que percebemos nas crônicas escritas no *Blog Mulheres em Campo*.

Neste caso, ao conviver, durante minha passagem como colunista do *blog* em questão, com as outras torcedoras e colunistas, além da percepção de que os estudos do futebol seriam algo possível de ser pesquisado, ao ler as

colunas no *blog*, foi possível inferir que elas narram sobre si, mesmo quando o objetivo é contar a história de seu ídolo. Encontramos, assim, tecnonarrativas de vida do outro nas quais aquela que narra e descreve também fala de si.

Machado (2016) destaca o fato de nós seres humanos gostarmos de contar coisas, mesmo que não possamos generalizar, existe um grupo de sujeitos-narradores consideráveis e possíveis de serem analisados pelo viés da narrativa. Para a pesquisadora, além de contar coisas, buscamos no passado argumentos para narrar, porém aproveitamos para consertá-las quando podamos aquilo que queremos dizer e o que ficará apagado.

Com a internet, também surgiu a possibilidade de utilização dos *blogs* como espaço para a publicação de descrições e narrativas de si e do outro (um espaço em que pessoas anônimas podem ser escritores, editores e receptores). É nesse ponto que nosso trabalho se apresenta, na busca por entender como se dão as relações discursivas na blogosfera quando se trata da participação efetiva de mulheres no cenário futebolístico. Em outras palavras, ao aproveitarmos as possibilidades interdisciplinares da Análise do Discurso, nossos estudos perpassaram a Teoria Semiolinguística, a Análise do Discurso Digital, os Estudos do Futebol, o Espaço Biográfico, as Narrativas de Si, os Tecnodiscursos e a Blogosfera.

Para Ribeiro, Cerqueira e Cabecinhas (2008), os *blogs* são como um espaço democrático para mulheres se expressarem de um modo que nem sempre foi possível a elas na história. Entretando, a partir do *corpus* selecionado, mantemos a hipótese de que a internet pode vir a construir um espaço de ruptura em relação à ideia de que "mulher não entende de futebol". Com isso, percebemos ser importante compreendermos em que ponto estamos diante das pesquisas que tratam desse assunto.

Nesse contexto, em seu artigo, Giglio e Spaggiari (2010) procuraram fazer um mapeamento de teses, dissertações e revistas acadêmicas nas quais o

tema futebol tenha sido abordado. Apesar do recorte realizado pelos autores, necessário devido ao espaço disponível em um artigo, é possível percebermos que os anos de 1990 até 2009 foram cruciais para os estudos do futebol. Isso porque, mesmo que existam pesquisas relevantes antes deste período, nele há uma grande concentração de trabalhos utilizadas como base para pesquisas nos dias atuais. Importante ressaltar que Giglio e Spaggiari (2010) têm como base dados levantados anteriormente pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas — Gefut[4] e outros artigos.

Inspirados pelo processo de levantamento iniciado por Giglio e Spaggiari (2010), buscamos alguns Dossiês e algumas revistas importantes que surgiram depois de 2010, ano de publicação do mapeamento. Em 2018, por exemplo, a *Revista Mosaico* propôs o Dossiê *Diálogos com o Futebol*, no qual foi publicado o trabalho de Thiago Madureira Alvarenga[5], pesquisa também vinculada ao programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Posling-CEFET).Na *Revista Fulia*, em 2016, foi publicado o volume *Futebol e Mulheres*; e, em 2020, *Jornalismo Esportivo e representações do futebol*. No Dossiê *Futebol e Mulheres*, o artigo de Thalita Neves[6] trata do fato de homens e mulheres terem a mesma capacidade para analisarem um jogo de futebol, mas somente as mulheres passarem por desqualificações pelo simples fato de serem mulheres.

---

[4] Um levantamento bibliográfico de teses, dissertações, periódicos, anais e livros que tratam do conhecimento relativo ao futebol nas ciências humanas e sociais durante o período de 1980 a 2007. In: SILVA, Silvio Ricardo da *et al*. **Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional UFMG, 2009.

[5] ALVARENGA, Thiago M. **Imagens de si de líderes do passado e do presente da torcida Máfia Azul no discurso sobre violência e elitização no futebol**. *Mosaico*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 4-7, 2018. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/74022. Acesso em: 24 maio 2022.

[6] NEVES, Thalita. **Apresentadora, torcedora ou jogadora**: Fernanda Gentil, Larissa Riquelme e Marta nas representações das mulheres pelo jornalismo esportivo. *FuLiA* / UFMG, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14968/1125612413. Acesso em 24 maio 2022.

Ainda nessa edição do periódico, o texto de Carolina Firmino[7] destaca a internet, mais especificamente o *blog Dibradoras*, como um espaço de oportunidades para o empoderamento feminino. Outro trabalho publicado no Dossiê citado é o da pesquisadora Naiara Souza da Silva[8], do qual destacamos o fato de se tratar de uma abordagem discursiva diferente da nossa. Com base na Análise do Discurso de tradição em Michel Pêcheux, o artigo aborda as representatividades dos times em tatuagens de torcedoras.

Muitos trabalhos foram publicados sobre futebol desde 2010, porém, ao pensarmos no nosso tema e nossos objetivos de pesquisa, encontramos, de 2018 em diante, pesquisas que de alguma forma se relacionam com nossos objetivos. O artigo escrito por Ecoten e Corsetti (2010), por exemplo, tem, em uma de suas proposições, uma forte relação com o nosso tema. Nele, por meio de uma entrevista semiestruturada, as pesquisadoras apresentam como objetivo compreender a construção da identidade da mulher torcedora de futebol. Em uma das etapas da pesquisa, as autoras questionam sobre a admiração das mulheres entrevistadas com seus ídolos e, nas respostas, os ídolos apontados são apresentados a partir de características comuns entre eles, desde o bom caráter até a beleza do jogador.

Sendo assim, antes de encerrarmos esse trecho de *Estado da Arte*, não podemos deixar de citar a importância do *Ludopedio*[9] para o

[7] FIRMINO, Carolina B. **Empoderamento e relações de poder**: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto "dibradoras". *FuLiA* / UFMG, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/15358/1125612369. Acesso em 24 maio 2022.

[8] SILVA, Naiara S. da. **Precisamos falar sobre futebol, precisamos falar sobre a mulher nesse espaço esportivo**. *FuLiA* / UFMG, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/15373. Acesso em 24 maio 2022.

[9] "A Equipe Ludopédio é apaixonada pela divulgação científica, pela possibilidade de compartilhar conhecimento e conectar as pessoas. Por isso, nosso objetivo é criar uma rede de informações, de pesquisadores e de interessados no tema futebol tendo como foco o diálogo entre o futebol e as Ciências Humanas. A ideia de constituir esse espaço surgiu da necessidade e ausência de um centro para reunir informações, textos e pesquisas sobre futebol, que atualmente encontram-se dispersas. A nossa proposta é independente e tem como foco a divulgação científica sobre futebol." Informações sobre o ludopédio retiradas na página: https://ludopedio.org.br/quem-somos/.

desenvolvimento dessa área de pesquisa, os *Estudos do Futebol*. O portal é referência para pesquisadores e leitores que procuram por informações sobre o futebol em uma perspectiva acadêmica por meio da divulgação científica. Em uma pesquisa da palavra-chave "ídolos", encontramos o texto *Sobre o futebol brasileiro e a volta de seus ídolos*, escrito por Fausto Amaro Montanha[10], em 2011, no qual o autor trata dos ídolos na relação com os torcedores, a partir do pressuposto da necessidade do ídolo para que o futebol seja visto como um esporte de massa. Além dele, o texto *Quem são os ídolos do futebol hoje?*[11], escrito em 2016, por Luiz Gustavo Nicássio e Jefferson Nicássio Queiroga de Aquino, apresenta um compilado de ídolos atuais e a dificuldade de manutenção da idolatria de jogadores que saíram de seus clubes como tal e voltam para o Brasil optando por outro clube.

A partir desse breve levantamento, percebemos que nossa temática tem o potencial para ser discutido diante de uma lacuna nas pesquisas encontradas quando o assunto é futebol, pois, apesar de os pesquisadores tratarem de temas como ídolos e torcedoras, esses não são analisados em uma perspectiva de *imagens de si*. Por outro lado, quando o assunto é a torcedora e as suas formas de torcer, a maioria das pesquisas envolvem o pertencer dessas mulheres ao estádio, ao clube, a torcida organizada, entre outros espaços muitas vezes negados a elas. Contudo, nos trabalhos encontrados por nós, não identificamos a proposta de pesquisa sobre torcedoras que escrevem *narrativas de vida* sobre seus ídolos em um suporte digital — o *blog*, a partir das quais objetiva-se entender as representações dos ídolos pelo olhar da torcedora. Portanto, mesmo com um grande avanço nas pesquisas sobre futebol, ainda é possível analisar essa temática no intuito de colaborar ainda

[10] MONTANHA, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli. **Sobre o futebol brasileiro e a volta de seus ídolos**. *Ludopédio*, São Paulo, v. 20, n. 3, 2011. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquibancada/sobre-o- futebol-brasileiro-e-a-volta-de-seus-idolos/. Acesso em 24 maio 2022.

[11] NICÁCIO, Luiz Gustavo; AQUINO, Jefferson Nicássio Queiroga de. **Quem são os ídolos no futebol de hoje?**. *Ludopédio*, São Paulo, v. 82, n. 13, 2016. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquibancada/quem- sao-os-idolos-no-futebol-de-hoje/. Acesso em 24 maio 2022.

mais com essa área em crescimento.

Além das pesquisas levantadas em diferentes áreas do saber sobre o futebol e suas possibilidades, reconhecemos a importância da mídia digital não apenas na disseminação da informação, mas, também, como um meio de propagar pelas redes a realidade vivida pela torcedora de futebol. Nesse mesmo caminho, chegamos até o presente trabalho, no qual a relação de mulheres com o esporte conhecido como "paixão nacional" revela a internet como um espaço de interatividade e de construção de enunciações diversas e complexas. Essa constatação despertou em nós uma necessidade de entender como vem sendo construída a relação entre a Análise do Discurso e o Digital.

A interdisciplinaridade "focalizada" é definida por Charaudeau (2013) como a articulação entre diferentes disciplinas, porém, essa é uma questão ampla e complexa, pois não se trata de querer abraçar todas as disciplinas de áreas correlatas, muito menos de criar disputas de poder entre os campos ou de interligar teorias sem conexão. O que o pesquisador francês propõe é uma união das disciplinas por meio da observação de como elas analisam o mesmo objeto de estudo. Sendo assim, conceitos, instrumentos e resultados de análises podem ser emprestados entre áreas, desde que não sejam deformados. O intuito é incorporá- los, comparando entre duas disciplinas, como acontecem com conceitos da Análise do Discurso, a exemplo de identidade, sujeito, representação, imaginários, entre outros. De acordo com Charaudeau (2013, p. 6)

> Consiste em estabelecer verdadeiras conexões entre conceitos, métodos de análise e modos de interpretação de várias disciplinas. Não basta apenas usar diferentes disciplinas em um mesmo objeto de análise; é preciso confrontar várias competências disciplinares com o intuito de tornar mais pertinente esses conceitos e instrumentos de análise, ou ampliar o leque de interpretações a partir dos resultados advindos dos procedimentos de análise comuns.

O diálogo com as Ciências Sociais é um dos principais fatores que

fazem desta tese uma pesquisa com base na Teoria Semiolinguística, a partir da qual Patrick Charaudeau definiu elementos de caráter comunicativo com foco na interdisciplinaridade, ou seja, não se perde certo rigor de uma disciplina, mas entende-se que há um múltiplo pertencimento dos fenômenos sociais.

Sendo assim, entendemos que a Análise do Discurso busca, de um modo geral, compreender as condições de produção dos discursos considerando a materialidade linguística, apoiando-se nas práticas dos sujeitos em diferentes instâncias sociais. Por isso, pensar a participação das mulheres em práticas construídas socialmente como espaço para homens é essencial para compreender essas práticas, que são sociais e discursivas.

Nesse entremeio, uma das características da internet é a possibilidade de interação entre verbal e visual. De acordo com Emediato (2015), a verbo-visualidade é parte constitutiva das redes sociais, assim como a interatividade é reconstruída por técnicas como a curtição, o comentário, o compartilhamento, entre outras. Outro ponto levantado pelo pesquisador são os papéis assumidos por cidadãos comuns nas redes. Elas permitem que eles ocupem lugares que só seriam possíveis dentro de instituições de poder. Sendo assim, podemos inferir que essas torcedoras, de certa forma, assumem o papel do biógrafo, do jornalista, do crítico esportivo. Além do mais, visto que estamos diante de um tipo situacional, como aponta Emediato (2015) em concordância com outros pesquisadores do discurso, o conceito de gênero está além dos aspectos formais, sendo produto de uma interação. Na perspectiva semiolinguística, como aponta o supracitado autor, a situação de comunicação da produção de textos deve ser tomada como parâmetro para a definição de gênero, ou seja, é necessário compreender as regularidades linguísticas e discursivas dos gêneros.

Quanto à perspectiva digital desses textos, para Paveau (2021), a *Análise do Discurso Digital* é o estudo das produções linguageiras nativas da internet. De acordo com a pesquisadora, nativas são as produções on-line

realizadas nos espaços digitais e a análise do discurso digital é responsável pelas metodologias e teorias sobre o funcionamento dos discursos nativos da internet. Considerando que o linguístico se refere às manifestações verbais da língua, seja oral, seja escrita, o extralinguístico é aquilo que está fora da língua, porém não deixa de influenciar na comunicação. Sendo assim, o extralinguístico não se distingue do material linguístico no ambiente digital, pois os discursos digitais nativos apresentam características que fazem os analistas do discurso repensarem suas bases instrumentais e metodológicas, são elas: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Essas características exigem novas aplicações dos instrumentos de análise do discurso e, até mesmo, a criação de novos instrumentos, entre eles, a autora propõe os tecnodiscursos e os tecnogêneros discursivos.

Com isso, entendemos que a *Análise do Discurso Digital* nos permite um aprofundamento na descrição e na análise de produções linguageiras da internet. A partir dela, podemos compreender para além dos recursos linguageiros, abrangendo também aqueles não linguageiros. Importante ressaltar que enquanto Marie-Anne Paveau apontava, na França, novas formas de se pensar o texto no meio digital, no Brasil, pesquisadores da Literatura Comparada e da Linguística Aplicada refletiam sobre a influência dos ambientes virtuais na escrita de si e na construção de sentidos, como Luciane Azevedo e Fabiana Komesu. É nesse entremeio que se encontra, por exemplo, o artigo de Everton Santa, do qual nos baseamos para traçar discussões sobre autobiografia e *blogs*.

Ainda, ao refletir sobre a definição do tecnogênero de discurso, Paveau (2021) retoma a noção de gênero de discurso (noção essencial à Análise do Discurso). Resumidamente, a autora postula que um gênero de discurso é a forma textual resultante de normas coletivas discursivas mediadoras da elaboração e interpretação dos discursos. Nesse contexto, a autora destaca os estudos de Dominique Maingueneau para a definição de tecnogênero de

discurso. Assim, se unem pré-digital e gênero digital nativo, possibilitando uma análise no âmbito da dimensão tecnológica do discurso, com funcionamentos e propriedades particulares.

Além das discussões sobre discursos e o digital, assim como as modificações que a tecnologia tem promovido nesse meio, também houve uma necessidade de abordarmos temáticas que trazem para o meio acadêmico discussões cada vez mais comuns na mídia digital. Nesse cenário, quando aprofundamos em nossa temática, buscando narrativas de mulheres sobre ídolos do futebol, uma rápida busca por biografias foi suficiente para constatarmos que este é um espaço no qual homens escrevem, em sua grande maioria. Assim, o que o *blog Mulheres em Campo* apresenta, com o *corpus* selecionado para esta tese, propositalmente ou não, é a resistência nesse espaço, em que elas não apenas descrevem seus ídolos ou narram as histórias deles, mas também dizem de si, fazendo narrativas de si e do outro.

Para tanto, também precisamos compreender que a biografia é parte importante da descrição de pessoas consideradas, socialmente, exemplares, assim como faz parte dela a narrativa, em que se narram histórias de vida, muitas delas com teor de superação e heroísmo. Com os jogadores de futebol, esse *espaço biográfico*, em sua maioria, abarca obras biográficas e autobiográficas publicadas em livros. Para Arfuch (2010), é preciso ir além da consideração somente dos gêneros textuais canônicos quando se trata do *espaço biográfico*, e ela procurou fazer isso ao buscar o que de comum une as biografias e autobiografias canonizadas. A autora destaca que é necessário abordar as intertextualidades, as recorrências, as heterogeneidades, os deslocamentos e as migrâncias dentro do *espaço biográfico*. Nesse contexto, as narrativas surgem abrindo caminhos para a autocriação ou autoexpressão, em que as paixões são passíveis de virem à tona.

Arfuch (2010, p. 58) cunha o conceito de *espaço biográfico* definindo-o como “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de

expectativas", ou seja, *o espaço biográfico* articula *narrativas de vida* em diferentes gêneros, abrangendo a intertextualidade assim como a interdiscursividade. Enfim, os gêneros que produzem *efeitos de narrativas de vida*, conceito cunhado por Machado (2016)[12], também fazem parte de um *espaço biográfico* maior que o cânone tradicional.

Nesse sentido, em sua tese, defendida em 2012, a pesquisadora Mariana Ramalho Procópio-Xavier tratou das biografias a partir de uma configuração discursiva, em uma perspectiva da História e do Jornalismo. Na introdução, encontramos o caminho trilhado por ela para estudar o gênero narrativa biográfica no âmbito da Análise do Discurso. Inicialmente, a autora apresentou justificativas para se pesquisar biografias, destacando o crescimento das obras biográficas tanto no Brasil quanto na França. Contudo, também concluiu que, diferentemente do que acontece entre os pesquisadores franceses das Ciências Humanas citados por ela, no Brasil, ainda existem lacunas nas pesquisas desse tema nas Ciências da Comunicação, na Historiografia e na Análise do Discurso, áreas em que a autora se debruça.

Diante desses apontamentos, inferimos que, ao propor a escrita de um tecnotexto em um *blog* ou ao participar de um *blog* já existente dedicado à temática e à manifestação de opiniões relacionadas ao futebol, as mulheres torcedoras revelam um certo desejo de visibilidade a seus posicionamentos e a suas ideias no espaço público; tais posicionamentos poderiam, então, dentro de uma perspectiva discursiva, sinalizar diferentes imagens de si e do outro.Portanto, nosso objetivo geral com esta tese foi analisar como o *blog MEC* se apresenta no universo tecnodiscursivo da Blogosfera, compreendendo a torcedora enunciadora blogueira que entende de futebol e dos ídolos desse esporte, ao narrarem sobre si e sobre o outro. A partir desse *corpus* e das perspectivas teóricas apontadas por nós, também pudemos

[12] Este termo é utilizado por Paveau (2021) na intenção de demonstrar como, no meio digital, há uma exposição do íntimo, não sendo a *extimidade* o contrário de intimidade. Aprofundaremos mais sobre o conceito no capítulo 5.

analisar as dimensões do contrato comunicativo subjacente à produção das tecnonarrativas (auto)biográficas: suas determinações e restrições situacionais bem como as estratégias discursivas empregadas. Para além disso, analisamos, com base na teoria do *ethos*, as imagens construídas de si, além das marcas de *extimidade*[13] e de paixão[14] reveladas pela escrita digital dessas torcedoras.

É nesse entremeio, a partir de discussões sobre mídia, gêneros textuais e discursivos, biografias e *narrativas de vida*, que nosso trabalho se encaixa. Ao tratarmos dos textos escritos e publicados no *blog Mulheres em Campo*, em uma perspectiva semiolinguística, nos propusemos a entender como os imaginários discursivos são veiculados pela enunciadora, considerando mais do que simples textos escritos e publicados na *web*, mas fenômenos discursivos que produzem diferentes efeitos discursivos. Com isso, as torcedoras enunciadoras blogueiras buscam projetar imagens de si e do outro das quais pudemos inferir a presença de uma escrita perpassada, principalmente, por traços de emoções diversas e de um pertencimento pelo qual elas buscam, em suas escolhas lexicais e nas marcas implícitas, (re)afirmar que elas podem e vão falar de seus ídolos do futebol, mesmo que esse espaço seja negado a elas.

Para isso, este trabalho se dividiu em seis partes, sendo que, no primeiro capítulo, discutimos como as tecnonarrativas analisadas por nós buscam construir imagens de si e do outro a partir dos feitos esportivos dos ídolos, características pessoais deles e da própria narradora e as relações afetivas que envolvem essas construções, além disso discutimos as diferenças e semelhanças entre ídolos e heróis, o pertencimento clubístico e o *blog* como um espaço de resistência. No segundo capítulo, abordamos um caminho pela Análise do Discurso Digital a fim de compreendermos a construção do

[13] Assim como diante dos apontamentos feitos pela banca de qualificação.
[14] Os termos paixão e emoção serão usados por nós um pelo outro; isso significa que essas palavras estãosendo tratadas como sinônimos, embora, elas possam apresentar significados diferentes. Porém, em AD, considera-se a emoção como discursivização, como sendo determinada por saberes de crenças, por imaginários.

nosso *corpus* e os possíveis elementos tecnodiscursivos presentes no *blog MEC*. Dessa forma, examinamos as possibilidades do *blog* na internet, estudando os tecnogêneros discursivos e os gêneros da/na internet. No terceiro capítulo, com base na Teoria Semiolinguística, principal referencial teórico- metodológico de nossas análises, estudamos o contrato de comunicação, as identidades e as visadas no *Blog Mulheres em Campo*. Além disso, apresentamos os aportes teóricos para as discussões sobre extimidade, *pathos* e *ethos.* No quarto capítulo, os Modos de Organização dos Discursos moldam uma base para nossas análises, das quais entendemos que a Argumentação no Discurso será um caminho mais adequado diante de nossa proposta. Com isso, no quinto capítulo, fez-se necessário, para discutirmos um outro caminho, não ignorando o constatado anteriormente: as *narrativas vida*. Por fim, para compreender como as imagens projetadas a partir das relações que se tecem entre mulheres, futebol e ídolos são construídas no *blog Mulheres em Campo*, apresentamos o sexto capítulo, no qual analisamos os tecnotextos: "Ídolo Fabuloso", "Nas quatro linhas, volante, fora de campo, guerreira", "O goleiro de todas as séries", "Se é pra falar de ídolo, eu sempre irei falar dele", "Olé, olé, olé, olá, Lucas, Lucas", "Ziquita: o herói do povo" e "O mais temido pelo rival" — todos publicados na página Ídolos do *Blog Mulheres em Campo* e dos quais justificaremos a escolha no decorrer da tese.

# CAPÍTULO 1 - AS TORCEDORAS, O TORCER E OS ÍDOLOS DO FUTEBOL NO MEIO DIGITAL

Arendt (2007) destaca a exclusão das mulheres da esfera pública, o que entendemos acontecer diferentemente do que se espera com iniciativas como o *blog Mulheres em Campo*, que emerge como um espaço contra-hegemônico, por vezes, ampliando vozes diversas e desafiando as estruturas de poder da mídia tradicional. Isso porque, mesmo diante das barreiras, a presença das mulheres no futebol, desde as arquibancadas até a mídia, é resultante de uma luta histórica contra a invisibilidade e o machismo, como apontam Costa (2006) e Castro (2023). Outro ponto importante, que, com base em Ecoten e Corsetti (2010) e Giglio (2007), compreendemos, são os atributos que fazem parte da construção de um ídolo no meio futebolístico. Por isso, neste capítulo trataremos de como as tecnonarrativas do *blog MEC* procuram construir imagens de si e do outro a partir de uma combinação de feitos esportivos, características pessoais e relações afetivas.

## 1.1 Mulheres e os ídolos do futebol

Em minha dissertação de mestrado (Cardoso, 2020), tratamos das mulheres que denunciam situações de machismo vivenciadas por elas nas arquibancadas, assim como encontrei torcedoras que, apesar de alegarem a existência do preconceito, apontam os homens como aliados na luta por um espaço nas arquibancadas. Sendo assim, esses depoimentos corroboram a importância dada por Costa (2006) à presença das mulheres nas torcidas organizadas. Mais de uma década antes de nosso trabalho, a pesquisadora apontou a incorporação da mulher na esfera torcedora, mas ainda com obstáculos. Contudo, no evento pesquisado em Cardoso (2020), encontramos depoimentos sobre a superação de muitos deles, porém, ainda não há uma superação da "desconfiança que ainda recai sobre a mulher quando o assunto é futebol", apontada por Costa (2006, p. 2).

Em 1958, em sua obra "A condição humana", Hannah Arendt refletiu

sobre as atividades que envolvem a vida humana e as estruturas nas quais estamos inseridos. Nesse cenário, considerada pela pensadora a atividade humana mais elevada por estar ligada à pluralidade e à interação entre os seres humanos, a ação ocorre na esfera pública, onde as pessoas se comunicam, revelam suas identidades e participam da vida política. Sendo assim,

Arendt (2007, p. 68) afirma que

> para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação "objetiva" com eles decorrentes do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida.

Para Arendt (2007), é no espaço público que os seres humanos realizam sua essência como seres políticos. Porém, "não é realmente exato dizer que a propriedade privada, antes da era moderna, era vista como condição axiomática para admissão à esfera pública; ela era muito mais que isso" (Arendt, 2007, p. 74). Com isso, a autora destaca que a existência humana está ligada ao "ser político", mas, ao mesmo tempo, aquele que não possuía um lugar privado, não era visto como ser humano.

> Mantidos forade vista eram os trabalhadores[...], e as mulheres que, com seucorpo garantem a sobrevivência física da espécie. Mulheres e escravos pertenciam à mesma categoria e eram mantidos fora das vistas alheias — não somente porque eram a propriedade de outrem, mas porque a sua vida era 'laboriosa', dedicada a funções corporais (Arendt, 2007, p.82).

Essa reflexão de Arendt pode ser aplicada à prática social de participação das mulheres no futebol. Historicamente, o futebol foi dominado por homens e associado à esfera pública, enquanto as mulheres foram frequentemente relegadas ao espaço privado, com suas atividades esportivas sendo invisibilizadas. O futebol, como um esporte de grande visibilidade e impacto cultural, reflete essa divisão entre o público "para os homens" e o privado "para as mulheres". Assim como as mulheres eram mantidas "fora

de vista" na tradição ocidental, as mulheres, no futebol, também foram marginalizadas e excluídas dos espaços de visibilidade e reconhecimento. Um exemplo é o fato de que, durante décadas, o futebol feminino foi ignorado, desvalorizado e até proibido em alguns países, como no Brasil entre 1941 e 1979.

Entretanto, Castro (2023), em suas pesquisas, concluiu que a proibição da prática de futebol por mulheres não impediu totalmente que essa prática se mantivesse ativa entre esse público. A pesquisadora encontrou, em jornais dos anos de 1970, registros de grupos de mulheres que se organizaram para jogar bola, mesmo diante da proibição. Acredita-se que a resistência das mulheres em espaços negados a elas é histórica, pois, desde a antiguidade, há

relatos como esses, sobre tentativas das mulheres de romper com a invisibilidade imposta socialmente. Contudo, nesse cenário, o futebol, "desde sua origem, foi marcado por uma maciça presença masculina. Como este espaço não é apenas um espaço esportivo, mas também social, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da ideia de que futebol não era um espaço feminino" (Ecoten e Corsetti, 2010, p. 4).

Quanto à presença nas arquibancadas, Guterman (2009) a descreve desde os primórdios do esporte no Brasil, como no campeonato paulista de 1902, em que as senhoras e senhoritas eram vistas pela sua elegância. A partir de registros da época, levantados por Guterman, podemos perceber como as mulheres eram descritas pela mídia: "adorno da festa". O autor também destaca o público dos jogos, como "refinados", separando o "seleto" grupo dos "torcedores comuns". Para ele, essa já era uma demonstração de que o futebol se popularizou desde seu início no Brasil. Nos jornais, o comportamento dos torcedores era reprimido quando fugiam aos "bons costumes" e à "boa educação" esperados na época. Assim, como podemos perceber, quem eram os homens envolvidos com o futebol, também percebemos quem eram essas mulheres.

No entremeio entre esse período e o século XXI, as mulheres não deixaram de marcar presença nas arquibancadas, dentro do campo e outros espaços futebolísticos, porém, no século XXI, há um significativo aumento da participação das mulheres no futebol, conforme aponta Costa (2007). Em muitas situações, não se fala mais em futebol como "coisa de homem" sem que essa afirmativa seja contestada. As mulheres, principalmente as brancas, estão na TV e na Rádio falando de futebol. Em nossa pesquisa, o *blog Mulheres em Campo* é formado por mulheres brancas e negras, mulheres cis e LGBTQIA+, uma diversidade ainda pouco presente na mídia hegemônica. De acordo com Braighi e Câmara (2018, p. 29), "com as recentes tecnologias de informação, a mídia alternativa ganhou novas formas de fazer, originais formatos e espaços, ficando cada vez mais inserida na Internet, ocupando, assim, o ciberespaço". Dessa maneira, inferimos que as novas tecnologias de informação permitiram o surgimento de formatos e espaços originais na mídia alternativa, especialmente na internet. Isso porque o ciberespaço vem se tornando um território de circulação de ideias e de conteúdos que não encontram espaço na mídia tradicional — entendemos isso como um sinal da amplitude do espaço da blogosfera, permitindo, dessa forma, que outras vozes possam ser ouvidas nos espaços públicos.

O ciberespaço, por meio de plataformas como os *blogs*, como veremos, oferece um ambiente propício para a expressão de vozes diversas e contra-hegemônicas. Por isso, o *blog Mulheres em Campo* pode servir de exemplo sobre como a mídia alternativa pode ocupar esse espaço para desafiar a homogeneidade e os discursos dominantes da mídia hegemônica. De acordo com Charaudeau (2015, p. 63) "toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro", o que nos leva a considerar que, comumente, a mídia hegemônica aparece como um sistema de comunicação que reproduz e sustenta estruturas de poder. Nesse sentido, a blogosfera e o ciberespaço serão abordados por nós como ferramentas poderosas para a democratização da mídia, permitindo que vozes diversas ganhem visibilidade e contestem diferentes estruturas de poder e de

representação, muitas vezes, estabelecidas pela mídia tradicional. Por isso, compreendemos que o *blog Mulheres em Campo* pode ser visto como um exemplo dessa dinâmica, pois reúne uma diversidade de mulheres e ocupa o ciberespaço como um espaço de luta e resistência.

Diante desse cenário, Ecoten e Corsetti (2010), em sua pesquisa, questionam suas entrevistadas quanto à admiração pelos ídolos futebolísticos, e todas elas referiram-se a grandes nomes que passaram pelos seus times, o que, para as autoras, é uma escolha relacionada com épocas vitoriosas das equipes. Além disso, nas palavras das pesquisadoras, "os ídolos apontados por nossas colaboradoras apresentavam características em comum, apontadas por nossas entrevistadas, como liderança, bom caráter, humildade, cultur a e também pela beleza" (Ecoten e Corsetti, 2010, p. 9), o que nos permite observar que parece ser recorrente, nesta enunciação, a busca por atribuir *ethé* positivos a fim de se construir imagens dos ídolos, como observamos em nosso *corpus*.

Diante desses apontamentos, precisamos compreender que a palavra ídolo tem, nas suas origens grega e latina, significa "imagem", em que o sentido na tradição religiosa é "figura de uma divindade". Deslocada desses sentidos com o uso, o termo também é utilizado para pessoas populares. Como destaca Simões (2017, p. 154), "os ídolos contemporâneos são também figuras públicas que se destacam no cenário social, por suas atuações em diferentes esferas, e entre estas, o futebol". Assim, os jogadores de futebol são cultuados por seus fãs, que os veem como heróis, guerreiros que superam barreiras dentro e fora dos gramados, pelas suas atitudes de superação pessoal/coletiva e pelas conquistas, como títulos de expressão em determinada época.

Nesse entremeio, Nicácio e Aquino (2016) questionam, em uma publicação no Ludopédio, "Quem são os ídolos no futebol de hoje?". Para responder à pergunta, eles levaram em conta suas próprias experiências como

frequentadores de estádios. Nesse cenário, eles apontam algo que ambos têm em comum: a figura de um ídolo em campo. Com base nesse fato, eles buscaram discutir a importância dos ídolos no futebol e como eles têm se tornado figuras cada vez mais raras nos clubes brasileiros. No entanto, os pesquisadores reforçam que "conseguimos nos recordar de alguns ídolos ao longo da história de nossos clubes, mesmo da história não vivida" (Nicácio e Aquino, 2016, *n.p*). Como vimos, o ídolo não precisa ser representante de grandes vitórias e conquistas de títulos, pois a idolatria também envolve as relações do jogador ou jogadora com o clube e com seus torcedores.

Contudo, os autores identificaram uma mudança de cenário, resultante da saída precoce de jovens talentos para o exterior e a volta de jogadores veteranos para o Brasil. Nesse sentido, eles acreditam que há um esvaziamento na construção dos ídolos atuais, em que os jovens não ficam tempo suficiente para construírem as relações necessárias e os veteranos assumem esse papel diante da carência de ídolos. Com isso, os autores concluem que

> Parece que os lamentos pela diminuição de histórias como as de Rogério Ceni e Marcos, ou de retornos aclamados como os de Sorín, Alex, Marques, Juninho Pernambucano entre outros tendem a aumentar. Parece-nos que essa pode ser mais uma das pedras que constituem a base do futebol como fenômeno sociocultural a ser removida aos poucos. Um exercício de produção artificial de ídolos tão efêmeros quanto significativos pode significar mais um esvaziamento do futebol (Nicácio e Aquino, 2016, *n.p*).

Enfim, para os pesquisadores, esse fenômeno pode levar a um esvaziamento sociocultural do futebol, com ídolos sendo criados de maneira artificial e efêmera. Entretanto, os ídolos do futebol são figuras que estão sempre presentes. Para Giglio (2007, p. 120) "pode- se dizer que são poucos os jogadores que gozam do status de ídolo, de representar a seleção brasileira e até mesmo de jogar pelos clubes considerados grandes". Alguns são considerados heróis, diferenciados dos ídolos pelo autor da seguinte maneira: "O ídolo é o protagonista do espetáculo esportivo, sua presença torna-se

imprescindível, afinal, sem ele o jogo ‘perde a graça’. O herói, para assumir a condição de protagonista, necessita de uma situação mítica que o coloque em evidência” (Giglio, 2007, p.123).

O ídolo local é aquele que tem, em sua torcida, a admiração e o respeito igualmente ao dedicado àquele ídolo reconhecido nacional ou internacionalmente (como o Pelé para os brasileiros e o Maradona para os argentinos). Entendemos que uma possível explicação para a identificação local e não nacional são os resultados negativos dos jogadores, principalmente na Seleção. Para Giglio (2007), os ídolos consagrados do futebol são exceção, pois há um prazo de validade relacionado com o desempenho, a competência e, até mesmo, a idade do jogador; por outro lado, o herói é imortalizado. Contudo, ainda, para o pesquisador, o ídolo pode se tornar herói, quando constrói uma relação com os torcedores capaz de atravessar fatores externos, como a ida do jogador para outros clubes.

Enfim, qual definição devemos usar ao propor uma análise discursiva de crônicas escritas por torcedoras sobre esses ídolos ou heróis escolhidos por elas? Buscamos assim a definição de herói que, para Campbell (1990), é o indivíduo que realiza feitos únicos, além de dar a vida por algo maior que ele. De acordo com Giglio (2007, p. 128), quanto ao ídolo, “sua imagem é construída junto a seus fãs no cotidiano”. Essa admiração perpassa as vitórias do clube com o jogador em campo, apesar de isso ser um fator importante para que um personagem do meio futebolístico se torne ídolo (Giglio, 2007).

No tecnotexto, “O Menino da Vila que virou Rei: Vossa Majestade pede passagem!”, por exemplo, a torcedora blogueira evidencia uma figura de Pelé não apenas como um jogador excepcional, mas como um ídolo e herói, reforçando o imaginário coletivo em torno desse sujeito. Para isso, a enunciadora inicia a tecnobiografia com uma citação que posiciona o jogador como uma figura mítica, transcendente, que faz parte da vida dos torcedores, mesmo daqueles que nunca o viram jogar. Isso ressalta a dimensão simbólica

de Pelé, que vai além do futebol, inserindo-o no imaginário popular como um ícone atemporal.

No *Blog Mulheres em Campo*, a biografia de Pelé é narrada de maneira que exalta seu destino quase divino, desde sua infância até sua ascensão como "Rei do Futebol". Nesse contexto, por meio da linguagem, a torcedora blogueira o enaltece, utilizando termos como "predestinado", "trajetória gloriosa" e "era Pelé", visando projetar a imagem de um jogador cuja carreira foi marcada pela grandiosidade. Esses elementos discursivos são importantes na construção de uma imagem de Pelé como um herói que transcende o esporte, conforme discutido por Giglio (2007). Além disso, a enunciadora também busca fazer um esforço para humanizar o jogador, descrevendo o seu nervosismo, ao narrar o acontecimento relativo à cobrança de seu milésimo gol; neste momento, a enunciadora atribui à personagem o sentimento de gratidão. Essa abordagem multifacetada constitui uma estratégia discursivo- retórica cujo objetivo é o de levar o leitor a identificar-se com a figura de Pelé, por meio de uma tentativa de despertar a emoção de admiração do interlocutor em relação ao ídolo.

A diferença entre ídolo e herói no futebol se relaciona, de certa forma, com a percepção dos torcedores sobre esses jogadores. Por isso, o ídolo é admirado por suas habilidades, seu carisma e suas conquistas, tendo sua presença até mesmo vista como essencial nas partidas. A construção dessa imagem de ídolo se dá no dia a dia; na identificação dos fãs com o jogador. Por isso, o ídolo pode perder esse *status*, uma vez que está condicionada a fatores como sucesso, ao tempo de carreira e, até mesmo, a mudanças de clubes. Por outro lado, o herói transcende esses limites. Muito mais que um grande jogador ou jogadora, ele realiza feitos ao se "sacrificar" em nome de algo maior. A história do herói no futebol é lembrada mesmo depois de sua saída dos gramados. Eles surgem, geralmente, em momentos decisivos e situações que evocam uma narrativa de lenda, de imortalidade, de algo para ser "gravado" na memória do torcedor.

Nas tecnonarrativas do *blog MEC*, os atletas retratados são apresentados como ídolos, termo bem reforçado também ao nomear o conjunto de publicações nas quais torcedoras escrevem sobre jogadores e jogadoras. Apesar disso, o conteúdo dos tecnotextos, por vezes, retrata esses ídolos como verdadeiros heróis na percepção de quem enuncia. Nesse sentido, podemos perceber que, nesse *blog* em específico, há uma diferença tênue entre ídolo e herói. Entretanto, não podemos desconsiderar que esse tipo de narrativa, presente em *blogs* e outras plataformas da blogosfera, exemplifica como as torcedoras e torcedores constroem e ressignificam o conceito de ídolo no futebol, trazendo suas próprias perspectivas e experiências para o discurso.

Além disso, a partir dos tecnotextos analisados e da leitura de outros textos além dos selecionados para *corpus*, percebemos que o *blog MEC* se insere em um movimento que busca reivindicar maior presença, visibilidade e expressão das mulheres no universo do futebol; nesse sentido, as narrativas pessoais e as análises apaixonadas desempenham um papel crucial na construção dos imaginários socio-discursivos que cercam o esporte. Nesse sentido, compreendemos ser necessário o entendimento das relações de mulheres torcedoras também com os clubes, o que Dantas, Anjos e Mendes (2021) nomeiam como "pertencimento clubístico" — assunto do próximo tópico.

## 1.2 Mulheres e o pertencimento clubístico

Dantas, Anjos e Mendes (2021) exploram as complexidades do torcer e do pertencimento clubístico — esse último, tema tratado primeiramente por Arlei Damo — destacando a diversidade de experiências torcedoras. As pesquisadoras apresentam esse conceito de "pertencimento clubístico" e as diferentes formas de se identificar com um clube de futebol. Outro ponto discutido pelas autoras supracitadas é a pluralidade das identidades torcedoras. Elas reconhecem que nem todos os torcedores têm o mesmo nível de engajamento emocional ou fidelidade ao clube — uma discussão que é

ampliada ao se trazer à tona a questão de gênero. Nesse contexto, as autoras constatam que a forma de torcer das mulheres, muitas vezes, estende-se para além das arquibancadas, envolvendo bares, redes sociais e comunidades entre torcedoras.

Por isso, faz-se necessário destacar a importância de considerar as experiências de diferentes grupos dentro do universo torcedor, analisando experiências de diferentes mulheres como destacam Dantas, Anjos e Mendes (2021). Essas experiências são analisadas sob a ótica da exclusividade, fidelidade e imutabilidade no vínculo clubístico, propondo uma reflexão sobre como esses marcadores são atravessados pelas identidades de gênero e pela dinâmica de vida dos sujeitos. Em resumo, essas autoras oferecem uma análise abrangente e interdisciplinar sobre o torcer, enfatizando as múltiplas facetas do pertencimento clubístico e a importância de se considerar as especificidades de gênero nesse contexto.

Inicialmente, Dantas, Anjos e Mendes (2021) abordam uma "polifiliação clubística", resultante do estudo de Dantas, que se concentra particularmente em como mulheres casada com jogadores desenvolvem múltiplas afiliações clubísticas. Essa "polifiliação" desafia a ideia tradicional de fidelidade exclusiva a um clube e reflete a complexidade das relações entre trabalho, lazer e conjugalidade no contexto do futebol profissional. Nesse sentido, as pesquisadoras concluem que, para essas mulheres, a adesão a múltiplos clubes não é vista como uma traição, mas como uma adaptação necessária às realidades de suas vidas conjugais.

Após essa discussão, com base nas pesquisas de Bárbara Mendes, que aborda a experiência das mulheres em torcidas organizadas de futebol, destacando as dinâmicas de opressão de gênero presentes nesses espaços, Dantas, Anjos e Mendes (2021) discutem como as torcedoras enfrentam barreiras impostas por uma estrutura patriarcal, que frequentemente deslegitima suas vozes e participações nas torcidas. Elas destacam a

dificuldade de mulheres em ocupar posições de liderança ou mesmo de exercer plenamente seu direito de torcer, devido ao machismo e à resistência por parte de homens cisgêneros. Além disso, exploram as consequências dessas dinâmicas, como a possibilidade de mulheres se afastarem do futebol ou das torcidas organizadas devido à opressão sofrida. Essa pesquisa, em especial, ressalta a necessidade de repensar essas estruturas para permitir uma participação mais igualitária e justa das mulheres no ambiente do futebol — estudo relevante para a compreensão das questões de gênero dentro do futebol e como ele traz à tona a luta das torcedoras para conquistar seu espaço em um ambiente majoritariamente masculino e, muitas vezes, hostil.

Por fim, as pesquisadoras apresentam parte do trabalho de Luiza dos Anjos, que analisa a experiência de Marcelly, uma travesti que integrou a torcida Coligay, um grupo de torcedores LGBTQ+ do Grêmio (Dantas, Anjos e Mendes, 2021). Nesse trecho do artigo, as autoras destacam como as normas de gênero afetam a experiência de torcedores LGBTQ+ e como a Coligay ofereceu um espaço de resistência e reinvenção de identidade dentro do futebol. Por meio da história de Marcelly, as pesquisadoras apresentam a importância da sociabilidade e da segurança em ambientes que, para muitos, são marcados pela exclusão e pelo preconceito.

A partir das perspectivas de Dantas, Anjos e Mendes (2021) sobre o pertencimento clubístico, em que as pesquisadoras abordam as complexas experiências das mulheres no universo do futebol, entendemos que esse pertencer perpassa diferentes relações. Com isso, elas concluem que, embora a fidelidade e a exclusividade sejam frequentemente vistas como essenciais para um torcer legítimo, as experiências dessas mulheres revelam que o clubismo é condicionado por diferentes expectativas e cobranças. Dessa forma, o torcer pode não atender sempre a esses requisitos sem, no entanto, perder sua legitimidade.

Sendo assim, como veremos em nossas análises, as tecnonarrativas do

*Blog MEC* podem ser consideradas como a expressão linguageira que revela um pertencimento plural, que vai além da simples fidelidade ao clube, visto que nelas as torcedoras enaltecem seus ídolos não apenas por sua performance em campo, mas também por sua capacidade de sobreviver às adversidades, por exemplo. Além disso, como os tecnotextos foram escritos por mulheres, podemos observar uma possível extensão do conceito de "pertencimento clubístico" para além das arquibancadas, tal como discutido por Dantas, Anjos e Mendes (2021).

Por exemplo, no tecnotexto "O menino da vila que virou Rei: vossa majestade pede passagem", a enunciadora agencia recursos linguísticos que revelam uma profunda identificação com Pelé e o Santos, o que reflete o conceito de pertencimento clubístico discutido pelas autoras. Para isso, ela exalta a grandeza de Pelé e o legado do clube, algo típico de um torcedor envolvido emocionalmente com o time. Entretanto, Dantas, Anjos e Mendes (2021) apontam que mulheres enfrentam desafios para serem reconhecidas como torcedoras legítimas. Embora a enunciadora não mencione diretamente essas barreiras, o simples fato de compartilhar sua visão sobre Pelé e o futebol pode ser uma maneira de demonstrar a resistência e a superação dessas limitações impostas por uma estrutura tradicionalmente patriarcal.

Além disso, a escrita da torcedora evoca a paixão e a fidelidade ao Santos, mostrando que a relação de uma mulher com o futebol pode ser tão intensa e legítima quanto a de qualquer homem. Isso desafia o imaginário discursivo de que as mulheres são "menos torcedoras" ou têm um engajamento mais superficial. Como Dantas, Anjos e Mendes (2021) discutem, o pertencimento clubístico das mulheres pode ser igualmente forte, mas é vivido e expresso de formas que muitas vezes escapam às narrativas convencionais, como verificamos nas tecnonarrativas do *blog MEC*.

Dantas, Anjos e Mendes (2021) exploram como a experiência feminina no futebol é frequentemente marcada por barreiras de gênero, o que podemos analisar, por exemplo, no tecnotexto sobre Formiga quando a

enunciadora busca reconstruir momentos da trajetória da esportista nas quais ela sofreu preconceito. Além disso, a enunciadora também reforça a noção de "luta" ao narrar como Formiga não só conquistou espaços em campo, mas também lutou por melhorias no futebol feminino, algo que é reconhecido nessa tecnonarrativa como uma vitória contra as dinâmicas opressivas presentes nesse ambiente. Em outro momento da tecnonarrativa, a torcedora enunciadora também aborda pontos como a falta de reconhecimento e de estrutura no futebol feminino, alinhando-se à crítica das pesquisadoras supracitadas sobre a necessidade de repensar as estruturas que desvalorizam as mulheres no esporte. Assim como a pesquisa de Dantas, Anjos e Mendes (2021) propõe, esse tecnotexto ilustra que o pertencimento clubístico das mulheres e sua forma de torcer não são apenas moldados pela fidelidade ou exclusividade, mas também pela luta por reconhecimento e igualdade.

Vimos que as supracitadas autoras oferecem uma análise interdisciplinar sobre o pertencimento clubístico, com foco nas experiências de mulheres no universo do futebol. Nesse sentido, as pesquisadoras destacam a diversidade de engajamento emocional e fidelidade ao clube, enfatizando as barreiras que as torcedoras enfrentam, como machismo e exclusão. Além disso, elas exploram as experiências de mulheres cujas trajetórias desafiam as normas tradicionais de fidelidade e exclusividade no futebol. Portanto, como veremos, nossas análises apontam que as tecnonarrativas das torcedoras blogueiras enunciadoras também podem evidenciar que o torcer feminino vai além das arquibancadas, envolvendo vínculos afetivos, resistência e luta por igualdade no ambiente futebolístico, mesmo quando a maioria de suas tecnonarrativas abordam as biografias de ídolos homens — o que nos leva ao próximo tópico.

### 1.3 Sobre formas de torcer no meio digital

Abrantes, Aquino e Santana (2018) abordam, em seus estudos, o torcer no futebol e suas diferentes manifestações. Ao considerarem as

torcidas e suas manifestações um fenômeno cultural, os pesquisadores apontam tais ações como algo que transcende o que acontece dentro de campo, concluindo que o torcer no futebol reflete para além do esporte em si. De acordo com eles, o futebol, no Brasil, é parte da vida de seus torcedores, por isso, é considerado por muitos como uma "paixão nacional", não à toa, vive-se culturalmente o futebol das mais variadas formas nos momentos de lazer do brasileiro.

Sendo assim, como apontam os autores supracitados, os torcedores se manifestam de diversificadas formas, alguns sem sair de casa acompanham o time pela TV, outros pela Rádio, enquanto há aqueles que marcam presença nos estádios, não excluindo a possibilidade de o mesmo torcedor se apossar das duas formas. Em ambas as formas, tratam-se de torcedores fiéis ao time, em busca de manifestarem o seu pertencimento clubístico. Nesse cenário, novas formas de torcer surgem, entre elas as torcidas nos meios digitais.

Como vimos, as formas de torcer são influenciadas por diferentes elementos, indo para além da presença na arquibancada, sendo que "um dos ambientes onde esses torcedores podem se encontrar com seus pares ou com seus rivais é o mundo virtual, que apresenta diversas possibilidades de interação" (Abrantes, Aquino e Santana, 2018, p. 86). Nesse aspecto, os autores também destacam a notória presença de mulheres torcedoras usando tais ferramentas virtuais para, além de divulgarem informações sobre os jogos e seus times, fazerem denúncias quanto ao machismo, assim como em busca de uma visibilidade no meio futebolístico.

Entretanto, ainda há uma presença majoritária de homens na crônica esportiva, por isso, as mulheres encontram, nos *blogs*, por exemplo, um espaço para expressarem suas opiniões. Para Abrantes, Aquino e Santana (2018, p. 87), "o ambiente virtual possibilita o protagonismo das mulheres na elaboração de narrativas", assim como possibilita aos torcedores desempenharem papéis até então pertencentes apenas ao jornalismo

esportivo.

Nesse sentido, Vimieiro (2014), na perspectiva dos estudos culturais e da área de comunicação, aborda a produtividade digital dos torcedores de futebol. A autora destaca, em 2014, a escassez de trabalhos que tratem da formação de torcedores a partir das mudanças tecnológicas recentes. Para isso, ela busca em suas pesquisas, mais especificamente no artigo comentado, explorar a produção textual de torcedores presentes no meio digital, discutindo os formatos de mídias mais utilizados, as motivações dos torcedores para tratarem de futebol nesse espaço e as abordagens tratadas nas produções desses torcedores.

> Esses torcedores-produtores também desenvolvem seus trabalhos como membros de comunidades, e essas iniciativas têm características bastante singulares que estão ligadas às relações historicamente construídas entre torcedores e seus clubes (...) e também com as especificidades do esporte em comparação com outros universos de entretenimento (Vimieiro, 2014, p. 29).

É possível perceber, nas produções dos torcedores de futebol, ao contrário do jornalismo tradicional, uma perspectiva parcial e passional, pois o "olhar torcedor" inverte as estruturas narrativas, trazendo o torcedor como protagonista (Vimieiro, 2014). Portanto, as manifestações dos torcedores de futebol, conforme abordado por Abrantes, Aquino e Santana (2018) e por Vimieiro (2014), evidenciam a complexidade e riqueza do torcer no Brasil, que vai muito além do estádio e do jogo em si. A torcedora, ao utilizar as plataformas digitais, como o *Blog Mulheres em Campo*, assume um papel de produtora de conteúdo, construindo narrativas que refletem não só sua paixão, mas também sua identidade e seu pertencimento clubístico. Isso porque, as ferramentas virtuais proporcionam novas formas de protagonismo, permitindo que os torcedores e as torcedoras articulem suas visões de mundo, inclusive contrapondo-se ao discurso midiático tradicional e hegemônico. Nesse contexto, as mulheres têm encontrado, nesses espaços, uma oportunidade única de visibilidade e atuação, desafiando a predominância masculina tanto no campo esportivo quanto na crônica esportiva. Assim, o

"olhar torcedor" traz novas perspectivas que, de certa forma, redefinem o papel do torcedor e sua relação com o esporte, criando um novo cenário de interações e narrativas no meio digital.

De acordo com Vimieiro (2023), tradicionalmente, pesquisas que envolvem torcedores de futebol focam na resistência dos torcedores à mídia dominante, abordando-os como consumidores que, ou resistem, ou assimilam os produtos midiáticos hegemônicos. No entanto, essa abordagem ignora o fato de que, em muitos casos, os torcedores são também produtores de conteúdo, como ocorre na cultura *pop*, em que a "produtividade textual" dos fãs é amplamente estudada. Nesse sentido, a pesquisadora critica a predominância dessa visão tradicional, que separa rigidamente os produtores de mídia dos consumidores, e sugere que há uma lacuna na literatura sobre culturas torcedoras que leva à desconsideração de produtos midiáticos criados pelos próprios torcedores, como *blogs* e canais do YouTube.

Portanto, Vimieiro (2023) sugere que a incorporação do paradigma da performance, que vê os torcedores não apenas como receptores passivos, mas como agentes ativos que

interagem com a mídia, poderia trazer uma visão mais multifacetada e complexa sobre a cultura dos torcedores de futebol. Estudos como o nosso se propõem a preencher essa lacuna, explorando a relação entre os torcedores e a mídia, no caso da digital, de forma mais interativa e fluida. Portanto, assim como a autora, acreditamos que um novo olhar pode contribuir para uma compreensão mais completa das dinâmicas culturais no futebol. Diante disso, entendemos que o caminho que podemos seguir em nossa tese, para uma análise discursiva, faz-se por meio do Discurso Digital — assunto do próximo capítulo.

# CAPÍTULO 2 - UM CAMINHO PELA ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Neste capítulo, apresentamos nossa seleção de tecnotextos do *Blog Mulheres em Campo* postados entre 2015 e 2018. Além disso, abordamos as relações entre os elementos linguísticos e digitais, as interações entre texto e imagem, bem como o estilo e as recorrências nas narrativas das blogueiras conforme o conceito de tecnodiscursos de Paveau (2021). Apontamos também a importância do ambiente digital na construção dessas narrativas e destacamos a "corpografia" como uma expressão das emoções e identidades coletivas das torcedoras.

## 2.1 Um recorte do *blog Mulheres em Campo*

Nesta tese, selecionamos para análise alguns tecnotextos escritos por torcedoras sobre ídolos do futebol e postados no *blog Mulheres em Campo* entre os anos de 2015 e 2018. Nesse cenário, nosso *corpus* trata de tecnonarrativas sobre ídolos do futebol nas quais as enunciadoras torcedoras blogueiras também deixam marcas de si.

Primeiramente, verificamos que a página Ídolos do *blog* contém, entre os anos de 2015 e 2018, do total de 79 publicações, 78 textos escritos por 62 torcedoras e 1 texto sem assinatura. Neles, percebemos que são narradas as histórias de vida de ídolos, mas, também, há traços de narrativas de vida das próprias torcedoras. Em segundo plano, diante da necessidade de um recorte para uma análise na qual nossos objetivos não se perdessem, selecionamos, inicialmente, 33 textos. Dessas 33 postagens, 12 colunistas escreveram 2 textos cada uma, 1 colunista escreveu 4 textos e 6 colunistas adicionaram fotos pessoais à publicação. Apesar de estar dentro do critério de ter escrito mais de um texto dentro do período, um deles, o de Alê Moitas, apresenta a história de dois ídolos na mesma publicação, o diferencia dos outros selecionados, por isso, decidimos, então, não analisar os textos da autora.

O último grupo — *corpus* final selecionado por nós — é o que contém fotografias pessoais, criando assim um *corpus* de análise qualificado para nossos objetivos. Portanto, temos o total de 6 textos escritos por 6 escritoras diferentes. Quanto aos ídolos, temos o total de 6 homenageados, sendo todos ídolos homens. Contudo, temos 1 texto do qual optamos por inserir nessa análise, pois trata-se da narrativa de vida de uma ídola (ao buscarmos entender o papel da mulher nessas narrativas, não seria justo excluirmos de nossas análises o texto que trata exatamente dessa representatividade dentro de campo). Entre os mais de setenta textos postados, apenas dois deles apresentaram uma jogadora de futebol como ídola. Um deles foi escrito pela autora da tese, por isso não consideramos ético ou mesmo pertinente utilizá-lo como *corpus*.

Sendo assim, nosso critério final de seleção foi a opção por analisarmos 7 textos: o da ídola e aqueles nos quais as blogueiras postaram fotos de arquivo pessoal em que elas aparecem ao lado dos jogadores homenageados em seus textos. Essa escolha está embasada em nosso aporte teórico, principalmente, na Teoria Semiolinguística, posto que essa perspectiva considera a linguagem como um sistema de signos que transmitem significados, ou seja, as fotografias também carregam significados simbólicos importantes para nossa análise.

Visto que os signos são carregados de significados, ao apresentar fotos pessoais junto com os jogadores emerge, dessas narrativas, uma estratégia retórico-discursiva pela qual as blogueiras parecem ter visado interligar suas próprias narrativas pessoais com as histórias dos ídolos. Além do mais, ao identificarmos que as blogueiras incluíram fotos pessoais, essas imagens podem adicionar marcas que não podem ser expressas apenas por meio do texto escrito. Elas oferecem pistas sobre o ambiente, as relações pessoais e as emoções envolvidas na construção dessas narrativas, o que constitui um material relevante para analisarmos as imagens projetadas por elas. Além disso, algo que acreditamos que contribui para a compreensão da

complexidade das narrativas presentes no *Blog MEC* é a possibilidade de encontrarmos recorrências, entre elas, aquelas relacionadas ao estilo de cada autora e, consequentemente, do próprio *blog*. Sendo assim, em relação à análise comparativa, identificamos diferenças e semelhanças nas formas de as colunistas abordarem ídolos diferentes, assim como a própria estrutura narrativa, imagens de si, tons emocionais e mesmo a relação estabelecida com cada um dos ídolos homenageados. Essa abordagem comparativa contribui para uma compreensão mais profunda das nuances da expressão individual dentro do contexto mais amplo do *blog*.

Diante do exposto, seguem os 7 textos, também em anexo, por ordem de data de publicação no *Blog Mulheres em Campo*:

**Quadro 1: Tecnotextos selecionados para análise (*corpus* final)**

| Data de publicação | Ídolo | Título do tecnotexto | Autora | Link da publicação[15]: |
|---|---|---|---|---|
| 19/02/2016 | Luiz Fabiano | Ídolo fabuloso | Jéssica Nogueira Gonçalves | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/idolo-fabuloso/ |
| 09/09/2016 | Formiga | Nas quatro linhas, volante, fora de campo, Guerreira! | Beatriz Cunha | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/nas-quatro-linhas-volante-fora-de-campo-guerreira/ |
| 04/06/2018 | Nivaldo | O goleiro de todas as séries | Ana Carolina Teixeira | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/o-goleiro-de-todas-as-series/ |
| 11/06/2018 | Rogério Zimmermann | Se é para falar de ídolo, eu sempre irei falar dele | Bruna Porto | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/se-e-para-falar-de-idolo-eu-sempre-irei-falar-dele/ |
| 12/08/2018 | Lucas | Olé, Olé, Olé, Olá, Lucas, Lucas! | Raiane Vieira | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/ole-ole-ole-ola-lucas-lucas/ |
| 10/09/2018 | Ziquita | Ziquita: o herói do povo | Daiane Luz | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/ziquita-o-heroi-do-povo/ |
| 22/10/2018 | Sérgio Alves | O mais temido pelo rival | Beatriz Alves | https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/o-mais-temido-pelo-rival/ |

FONTE: elaborado pela autora.

[15] Em abril de 2025, os links apresentaram instabilidade que foi detectada durante parte do período de produção da tese, sendo assim, optamos também por anexar os textos analisados ao final deste trabalho.

## 2.2 A construção do *corpus* discursivo

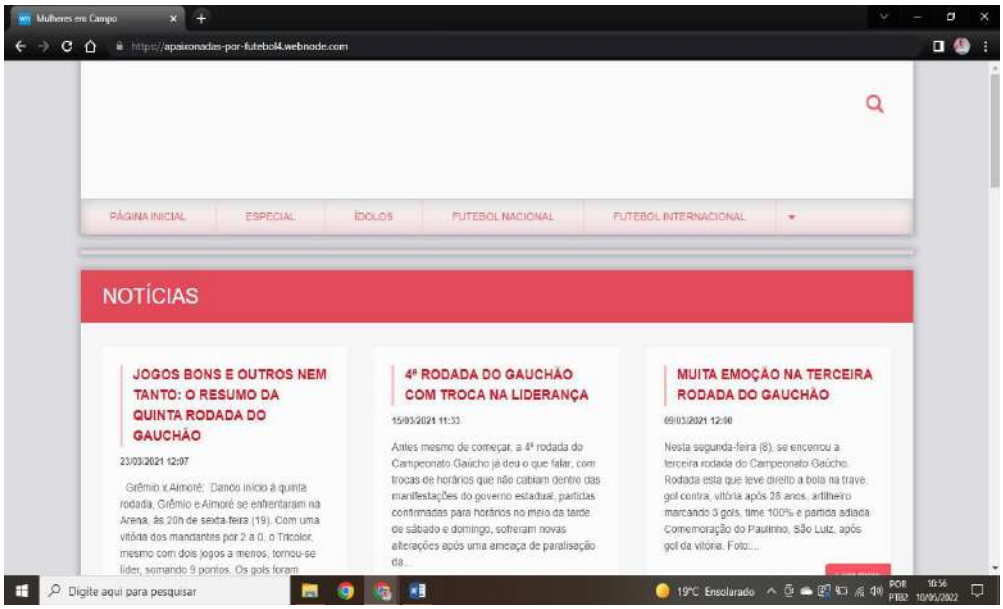
A internet tem proporcionado aos pesquisadores do discurso o que Paveau (2021) entende, com base na *Análise do Discurso Digital*, como tecnodiscursos. Nesse sentido, na blogosfera, os gêneros se apresentam como tecnogêneros. A adição do elemento "tecno" é essencial para compreendermos que nosso *corpus* se constrói não apenas pelos elementos linguageiros, mas também pelos digitais. A forma como as narrativas são construídas, publicadas e disponibilizadas também devem interessar a nós, pois optamos por utilizar a internet como *corpus* e não para *corpus*, como pontua Paveau (2021).

O *Blog Mulheres em Campo* foi fundado em 2015 por torcedoras de diferentes clubes que buscavam um espaço para que suas vozes fossem ouvidas quando o assunto é futebol. De acordo com informações retiradas do portal, em 2021, o *blog* passou a ter uma nova URL [16], antes <www.blogmulheresemcampo.com.br> e, até a escrita deste trabalho, apresenta-se como <www.mulheresemcampo.com>. O *MEC* conta com mais de 60 colunistas, cobrindo clubes de todos os Estados do Brasil, a maioria das divisões de campeonatos nacionais e estaduais, além do futebol internacional e, nas palavras escritas ao final da página principal do *blog MEC*, como carinhosamente foi apelidado, o "amado futebol feminino". É também ao final dessa página que encontramos o acesso à URL anterior[17], da qual tivemos acesso ao nosso *corpus*. Seguindo os preceitos de Paveau (2021, p.36), também entendemos que

> [...]a perspectiva ecológica impõe que se apresentem os exemplos no seu ambiente nativo, e o ideal seria, evidentemente, poder trabalhar com um navegador aberto, o que, naturalmente, não permitiria a publicação fora da rede. Assim, optamos por apresentar os exemplos na forma de captura de tela, o que é o mínimo ecológico necessário, ainda que esse procedimento pareça cristalizar os dados tecnodiscursivos abertos e móveis e objetivá-los: as capturas de tela são também fruto da subjetividade do internauta-analista e devemos considerá-las como dados subjetivos.

[16] Uniform Resource Locator
[17] URL da página onde estão os registros da página Ídolos, objeto de nossa pesquisa: <https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.com/>

**Imagem 2: Captura de Tela da página inicial do *Blog* Mulheres em Campo**




FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.com/

Entre as páginas apresentadas, além da página principal, estão a "Especial", "Ídolos", "Futebol Nacional", "Futebol Internacional". Cada uma delas apresenta tecnotextos com objetivos diferentes, sendo, resumidamente, as duas últimas um espaço para a publicação de pré-jogo e pós-jogo dos clubes. A página "Especial" conta com textos de diversas colunistas sobre temáticas variadas, como jogos inesquecíveis e a relação da torcedora com o estádio de futebol. Nesse bloco, encontra-se também a página que leva aos textos sobre "futebol feminino" e os textos intitulados "Crônicas Livres".

Por fim, entre essas páginas importantes para a construção do *MEC* como um *blog* de informações futebolísticas, assim como um espaço para escrever sobre as relações entre torcedoras e futebol, está a página "Ídolos". Ao clicar na palavra, escrita com letras maiúsculas no alto da página, o internauta é levado para um compilado de textos, publicados entre 2015 e 2021, sendo que os anos de 2017, 2019 e 2020 não apresentam nenhuma publicação.

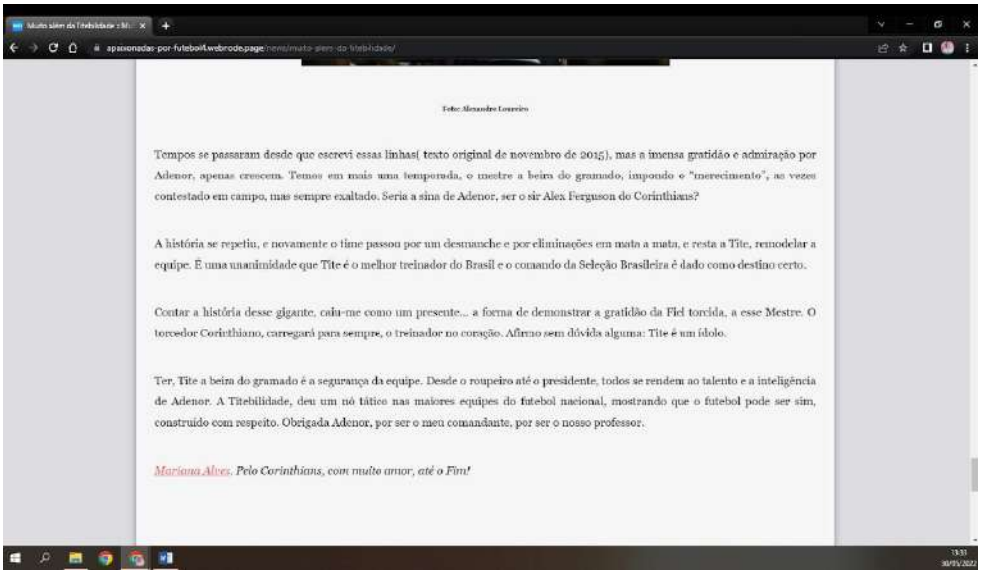
Outro ponto importante de se destacar é que a nossa coleta de dados se deu por meio de capturas de tela, o que nos permite analisarmos as imagens e a forma como cada texto se constrói, considerando o tecnografismo (Paveau, 2021). Outra forma de coleta, agora direcionada aos textos produzidos e publicados no *blog*, aconteceu por meio da técnica de CTRL+C CTRL+V, também conhecida como "copia e cola". Assim, todos os textos foram reenviados para um documento online, no DOC's, e para os anexos desta tese, onde padronizamos a formatação.

Enfim, pensando em tecnogêneros do discurso (Paveau, 2021), pretendemos considerar todos os elementos digitais e linguageiros presentes no *blog*. Para isso, além da coleta inicial, necessária por conta da *imprevisibilidade* (Paveau, 2021) dos discursos digitais, a visita ao próprio *site*, onde o *blog* está disponível para acesso, será permanente durante todo o processo de pesquisa. Entendemos que, depois de apresentado o que podemos denominar de *corpus* digital, consideradas as suas especificidades, propomos uma construção, que a princípio parece se distanciar do digital, porém, pontuamos a necessidade de classificarmos o material linguageiro para assim partirmos em busca de nossos objetivos de pesquisa.

Para Charaudeau (2011, p. 1), "o *corpus* não existe em si, mas depende (...) do posicionamento teórico a partir do qual ele é considerado". Por isso, alguns problemas são enfrentados na constituição de um *corpus*, entre eles a coleta de dados. Ainda, para Charaudeau (2011), isso já era visto como um problema a ser solucionado, pois a forma como coletamos os dados depende da materialidade linguística e do "suporte" que veicula as produções linguageiras — ao considerarmos o *blog* como parte de nosso *corpus*, optamos por uma linha de pesquisa que não o considera como suporte, pois trata-se do *corpus* em si. Nesse caso, estamos diante de uma nova discussão, em que a internet não é mais vista como um mero suporte de nosso *corpus*, mas ela é nosso *corpus*. Assim, os textos retirados para análise são mais do que simples textos, eles são tecnotextos, nas palavras de Paveau (2021).

Outro problema que Charaudeau (2011) aponta é a relevância de um *corpus* e o quanto ele realmente é representativo. Sendo assim, estamos diante de um *corpus* parcial no sentido de ele ser uma representação das biografias de ídolos do futebol publicadas na blogosfera, principalmente se pensarmos na quantidade de biografias sobre jogadores publicadas em livros e outros *blogs*. Ou seja, a página "Ídolos" do *blog MEC* é um recorte de narrativas dentro de um assunto determinado, o futebol. Além do mais, o fato de pesquisarmos um *blog*, em que as informações podem ser modificadas a qualquer momento, também estamos diante de um *corpus* imprevisível, portanto, apesar de ser fechado por questão operacional, para possibilitar nosso recorte, alterações podem acontecer a qualquer momento, como no exemplo a seguir, em que a torcedora acrescenta informações ao seu texto, lembrando que o original foi publicado em 2015:

**Imagem 3: Captura de tela da modificação no primeiro texto publicado em 2015.**



Tempos se passaram desde que escrevi essas linhas( texto original de novembro de 2015), mas a imensa gratidão e admiração por Adenor, apenas crescem. Temos em mais uma temporada, o mestre a beira do gramado, impondo o "merecimento", ao vezes contestado em campo, mas sempre exaltado. Seria a sina de Adenor, ser o sir Alex Ferguson do Corinthians?

A história se repetiu, e novamente o time passou por um desmanche e por eliminações em mata a mata, e resta a Tite, remodelar a equipe. É uma unanimidade que Tite é o melhor treinador do Brasil e o comando da Seleção Brasileira é dado como destino certo.

Contar a história desse gigante, cria-me como um presente... a forma de demonstrar a gratidão da Fiel torcida, a esse Mestre. O torcedor Corinthiano, carregará para sempre, o treinador no coração. Afirmo sem dúvida alguma: Tite é um ídolo.

Ter, Tite a beira do gramado é a segurança da equipe. Desde o roupeiro até o presidente, todos se rendem ao talento e a inteligência de Adenor. A Titebilidade, deu um nó tático nas maiores equipes do futebol nacional, mostrando que o futebol pode ser sim, construído com respeito. Obrigada Adenor, por ser o meu comandante, por ser o nosso professor.

*Mariana Alves. Pelo Corinthians, com muito amor, até o Fim!*

FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/muito-alem-da-titebilidade/

Mais um problema apresentado por Charaudeau (2011) concerne às categorias de análise do material linguístico. Ainda como propõe o

pesquisador francês, é relevante, nas análises, apontarmos categorias internas, relacionadas ao linguageiro, como escolhas lexicais, gramaticais e sintáticas, assim como as variáveis externas, dentre as quais pontuamos a *Análise do Discurso Digital* como essencial para nos posicionarmos no tempo e no espaço.

Sendo assim, entendemos que o tratamento dos dados (Charaudeau, 2011) é parte essencial na construção de um *corpus* compósito (Paveau, 2021). E é nesse ponto que o posicionamento teórico tomado por nós faz com que as escolhas dos dados a serem analisados sejam pertinentes, já que nossa problemática avança da simples análise textual para uma análise que incorpora o fora do texto, mas não só o contexto, como toda a sua composição, levando em conta o processo digital de sua criação, por isso, aplicamos a noção de ambiente em alternativa à de contexto, pois estamos diante de um domínio que abrange as dimensões técnica e material.

De acordo com Charaudeau (2011), as *Ciências da Linguagem* analisam *corpora* organizados em arquivos ou coletados por meio de procedimentos sistemáticos. Assim, a natureza do *corpus* depende de outros fatores dos quais é preciso deixar claro o que se entende por língua, discurso, texto e contexto. Para o pesquisador, a diferença entre discurso e língua é essencial, em que a língua oferece *corpora* constituídos por semelhanças de formas e sentidos, e o discurso constitui *corpus* de produções linguageiras em situação de uso. Com isso, a "linguística do discurso" é "orientada para a descrição dos usos e das significações sociais, com um *corpus*, por definição aberto, e que pressupõe um sujeito operador de categorias 'sócio-discursivas' e portador de um imaginário social" (Charaudeau, 2011, p. 4).

Um *corpus* de discurso é composto por textos, sendo que "o discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam" (Charaudeau, 2011, p.4). Dessa maneira, um texto, publicado no

*blog MEC*, composto por um visual no qual se predomina a cor rosa, com fotos retiradas de jornais ou do arquivo pessoal da torcedora que escreve, entre outras características, pode mobilizar ou agenciar diversos discursos que sinalizam posicionamentos como o racial, o machista, o da violência, o da paixão pelo futebol etc. Da mesma maneira, em torno do discurso esportivo, vários textos podem ser publicados. Para Charaudeau (2011, p. 6), "há discurso atravessando textos diferentes, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes". O autor ainda ressalta que aquilo que é depositado na memória coletiva são os discursos, que são materializados em textos em algum momento.

Inicialmente, nosso *corpus* foi agrupado segundo a situação, já que tratamos do contrato de comunicação que resulta em atos de enunciação restritos à torcedora blogueira que publica um texto sobre seu ídolo do futebol no *Blog Mulheres em Campo*. A recorrência é característica que se destaca nos textos publicados na página "Ídolos", principalmente no que se refere à construção textual. Diferentemente da tradição do gênero biografia, em que se inicia com datas e informações sobre o biografado, no *Blog*, a introdução contém informações sobre a relação da torcedora com o ídolo que tem a história narrada no desenvolvimento. Na conclusão, as torcedoras enunciadoras blogueiras conversam com o leitor, ou com o próprio ídolo, retomando histórias de proximidade com o jogador. Uma hipótese é que esses enunciados estariam sendo construídos para um espaço diferente de uma biografia, por isso, as narrativas se misturam. Além disso, outros signos permitiram que entendêssemos as representações que emergem das publicações do *blog*, como as fotos pessoais das torcedoras com o ídolo narrado.

A coleta de dados em um *corpus* digital nativo exige novas observações, até mesmo para defini-lo como tal. Ao considerarmos que o *corpus* é um conjunto de observáveis e não uma coleção de dados, estamos diante de possibilidades de classificação "a partir de categorias linguísticas

correspondentes aos objetivos e às hipóteses" (Paveau, 2021, p. 136). Concluindo, diante de nossos objetivos e nossas hipóteses, resumidamente, nosso *corpus* é composto por uma das páginas do *blog Mulheres em Campo*, a página "Ídolos". Nesse espaço, é possível encontrarmos narrativas textuais e imagéticas inspiradas nas biografias de ídolos do futebol. Nesse cenário, as enunciadoras utilizam-se do espaço do *blog* para demonstrarem conhecimento sobre a vida de seus ídolos e como suas histórias se misturam.

## 2.3 Para além do pré-digital

A Análise do Discurso Digital (ADD) está focada na descrição e na análise de produções linguageiras da internet. Para isso, ela mobiliza, além dos recursos linguageiros dos enunciados, os recursos não linguageiros — reforçando que a separação entre esses recursos se dá por questões didáticas, pois não há uma demarcação, ou seja, uma barreira que separe a vida online da vida virtual. Para Paveau (2021), as produções nativas da internet são aquelas elaboradas *online* com o auxílio de ferramentas da internet e nos seus espaços de escrita. Assim, a ADD utiliza dispositivos metodológicos e teóricos da Análise do Discurso não considerados no pré-digital para entender o funcionamento dos discursos nativos da internet.

O *Google*, por exemplo, é uma plataforma de buscas que faz um ranqueamento de textos para serem exibidos em uma ordem específica quando o usuário faz uma pesquisa. Isso não acontece de forma aleatória, pois existem otimizadores que fazem um texto ficar na primeira página e outros não. Um desses incentivos é o financeiro, visto que o usuário pode pagar para ficar bem ranqueado na lista, porém, também é possível usar estratégias para ficar na primeira página sem gastar dinheiro. No *Marketing Digital*, essa estratégia recebe o nome de *SEO* (*Search Engine Optimization*), ou seja, uma ferramenta para melhorar o posicionamento do seu texto no *Google*. Entre suas técnicas, está a padronização dos títulos, por vezes, apenas uma forma de chamar atenção do leitor para o que seu texto vai abordar, que, no meio digital, ganha outra importância, pois a palavra certa

pode “subir” o seu posicionamento nas buscas.

O que percebemos é que existe um ambiente pré-digital e um ambiente digital, nos quais o texto ganha novas formas de produzir conteúdo. Os tecnotextos do *blog MEC*, por exemplo, são produzidos e revisados em um documento *online* que pode ser compartilhado. Existem duas funções principais dentro do *blog*, as colunistas, que produzem os tecnotextos, e as administradoras, que revisam e publicam tais produções. As colunistas enviam o *link* do documento *online* no e-mail direcionado para isso, enquanto as administradoras fazem a revisão e a publicação dos tecnotextos. Apesar de a maioria delas utilizarem esse meio, ainda existe a opção de envio pelo próprio espaço do e-mail ou pela plataforma de mensagens instantâneas, o *Whatsapp*. A publicação acontece em uma outra plataforma, o site Mulheres em Campo, que está localizado em um servidor na rede. Após esse processo, como vimos, o tecnotexto é compartilhado no *Facebook*, produzindo o que Paveau (2021) descreve como tecnodiscurso relatado.

O que podemos concluir é que não há uma escrita direta na página do *blog*, pois o tecnotexto passa por uma produção digital, depois por uma revisão online e, por fim, é publicado por uma administradora do *blog*, não sendo a colunista a responsável por essa etapa. Estamos, então, diante de uma produção tecnolinguageira, não apenas por se tratar de um produto final tecnodiscursivo, o *blog*, mas, porque todo o processo acontece com ferramentas e em espaços da internet.

Com isso, entendemos que o *blog* possui características linguísticas que necessitam de um aporte teórico baseado em uma linguística simétrica, partindo da ideia de que os discursos e a língua são compósitos. Diante disso, tomamos como essenciais, para nossa análise, as características dos discursos digitais nativos propostos por Paveau (2021). Para a pesquisadora francesa, na ecologia do discurso, o objeto é considerado em todo seu conjunto, ou seja, a partir da AD, o ambiente no qual o objeto está inscrito

soma-se aos seus elementos linguageiros.

Como vimos, a partir da perspectiva digital, o linguageiro e o tecnológico e, ainda, o ambiente que envolve os discursos se integram, podendo ser analisados como compósitos. Portanto, duas noções são apontadas: ambiente e compósito, em que os discursos são elaborados no ambiente composto por diferentes dados (humanos e não humanos). Assim, eles são, segundo Paveau (2021, p. 49) "sociais, culturais, históricos, materiais (objetos naturais e artefatos), animais, naturais etc". A autora utiliza a noção de ambiente em preferência à de contexto ou de condições de produção, pois, para ela, abrange outros parâmetros para além do sócio-histórico-político. Dessa forma, seu posicionamento parte de uma perspectiva pós-dualista e simétrica, em que as materialidades linguageiras são compósitas. Enfim, na ADD, o ambiente é uma noção central, visto que considera os aspectos compósitos dos discursos.

É importante pontuar que a noção de ambiente está sob o domínio da cognição social, não pertencendo ao arcabouço teórico da AD. Paveau (2021) destaca que ela vem propondo uma análise cognitiva do discurso na busca por uma noção que abranja dados materiais e técnicos. A própria autora descreve esse caminho para apontar que "a noção de ambiente participa da abordagem ecológica dos discursos exigida pelos traços particulares e às vezes novos dos discursos digitais nativos" (Paveau, 2021, p. 51).

Quanto ao compósito, mais uma vez, é necessário partir de uma visão pós-dualista para dar conta dos discursos nativos da internet. Nesse sentido, entendemos que "um elemento do discurso é compósito quando se constitui por uma mistura entre o linguístico e o técnico" (Paveau, 2021, p. 119). Para além das matérias linguísticas, as matérias compósitas misturam linguageiro e não-linguageiro. Por isso, trataremos de tecnogêneros, tecnopalavras, tecnotextos, tecnonarrativas etc.

Dias (2016), pesquisadora, que se inscreve na Análise do Discurso

Francesa (ADF) de orientação pecheuxtiana, com a qual dialogamos a fim de fundamentar nossas reflexões sobre o caráter do discurso digital, reafirma, em suas pesquisas, a transformação do advento do digital em diversos aspectos da sociedade, incluindo a maneira como os discursos são produzidos e circulam. Segundo a pesquisadora, essas mudanças afetam as relações históricas, sociais e ideológicas, moldando a constituição dos sujeitos e os sentidos que eles atribuem ao mundo ao seu redor. Nesse sentido, para ela, o Analista de Discurso deve observar e entender como esses novos significados emergem, levando em consideração a historicidade do sentido, ou seja, "a memória no que se refere a relação da língua com a história: memória discursiva, e seus efeitos na constituição do sujeito" (Dias, 2016, p.9).

As mudanças na relação entre a ordem simbólica e o mundo, de acordo com Dias (2016), afetam a produção do conhecimento, tanto em termos de como ele é gerado nas instituições quanto em como é interpretado e entendido pela sociedade. Essas mudanças estão profundamente ligadas ao advento do digital, que altera a forma como sujeitos e o conhecimento interagem, influenciando também a maneira como a memória, agora digital, opera.

Ainda segundo Dias (2016), a análise do discurso digital vem explorando as mudanças na forma como as relações sociais e as práticas dos sujeitos se articulam no mundo digitalizado. A autora reforça que desde 2004 identifica uma transformação na discursividade global, a qual ela chama de "digitalização do mundo". Isso se refere às práticas de linguagem que reconfiguram as relações sociais e as ações dos indivíduos. Em termos mais simples, a digitalização do mundo representa um processo de historicização que muda a maneira como os significados são produzidos, criando uma nova forma material, pois

> [...] inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo

> o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho (Dias, 2016, p. 11).

Nesse sentido, Dias (2016) discute como o digital provoca um movimento teórico significativo, especialmente nas Ciências da Linguagem e, de forma mais ampla, nas Ciências Humanas e Sociais. Dentro do campo da Análise de Discurso, pesquisadores têm se dedicado a adaptar e expandir seus conceitos teóricos e métodos analíticos para lidar com os desafios que o digital apresenta para a linguagem e seu funcionamento. Diante dessas percepções, a pesquisadora entende que "é preciso considerar o digital em sua opacidade" (Dias, 2016, p. 11), visto que ele tem suas próprias características, limitações e influências que afetam como os discursos são formados e percebidos. Portanto, na Análise de Discur so, é essencial reconhecer e entender essas particularidades do digital para que se possa compreender plenamente como os significados são construídos e interpretados no meio digital.

Além disso, o conceito de "corpografia", elaborado por Dias (2016), no contexto da Análise de Discurso, apresenta-se como uma forma de compreender a escrita no ambiente digital. Essa é uma noção que explora como o corpo e a escrita se entrelaçam no digital, especialmente considerando as tecnologias digitais e os dispositivos de arquivo que influenciam a maneira como escrevemos e nos expressamos online. Essa escrita digital não é apenas uma representação neutra, mas é profundamente afetada pelas emoções e pela presença do corpo, criando uma forma de escrita que é ao mesmo tempo textual e corpórea. Sendo assim, na perspectiva de Dias (2016), escrever online não é apenas um processo de criar texto, mas também de expressar o corpo e o afeto através da escrita. O corpo se torna parte integrante do texto, e a escrita digital se torna uma extensão do corpo, um "gesto que escreve o corpo" (Dias, 2016, p. 13).

Nos tecnotextos do *Blog Mulheres em Campo*, as autoras incorporam poucos elementos digitais, como hashtags, que são características próprias da

escrita digital, diferentemente do que acontece em redes sociais, como o *Twitter* ou o *Facebook*. Porém, isso não impede que os outros elementos das tecnonarrativas publicadas contribuam para a construção de uma identidade e de um sentido digital que faz parte do ambiente online. Isso porque, o *blog* utiliza a escrita para textualizar o corpo e as emoções das torcedoras que escrevem sobre seus ídolos. Então, no *Blog MEC*, a "corpografia" pode ser entendida como a forma pela qual essas torcedoras expressam suas emoções e sentimentos.

Para Ribeiro (2005), o letramento digital está relacionado com a apropriação dos novos suportes e novas ferramentas de leitura e escrita. De acordo com a pesquisadora

> Juntamente com a emergência de novos suportes e novos recursos, mais confortáveis e mais ágeis, surgem novos leitores, mais rápidos e mais íntimos de todo tipo de material impresso ou registrado pela escrita. O suporte em que o texto se encontra também influencia a emergência de novos gêneros de escrita, e o leitor amplia seu leque de possibilidades de leitura à medida que entra em contato com esses suportes e gêneros reconfigurados, que por vezes são híbridos, "cruzamentos" de algo conhecido com alguma possibilidade nova, parcialmente estranhos, mas parcialmente reconhecíveis (Ribeiro, 2005, p. 133 -134).

Nesse sentido, no *Blog MEC*, estamos diante desse hibridismo, no qual se é possível reconhecer traços de linearidade, ao mesmo tempo em que, por exemplo, as narrativas não seguem mais as ordens cronológicas, ganhando novos contornos, dos quais, segundo Ribeiro (2005, p. 135), reforça o repertório do leitor, tornando-o "manipulador de textos e suportes, um explorador de possibilidades". Da mesma maneira, as colunistas do *blog* exploram possibilidades de escrita, graças a esse hibridismo que abrange não apenas a leitura, mas também a escrita dentro da blogosfera. Entretanto, Ribeiro (2005, p. 138) também destaca que

> o fato de surgir um novo suporte para leitura/escrita não quer dizer que absolutamente todos os expedientes do leitor/usuário tenham de ser modificados. As novas tecnologias podem

> recuperar características de outras, muitas vezes até de tecnologias já quase esquecidas. A familiaridade do leitor com determinados gêneros de texto, diagramações e suportes pode torná-lo mais hábil no reconhecimento de um novo suporte, que não deverá, quase nunca, ser totalmente novo.

Entendemos que a escrita nesse ambiente digital é uma forma de "escrever o corpo" das torcedoras, em que o afeto e a emoção são centralizados. Em outras palavras, as torcedoras usam a escrita digital para expressar emoções profundas, expressando uma pertença forte a um grupo que pode constituir parte das identidades sociais das mulheres torcedoras. Essa inserção em um projeto coletivo, subjacente ao *blog*, pode produzir efeito de pertença, ou seja, um efeito de pertença identitária. Além disso, essa pertença a um coletivo é produzida na oferta de elementos passíveis de provocar identificação e, por consequência, incorporação[18] e afirmação de traços identitários. O resultado é um texto tanto sobre o ídolo quanto sobre o próprio ato de ser torcedora, o qual o corpo, o afeto e a escrita se entrelaçam em um gesto de comunicação digital. A partir dessas concepções, faz-se necessário a construção dessa torcedora blogueira.

[18] O processo de incorporação de *ethos* é teorizado por Maingueneau, cujas reflexões teóricas serão retomadas quando da explicação do conceito de *ethos*.

# CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DA TORCEDORA BLOGUEIRA NO *BLOG MULHERES EM CAMPO*

Neste capítulo, além da abordagem teórica, apontamos a construção da torcedora blogueira como enunciadora de discursos futebolísticos. Para isso, apropriamo-nos da noção de interdisciplinaridade proposta por Charaudeau (2013), o que nos permite pensar o contrato de comunicação, as identidades e as visadas discursivas resultantes dessas relações. Além disso, nesse capítulo apresentamos conceitos essenciais para nossas análises: patemização, extimidade e *ethos*.

## 3.1 A situação de comunicação no *Blog Mulheres em Campo*

A Semiolinguística foi criada por Charaudeau nos anos 1980, sendo divulgada, inicialmente, no livro *Langage et Discours*, de 1983. Charaudeau (2005), ao compreender que o discurso possui seus instrumentos, métodos, técnicas e objetos próprios, propõe que as questões da linguagem, que nascem desse caminho no qual as informações produzem sentidos e são compreendidas por meio de uma interação discursiva, tenham um campo específico. Isso porque essa interação acontece na partilha de inferências e a partir do conhecimento produzido, em que o sujeito interage em diferentes situações discursivas.

Sendo assim, ao unir os termos "Semio", que se refere a relação forma-sentido e a presença de um sujeito intencional em um certo quadro de ação, e "linguística", focalizando nos estudos das línguas naturais, Charaudeau (2005) entende que se faz necessário um procedimento de semiotização do mundo do qual seja possível pensar as particularidades das linguagens nas quais se tem relações discursivas abertas. Visto isso, entendemos que o discurso não é absoluto; pois para colocar os acontecimentos discursivos em "ordem", não se pode ignorar fatores como o tempo, o espaço e as hipóteses variadas que surgem com as especificidades de cada objeto de pesquisa.

Nesse sentido, de acordo com Charaudeau (2016), a Semiolinguística responde a questões essenciais quanto ao signo, ao conceito de comunicação e à competência linguageira, elementos esses que permitem ao pesquisador analisar um texto e comentá-lo dentro de uma perspectiva dos atos de linguagens. A partir dele, estudamos os diferentes

valores de indivíduos ou grupos sociais, já que o modo como as ideias se propagam podem variar de acordo com as circunstâncias.

Para Charaudeau (2015), o ato de linguagem é um ato de liberdade, mesmo que determinado pelas restrições impostas por um contrato de comunicação. Isso porque a troca permite que o sujeito realize algumas escolhas lexicais e algumas estratégias que podem revelar um estilo mais pessoal, mais singular. Esse contrato é um conjunto de regras implícitas e explícitas que governam como a comunicação deve ocorrer em uma determinada sociedade. Embora essas regras imponham restrições, elas também permitem que a comunicação seja possível e compreensível para os interlocutores.

Ainda de acordo com Charaudeau (2006), mesmo que nossa história seja singular, ela se constrói na relação com o(s) outro(s), nas trocas. Por isso, somos seres coletivos e individuais, pois, ao mesmo tempo que precisamos do outro para termos o EU, na socialização, também nos diferenciamos ao distinguir o EU do outro, individualizando-nos em relação aos outros.

Dessa forma, é importante reconhecer que não é possível depreender sentidos do ato de linguagem somente pela análise da língua, pois outros elementos o configuram, promovendo uma forte relação entre explícito e implícito. Nesse entremeio, o explícito se refere às informações que são diretamente expressas na comunicação, ou seja, são os significados das palavras e frases, assim como as intenções do falante. Por outro lado, o implícito está relacionado aos significados subentendidos ou não ditos

como ela constrói a narrativa e os detalhes escolhidos para serem enfatizados permitem inferir sua expertise e seu envolvimento emocional com o esporte. Assim, a análise completa de um ato de linguagem envolve considerar tanto o explícito quanto o implícito, entendendo como os significados são construídos e interpretados em um ambiente comunicativo específico.

De acordo com Charaudeau (2016), há um jogo de relações a partir das quais os protagonistas e as circunstâncias de discurso determinam os possíveis sentidos. Nas palavras do autor (2016, p. 32), as *Circunstâncias de Discurso* são definidas "como o conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem". Esses saberes incluem conhecimentos prévios, crenças, expectativas e experiências compartilhadas entre os interlocutores. Dessa dupla dimensão do ato de linguagem, composta por implícito e explícito, resulta a construção de sentidos.

Com a possibilidade de análise a partir das *Circunstâncias de Discurso*, também é necessária uma abordagem mais profunda sobre como tais textos foram produzidos, ou seja, sob quais condições. Para a Teoria Semiolinguística, os *possíveis interpretativos* não são definidos pelo dicionário, mas sugeridos pelo contexto, permitindo múltiplas interpretações baseadas nos saberes supostos dos interlocutores. Isso destaca a natureza dinâmica e contextual da comunicação e da construção de sentidos.

Nos textos do *Blog Mulheres em Campo*, as Circunstâncias de Discurso se manifestam de maneiras diversas, mas igualmente significativas. No exemplo apresentado acima, a enunciadora explicita sua admiração pelo ídolo, detalhando a trajetória e os momentos icônicos da carreira dele. Ao mesmo tempo, ela também demonstra implicitamente um profundo conhecimento e uma paixão pelo futebol, com um tom nostálgico que reflete uma insatisfação com o futebol contemporâneo, como vimos, inferidos a partir das escolhas lexicais feitas.

A partir disso, entendemos que as Circunstâncias de Discurso, no *blog*

*MEC*, incluem o conhecimento das enunciadoras sobre a trajetória dos ídolos, facilitando a conexão com os leitores que compartilham o amor pelo futebol. Além do mais, na cultura brasileira, na qual o futebol faz parte do imaginário de paixão nacional, as experiências coletivas de torcer reforçam traços de identidade compartilhada. Assim sendo, no *ato de linguagem*, o explícito fornece a base da comunicação, mas é o implícito, determinado pelas circunstâncias de discurso, que completa o sentido. Eles permitem uma comunicação na qual os interlocutores conseguem compreender não apenas o que é dito, lembrando que a interpretação correta de uma mensagem depende da capacidade dos interlocutores de integrar o explícito com o implícito fornecido pelas circunstâncias de discurso.

Essas circunstâncias, como vimos, produzem *possíveis interpretativos*, a partir dos saberes compartilhados e das representações discursivas em uma sociedade. Quando eles são acionados pelos protagonistas do ato, dois aspectos são evidenciados, conforme pontua Charaudeau (2016). Sendo assim, os saberes compartilhados e as representações discursivas que partilhamos se constituem a partir do *filtro construtor de sentidos*.

Esses filtros são baseados nos saberes compartilhados, nas representações discursivas e na situação em que a comunicação ocorre. Eles permitem que os interlocutores façam inferências e compreendam as mensagens de forma mais eficaz. Em uma comunidade linguageira de torcedores de futebol, por exemplo, os filtros podem incluir conhecimento sobre o time, os jogadores, as competições e, até mesmo, os jargões específicos do esporte.

Os *filtros construtores de sentido*, segundo Charaudeau (2016), possibilitam que os participantes do ato de comunicação filtrem as interpretações possíveis, descartando aquelas que não fazem sentido diante da circunstância, ou seja, são mecanismos que os participantes do ato de

comunicação utilizam para selecionar e interpretar informações relevantes. A enunciadora blogueira torcedora utiliza esses filtros para fornecer elementos que orientam seus leitores, baseando-se nos saberes compartilhados da comunidade de torcedores.

No *blog MEC*, as enunciadoras utilizam seu conhecimento sobre o meio futebolístico para fornecer elementos que ajudam seus leitores a interpretar suas mensagens. Elas criam conteúdos que mobilizam saberes compartilhados de seus leitores e guiam seus leitores por meio do processo de filtragem de sentidos. Esses saberes compartilhados facilitam a construção de significados coletivos.

Sendo assim, diferentemente do texto, que é a materialização do ato de linguagem, o discurso é o lugar da significação. Portanto, as condições na troca linguageira em circunstâncias bem determinadas devem corresponder à *expectativa da troca*. Nesse sentido, o discurso, na perspectiva charaudiana, está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem e a um conjunto de saberes partilhados. Por isso, é importante compreendermos como se dão os atos de linguagem e quem são os sujeitos presentes nele.

Em relação aos sujeitos envolvidos no ato de linguagem, estamos diante de duas instâncias propostas pelo ato de comunicação, a de produção e a de recepção, lembrando que elas não são fixas e imutáveis, como pontua Procópio-Xavier (2012, p. 140):

> Numa mesma situação de comunicação, de natureza dialogal, por exemplo, os parceiros envolvidos iriam revezar-se nesses dois papéis, ora agindo como produtores, ora como receptores da troca. Mesmo na situação de uma comunicação em rede — escrita de um blog, por exemplo — em um determinado momento teremos o blogueiro como produtor daquele ato de linguagem numa situação de troca informativa com seu destinatário; noutro momento, os leitores e seguidores do blog ocuparão o papel de produtores — de comentários e demais interações comunicativas para o blogueiro na função de destinatário daquele ato de linguagem.

A partir da representação dessas instâncias, é possível

compreendermos o tipo de interação em determinada situação de comunicação, assim como o *projeto de fala* (conceito de Charaudeau) dos envolvidos, ou seja, conhecemos os parceiros envolvidos na troca social e linguageira. É preciso ressaltar que a relação entre os sujeitos é influenciada pelo processo no qual o sujeito se constitui. A familiaridade, o nível de confiança e o histórico de interações anteriores podem afetar como a mensagem é recebida e entendida. Os papéis sociais dos interlocutores também desempenham um papel essencial nessa constituição. Por exemplo, a mensagem de um torcedor organizado pode ser interpretada de maneira diferente daquela de um torcedor comum.

O sujeito social, psíquico e linguageiro intervém na construção linguageira que é igualmente social e psicológica, fato que nos faz pensar o ato de linguagem como encenação (do francês *mise en scène*), na qual a comunicação é construída na relação do sujeito comunicante com seu público, podendo reconstruí-las na situação de comunicação. Assim, temos um jogo entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante, ilustrada por Charaudeau (2016) no seguinte quadro:

**Figura 1: Representação do ato de linguagem e os sujeitos**




FONTE: Charaudeau, 2016, p. 52

Na figura 1, temos a representação do processo de produção inter-relacionado ao processo de interpretação. Como se pode notar, a Situação de Comunicação inclui a finalidade contratual (objetivo ou propósito da comunicação) e o *projeto de fala* (estratégia de como o falante pretende alcançar a finalidade por meio da comunicação).

O espaço externo envolve os sujeitos como seres sociais — o EUc (Sujeito- comunicante) e o TUi (Sujeito-interpretante) —, representando o meio social mais amplo no qual a comunicação está inserida e incluindo as relações sociais e culturais que influenciam o ato de linguagem. Tanto o sujeito-comunicante quanto o sujeito-interpretante estão nesse espaço, que é o lugar de fazer, ou seja, onde os projetos de fala ou de escrita são construídos. Sendo assim, temos atores sociais, denominados interlocutores, que fazem parte do espaço real, em outras palavras, eles são os sujeitos que pensam, imaginam e exprimem o que pensaram e imaginaram, influenciando e sendo influenciados pelo meio social. Esses são os sujeitos empíricos, que fazem parte da transformação do mundo real e sempre ocupam um determinado papel social segundo o contrato de comunicação no qual estão inseridos, o que os levará a produzir determinados atos linguageiros.

No espaço interno, em que há a discursivização do processo de enunciação e de recepção da mensagem entre o EUe (Enunciador) e o TUd (Destinatário), o "dizer" acontece, ou seja, o ato de comunicação em si acontece. Esse dizer é a mensagem que é formulada pelo EUe e destinada ao TUd, sendo o conteúdo explícito da comunicação. Portanto, enquanto o espaço interno trata do ato de dizer e ouvir, o espaço externo engloba as influências sociais e situacionais mais amplas.

No quadro ilustrado por Charaudeau (2016) estão envolvidos os sujeitos destinatário (TUd), interpretante (TUi), enunciador (EUe) e comunicante (EUc):

- **Sujeito Comunicante (EUc):** é aquele que inicia a comunicação com

a intenção de transmitir uma mensagem, sendo determinado pelo contrato subjacente à situação de comunicação em que se encontra engajado. O EUc tem uma finalidade e um propósito ao comunicar-se, esperando ser compreendido pelo destinatário.

- **Enunciador (EUe):** é uma imagem do sujeito comunicante (EUc). O EUe é responsável por elaborar o "*projeto de fala*" que expressa as intenções do EUc.

- **Destinatário (TUd):** é o destinatário ideal que o sujeito comunicante (EUc) tem em mente ao formular sua mensagem. O EUc espera que sua mensagem seja compreendida pelo TUd, baseado nas circunstâncias do discurso que envolvem o meio e o conhecimento compartilhado.

- **Sujeito Interpretante (TUi):** é aquele que interpreta a mensagem. Diferente do TUd, o TUi não é uma criação do EUc, pois a compreensão da mensagem depende da percepção e do entendimento do próprio receptor. Isso significa que existe uma certa opacidade ou imprevisibilidade em como o EUc será construído pelo TUi.

É importante destacar que algumas das torcedoras que escrevem (EUc) são estudantes de Jornalismo ou têm formação superior na área. Assim, além de atuarem como colunistas no *blog Mulheres em Campo*, elas desempenham outros papéis na sociedade, especialmente no setor da comunicação. No entanto, no *blog*, todo o trabalho é voluntário e nenhuma formação específica é obrigatória para participar dele. Isso porque as administradoras da página valorizam ter em sua equipe torcedoras que representam os clubes, independentemente de sua formação na área midiática. Nos tecnotextos do *blog Mulheres em Campo*, ao final deles, encontramos a marca do emissor do mundo real, por exemplo: "Por Jéssica Nogueira Gonçalves".

Também entendemos que o sujeito destinatário (TUd) visado pode ser tanto o leitor do blog quanto o torcedor que acompanha a trajetória do ídolo descrito pela autora. Dentre as várias possibilidades de destinatários, incluem-se também nós, pesquisadores, que buscamos, em publicações como essas, compreender as estratégias de escrita dessas torcedoras. Sendo assim, no *blog Mulheres em Campo*, podemos identificar a existência de inúmeros TUd, que podem ser inferidos a partir das marcas textuais, como o(a) torcedor(a) do clube no qual o jogador fez história, o leitor ou leitora do *blog* que tem interesse em saber mais sobre tal ídolo, entre outros. Em alguns casos, os possíveis TUd também estão explicitamente mencionados no texto, como veremos em nossas análises. Nesse caminho, chegamos ao contrato de comunicação — assunto a seguir.

## 3.2 O contrato de comunicação no *Blog MEC*

Charaudeau (2005) entende como semiotização ou discursivização do mundo o processo de transposição pressuposto pelo *contrato de comunicação*. Nesse processo, os fatos do mundo natural são representados pela linguagem por meio de dois outros processos: o de transformação e o de transação. Esses fatores são essenciais para a determinação do *contrato*. Na transformação, em que o mundo real se transforma em mundo representado, os mecanismos utilizados são a identificação, a qualificação, a processualização e a ca usação. Por sua vez, a transação torna o mundo representado em objeto de troca por meio de quatro princípios, o da alteridade, o da pertinência, o da influência e o da regulação. É nesse processo de transação que o contrato se firma e é reconhecido.

Com isso, para que o ato de linguagem tenha sucesso, o *contrato de comunicação* precisa ser constituído e entendido pelos envolvidos no ato. De acordo com Halfeld (2014), o gênero digital *blog* pode firmar diferentes contratos de comunicação. Segundo o pesquisador, para identificar o tipo de contrato de um *blog* é necessário depreender elementos linguísticos

construídos por meio dos processos de transformação. Diante disso, ele levanta a hipótese de que quem o escreve e quem o lê definem os diferentes contratos.

O *blog Mulheres em Campo* é dedicado a assuntos relativos aos jogos de futebol masculino e feminino de várias séries do Campeonato Brasileiro, assim como outros campeonatos — estaduais, nacionais e internacionais. Entre 2015 e 2018, uma seção de *posts* especiais foi aberta para que as colunistas pudessem escrever sobre seus ídolos do futebol. As autoras dos textos, os sujeitos comunicantes (EUc), como vimos, são pessoas que exercem papéis sociais diversos, porém, o objetivo delas é o mesmo: registrar informações sobre seus ídolos, mas também contar sobre sua relação com esses jogadores.

Apesar de o uso mais tradicional de um *blog* ser o de diário íntimo, esse não é o foco do *blog Mulheres em Campo*. Na página "Ídolos", as blogueiras enunciam aspectos de sua vida pessoal ao contarem o porquê da escolha por um ídolo para descrever e relatar a história dele, por exemplo. Nessa perspectiva, podemos postular que, em todos os tecnotextos, é projetada a figura de uma enunciadora torcedora blogueira que busca, assim, aproximar-se de seus leitores a fim de estabelecer laços de intimidade.

O *contrato de comunicação* do *blog Mulheres em Campo* está baseado na proximidade entre os sujeitos envolvidos no ato de linguagem, em que parece ser que a enunciadora busca produzir um sujeito conhecedor da história do ídolo, apaixonado por futebol, que pode ou não compartilhar com o enunciador essa mesma paixão e idolatria, identificando-se (ou não) com o destinatário.

Nas tecnorrativas do *MEC*, existem inúmeros destinatáros, alguns podemos inferir, como o(a) torcedor(a) do clube onde o jogador fez história, o leitor do blog que tem interesse em saber mais sobre tal ídolo, entre outros. É importante reforçarmos que não temos como medir o número de possíveis

destinatários, o que podemos fazer é elencar algumas das possibilidades de interpretação feitas por nós. Sendo assim, apesar de alguns desses destinatários ideais ficarem explícitos no jogo linguageiro, muitos deles ainda podem ser acrescidos por olhares diferentes.

Para Halfeld (2014, p. 42), "a variedade inerente aos blogs é apenas fruto de um ambiente acessível aos mais diferentes públicos com os mais diversos objetivos, interesses e necessidades", ou seja, a diversidade de contratos que o gênero digital *blog* é passível de engendrar reflete a diversidade proposta pelo meio virtual, com o foco na flexibilidade e na interatividade.

No caso do contrato do *Blog Mulheres em Campo*, ele é caracterizado pela construção de uma relação de proximidade e identificação entre as blogueiras e os (as) leitores (as), fundamentada na paixão comum pelo futebol e pela admiração por ídolos do esporte. As condições externas e internas, os processos de transformação e transação, e as estratégias textuais utilizadas pelas blogueiras contribuem para a criação de um espaço comunicativo no qual a troca de sentidos é facilitada por normas e convenções compartilhadas.

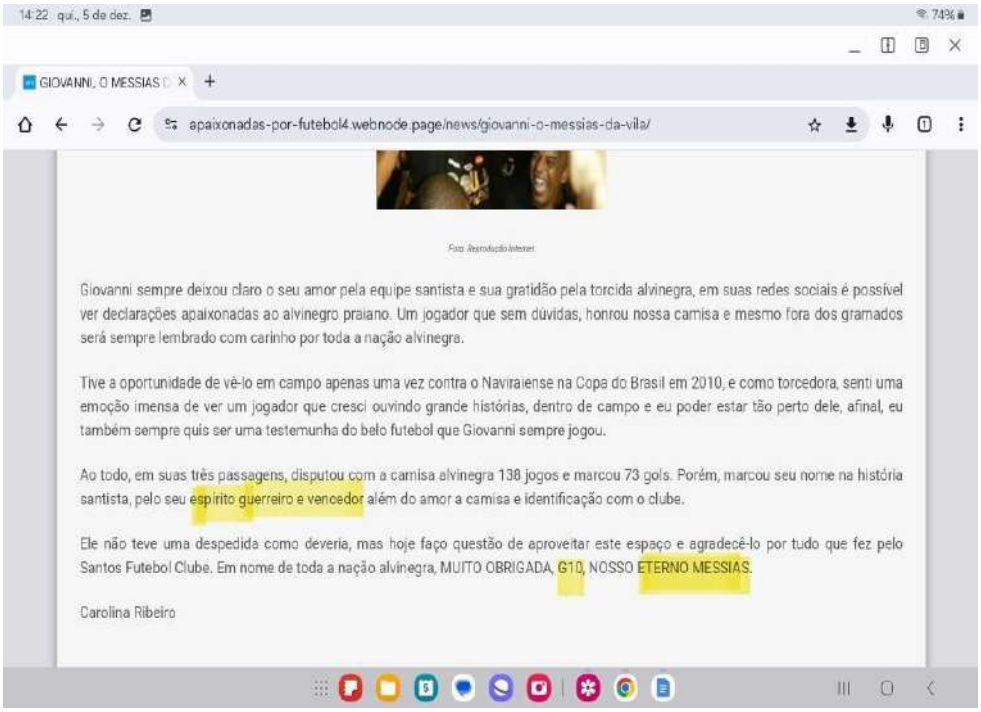
Em resumo, o modelo de Charaudeau mostra que o entendimento idealizado pelo EUc (representado pelo EUe) pode diferir do entendimento real alcançado pelo TUi devido às diferenças na interpretação. Além disso, o enunciador (EUe) age como uma extensão do sujeito comunicante (EUc), carregando suas intenções ao formular a mensagem. O sujeito- comunicante (EUc) realiza uma semiotização do mundo, transformando um mundo a significar em um mundo significado por meio de operações de nomeação, qualificação, descrição e causação.

Nesse processo de transformação, as blogueiras transformam o mundo real em um mundo representado por meio de relatos pessoais, descrições dos jogadores e reflexões sobre o impacto dos ídolos em suas

vidas. Elas utilizam mecanismos de nomeação (identificando os ídolos), de qualificação (descrevendo suas qualidades), de descrição (detalhando e explicando características, atributos e aspectos específicos deles) e de causação (conectando causa e efeito, ligando as ações e suas consequências).

No texto do *blog MEC*, "Giovanni, o Messias da Vila", escrito por Carolina Ribeiro, a autora constantemente identifica Giovanni, atribuindo-lhe títulos como "Messias" e "G10". A nomeação começa logo no título e se repete ao longo do texto, reforçando a importância do jogador. A autora também utiliza qualificações para descrever as qualidades de Giovanni como jogador e pessoa. Para isso, ela destaca suas habilidades em campo, sua identificação com o clube e seu impacto emocional nos torcedores. O jogador é qualificado com termos como "guerreiro" e "vencedor", conforme podemos observar nas marcações a seguir:

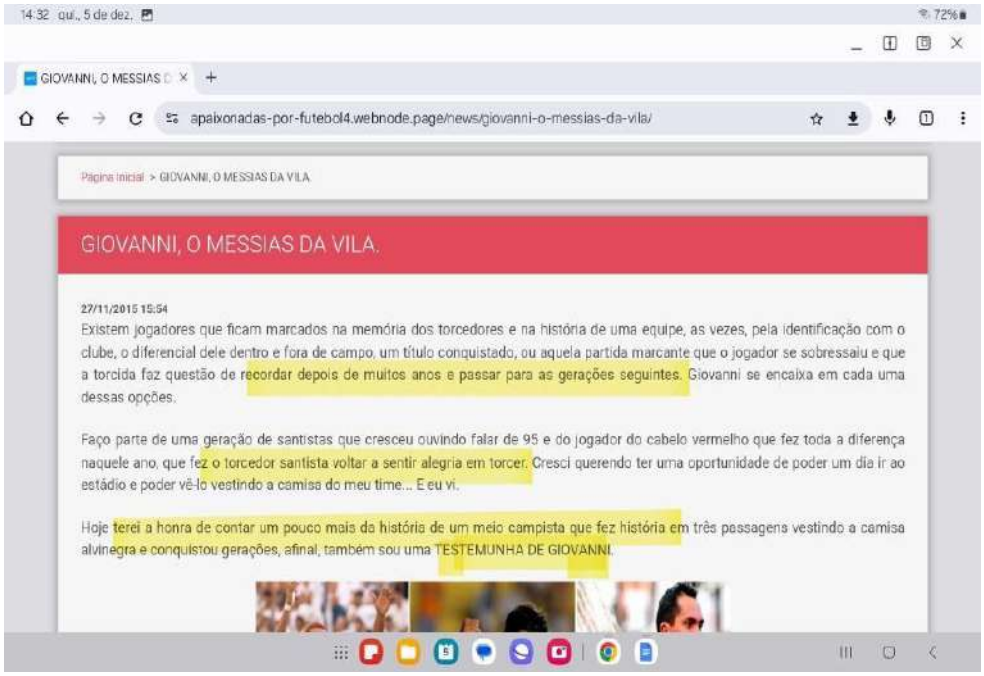
**Imagem 4: Captura de tela do texto "Giovanni, o Messias da Vila" com destaque para os mecanismos de nomeação e qualificação**




FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/giovanni-o-messias-da-vila/

Quanto à descrição, o tecnotexto detalha vários aspectos da carreira de Giovanni, incluindo suas origens, sua trajetória em diferentes clubes e momentos marcantes no Santos. Por fim, os mecanismos de causação buscam conectar as ações de Giovanni às consequências tanto no campo quanto no impacto emocional sobre os torcedores. A partir de um conjunto de processos retóricos, a torcedora busca construir uma imagem de Giovanni como um ídolo e uma figura histórica para o Santos Futebol Clube, reconhecido e admirado por gerações de santistas. Vejamos:

**Imagem 5: Captura de tela do texto "Giovanni, o Messias da Vila" com destaque para os mecanismos de descrição e causação**




FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/giovanni-o-messias-da-vila/

No processo de transação, a comunicação é construída na medida em que as blogueiras e os (as) leitores (as) compartilham a mesma paixão por meio de princípios como a alteridade (reconhecimento da posição do outro), a pertinência (relevância dos temas abordados) e a influência (possíveis efeitos visados tais como o impacto emocional das tecnonarrativas). Nesse

sentido, a narrativa sobre Giovanni exemplifica como esse princípios são aplicados para criar uma comunicação eficaz e emocionalmente envolvente:

- **Alteridade:** a autora reconhece a posição do leitor ao compartilhar sua própria história de torcedora e discursivizar suas emoções, o que contribui para afirmar uma uma identificação e um possível senso de comunidade. Exemplo: "Faço parte de uma geração de santistas que cresceu ouvindo falar de 95 e do jogador do cabelo vermelho que fez toda a diferença naquele ano…"

- **Pertinência:** a relevância do tema é evidente, pois a história de Giovanni é significativa para os torcedores do Santos e para os fãs de futebol em geral. Exemplo: "Giovanni se encaixa em cada uma dessas opções" (referindo-se às maneiras pelas quais jogadores se tornam memoráveis para os torcedores).

- **Influência:** a visada patêmica é inferida quando a autora narra momentos decisivos e emocionantes da carreira de Giovanni, como a semifinal contra o Fluminense e a final contra o Botafogo. Exemplo: "E vencemos! A equipe santista precisava ganhar por 3 gols de diferença para garantir uma vaga para a final…"

A partir da identificação desses mecanismos, entendemos que as blogueiras utilizam estratégias textuais para criar uma conexão emocional e de identificação com os (as) leitores (as). O uso de linguagem informal, as referências pessoais de caráter biográfico, além da abordagem narrativa contribuem para a construção desse contrato.

De acordo com Charaudeau (2015), o discurso depende da situação de comunicação dentro de uma determinada comunidade social. Para isso, é necessária uma referência baseada em convenções e normas que possibilitem e que regulem a comunicação humana — um lugar de fala repleto de restrições e de valor. Essas restrições se estabelecem "por um jogo de

regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos para justificar essas mesmas práticas a fim de valorizá-las" (Charaudeau, 2015, p. 67).

Sendo assim, o ato de comunicação tem sentido quando o contrato de comunicação o valida, visto que o contrato são as condições comuns entre os membros de uma comunidade para que o ato se realize. É o contrato que permite que o EUc suponha que o TUi compartilhe com ele as mesmas normas, convenções, acordos e saberes. Isso tem a ver com a intencionalidade do EUc, que utilizará estratégias para organizar e encenar seu *projeto de fala* de modo que o TUi se identifique com o TUd. Portanto, o que se espera, em um ato de linguagem, é que o contrato seja reconhecido e interpretado pelo sujeito interpretante na busca de que os efeitos esperados sejam produzidos.

Contudo, outro aspecto envolve o fenômeno do ato de linguagem, o da imprevisibilidade. Nesse caso, Charaudeau (2016) define o ato como uma expedição e uma aventura. Diferentemente da expedição da intencionalidade, a aventura da imprevisibilidade está relacionada com percepção e interpretação do sujeito interpretante (TUi), que pode não ser a esperada pelo sujeito comunicante (EUc). Isso quer dizer que o ato de linguagem é uma aposta, na qual o *contrato de comunicação* envolve sujeitos que são, ao mesmo tempo, seres sociais e seres discursivos. Portanto, o *contrato de comunicação* envolve uma série de elementos que configuram a troca comunicativa entre as blogueiras (como sujeitos comunicantes) e seus leitores (como sujeitos interpretantes e destinatários).

Ainda assim, o indivíduo supõe que seu interlocutor reconhecerá essas restrições, ao mesmo tempo em que o interlocutor espera, daquele que se dirige a ele, consciência delas. Esse acordo prévio resultante do reconhecimento de ambos dentro de um mesmo quadr o de referência é, como vimos, o que o autor nomeia de *contrato de comunicação,* que, por sua vez,

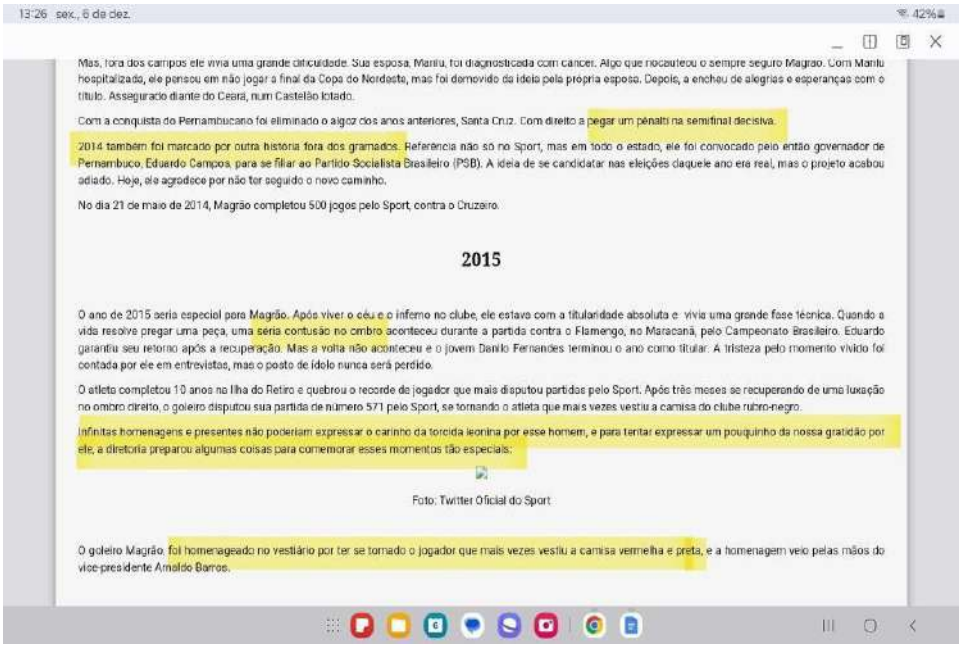
resulta da congruência entre os dados externos (condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo) e os dados internos (espaço de locução, espaço de relação e espaço de tematização) da situação de comunicação.

Quanto à identidade, as blogueiras do *Mulheres em Campo* são torcedoras de futebol que escrevem sobre seus ídolos e times favoritos. Os leitores (as) do *blog*, provavelmente, são torcedores (as) de futebol, dos (as) quais inferimos que estão interessados (as) em histórias sobre ídolos do esporte, como apresentamos anteriormente, ao analisarmos os possíveis TUd inscritos nesse projeto de palavra. Em relação à finalidade, o objetivo principal do *blog* é registrar informações sobre os times de futebol e as partidas jogadas por eles. Especificamente, na página ídolos, o objetivo é apresentar informações sobre ídolos do futebol, compartilhar histórias pessoais relacionadas a esses jogadores e criar um espaço de troca e identificação entre torcedores. O propósito envolve o fato de o *blog* apresentar informações que podem possibilitar a criação de laços emocionais entre os leitores e as blogueiras. Nesse sentido, a escrita é muitas vezes confessional e também testemunhal, que se baseia em um "eu vi/ouvi/vivi", refletindo experiências pessoais e gerando uma sensação de intimidade e proximidade. Outro fator externo é o dispositivo, que neste caso é o *blog* — plataforma digital que permite, na maioria das vezes, interações mais dinâmicas e informais.

Ainda na construção do contrato, fatores internos mobilizam diferentes espaços. O espaço de locução envolve a enunciação que é marcada por uma voz pessoal e íntima, visto que as blogueiras frequentemente se posicionam como torcedoras e admiradoras de seus ídolos, compartilhando histórias e experiências pessoais. Outro espaço mobilizado são os das relações entre as blogueiras e os (as) leitores (as), que busca ser de proximidade e de identificação. Por fim, quanto à tematização, o foco dos textos concentra-se em ídolos do futebol e nas histórias associadas a esses jogadores.

No tecnotexto “Santo? Paredão? Máquina? Não, Magrão”, escrito por Beatriz Cunha, por exemplo, podemos verificar como esses fatores se apresentam no *Blog MEC*. A tecnonarrativa é escrita por uma torcedora que compartilha informações detalhadas e histórias pessoais sobre Magrão, como no trecho destacado sobre o pênalti na semifinal, a relação política do jogador, a contusão em 2015, além das homenagens que reforçam a identidade do *blog* como um espaço de torcedores para torcedores, o que também revela a condição de finalidade de registrar esses fatores.

**Imagem 6: Captura de tela de trecho com destaques para identidade e finalidade do tecnotexto sobre o ídolo Magrão**



Mas, fora dos campos ele vivia uma grande dificuldade. Sua esposa, Manilu, foi diagnosticada com câncer. Algo que nocauteou o sempre seguro Magrão. Com Manilu hospitalizada, ele pensou em não jogar a final da Copa do Nordeste, mas foi demovido da ideia pela própria esposa. Depois, a encheu de alegrias e esperanças com o título. Assegurado diante do Ceará, num Castelão lotado.

Com a conquista do Pernambucano foi eliminado o algoz dos anos anteriores, Santa Cruz. Com direito a pegar um pênalti na semifinal decisiva.

2014 também foi marcado por outra história fora dos gramados. Referência não só no Sport, mas em todo o estado, ele foi convocado pelo então governador de Pernambuco, Eduardo Campos, para se filiar ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). A ideia de se candidatar nas eleições daquele ano era real, mas o projeto acabou adiado. Hoje, ele agradece por não ter seguido o novo caminho.

No dia 21 de maio de 2014, Magrão completou 500 jogos pelo Sport, contra o Cruzeiro.

**2015**

O ano de 2015 seria especial para Magrão. Após viver o céu e o inferno no clube, ele estava com a titularidade absoluta e vivia uma grande fase técnica. Quando a vida resolve pregar uma peça, uma séria contusão no ombro aconteceu durante a partida contra o Flamengo, no Maracanã, pelo Campeonato Brasileiro. Eduardo garantiu seu retorno após a recuperação. Mas a volta não aconteceu e o jovem Danilo Fernandes terminou o ano como titular. A tristeza pelo momento vivido foi contada por ele em entrevistas, mas o posto de ídolo nunca será perdido.

O atleta completou 10 anos na Ilha do Retiro e quebrou o recorde de jogador que mais disputou partidas pelo Sport. Após três meses se recuperando de uma luxação no ombro direito, o goleiro disputou sua partida de número 571 pelo Sport, se tornando o atleta que mais vezes vestiu a camisa do clube rubro-negro.

Infinitas homenagens e presentes não poderiam expressar o carinho da torcida leonina por esse homem, e para tentar expressar um pouquinho da nossa gratidão por ele, a diretoria preparou algumas coisas para comemorar esses momentos tão especiais:

Foto: Twitter Oficial do Sport

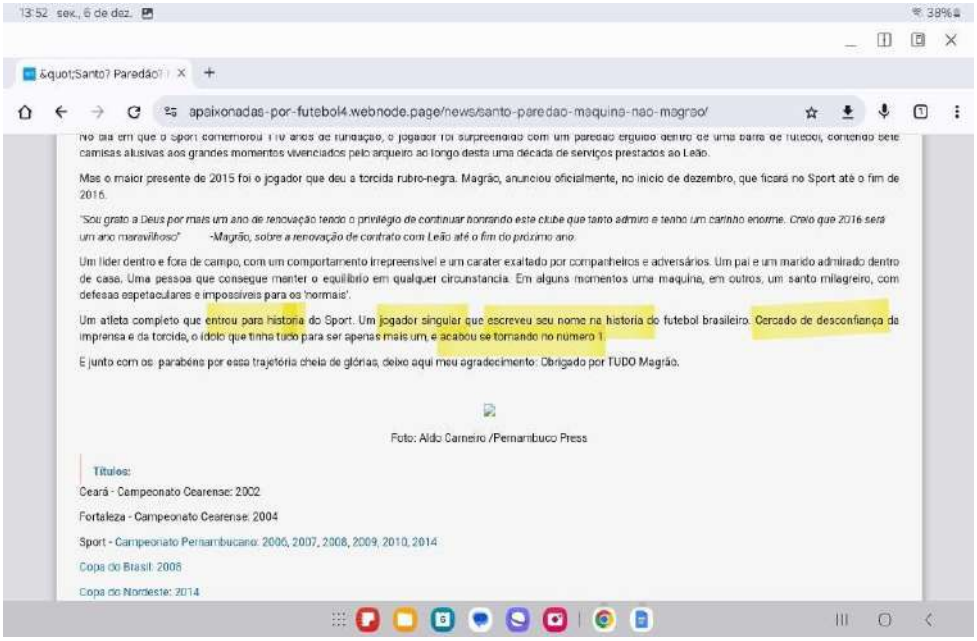
O goleiro Magrão foi homenageado no vestiário por ter se tornado o jogador que mais vezes vestiu a camisa vermelha e preta, e a homenagem veio pelas mãos do vice-presidente Arnaldo Barros.

FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/santo-paredao-maquina- nao-magrao/

O propósito é revelado pela narrativa confessional e íntima, mostrando a relação pessoal da autora com o ídolo e o impacto dele em sua vida e na comunidade de torcedores. Isso é passível de criar uma conexão emocional, pois constrói a imagem de um jogador que fez história por ser um exemplo no meio futebolístico. Mesmo sem a presença de comentários, o texto cria uma expectativa de que se é possível engajar os leitores por causa

da escrita emotiva e detalhada, visando afirmar um senso de comunidade e discursivizar emoções compartilhadas. Vejamos no trecho destacado:

**Imagem 7: Captura de tela de trecho com destaque para o propósito dos tecnotextos**




FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/santo paredao-maquina- nao-magrao/

No mesmo trecho acima, assim como em outras publicações da página Ídolos, podemos encontrar exemplos em relação aos fatores internos que, no espaço de locução, a enunciadora apresenta um tom[20], utilizando termos e expressões que discursivizam a emoção de admiração pelo jogador e a conexão com o clube. No espaço de relação, a autora se coloca como uma torcedora, igual aos leitores, encenando um dizer que visa criar identificação e proximidade. Por fim, na tematização, a história de Magrão é contada a partir do uso de recursos lexicais que expressam emoção e visam reconstruir fatos históricos, destacando suas conquistas e seus momentos marcantes, o que pode ser passível de despertar a emoção de admiração dos

[20] O tom é o que permite que o texto, seja ele escrito ou falado, tenha uma espécie de sonoridade própria, que revela a forma de expressão do enunciador. Para Dominique Maingueneau, o tom é um elemento indispensável para a construção da identidade associada a uma determinada posição discursiva.

leitores e a conexão com o ídolo.

Nesse cenário, o contrato de comunicação é baseado na discursivização de paixões comuns, como o amor pelo futebol e a admiração por jogadores específicos. Enquanto isso, a busca por produzir um efeito de proximidade resulta da adoção de estratégias discursivo- retóricas que dizem respeito à encenação de um tom confessional e pela reconstrução de histórias pessoais contadas, principalmente quando as narrativas destacam a importância dos ídolos na vida das blogueiras e, consequentemente, na vida dos torcedores do clube, dos fãs dos jogadores e de boa parte do público que gosta de futebol.

### 3.3 Identidades no *Blog MEC*

Os textos sobre ídolos do futebol escritos e publicados por colunistas do *Blog Mulheres em Campo* resultam em possibilidades de análises na perspectiva Semiolinguística em concomitância com a Epistemologia do Futebol. Assim, buscamos realizar uma interdisciplinaridade que nos permita propor uma abordagem mais completa dos Imaginários Socio-discursivos que são compartilhados em espaços como o do futebol e o da blogosfera, principalmente aqueles relacionados à presença das mulheres neles.

Charaudeau (2005) entende a Análise do Discurso como um campo próprio entre as disciplinas, com métodos, objetos, técnicas e instrumentos próprios. Na Semiolinguística, abordagem teórica-metodológica desenvolvida por ele, na qual se apoia este trabalho, a linguagem está em relação direta com outros fenômenos, lidando com a ação e a influência deles no âmbito social e psicológico. Em outras palavras, o autor entende que o sentido se dá na construção linguageira, que é também psicológica e social, pois se realiza pela intervenção de um sujeito igualmente social, psíquico e linguageiro. Sendo assim, ao efetuar uma crítica dos limites do estruturalismo, a Análise do Discurso procura articular aspectos linguísticos e históricos, buscando na parte do dizível — à qual se tem acesso — o sistema

que o constitui e a identidade que o delimita.

No *Blog Mulheres em Campo,* podemos considerar que os textos analisados refletem a interseção entre a linguagem e outros fenômenos sociais e psicológicos ao descreverem as conquistas e habilidades de seus ídolos, não apenas por relatarem fatos históricos, mas também por serem um meio de as colunistas expressarem sua própria admiração e paixão. As blogueiras misturam informações sobre os jogadores com suas experiências pessoais como torcedoras. Portanto, esses textos não são apenas narrativas descritivas; eles são construções linguísticas que refletem as identidades sociais e psicológicas das autoras. O sentido que elas atribuem aos eventos e personagens descritos é moldado por suas próprias vivências, crenças e pela cultura futebolística que as cerca.

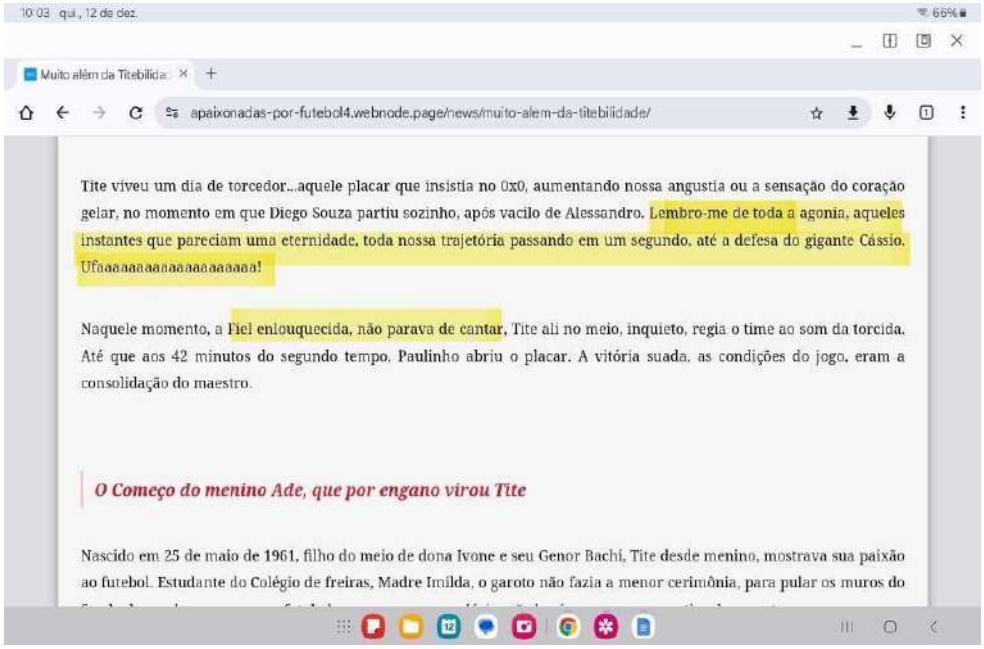
O tema das identidades, considerando seus aspectos sociais e discursivos, também é abordado por Charaudeau (2009). Para ele, existem três razões principais para considerar essa abordagem importante: a conexão entre disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, a distinção entre língua e discurso e a construção da identidade do sujeito. Essa última, o autor propõe discuti-la, enfatizando a importância dessa relação na construção do sujeito, visto que a identidade discursiva não pode ser separada de uma identidade social. Em outras palavras, a identidade de um indivíduo é formada e se expressa por meio do discurso, mas esse discurso é sempre influenciado pela identidade social dele.

De uma forma geral, a identidade é vista pela filosofia contemporânea, conforme aponta Charaudeau (2009), como essencial para a consciência do sujeito sobre sua existência. Entretanto, para que a consciência de si ocorra é necessário perceber a diferença em relação ao outro. Sendo assim, a identidade se constrói na relação com o outro, em um processo de reconhecimento mútuo de semelhanças e diferenças — o *Princípio de alteridade.* Esse processo envolve uma dinâmica de atração e rejeição: a atração pela curiosidade sobre o outro e a rejeição pela percepção do outro

como uma ameaça à própria identidade, podendo levar à formação de preconceitos que servem como mecanismos de defesa.

Nesse cenário, considerando que esse equilíbrio entre aceitação e rejeição é um processo contínuo e complexo no qual traços de identidade são construídos, Charaudeau (2009) destaca que a identidade é composta de diversos traços. Portanto, entendemos que nosso *corpus* é composto por traços identitários da enunciadora. Além disso, quando ela escreve sobre o ídolo, ela projeta dele traços etóticos que seriam relacionados à identidade do jogador. Por exemplo, na postagem "Muito além da Titibilidade" — primeiro texto publicado na aba Ídolos — podemos perceber que Mariana Alves, ao escrever sobre Tite e sua trajetória no Corinthians, não apenas relatou os fatos, mas também se revelou como uma torcedora fervorosa[21]:

**Imagem 8: Captura de tela com trecho destacado no tecnotexto de Mariana Alves**



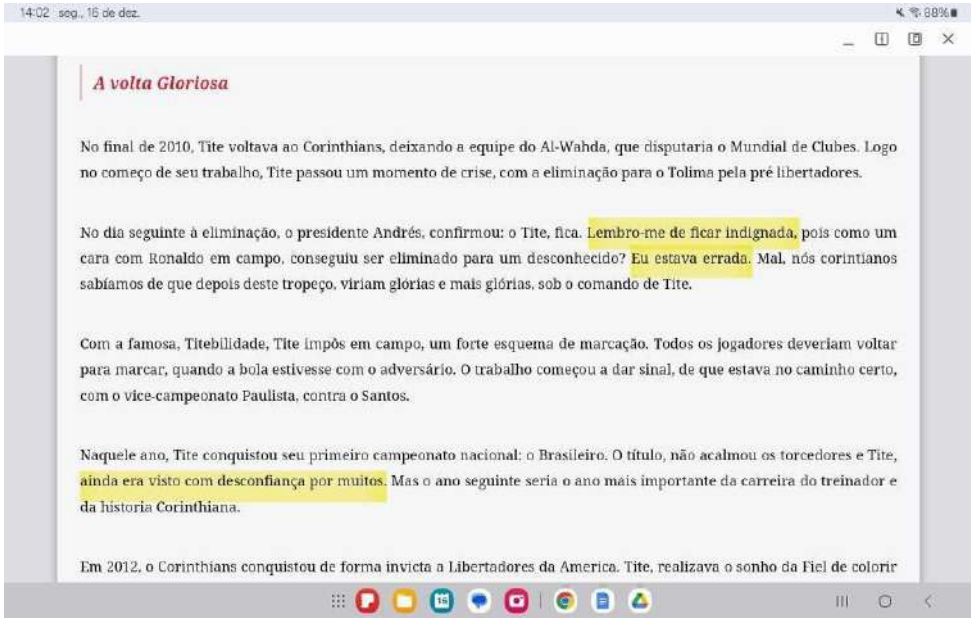

FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/muito-alem-da-titebilidade/

[21] De acordo com o Dicionário Michaellis fervoroso significa 1 Que ferve; fervente; 2 Que revela fervor; ardoroso; 3 Que transmite grande calor; ardente; 4 Que revela grande devoção religiosa; piedoso; 5 Que é extremamente dedicado; zeloso; 6 Que é muito ativo; aplicado, diligente.

Em sua narrativa, a enunciadora discursiviza a emoção de gratidão por Tite, como na descrição do jogo contra o Vasco em 2012, quando Tite foi expulso e foi para o alambrado junto à torcida, em que ela aponta: “Tite viveu um dia de torcedor” e em “Tite ali no meio, inquieta, regia o time ao som da torcida”, em que o “meio” é o alambrado, o “meio” da torcida. Essa narrativa é permeada pela narrativização de sentimentos de tensão, alívio e euforia, que indicam um processo pelo qual, na e pela enunciação, a enunciadora reflete sobre sua própria experiência como torcedora.

Para tanto, a blogueira projeta traços identitários relacionados a uma torcedora que vive intensamente cada momento do jogo, mobiliza recursos lexicais que expressam a emoção da angústia. Assim, sua narrativa não é apenas um relato, mas uma reconstrução de eventos passados a partir da discursivização de emoções nos eventos. Além disso, ela também reconstrói episódios vivenciados, mostrando uma trajetória de crescimento e compreensão como torcedora, como no exemplo:

**Imagem 9: Captura de tela de trechos com marcas de emoções**



14:02 seg., 16 de dez. 88%

*A volta Gloriosa*

No final de 2010, Tite voltava ao Corinthians, deixando a equipe do Al-Wahda, que disputaria o Mundial de Clubes. Logo no começo de seu trabalho, Tite passou um momento de crise, com a eliminação para o Tolima pela pré libertadores.

No dia seguinte à eliminação, o presidente Andrés, confirmou: o Tite, fica. Lembro-me de ficar indignada, pois como um cara com Ronaldo em campo, conseguiu ser eliminado para um desconhecido? Eu estava errada. Mal, nós corintianos sabíamos de que depois deste tropeço, viriam glórias e mais glórias, sob o comando de Tite.

Com a famosa, Titebilidade, Tite impôs em campo, um forte esquema de marcação. Todos os jogadores deveriam voltar para marcar, quando a bola estivesse com o adversário. O trabalho começou a dar sinal, de que estava no caminho certo, com o vice-campeonato Paulista, contra o Santos.

Naquele ano, Tite conquistou seu primeiro campeonato nacional: o Brasileiro. O título, não acalmou os torcedores e Tite, ainda era visto com desconfiança por muitos. Mas o ano seguinte seria o ano mais importante da carreira do treinador e da historia Corinthiana.

Em 2012, o Corinthians conquistou de forma invicta a Libertadores da America. Tite, realizava o sonho da Fiel de colorir

FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/muito-alem-da-titebilidade/

A enunciadora constrói, nessa situação comunicativa, traços de identidade discursiva, projetando-se uma torcedora apaixonada e leal por meio da sua escrita. Para isso, ela utiliza uma linguagem emocional e pessoal, visando conectar-se com outros torcedores que compartilham a mesma paixão. Com isso, a narrativa mobiliza o modo descritivo a fim de reconstruir detalhes e discursivizar emoções. Ao mesmo tempo, no tecnotexto, o treinador é apresentado com traços identitários etóticos de torcedor por meio de ações e comportamentos que transcendem a mera posição dele. Ao descrever como ele se juntou à torcida, ela não apenas reforçou sua autoridade e liderança, mas também buscou projetar uma imagem de um técnico que é, antes de tudo, um torcedor.

A partir desse exemplo, podemos entender porque Charaudeau (2009) concluiu que a identidade é compósita, ou seja, composta por dados biológicos, psicossociais e comportamentais, que podem ser resumidos em dois tipos: identidade social e identidade discursiva. A identidade social não explica completamente o discurso, mas influencia sua significação. Enquanto a identidade discursiva depende da identidade social para ser construída e é a combinação dessas duas que determina o poder de influência do sujeito falante.

Portanto, nos tecnotextos do *Blog Mulheres em Campo*, percebemos uma relação entre a identidade social da blogueira-torcedora e a identidade discursiva que ela projeta. Sendo assim, as enunciadoras marcam sua identidade discursiva a partir do uso de pronomes de primeira pessoa no singular; contudo, elas também usam a primeira pessoa no plural, mas, dessa vez, quando buscam sinalizar a pertença clubística, fazer-se porta-voz do time e dos (das) demais torcedores (as).

Dentro dessa perspectiva, Charaudeau (2009) propõe um modelo de análise do discurso baseado em três tipos de competências e três tipos de

estratégias. As competências incluem a competência:

- **comunicacional (ou situacional):** aborda a capacidade de reconhecer a estrutura e as restrições da situação de comunicação, incluindo as normas, regras e expectativas que governam a interação. Além disso, envolve reconhecer as características sociais dos participantes da comunicação, como seu *status*, seu papel social e sua posição na relação comunicacional, a partir das quais se estabelece legitimidade e dinâmicas de poder. Enfim, a identidade comunicacional combina a identidade social, atribuída por estatuto, com a identidade discursiva, que é construída durante a interação;

- **semântica:** refere-se à organização e tematização dos saberes, ou seja, envolve estruturar e categorizar os conhecimentos, sendo esses saberes as referências que o sujeito usa ao se comunicar. Ao tematizá-los, ele seleciona e destaca certos saberes para discussão;

- **discursiva**: diz respeito às possibilidades de organização do discurso, tratando da habilidade de estruturar o discurso de maneira enunciativa, narrativa e argumentativa, adaptando-se às restrições comunicacionais.

Para Charaudeau (2009), ainda é preciso destacar a importância de uma competência semiolinguística para que haja uma comunicação eficaz.

> Mas é necessário igualmente que o sujeito tenha uma *competência semiolinguistica*, a qual lhe permite combinar formas (escolha das formas em relação com o sentido e as regras de combinação), em função das restrições da língua, e em relação com as restrições do quadro situacional e os dados da organização discursiva. A identidade discursiva encontra aqui sua"corporificação" (Charaudeau, 2009, n.p.).

Essa competência envolve a habilidade de escolher e combinar palavras e estruturas de maneira que faça sentido, respeitando as regras da língua e as limitações impostas pela situação de comunicação. Por meio dessa competência, a identidade discursiva do sujeito se concretiza, encontrando,

como vimos, o que o autor denomina de “corporificação”.

Quanto às estratégias discursivas, elas são definidas em relação ao contrato de comunicação:

> Para o sujeito, trata-se inicialmente de avaliar a margem de manobra de que dispõe no interior do contrato, para jogar entre, e com as restrições situacionais e as instruções de organização discursiva e formal. Em seguida, escolher, entre os modos de organização do discurso e os modos de construção textual, em relação com os diferentes conhecimentos e crenças de que dispõe, os procedimentos que melhor correspondam a seu próprio projeto de fala, às metas da influência que pretende exercer sobre o interlocutor, e às condiçõesqueele se impõe (Charaudeau, 2009, n.p.).

Elas podem ser divididas em estratégias não excludentes, sendo de legitimação (para criar ou reforçar a posição de legitimidade), de credibilidade (para garantir que o discurso seja considerado “digno de fé”) e de captação (para obter a adesão absoluta do interlocutor). De acordo com Charaudeau (2009, n.p.), “estes três tipos de estratégias constroem uma identidade discursiva própria ao sujeito, ao passo que o contrato de comunicação constrói, por suas instruções, uma identidade discursiva convencional, a que se coloca em conformidade com o contrato”. Assim, o sujeito pode optar por seguir ou não as instruções do contrato de comunicação.

De acordo com Charaudeau (2009), a identidade social é crucial para a legitimidade do sujeito, sendo reconhecida pelos outros e conferindo a ele o “direito à palavra”. Essa legitimidade se refere à autorização para agir de certa maneira, baseada em normas institucionais, a qual cada domínio social (jurídico, médico, econômico, midiático) tem suas próprias regras que a conferem. No jurídico, ela vem de diplomas e concursos; no médico, da expertise e ética; no econômico, do lucro e respeito às leis. No campo midiático, questionar a legitimidade de seus atores (jornalistas, empresas de mídia, etc.) é mais complexo do que em outros domínios. Isso ocorre porque a mídia tem uma capacidade notável de se recuperar de seus próprios erros e

desvios. Porém, ao operar entre a informação cidadã e a concorrência comercial, ela enfrenta desafios únicos de legitimidade. Enquanto tem a capacidade de se recuperar de seus próprios erros, práticas como a busca desenfreada por “exclusivas”, a disseminação de informações não verificadas e a espetacularização das notícias podem comprometer sua credibilidade e seu dever de informar de maneira ética e responsável.

Além disso, existe uma legitimidade conferida pelo reconhecimento comunitário, como prêmios e títulos, ou pela experiência e engajamento pessoal. Para Charaudeau (2009, n.p.) ela

> é atribuída *de fato*, pela força do reconhecimento, por parte dos integrantes de uma comunidade, do valor de um de seus membros. [...] Pode acontecer um curioso deslocamento entreestalegitimidade, atribuídaem nome de um certo “saberfazer”, e uma “legitimidade da palavra” : a dos antigos desportistas que se tornam jornalistas ou dos diretores de cinema que passam a exercer a crítica cinematográfica, etc. ; a do engajamento pessoal que permite falar em nome de sua prática (“eu pertenço ao partido comunista, eu sei do que estou falando”); a do testemunho que permite falar em nome de uma experiência vivida (“aconteceu comigo” ou “eu estava lá”, “posso testemunhar”). Isso porque o premiado, o medalhista, o homenageado, o engajado e a testemunha estão como num pedestal, é neles que uma comunidade pode olhar-se e reconhecer-se. Esta “legitimidade da palavra” provém de um “saber fazer”.

Por outro lado, a noção de identidade discursiva se refere à forma como um sujeito constrói sua imagem através da maneira como fala, respondendo à pergunta implícita: "Estou aqui para falar como?". Essa construção depende de estratégias duplas: de credibilidade e de captação (Charaudeau, 2009). Vejamos seus principais aspectos no quadro a seguir:

**QUADRO 2: Identidade discursiva com base em Charaudeau (2009)**

| **Estratégias de credibilidade**<br><br>Essas estratégias visam estabelecer a credibilidade do sujeito como falante, construindo uma imagem que o torna digno de confiança e levando seu discurso a ser aceito como legítimo. | | |
|---|---|---|
| **Neutralidade** | **Distanciamento** | **Engajamento** |
| Sujeito apaga julgamentos pessoais, apresenta fatos "em estado bruto", discurso da verdade. | Sujeito adota postura fria e controlada, raciocina e analisa sem paixão, como um especialista. | Sujeito toma posição, escolhe argumentos ou palavras para demonstrar convicção, influenciando o interlocutor. |
| **Estratégias de captação**<br><br>Essas estratégias são formas de "fazer crer" no que está sendo comunicado, apelando à razão (convencimento/persuasão) ou à emoção (sedução) e influenciando, assim, a percepção e compreensão do ouvinte. | | |
| **Polêmica** | **Sedução** | **Dramatização** |
| Antecipar e eliminar possíveis objeções do interlocutor, questionando ideias e valores. | Propor um imaginário onde o interlocutor é um herói beneficiário, relatos com personagens que funcionam como suporte de identificação ou rejeição. | Descrever dramas da vida com analogias, comparações, metáforas, apelando a valores afetivos compartilhados socialmente. |

FONTE: elaborado pela autora (2025)

Machado (2011, p. 59), ao analisar "relatos de vida", comparando excertos de biografias de Lula e Sarkozy, concluiu que "ao escrever, todo autor é dominado por um imperativo de captação: tal imperativo visa atingir a um vasto público ou pelo menos, no caso que aqui nos interessa, ao público que acompanha e ama, respectivamente, as vias políticas de Lula e Sarkozy". Da mesma forma Assis (2023), em sua pesquisa sobre o Twitter como instrumento político, entende que os *posts* dessa rede social são meios pelos quais os políticos, como estratégia de captação, buscam convencer seu destinatário

desqualificando o governo de oposição, seja de forma direta, seja de maneira implícita.

Com isso, entendemos que a identidade discursiva é construída com base nas escolhas do sujeito, mas também é moldada pelos fatores que compõem sua identidade social mais ampla. Charaudeau (2009) aponta que pode haver momentos em que a identidade discursiva reflete diretamente a identidade social, como quando alguém fala de maneira consistente com sua posição socialmente reconhecida. Em outros casos, a identidade discursiva pode mascarar ou deslocar a identidade social, revelando contradições ou intenções ocultas.

Nesse cenário, assim como Lessa (2001), identificamos em nosso *corpus* traços de uma teatralização do discurso do outro, como também preconiza Maingueneau. Visto que, com base em Maingueneau (1997), estamos diante de uma reconstrução de uma cena enunciativa dentro de outra cena enunciativa. Porém, esse processo acontece de maneira parcial ou subjetiva, pois ele está atrelado às intenções do outro; daquele que utiliza o discurso relatado a seu favor. Assim, a teatralização reflete tanto a subjetividade do narrador quanto os objetivos discursivos que ele busca alcançar, assunto que aprofundaremos em nossas análises.

Para Charaudeau (2009), essa interação entre a identidade social e a identidade discursiva não pode ser desvinculada da situação de comunicação. Isso porque a situação de comunicação é definida por um contrato que determina antecipadamente a identidade social dos participantes e fornece diretrizes para seu comportamento discursivo.

Para exemplificar esses procedimentos em situações de comunicação aparentemente parecidas, propomos uma comparação entre a escrita de mulheres torcedoras no *Blog Mulheres em Campo* e a escrita de textos esportivos em um grande jornal. Quanto à identidade social, o *blog* conta com escritoras que são torcedoras e blogueiras, representando uma perspectiva feminina no mundo do futebol. Por outro lado, os portais esportivos

costumam ter, em suas equipes, jornalistas profissionais com uma posição de autoridade e expertise no jornalismo esportivo.

Ainda nesse sentido, a escrita no *blog* permite que os internautas valorizem a perspectiva dessas enunciadoras-torcedoras, que compartilham histórias e opiniões pessoais sobre seus ídolos e suas experiências com o futebol. Por outro lado, os grandes jornais têm uma escrita voltada para um público amplo e diversificado que, geralmente, busca informações objetivas. Além do mais, eles têm como objetivo informar, analisar e comentar sobre eventos e personalidades do esporte com objetividade, maior precisão e profundidade, seguindo normas jornalísticas.

Em relação à identidade discursiva, o *blog MEC* encena um estilo pessoal e emocional, com narrativas em primeira pessoa e expressões de paixão e devoção. As estratégias discursivas são o engajamento, quando as autoras se posicionam como torcedoras dedicadas, e a sedução, quando utilizam histórias pessoais e l inguagem emotiva para estabelecer uma conexão emocional com o leitor. Por fim, a credibilidade está baseada na projeção de estratégias de autenticidade e na reconstrução de vivências pessoais como torcedoras, criando efeitos de sentidos que afirmam sentimentos de comunidade. Diferentemente, ao considerarmos um portal de notícias de um grande jornal, o estilo tende a ser formal e informativo, em busca da persuasão e da neutralidade. Além disso, a credibilidade está baseada na reputação do jornal, assim como na experiência dos jornalistas e na aderência a padrões éticos e profissionais do jornalismo.

Ao compararmos a escrita no *Blog Mulheres em Campo* com a escrita de um portal de notícias esportivas de um grande jornal podemos observar diferenças significativas nas identidades sociais e discursivas. Nesse sentido, o blog busca valorizar a expressão pessoal e emocional, enquanto o portal de notícias, geralmente, pretende focar na objetividade e na análise detalhada. Porém, ambas as abordagens têm seus méritos e atendem a diferentes expectativas e necessidades dos leitores. Entendermos a noção de identidade

é fundamental para a formação e interpretação das visadas discursivas, que são as perspectivas e as intenções presentes nos discursos.

### 3.4 Visadas de informação e de captação na página Ídolos

As visadas estão relacionadas às intencionalidades que determinam a troca linguageira a partir das expectativas do sujeito falante no ato de linguagem. Por isso, como afirma Charaudeau (2004), elas partem da instância de produção que, por sua vez, tem como interlocutor um sujeito destinatário ideal. Para o pesquisador francês: "as visadas correspondem, assim, a atitudes enunciativas de base que encontraríamos em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome de sua orientação pragmática, mas além de sua ancoragem situacional" (Charaudeau, 2004, p. 23). Para definir as visadas, o autor se baseia em dois critérios: a intenção e a posição dos sujeitos. A partir disso, ele propõe seis principais visadas[22], descritas no quadro a seguir:

[22] A visada de captação não está no texto de Charaudeau (2004), por isso, não está presente no quadro, porém será essencial para nossa pesquisa e explicada adiante.

**QUADRO 3: Visadas discursivas**

| VISADA | EU | TU |
|---|---|---|
| "prescrição" | Quer "mandar fazer" | Tu se encontra em uma posição de "dever fazer" |
| "solicitação" | Quer "saber" | Tu se encontra em uma posição de "dever responder" |
| "incitação" | Quer "mandar fazer" a partir de um "fazer acreditar" | Tu se encontra em uma posição de "dever acreditar" |
| "informação" | Quer "fazer saber" | Tu se encontra em uma posição de "dever saber" |
| "instrução" | Quer "fazer saber-fazer" | Tu se encontra em uma posição de "dever saber fazer" |
| "demonstração" | Quer "estabelecer a verdade e mostrar as provas" | Tu se encontra em uma posição de "ter que avaliar" uma verdade |

FONTE: elaborado pela autora (2025) com base em Charaudeau (2004, p. 23-24)

Essenciais para a definição da situação de comunicação, as visadas não devem ser vistas como princípios de organização textual. Além disso, Charaudeau (2004) também destaca que elas não são esquematizações abstratas de um texto, pois se situam antes da organização textual, refletindo a intenção discursiva; nem atos de fala, posto que, embora compartilhem a intencionalidade, elas operam em um nível mais amplo — um ato pode apresentar diferentes visadas. Elas também não podem ser confundidas com as funções de linguagem de Jakobson, pois, embora existam afinidades, as visadas são mais distintivas. Por fim, o autor também aponta que elas não são um princípio de tipologização dos textos porque elas estão antes da configuração textual e não permitem prever essa configuração. Contudo, isso não diminui a essencialidade delas na definição da situação de comunicação.

Charaudeau (2004) explica que cada situação de comunicação pode selecionar várias visadas para definir sua finalidade, com uma ou duas visadas geralmente dominantes. A comunicação midiática, por exemplo, combina visadas de instrução, de incitação e de demonstração, mas é dominada pela visada de informação (para esclarecer o cidadão) e de incitação (para atrair a audiência). Por outro lado, a comunicação publicitária é predominantemente baseada na visada de incitação, embora possa incluir visada de informação. Então, o autor compreende que não há uma correspondência fixa entre visadas discursivas e situações de comunicação. Dado que uma situação pode convocar várias visadas e uma visada pode aparecer em diferentes situações. Para Charaudeau (2004, p. 25) a visada que a finalidade seleciona

> não é o todo da situação de comunicação. Mas ela é um de seus elementos essenciais que se combina com outras características dos outros componentes : a *identidade* dos participantes (por exemplo, para a comunicação midiática, a instância informante de um lado, a instância cidadã do outro ; para a comunicação publicitária, a instância publicista de um lado, a instância consumidora do outro); o *propósito* e sua estruturação temática (por exemplo, para as mídias, os acontecimentos do espaço público; para a publicidade, o sonho do bem-estar do indivíduo); e as *circunstâncias* que precisam as condições materiais da comunicação (rádio, imprensa, televisão, para as mídias; cartazes de rua, propagandas televisivas, encartes nas revistas, para a publicidade).

Quanto ao contrato de informação midiático, por exemplo, Charaudeau (2015) aponta que sua finalidade se encontra na tensão entre uma visada de fazer saber e uma visada de fazer sentir. A segunda, não presente no quadro proposto em 2004, e definida em 2015 por ele como visada de *captação*, torna-se importante para os âmbitos midiáticos e publicitário, assim como no espaço da blogosfera. Para o semiolinguista, uma visada de fazer sentir, ou visada de captação, tende a captar o público, seduzir o máximo de pessoas dentro de uma lógica comercial, o que pode causar tensões no contrato midiático que, diferentemente do publicitário, deveria ter como foco principal informar.

Nesse sentido, a visada que domina na mídia é fazer saber, pois se supõe que a verdade será significada com seriedade e de forma credível. Há, então, um jogo de mascaramento que atravessa o contrato midiático.

> Poder-se-ia defender a ideia inversa e afirmar que, no contrato de informação midiática, tal como no contrato da publicidade, é a segunda visada que prevalece e mascara a primeira. Mas todo contrato de comunicação se define através das representações idealizadas que o justificam socialmente e, portanto, o legitimam. Mesmo sabendo que o discurso de informação se sustenta numa forte tensão do lado da captação, não seria aceitável, sob o ângulo das representações sociais que esta se exercesse em detrimento do fazer saber, embora isso seja perfeitamente aceito para o discurso publicitário (Charaudeau, 2015, p. 87).

Charaudeau (2004) aborda a relação entre a situação de comunicação e o domínio de comunicação, explicando como as características e componentes de uma situação de comunicação específica influenciam a produção e reconhecimento dos atos comunicativos. Para o pesquisador, a particularidade da situação inscreve dados gerais e específicos. Ele exemplifica que o domínio da comunicação política tem características comuns em diferentes situações (comícios, folhetos, declarações), assim como os domínios de comunicação midiática ou publicitária. Essas condições gerais formam um contrato de comunicação, definindo expectativas que possibilitam a intercompreensão. Diante disso, entende-se que "as situações particulares seriam, então, variantes (ou sub-contratos) de um contrato global" (Charaudeau, 2004, p. 26).

Como vimos, a finalidade de cada situação de comunicação pode selecionar uma ou mais visadas das quais se destacam uma ou duas dominantes. Na situação de comunicação dos blogs, de uma maneira geral, podemos observar várias visadas: de instrução ( blogs que ensinam receitas, dão conselhos amorosos entre outros); de informação ( blogs jornalísticos que atualizam seus leitores sobre a realidade do país ou do mundo); de captação ( blogs que buscam seduzir os leitores por meio de publicações que incitam diferentes emoções). No blog MEC, verificamos fortemente as visadas de informação, com o tom jornalístico apresentado, principalmente, nos posts relacionados a pré e pós jogos de futebol. Contudo, nesses tecnotextos, as colunistas utilizam da visada de captação, evitando seguir uma regra subjacente ao contato midiático do discurso de informação que determina a produção de efeitos de

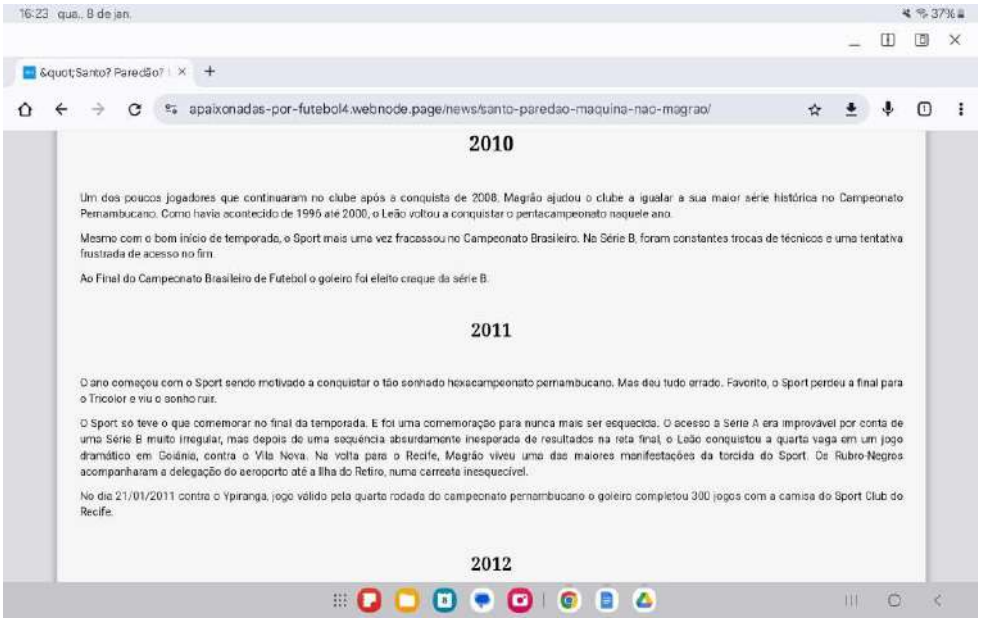
objetividade na produção de notícias, incluindo aquelas que versam sobre o tema do mundo futebolístico.

Especificamente, na página Ídolos, que compõe nosso corpus, além das visadas de informação ao tratar da vida e carreira do ídolo, elas também convocam a visada de fazer sentir (captação), pois trazem imagens e depoimentos no intuito de comprovarem que elas podem escrever sobre a paixão delas por seus ídolos, visto que são torcedoras e não, necessariamente, jornalistas ou historiadoras. Entretanto, é importante reforçarmos que a separação dessas visadas se dá a seguir para fins didáticos, visto que estão intrinsecamente imbricadas.

### 3.4.1 A visada de informação na página Ídolos

Os tecnotextos do *blog Mulheres em Campo* apresentam informações sobre a carreira dos jogadores, alguns abordam desde o início da carreira do profissional até as suas maiores conquistas. Além disso, as enunciadoras incluem datas, eventos importantes, estatísticas de jogos e gols, títulos conquistados. Sendo assim, essas enunciadoras apresentam narrativas que visam reconstruir parte de dados históricos e das trajetórias dos ídolos. Essas narrativas reconstroem partes dessas trajetórias valendo-se do uso de recursos linguísticos que indicam tempo e espaço, como podemos ver no exemplo a seguir:

**Imagem 12: Captura de tela com exemplo de visada de informação no *blog MEC***




FONTE:[https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/santo-paredao-maquina-nao-](https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/santo-paredao-maquina-nao-) [magrao/](magrao/)

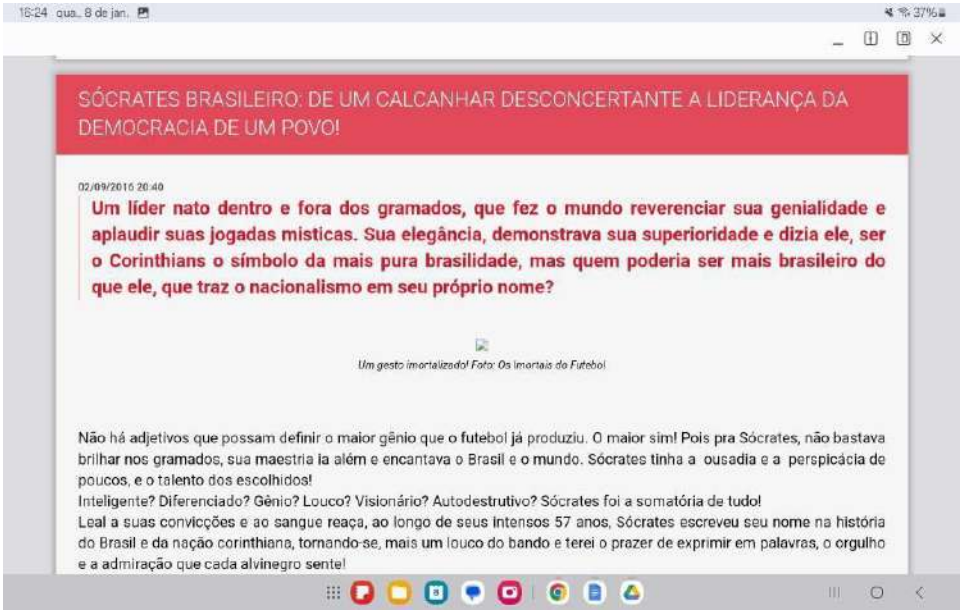
### 3.4.2 A visada de captação na página Ídolos

As enunciadoras mobilizam recursos linguísticos-retóricos que discursivizam sua paixão pelo ídolo. Para isso, as narrativas buscam envolver os leitores com expressões que representam gratidão e admiração, o que pode produzir efeitos de uma possível conexão e identificação emocional. Dessa maneira, elas recorrem a uma linguagem patêmica, carregada de emoção e nostalgia, que visa seduzir e cativar o público, levando-o a revisitar momentos marcantes da carreira dos atletas.

Sendo assim, além de informar, os tecnotextos buscam captar a atenção do leitor, podendo produzir também efeitos de vínculo emocional entre torcedores e jogadores. Tudo isso por meio de narrativas que visam reconstruir as partidas importantes, salientando momentos de impactos emocionais na torcida. Portanto, as torcedoras enunciadoras procuraram "fazer sentir", captando a atenção e a emoção dos leitores, especialmente do

clube no qual o ídolo recebeu esse título. Enquanto isso, a enunciação visa levar o leitor a um estado de "dever sentir" a paixão e a importância desse jogador, sendo seduzido pela narrativa emocional e gloriosa.

**Imagem 13: Captura de tela com exemplo de captação no blog MEC**




FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/socrates-brasileiro-de-um- calcanhar-desconcertante-a-lideranca-da-democracia-de-um-povo/

Neste exemplo, podemos notar que a enunciadora, por meio do uso de adjetivos, como "nato", "gênio", "maior", entre outros, busca criar uma imagem grandiosa de Sócrates, reforçando a visada de captação ao elevar o atleta a um *status* quase mítico. A partir dessas considerações sobre as visadas no *blog MEC*, propomos, em nossas análises, aprofundarmos as visadas dos textos que compõem nosso *corpus* final, a fim de entendermos as posições estratégicas das enunciadoras torcedoras ao projetarem diferentes imagens de seus ídolos.

Entretanto, de uma maneira geral, entendemos que os tecnotextos do *blog* combinam de maneira eficaz, principalmente, as visadas de informação

e de captação para definir a situação de comunicação. A visada de informação predomina nas narrativas, pois elas apresentam o tom jornalístico e biográfico, por vezes acentuando um teor testemunhal, proporcionando ao leitor informações detalhadas sobre as carreiras de jogadores e as histórias deles com diferentes clubes. A visada de captação está fortemente presente nos textos que buscam engajar emocionalmente o leitor, recorrendo, principalmente, ao modo descritivo e às memórias pessoais. Assim, as enunciadoras buscaram criar uma conexão emocional entre o leitor e o conteúdo, fazendo uso da linguagem patêmica.

Os *blogs*, considerando sua genericidade, tendem a mesclar estratégias a serviço dos princípios de influência e de regulação subjacentes ao ato de linguagem. Isso é particularmente evidente nos textos sobre os ídolos no meio futebolístico, em que a paixão e o engajamento das torcedoras são fundamentais.

Nesse cenário, a combinação de visadas permite equilibrar a transmissão de informações com a criação de possíveis efeitos de sentido. Para Charaudeau (2007a, n.p.):

> Assim, a emoção é considerada fora do vivenciado, e apenas como um possível surgimento de seu "re-sentido" em um sujeito específico, em situação particular. Mesmo procurando os vestígios de emoção em um sujeito que fala no momento de troca interlocutória ou na construção dramatizante de uma narrativa susceptível de produzir emoção, estamos sempre em uma perspectiva de efeito: no primeiro caso, é o interlocutor(ou o analista) que é alvo (voluntário ele involuntário) dessa visada, no segundo caso, é o destinatário-público (leitor, espectador, telespectador) que é receptáculo dessa visada.

Charaudeau (2015) também destaca que as visadas discursivas não são apenas princípios organizacionais, mas refletem intenções comunicativas mais amplas. Portanto, entendemos que os textos do *blog MEC* exemplificam uma aplicação prática que parece ilustrar a complexidade do conceito das visadas discursivas. A capacidade de informar e captar a atenção dos leitores é maximizada pela integração dessas visadas, buscando atender às

expectativas de destinatários possivelmente apaixonados por futebol — o que nos aponta uma necessidade de refletirmos, no próximo subtópico, sobre a dimensão patêmica e os papéis das emoções na argumentação a partir dos estudos de Charaudeau (2007b) e Amossy (2020).

### 3.5 Sobre os papéis das emoções e o universo de patemização

Ao tratar do papel das emoções na argumentação, Amossy (2020) discorre sobre como, ao longo dos séculos, as emoções foram tratadas por estudiosos e áreas do saber, principalmente aquelas ligadas à retórica e à argumentação, até culminar na Análise do Discurso — o que justifica nossa opção por considerar a abordagem de Charaudeau. Sendo assim, antes de pensarmos no *pathos* na AD, consideramos importante compartilhar os desdobramentos encontrados nas pesquisas de Ruth Amossy.

Amossy (2020) retoma o fato de que, desde a retórica aristotélica, o *pathos* é estudado — juntamente com o *ethos* (imagem do locutor) e com o *logos* (estratégias discursivas calcadas no próprio discurso, no que ele parece demonstrar). A autora destaca que o livro dedicado às emoções, nessa época, "examina os diferentes tipos de paixões sob três aspectos principais: em que estado de espírito se encontra aquele que as experimentam, a que categorias de pessoas se destinam e por quais motivos" (Amossy, 2020, p. 195). Com isso, a pesquisadora compreende que, apesar de Aristóteles negar a separação entre *pathos* e *logos*, conhecer as paixões é essencial à Retórica. Nesse viés, para a autora, considerando que o pathos tem seu lugar na argumentação no discurso, o projeto retórico inicial é preservado. Contudo, isso não impede que problemas sejam levantados quando se depara com as dicotomias persistentes.

Nesse âmbito das dicotomias persistentes entre convicção e persuasão, Amossy (2020) apresenta os pressupostos de autores como Plantin, Pascal, Lamy, Gilbert e Perelman e Olbrechts-Tyteca. De acordo com a autora, a dupla convencer e persuadir são apresentadas "diante de uma

perspectiva de integração que insiste no vínculo orgânico entre convicção e persuasão, logos e pathos, encontram-se posições que os dissocia radicalmente, insistindo sobre sua autonomia respectiva ou mesmo sobre sua antinomia" (Amossy, 2020, p. 197). A partir dessas reflexões, a pesquisadora compreende que essa dicotomia entre razão e emoção persistiu ao longo dos séculos e busca citar autores que defenderam a legitimidade de se considerar as emoções no processo argumentativo.

Nesse entremeio, Amossy (2020) destaca que há diferentes tratamentos quanto à emoção quando se aborda a oratória:

> Para uns, elas são a alavanca da verdadeira eloquência. Para outros, elas aparecem como meio inevitável, embora lamentável, para se chegar a resultados concretos: o homem se comporta segundo suas paixões e seus interesses mais do que segundo a sua razão. Para outros, enfim, elas constituem um meio seguro de manipular o auditório, de cujo domínio é essencial assegurar-se (Amossy, 2020, p. 198).

O que Amossy (2020) quer apontar, ao apresentar o histórico das emoções ao longo do tempo, é que, desde a Antiguidade, discute-se o poder que as emoções exercem sobre o auditório; e que esse é um assunto ainda discutido na atualidade. Mesmo assim, a autora reforça que a paixão ainda é considerada para muitas abordagens em argumentação como uma ameaça para uma certa retórica, principalmente aquela em que ainda há uma dificuldade apresentada pelos estudiosos para integrar esse elemento em sua conceituação. O *logos* ainda tem sua prioridade em relação ao afeto; e as emoções são tratadas como problemáticas, mesmo quando há espaço para serem vistas com um olhar mais atento. Nas palavras da autora, "as paixões, que contribuem para a ação sobre o público e que são adjuvantes da persuasão, são também aquilo que impede a negociação dos pontos de vista, arruinando toda disposição para ouvir os argumentos" (Amossy, 2020, p. 200).

A paixão, como afirma Amossy (2020), é vista com suspeita pela retórica. Para seus estudiosos, a paixão leva a posicionamentos irracionais, o que para a autora é uma desconfiança que acaba condenando o *pathos*. De

acordo com ela, outras teorias também se posicionaram contra a emoção em suas postulações, como a lógica informal e algumas teorias da argumentação:

> Isso porque não partem da tríade *logos-ethos-pathos*: é ao logos, como discurso e razaão, que reservam, sobretudo, sua atenção. A tentativa de conduzir o auditório a certa posição dada é concebida como um empreendimento que se realiza por vias racionais, que excluem todo e qualquer recurso ao sentimento considerado irracional (Amossy, 2020, p. 201).

Ainda, quanto à desvalorização das emoções no estudo da argumentação, Amossy (2020, p. 202) constata que "apesar das precauções oratórias das quais os autores se cercam, é evidente que uma divisão se estabelece entre razão e paixão, e nele, a paixão é depreciada e, em muitos casos, desqualificada".

Nesse contexto, em Douglas Walton, Amossy (2020) encontra a revalorização das paixões, quando o pesquisador apresenta em seus estudos[23] que as emoções têm lugar na argumentação, porém, ainda assim o autor impõe condições para a aceitação da emoção no processo argumentativo. Ainda nesse caminho, a autora chega aos pressupostos recentes em torno da temática, como os de Michel Meyer, Raphäel Micheli e Patrick Charaudeau — esse último apontado por nós como essencial para nossas análises. A pesquisadora destaca, na retórica, os trabalhos de Meyer que "mostraram a importância capital das paixões e reavaliaram radicalmente seu papel na argumentação" (Amossy, 2020, p. 204). Com base em Micheli, a autora apresenta uma abordagem na qual as emoções passam a ter a sua devida importância na argumentação: "as emoções são argumentáveis e podem ser argumentadas por locutores que procuram ora justificá-la, ora deslegitimá-la" (Amossy, 2020, p. 205).

A autora supracitada também destaca que esses pressupostos são abordados por Patrick Charaudeau. O pesquisador francês apresenta as emoções em uma perspectiva de moralidade e de crenças, retomando a

[23] De acordo com Amossy (2020, p. 203), [...]ele mostra, no quadro da lógica informal, que as paixões comportam uma estrutura argumentativa. Isso significa introduzir o sentimento no interior do bastião da racionalidade e mostrar como o empreendimento de persuasão pode, pelo menos em parte, fundament ar-se nele.

dicotomia *logos* e *pathos*. Diante disso e dos nossos objetivos nesta tese, optamos por aprofundarmos a abordagem de Charaudeau (2007b) em que tal temática é tratada por ele a partir da análise de uma situação de comunicação televisiva.

Ao tratar das emoções em uma perspectiva da Análise do Discurso, Charaudeau (2007b) entende que não se pode focalizar os estudos nos sentimentos, como faz a Psicologia, nem em normas que constituem as relações e os comportamentos dos indivíduos, como faz a Sociologia. Para ele, "a análise do discurso tem por objeto de estudo a linguagem em uma relação de troca, visto que ela é portadora de algo que está além dela" (Charaudeau, 2007b, p. 2).

Nesse sentido, o autor supracitado, aponta que as emoções se inscrevem em três pontos essenciais: a intenção, os saberes de crença e a representação psicossocial. Na ordem do intencional, emoção e racionalidade possuem uma ligação, pois "as emoções se manifestam em um sujeito 'a propósito' de algo que ele se imagina, de algo que possa ser nomeado de intencional" (Charaudeau, 2007b, p. 3). Entretanto, o pesquisador compreende que inscrever as emoções nesse quadro de racionalidade não é suficiente; ele propõe a necessidade de um posicionamento do sujeito em relação ao que ele percebe, algo acompanhado de uma informação, mas que também é vivenciado, experimentado por meio da emoção. Ou seja, as emoções têm relação com os saberes de crença. Diante disso, nas palavras de Charaudeau (2007b, p. 4), "se definirmos as emoções como estados mentais intencionais que se apóiam em crenças, podemos, então, dizer que esta noção se inscreve numa problemática da representação". Contudo, ele também destaca que essa representação, quando patêmica, não está relacionada com um comportamento inédito, mas envolve um valor compartilhado do qual o sujeito reage dentro da norma social internalizada do grupo no qual ele está inserido.

Para Charaudeau (2007b), as emoções são vivenciadas pelos sujeitos,

sendo de ordem afetiva, e, ao mesmo tempo, promovem uma reação dos sujeitos por constituírem saberes de crença que desencadeiam tais comportamentos. Por fim, o pesquisador conclui que elas são "ao mesmo tempo, origem de um 'comportamento', enquanto se manifestam através das disposições de um sujeito, e controladas (ou mesmo, sancionadas) pelas normas sociais advindas dessas crenças" (Charaudeau, 2007b, p. 6).

Porém, o pesquisador francês ainda encontra ao menos três problemáticas para uma análise discursiva das emoções: o objeto, o campo temático e as marcas de vestígios de emoção. A emoção é tratada por Charaudeau (2007b), com base nos pressupostos da AD, como um efeito de sentido produzido no discurso, contudo a intenção de emocionar (efeito visado) não assegura que isso realmente aconteça. Lembrando que a emoção, nesta abordagem, não está, discursivamente, ligada ao sentimento, mas à produção de sentido construída e reconstruída na situação de comunicação. Sendo assim, o analista não está em busca de analisar aquilo que o indivíduo sentiu, mas, sim, de entender como a patemização do discurso pode representar uma emoção.

Nesse entremeio, Charaudeau (2007b) aponta que as emoções podem ser classificadas de diversas formas, porém, diante de suas pesquisas, opta por abordar a natureza do patêmico de acordo com a trilogia: "*situação de comunicação*, *universos de saber partilhado*, *estratégia enunciativa*" (Charaudeau, 2007b, p. 8).

Isso porque, até mesmo as próprias palavras constroem o efeito patêmico, segundo Charaudeau (2007b), visto que elas podem aparecer apresentando uma tonalidade patêmica, em discursos diretos e explícitos, assim como podem parecer neutras, quando em discursos indiretos e implícitos. O que suscita problemas que para o pesquisador "[...]lembram que a construção discursiva do sentido como produção de efeitos intencionais visados depende das inferências que os parceiros do ato de comunicação podem produzir, e que estas inferências dependem do conhecimento que

esses parceiros podem ter da situação de enunciação (Charaudeau, 2007b, p. 9).

Nesse contexto, o autor supracitado apresenta propostas para se tratar da patemização discursivamente. Para ele, podemos tratá-la como uma categoria de efeito dentro de determinadas circunstâncias de discurso, diante de três fatores que favoreçam a produção de efeitos patêmicos: a finalidade e o lugar, o campo temático e a circunstância de produção diante da *mise en scène*. A partir desses apontamentos, Charaudeau (2007b) procura apresentar como se organiza o universo de patêmico: "não se trata, desse modo, de descrever uma estrutura universal ou antropológica do universo patêmico, como em Aristóteles, mas da organização própria de uma situação comunicacional específica" (Charaudeau, 2007b, p. 14). Sendo assim, o pesquisador propõe quatro grandes tópicas, formados pelo sentimento voltado ao sofrimento e o seu oposto, descritos no quadro a seguir:

**QUADRO 4: As tópicas negativas e positivas da patemização discursiva**

| **Tópica da "dor"** | **Tópica da "alegria"** |
|---|---|
| - A dor como estado mental: insatisfação do desejo (sofrimento, mal estar, abatimento, recolhimento).<br>- desencadeada por pessoa ou situação; sujeito como vítima.<br>- interiorização da dor ("ser que sofre"- "tenho dor").<br>Figuras encontradas: "tristeza", "vergonha", "incômodo", "humilhação", "orgulho ferido". | - A alegria como estado mental: satisfação do desejo (bem-estar, sensação eufórica)<br>- "Estou bem comigo mesmo"<br>Figuras encontradas: "satisfação", "contentamento", "vaidade", "orgulho". |
| **Tópica da "angústia"** | **Tópica da "esperança"** |
| - Estado de espera: actante objeto que representa perigo.<br>- Mobiliza rede de crenças negativas.<br>- "Estou angustiado"<br>Figuras encontradas: "aborrecimento", "medo", "terror". | - Estado de espera: espera de um benefício, algo melhor.<br>- Movimento de confiança e positividade.<br>Figuras encontradas: "confiança", "desejo", "votos", "chamada", "oração". |
| **Tópica da "antipatia"** | **Tópica da "simpatia"** |
| - Relação triangular: vítima ou responsável por um mal e sujeito observado-testemunha.<br>- Actante perseguido e perseguidor.<br>- Estado de indignação e de denúncia.<br>- Proporcional ao grau de perseguição.<br>- Pode se voltar contra os envolvidos como vingança.<br>Figuras encontradas: "indignação", "acusação", "denúncia", "cólera", "ódio". | - Relação triangular: mas com atitude reativa dupla em que o sujeito se volta para o perseguido.<br>- Estado de emoção<br>- Comportamento de ajuda para aliviar o sofrimento do outro.<br>- "Eu gosto de você"<br>- Simpatia justificada mesmo que na anonimidade.<br>Figuras encontradas: "benevolência", "compaixão", "piedade". |
| **Tópica da "repulsa"** | **Tópica da "atração"** |
| - Sujeito voltado para actante do qual tem imagem de malfeitor.<br>- Movimento de desaprovação, rejeição.<br>Figuras encontradas: "desprezo", "desgosto", "aversão", "fobia". | - Relação triangular: sujeito voltado para actante benfeitor.<br>- Imagem intelectual positiva: "herói"<br>- "Ele é admirável"<br>Figuras encontradas: "admiração", "fervor", "maravilhamento". |

FONTE: elaborado pela autora com base em Charaudeau (2007b)

Diante de nosso *corpus*, compreendemos que as tópicas da "simpatia" e da atração"se destacam nas tecnonarrativas, por isso, em nossas análises, nos apropriamos dele para construirmos as imagens dessas enunciadoras-torcedoras-blogueiras que escrevem sobre seus ídolos e, ao mesmo tempo, escrevem sobre si. Portanto, para que tenhamos aporte teórico em nosso capítulo analítico, o tópico a seguir apresenta os conceitos de *extimidade* e de imagens de si, essenciais para o desenvolvimento desta tese.

### 3.6 Sobre a *extimidade* e a construção das imagens de si

De acordo com Santa (2012), os *blogs* são espaços de representação de identidades complexas, múltiplas e polimorfas. Para Paveau (2021), esse gênero nativo da *web* é um espaço privilegiado para a exteriorização de si, ou seja, características do gênero diário podem ser apontadas, porém, eles vão muito além. Há, portanto, uma invasão da privacidade, mas não uma invasão descontrolada, pois o próprio autor do texto a proporciona.

Essa "exteriorização da intimidade dos internautas para fins de validação da imagem de si" (Paveau, 2021, p. 211) consiste na *extimidade* na internet. Ou seja, o reconhecimento do outro é necessário para a apropriação da imagem de si divulgada. Reforçando, assim como Paveau (2021) pontua, que não estamos falando do contrário de intimidade, mas de uma prática de expor esse íntimo. A autora supracitada apresenta outros autores que utilizaram o termo *extimidade*, como Albert Thibaudet, Jean Èchenoz e Michel Tournier, porém, nenhum deles o abordou na perspectiva de validação social, pois, para eles, o êxtimo é antônimo de íntimo. No sentido mais complexo, a pesquisadora destaca o uso feito por Lacan, em que exterioridade e *extimidade* são tratadas, mas ainda de maneira pouco explorada. É com Jacques-Alain Miller que o termo é desenvolvido:

> Esse termo extimidade é construído a partir do termo intimidade. Não é o contrário, porque o êxtimo é exatamente o íntimo. É de fato o mais íntimo. Intimus já é, em latim, um superlativo. É o mais íntimo. Mas, o que essa palavra diz é que o mais íntimo está no exterior. Ele é do tipo, do modelo de corpo estranho [...] (Miller, 1985 apud Paveau, 2021, p. 213).

É a partir dessas contribuições de Miller que Paveau (2021) busca estabilizar o conceito de êxtimo nos estudos discursivos; para ela, o êxtimo é o que exteriorizo da minha intimidade na procura por validação do outro; para que, assim, eu elabore e mantenha o meu eu. De acordo com Santana-Gomes (2022, p. 127) "diferentemente do *ethos*, que está ligado a um caráter público, a *extimidade* se dá em um campo privado". Para a pesquisadora, há uma relação de personificação do eu, em que os fragmentos da vida são selecionados e expostos em fotos afetivas que demonstram aquilo de que se gosta ou de que não se gosta, culminando em gestos de validação de si.

Existe, assim, um processo de construção de identidades virtuais no qual se unem a necessidade de falar de si mesmo com o interesse do outro nessa espetacularização do "eu". De acordo com Sibilia (2004), ao considerar a vida como um relato, entendendo o eu como um narrador-narrado, as experiências de vida dos sujeitos são fragmentadas pela linguagem da qual, para a pesquisadora, além do "mito do eu", também há um "efeito-sujeito". Para ela, esse caráter narrativo da vida não representa a vida, pois "antes, ela a realiza, lhe dá consistência e sentido, delineia seus contornos; enfim: a constitui" (Sibilia, 2004, p. 3).

Para a autora supracitada, estudar a construção do eu na linguagem e da vida como um relato perpassa por objetos como as narrativas do eu e as escritas de si, principalmente quando se trata desses gêneros no espaço virtual. Contudo, ela também pontua que

> Percebe-se, de fato, na sociedade contemporânea, uma expansão notável das narrativas biográficas nas diversas mídias – não apenas na Internet – e um claro desvio do foco de interesse. Esse deslocamento da mira tem pelo menos duas faces. Primeiro, um deslizamento das "figuras ilustres" e das "vidas célebres" para as "pessoas comuns" – sem desprezar, porém, a busca daquilo que toda figura extraordinária tem de comum. Segundo, um deslocamento em direção à intimidade; ou seja, àqueles âmbitos da existência que antes eram conhecidos de maneira inequívoca como "privados". São alargados, progressivamente, os limites do que se pode dizer e do que se pode mostrar, inflacionando a esfera da intimidade sob a luz da visibilidade total e esvaziando, de

> forma concomitante, aqueles âmbitos tradicionalmente conhecidos como "públicos". Ficam embaçados, assim, os antigos limites e definições, desafiando as velhas categorias e demandando novas interpretações (Sibilia, 2004, p. 4).

Com a expansão das mídias, mais pessoas encontram espaços para contarem suas próprias histórias, o que, para Sibilia (2004) resulta, como vimos, em dois movimentos. Um em que a vida de celebridades "perde" espaço para as histórias de pessoas comuns; outro no qual a intimidade passa a ter visibilidade, algo que antes se entendia como parte de um "espaço privado". Tudo isso desafia categorias estanques daquilo que consideramos público, privado, íntimo; permitindo o surgimento de novas interpretações. Nesse sentido, a pesquisadora destaca uma tendência: "o forte e renovado interesse pelas vidas reais – mesmo que não sejam 'grandes vidas', de figuras ilustres ou exemplares, basta apenas que sejam reais; isto é, 'verdadeiras', 'autênticas', enfim: realmente vividas" (Sibilia, 2004, p.7). Por isso, entendemos, com base na autora, que o papel de quem protagoniza as histórias narradas esbarra em uma subjetividade de sujeitos contemporâneos que "se constroem a si mesmos como personagens reais porém ficcionalizados de suas próprias vidas/filmes" (Sibilia, 2004, p.5).A partir desses pressupostos, buscamos, em Santa (2012), entendermos se há influência dos ambientes virtuais na construção das narrativas que são ficcionais, autobiográficas e atravessadas pelo discurso de memória, o que contribui para a criação de uma identidade dos blogueiros, num entremeio do real e do ficcional. Como aponta ao final de seu artigo, essa influência é significativa, pois, nas palavras do pesquisador:

> Contudo, constatamos ser significativa a influência do ciberespaço na construção dessa vida paralela que envolve os sujeitos em construções imaginárias de si, que podem levá-los à imortalidade, mesmo que apenas no plano subjetivo. As identidades dos sujeitos se entrelaçam nas teias desse universo, fazendo-os fluir pela rede e materializarem-se nas telas de seus computadores, enquanto transitam entre o fino véu que distingue real do virtual (Santa, 2012, p. 85).

Desse modo, Santa (2012) destaca o papel que os imaginários sociodiscursivos exercem na construção de um *ethos* prévio, assim como, em

sua tese, Lessa (2009) apontou que um grupo de imagens modelares fazem parte do *ethos* prévio, de possibilidades de formas de ser e de parecer que integram as representações e as interações de um grupo social. Trata- se da dimensão inconsciente do *ethos*, assim como de seu caráter não intencional. Nesse sentido, para se analisar as imagens projetadas, o pesquisador propõe, em consonância com Amossy (2011), o estudo da materialidade linguística.

Contudo, de acordo com Maingueneau (2020), analisar o *ethos* em gêneros da internet não segue os mesmos pressupostos de análise dos gêneros clássicos. Nos textos tradicionais, fora do digital, o pesquisador defende uma hierarquia em torno da cena de enunciação [24], atribuindo ao hipergênero [25] papel secundário. Quando nos deparamos com *blogs*, *e-commerces*, sites de notícias etc., a cenografia e o hipergênero se destacam e alteram a posição hierárquica. Estamos diante de hipergêneros com propriedades formais mínimas, daí a sensação de "liberdade" na produção de textos na internet.

De acordo com Maingueneau (2015), no ambiente digital, ocorre uma transformação da generecidade que diz respeito à textualidade. Por isso, não estamos mais diante da estabilidade condicionada ao que chamamos de texto, pois, segundo o pesquisador, a *web* tende a desestabilizar o que entendemos como texto. Subverte-se então a lógica do texto, que se subdivide em páginas entremeadas por propagandas, *slogans*, vídeos.

[24] Maingueneau (2020, p.19) entende que a cena de enunciação é "divisível em cena englobante, cena genérica e cenografia [...]. A 'cena englobante' confere seu estatuto pragmático à enunciação, integra a um tipo de discurso, a uma esfera de atividade publicitária, administrativa, filosófica… A cena genérica é a das normas constitutivas de um gênero ou de um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica… Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão só pode ser enunciado por meio de uma cenografia magisterial, profética, amigável etc. Normalmente, a cenografia deve ser legitimada ou relegitimada pela própria enunciação que sobre ela se apoia: o universo contruído pelo enunciado deve especificar e validar a cenografia através da qual ele surge".

[25] Mainguenaeu (2004) define que os hipergêneros são categorias que permitem a "formatação" do texto, ou seja, referem-se à organização de diferentes gêneros textuais de maneira agrupada e ordenada em um todo discursivo-textual.

> Nos sites da Web, a própria identidade de um enunciado é problemática. O que aparece na tela só define um estado transitório. Em função das restrições que variam segundo o tipo de site de que se trate, os conteúdos dos módulos podem ser renovados a todo momento, cada um segundo seu ritmo, fazendo vacilar uma das condições implícitas do que tradicionalmente chamamos de texto: a estabilidade (Maingueneau, 2015, p. 163-164).

Os gêneros da *Web*, de acordo com Maingueneau (2015), não são os gêneros clássicos. O autor exemplifica com o *blog*, em que muitas possibilidades de domínios são elencadas, não apenas aquela inicial de *blog* pessoal, mas com o mesmo propósito: "uma entidade que tem um nome próprio fala de si mesma a qualquer um que visite seu site" (Maingueneau, 2015, p. 164).

Para Maingueneau (2020, p.19), "o ethos se manifesta nas três cenas" que definem a cena de enunciação: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Entretanto, o pesquisador compreende que o principal problema na criação de sites hipergenéricos é a mobilização de recursos (verbais e multissemióticos) que definam uma cenografia coerente com o *ethos* que se pretende mostrar. Nesse cenário, segundo o analista discursivo, as enunciações na internet possuem cenografia verbal e cenografia digital. Assim, é diante dessa cenografia digital que o autor aponta que a concepção de *ethos* fora da internet não pode ser a mesma nesse espaço. Dessa forma, Maingueneau (2020, p. 157) ressalta que:

> A concepção clássica do gênero de discurso associa cada texto — considerado como uma totalidade estável globalmenteapreensível — a um gênero de discurso. Já o internauta se encontra diante, não de um texto, mas de uma tela que se apresenta como um mosaico de módulos mais ou menos numerosos, o que impede de pôr em correspondência simples um texto e uma cena de enunciação.

Esse mosaico de módulos pode apresentar textos, listas, diagramas, fotos etc., além disso, os módulos se renovam dentro da função de cada *site* e também se renovam as práticas de "leitura", pois o internauta "navega",

criando seu próprio hipertexto (Maingueneau, 2020). Sendo assim, o internauta não lê, na internet, um texto único e compacto, pois esses módulos podem apresentar o texto no sentido escrito, o que, para Maingueneau (2020), implica em um *ethos* consistente.

Contudo, para grande parte dos módulos, não faz sentido se falar em *ethos*, visto que "o *ethos* propriamente verbal perde, desse modo, sua importância para um *ethos* global, muito mais fluido, que excede as caracterizações em termos de locutor e de texto individual" (Maingueneau, 2020, p. 157). Nos *sites*, é preciso considerar os diferentes agentes que produzem os módulos, desde aqueles que constroem o *site* até aqueles que o alimentam. Por isso, para o pesquisador, a convergência entre essas fontes de *ethos* não são tão evidentes. Entretanto, ele ainda destaca que, nos *blogs* pessoais, é possível depreender um *ethos*, em certo ponto, homogêneo, pois são produções mais próximas do jornal, por exemplo. Diferentemente das redes sociais em que "múltiplos participantes dão sua contribuição num quadro preestabelecido" (Maingueneau, 2020, p. 158), o que resulta em hipergêner os com módulos numerosos e heterogêneos.

Diante dessa complexidade, em busca de compreender a construção do *ethos* na internet, Maingueneau (2020) distingue essas diferentes fontes enunciativas de acordo com o tipo de *ethos* que elas constroem (o pesquisador destaca que essas não são categorias fechadas). Dessa forma, o *ethos* pode ser caracterizado pela saliência ou pelo apagamento. Vejamos no quadro a seguir:

**QUADRO 5: Da saliência e do apagamento do *ethos***

<table>
<tr><th>A saliência do ethos</th><th>O apagamento do ethos</th></tr>
<tr><td>O ethos pessoal<br>Trata-se do ethos de um indivíduo que é “fiador” do enunciado; ele possui nome próprio, “corporalidade” e “caráter”. Nos blogs pessoais, por exemplo, essas imagens construídas estão concentradas na caracterização da personalidade do enunciador.</td><td rowspan="3">O ethos institucional<br>Primeiramente, “o apagamento do ethos não significa que o site não produza ethos” (p. 159).<br><br>O que está em questão é o apagamento da “instância responsável pelo site”, deixando em foco as necessidades dos usuários do site.<br><br>“Quando se exerce uma verdadeira concorrência, os sites que tendem naturalmente ao apagamento do ethos são submetidos a duas injunções simultâneas nem sempre fáceis de conciliar. Por um lado, eles têm a intenção de privilegiar o caráter funcional, a legibilidade, de modo a facilitar a navegação no interior do site; por outro, eles são submetidos a uma lógica da imagem de marca, que os incita a produzir um ethos identificável” (p. 160 - grifos nossos).</td></tr>
<tr><td>O ethos coletivo<br>Trata-se de um ethos que “conserva certo número de traços do indivíduo”; abrangendo todas as dimensões[26] do ethos.</td></tr>
<tr><td>O ethos de marca<br>Trata-se do ethos que uma marca apresenta quando ela busca uma espécie de imagem “pessoal”.</td></tr>
</table>

FONTE: Elaborado pela autora (2025) com base em Maingueneau (2020, p. 159-163)

No quadro 5, reforçamos, com base em Maingueneau (2020), a distinção entre diferentes construções do *ethos* na internet. Quando se trata da saliência, o *ethos* pessoal apresenta traços de personalidade do enunciador, como ocorre em *blogs* pessoais. Enquanto o *ethos* coletivo, por sua vez, apesar de preservar marcas do individual, representa um conjunto mais

[26] De acordo com Maingueneau (2018, s.p.): “1. a dimensão “categorial” recobre coisas muito diversas. Ela pode tratar de papéis *discursivos* ou de status *extradiscursivos*. Os papéis discursivos são aqueles ligados à atividade de palavra: animador, contador, pregador… Os status extradiscursivos podem ser de natureza muito variada: pai de família, funcionário, médico, camponês, americano, solteiro etc.; 2. a dimensão “experiencial” do ethos recobre as características sócio-psicológicas estereotipadas, associadas às noções de incorporação e de mundo ético: bom senso e lentidão do camponês, dinâmica do jovem empreendedor…; 3. a dimensão “ideológica” refere-se a posicionamentos dentro de um campo: feminista, de esquerda, conservador ou anticlerical… dentro do campo político, romântico ou naturalista… dentro do campo literário etc.”

amplo, como em associações e sindicatos. Por fim, o *ethos* de marca busca construir uma imagem pessoal para a marca, como se ela tivesse identidade que a conecta com o público. No âmbito do apagamento do *ethos*, o pesquisador reforça que o *ethos* institucional tende ao apagamento de quem produz o *site*, embora não deixe de construir uma imagem discursiva — especialmente quando precisa equilibrar uma certa neutralidade funcional com uma necessidade de aproximação com os usuários do site.

Esses diferentes modos de construção do *ethos* revelam estratégias discursivas diversas das quais nos apropriamos para analisarmos as tecnonarrativas do *blog Mulheres em Campo*, o que faremos com maior aprofundamento no capítulo 6 desta tese. Isso porque, entendemos, em concordância com Maingueneau (2020), que, dentro de suas limitações, o *ethos* ainda é uma ferramenta que atinge os interesses da análise do discurso, visto que ele "[...]está em consonância com seu esforço constante de articular campos geralmente considerados como disjuntos: o corpo e a fala, o texto e o contexto, a linguagem e a ação, o singular e o coletivo etc." (Maingueneau, 2020, p. 168). Entretanto, antes disso, precisamos compreender como esses tecnotextos se organizam discursivamente — assunto do nosso próximo capítulo.

# CAPÍTULO 4 - OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO NO *BLOG MEC*

Neste capítulo, pretendemos aprofundar a abordagem dos Modos de Organização, que, segundo Charaudeau (2016, p. 68 – grifos do autor) "constituem os *princípios de organização* da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: ENUNCIAR, DESCREVER, CONTAR, ARGUMENTAR". Diante disso, pretendemos, assim como fez Procópio-Xavier (2012), em sua tese sobre a configuração discursiva das biografias, apresentar como os modos de organização do discurso são produzidos nos tecnotextos do *Blog Mulheres em Campo*. Nesse sentido, entendemos que, na página Ídolos do *blog* em questão, há uma certa predominância dos modos narrativo e descritivo, enquanto o argumentativo aparece mais pontualmente. Contudo, como destaca Charaudeau (2016), o modo enunciativo atravessa todos os demais, como explicaremos mais à frente.

## 4.1 Modo de organização enunciativo

Primeiramente, Charaudeau (2016) destaca que o Modo de organização Enunciativo se diferencia da Situação de Comunicação pelo fato de que a Situação é externa à linguagem, tratando-se dos seres sociais, enquanto o Enunciativo é interno à linguagem, abrangendo os protagonistas. Ele também não se trata de Modalização, pois "[...]é uma *categoria de discurso* que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na *encenação* do ato de comunicação, embora Modalização e Enunciativo estejam intimamente ligados [...]" (Charaudeau, 2016, p. 81 – grifos do autor). Entre outras pesquisas com base nas perspectivas charaudianas, Procópio-Xavier (2012) reforça que o modo de organização enunciativo influencia na instauração dos outros modos, visto que ele está presente em todo e qualquer discurso.

Quando se trata de Análise do Discurso, o verbo enunciar é descrito

por Charaudeau (2016) como um meio de organizar as categorias da língua. Com isso, é possível ordená-las quanto às posições ocupadas pelo sujeito falante diante do interlocutor, do que ele diz e do que o outro diz. Nesse cenário, o estudioso aponta três funções do Modo Enunciativo: o alocutivo, o elocutivo e o delocutivo. Com base nos apontamentos do autor, compreendemos que as características principais do alocutivo envolvem a presença explícita do interlocutor e a ação do locutor sobre ele, enquanto, no elocutivo, é o locutor quem marca essa presença, revelando a posição no locutor no enunciado. Por sua vez, o delocutivo constitui uma estratégia discursiva pela qual o sujeito comunicante apresenta os enunciados sem marcas explícitas dos interlocutores, produzindo efeitos de objetividade, o que resulta em um texto dotado de um tom impessoal. Em cada um desses comportamentos, categorias da língua podem ser destacadas com base em Charaudeau (2016):

- Alocutivo: interpelação, injunção, aviso, proposta, interrogação;
- Elocutivo: constatação, opinião, declaração, querer, promessa, aceitação ou recusa, proclamação;
- Delocutivo: asserção, discurso relatado.

Nos tecnotextos da página Ídolos do *Blog Mulheres em Campo*, alguns comportamentos enunciativos são mais recorrentes, exercendo diferentes funções nas narrativas. Com base em Procópio-Xavier (2012), compreendemos que nas biografias a análise desses tipos de comportamento podem acontecer em dois espaços da obra, o da narrativa em si e o dos paratextos. Diante do que apontamos nesta tese sobre os tecnotextos do *blog MEC*, destacamos que neles as colunistas, ao narrarem sobre seus ídolos, contam suas próprias histórias, fazendo do espaço biográfico "tradicional", em que um ídolo teria sua história descrita, um espaço em que fragmentos de suas próprias histórias são contados, por isso a narrativa em si abrange a narrativa do outro (biografia do ídolo) e a narrativa de si (autobiografia da colunista/blogueira). Para compreendermos, inicialmente, os modos de

organização discursivos, optamos por considerar o primeiro texto publicado[27] para exemplificar as categorias modais. Isso porque nele a enunciadora revela a presença de múltiplos comportamentos enunciativos, que desempenham papéis distintos na construção da narrativa.

Como vimos, o comportamento alocutivo envolve o leitor diretamente, apontando para uma presença explícita do interlocutor e uma ação do locutor sobre o interlocutor, como podemos perceber no trecho: "Obrigada Adenor, por ser o meu comandante, por ser o nosso professor". Nesse trecho, há uma relação locutor-interlocutor de influência por pedido, com a locutora expressando sua gratidão.

Por isso, nesse texto em questão, destacam-se as categorias de língua, de interpelação e de agradecimento, em que há uma intenção de produzir imagens positivas do ídolo. Em continuidade, o comportamento elocutivo expressa a perspectiva pessoal da enunciadora, em que há, no tecnotexto, a presença explícita do locutor, além de revelar a posição dele no enunciado, como podemos ver no trecho: "Lembro-me de ficar indignada, pois como um cara com Ronaldo em campo, conseguiu ser eliminado para um desconhecido? Eu estava errada". Na relação entre locutor e interlocutor, a enunciadora expressa sua opinião pessoal e suas emoções, por meio de categorias da língua. As categorias que se destacam são: opinião, declaração e reflexão pessoal.

A combinação desses comportamentos enunciativos, nesse tecnotexto, tece uma narrativa que produz efeitos de real; e, ao mesmo tempo, mobiliza recursos linguístico- discursivos que expressam uma forte carga emocional e de opinião. Assim sendo, esses diversos recursos concorrem para a projeção de uma visão multifacetada do ídolo, que integra uma memória afetiva partilhada pela autora e pelo grupo de torcedores ao qual ela se identifica. A maneira como ela constrói a narrativa projeta uma

[27] Muito alem da Titibilidade: ttps://apaixonadas-porfutebol4.webnode.page/news/muito-alem-da-titebilidade/

imagem de si de uma cronista-blogueira-torcedora que é apaixonada pelo esporte.Dessa forma, enquanto ela conta essas histórias, ela também compartilha partes de sua própria história a partir de uma narrativa de teor testemunhal.

Quanto ao comportamento delocutivo, vimos que ele abrange uma descrição objetiva dos eventos e são possíveis de serem identificados em enunciados sob forma impessoal e na ausência explícita do locutor e do interlocutor. No tecnotexto, temos como exemplo o trecho: “Leal a suas convicções e ao sangue reaça, ao longo de seus intensos 57 anos, Sócrates escreveu seu nome da história do Brasil e da nação corinthiana, tornando-se (...)” aqui, temos asserções que expressam saber de opinião-convicção e que concorrem para produzir efeito de evidência. Com isso, entendemos ser necessário estudarmos a mecânica desses tipos de discursos, denominados por Charaudeau (2016) de discurso relatado.

### 4.1.1 A mecânica dos tipos de discurso relatado

Charaudeau (2016) aponta que a complexidade dessa modalidade delocutiva, denominada discurso relatado, está relacionada a dois principais fatores: a posição dos interlocutores e a maneira de relatar. De acordo com o pesquisador, a posição dos interlocutores está relacionada com a situação na qual aquele que relata se dirige ao interlocutor em um tempo e espaço determinado, relatando um discurso enunciado em um momento anterior por um outro locutor que, chamado de locutor de origem, por sua vez, se dirigiu a um interlocutor em um tempo e um espaço também de origem. Além disso, quem relata não precisa sempre coincidir com aquele que relatou na origem, pois diversas relações podem surgir entre os interlocutores.

Entretanto, alguns problemas são apontados por Charaudeau (2016): é possível medir o grau de fidelidade do discurso relatado? São várias as maneiras de transformação do discurso de origem, alterando-se de acordo com o contexto, com o modo de enunciação e com o enunciado referencial.

Outro problema está relacionado ao modo de reprodução, em que o discurso pode ser reproduzido, repetindo o que já foi dito (mas isso não garante que ele não sofra algumas modificações) e também pode ser transformado por uma interpretação, que pode ser correta ou incorreta, daquilo que não foi dito explicitamente. Por fim, a distância do locutor, que pode até mesmo tentar ser o mais imparcial possível, ou aderindo ou não ao que se relata originalmente, utilizando de ferramentas linguísticas, como os verbos modalizadores.

Quanto à maneira de relatar, Charaudeau (2016) entende que o locutor relator pode relatar o discurso de origem por meio de citações, integrado ao seu dizer, narrativizado ou fazendo alusão a ele. Quando o discurso de origem é citado, de forma direta, as aspas marcam tal colocação, assim como os dois pontos, e em seguida a citação, sinalizam uma maneira de o discurso de origem ser relatado pelo Locutor-relator. Outro modo descrito pelo pesquisador é o integrado, em que o que está sendo relatado integra o dizer de quem o relata. "O discurso é relatado em terceira pessoa, e então os *pronomes* assim como o *tempo verbal* dependem, não do momento de enunciação de origem, mas do momento de enunciação do Locutor que relata" (Charaudeau, 2016, p. 104 - grifos do autor).

Ainda sobre as maneiras de relatar, ao narrativizar, o discurso de origem é integrado como um todo por aquele que o relata, ou seja, "o Locutor de origem torna-se *o agente de um ato de dizer*" (Charaudeau, 2016, p. 105 - grifos do autor). Por fim, quando o discurso relatado é evocado, ou se faz alusão ao que já foi dito, utilizando-se de marcas linguísticas como as aspas, travessões e parênteses. Assim, o que foi dito aparece apenas como, nas palavras do pesquisador, um "dado evocador" (Charaudeau, 2016, p. 105).

Nos tecnotextos do *Blog MEC*, pudemos perceber vários exemplos de como variados discursos relatados podem ser uma ferramenta acionada pelas enunciadoras para integrar, narrativizar e evocar diferentes discursos de origem, adaptando-os ao ambiente virtual e às imagens que a enunciadora

torcedora blogueira constrói de seus ídolos. A partir dessa teoria, apresentada por Charaudeau (2016), buscamos, no capítulo de análise, compreender como as enunciadoras constroem suas tecnonarrativas a partir de eventos e discursos anteriores, transformando-os, algumas vezes, em suas próprias histórias, ou seja, a posição das enunciadoras e a maneira de relatar são ferramentas que podem permitir a compreensão de como o discurso de origem é reinterpretado e recontextualizado em nosso *corpus*.

## 4.2 Modo de organização narrativo

Segundo Charaudeau (2016), o modo de organização narrativo, apesar de ser objeto de estudos de diversas correntes teóricas, tem suas complexidades graças à tradição escolar que simplificou e reduziu o ensino da narrativa às descrições e à contação de acontecimentos, não fazendo distinção entre termos como "narrativa", "narração" e "história". Ao não questionar tais termos, o entendimento se torna superficial e impreciso. Assim, os vários aspectos que envolvem o modo narrativo fazem dele um fenômeno multifacetado, pois a narrativa, em si, deve ser compreendida como um todo dinâmico.

Para além da mera sequência de ações, a narrativa, na perspectiva de Charaudeau (2016), é um processo que envolve a construção de significado e a comunicação de experiências. O pesquisador enfatiza que contar uma história não é apenas descrever, mas envolve intencionalidades nas quais "quem conta" transmite algo para "quem ouve". Sendo assim, a narrativa requer uma abordagem que acione as intencionalidades, a estrutura e os significados transmitidos, não apenas a descrição de eventos.

De acordo com Procópio-Xavier (2012, p. 210), esse modo "é marcado pela tentativa de construção de uma realidade a partir do desenrolar de ações sucessivas e de relações entre os personagens". Para a pesquisadora, com base nos pressupostos charaudianos, a encenação narrativa é um processo no qual as ações e as interações entre os personagens fazem sentido.

Nesse cenário, os personagens têm papéis específicos que determinam seu lugar na narrativa, influenciando o desenvolvimento dela. Charaudeau (2016, p. 159 – grifos do autor) reforça que "a *lógica narrativa* é apenas uma hipótese de construção do que constitui a trama de uma *história* que se supõe despojada de suas particularidades semânticas, e que se julga existir fora (aquém) da configuração enunciativa". Isso resulta na ação de três tipos de componentes, dentre os quais se destacam os actantes, "que desempenham *papéis* relacionados à ação da qual dependem" (Charaudeau, 2016, p. 160). Além deles, encontramos os processos, que conectam os actantes, orientando suas ações. Esses processos ajudam a moldar o rumo da narrativa, fazendo com que as ações dos personagens sejam funcionais e coerentes dentro do enredo. Por fim, as sequências, que unem os processos e os actantes de maneira que contribua para a finalidade da história, servindo a um propósito narrativo dentro de certos princípios que garantem sentido à história.

Sendo assim, os papéis desempenhados pelos actantes em uma narrativa podem variar em termos de como são executados. Ao identificar os papéis dos actantes e as ações associadas a eles, torna-se possível reconhecer os processos e funções narrativas que estruturam uma sequência de eventos dentro da história. A partir do fato de considerarmos que as narrativas apresentadas no *blog Mulheres em Campo* têm traços biográficos tradicionais, mesmo apresentando também traços autobiográficos, decidimos seguir os procedimentos de Procópio-Xavier (2012), em que, sem diminuir a importância de outros elementos, concentrou-se nos pressupostos relacionados aos actantes e aos procedimentos temporais. Assim como a pesquisadora entende que, nas narrativas desenvolvidas com base na vida de um personagem, como as biografias, os actantes são componentes fundamentais, percebemos esse fator em nosso corpus. Nesse sentido, também entendemos que

> Ainda que existam muitas maneiras de se contar a vida de alguém e que a configuração discursiva do gênero biográfico possa ser alterada em função de algumas características da situação de comunicação na qual ela se encontra (se é resultado de uma pesquisa acadêmica, se é destinada para crianças, etc.), podemos afirmar que o biografado será sempre o personagem principal da narrativa em questão (Procópio-Xavier, 2012, p. 212).

Ainda de acordo com Procópio-Xavier (2012), os principais papéis temáticos que os biografados encarnam, ao longo de suas vidas, podem ser observados quando se identifica episódios centrais em suas narrativas. Para a pesquisadora, o recorte desses momentos facilita a análise, permitindo que se perceba como o personagem é caracterizado em eventos marcantes de sua vida. Ela destaca que, em geral, há uma regularidade quanto a três momentos frequentemente destacados em biografias: "o nascimento e/ou infância, a ascensão profissional ou o momento em que o indivíduo se destaca dos demais (e assim torna-se um sujeito passível de ser biografado) e a morte" (Procópio-Xavier, 2012, p. 212).

Para ilustrarmos tais considerações, selecionamos, mais uma vez, o primeiro tecnotexto postado na página Ídolos, sobre o jogador e treinador Tite. O texto aborda o nascimento de Tite, nascido Adenor Leonardo Bachi, em 25 de maio de 1961, como um ponto de partida para sua vida. A torcedora blogueira, ao reconstruir vivências da infância da personagem, narra ações que indicam características que seriam centrais em sua vida, como a persistência e a paixão pelo futebol. Esse tipo de caracterização remete à tend ência, na estruturação das biografias, que atribui ao personagem características associadas à sua ancestralidade e à influência familiar (Procópio-Xavier, 2012).

Ao narrar a ascensão profissional da personagem biografada, a enunciadora-blogueira atribui a ele o papel temático de benfeitor. A trajetória de Tite no futebol é narrada destacando os principais marcos de sua carreira. De acordo com o relato, ele começou como jogador, mas devido a lesões, tornou-se treinador. Assim sendo, a narrativa busca enfatizar que foi

desempenhando esse papel que Tite alcançou sucesso. O tecnotexto também enfatiza a sua habilidade como técnico, especialmente durante sua passagem pelo Corinthians, quando conquistou títulos importantes como a Libertadores e o Mundial de Clubes. Nesse ponto, Tite é retratado como um benfeitor para o time e seus torcedores, especialmente no episódio em que se mistura à torcida após ser expulso em um jogo decisivo. Esse momento também é ilustrado pela autora com uma fotografia:

**Imagem 14: Captura de tela com destaque para imagem de Tite no alambrado com os torcedores**




Fonte: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/muito-alem-da-titebilidade/

Por fim, na caracterização da morte, o personagem pode assumir papéis temáticos variados, dependendo dos eventos que a antecederam (Procópio-Xavier, 2012). No caso do tecnotexto do blog, a enunciadora-torcedora não aborda a morte de Tite, pois o jogador ainda está vivo. Porém, explora a "morte" simbólica do primeiro ciclo dele no Corinthians e sua subsequente "ressurreição" ao retornar ao clube. Para narrar essa fase da trajetória do ídolo, a enunciadora opta por narrar a continuidade do sucesso dele e a profunda conexão emocional com os torcedores, que o veem como um salvador e símbolo de uma era vitoriosa, projetando determinados *ethé* que

concorrem para a construção das figuras de ídolo e de herói que as torcedoras visam difundir na blogosfera.

Ao fazermos esse tipo de análise, entendemos que ela é fundamental para analisar como os personagens são representados e como suas ações influenciam a narrativa. Nossa abordagem considerou os diferentes papéis que um ídolo pode desempenhar em sua trajetória como Benfeitor, principalmente. Nesse sentido, considerando os principais aspectos apontados, percebemos que, em muitos casos, os jogadores são descritos como "Benfeitores" que trazem sucesso e títulos para seus clubes, mas também são "Retribuidores" que recompensam a confiança e o apoio dos clubes e torcedores.

### 4.3 Modo de organização descritivo

Mesmo que haja uma confusão, na qual se percebe que há muito em comum entre o que é descritivo e o que é narrativo, segundo Charaudeau (2016) isso não impede que se possa destacar as especificidades de cada um deles. Para o pesquisador, isso acontece porque um texto pode utilizar a descrição para relatar algo que foi vivido (ordem do narrativo) ou algo que foi visto (ordem do descritivo). Além disso, um mesmo texto pode combinar diferentes modos de organização (descritivo, narrativo, argumentativo) dependendo da finalidade e da situação de comunicação. Mesmo dentro de um texto predominantemente descritivo, pode haver o uso de verbos de ação, normalmente associados à narração.

Neste tópico, destacamos as características do modo de organização descritivo, considerando que a finalidade de um texto descritivo pode ser variada, dependendo da situação de comunicação e das intenções do autor. Enfim, o que Charaudeau (2016) busca destacar é que há uma complexidade no modo descritivo, mostrando que ele não é simplesmente uma lista de características ou fatos, mas uma organização textual que pode incorporar diversos elementos discursivos e categorias linguísticas. Para isso, ele organiza o modo descritivo como podemos observar o quadro a seguir:

**QUADRO 6: Componentes da construção descritiva**

| Componentes da construção descritiva | | |
|---|---|---|
| Nomear | Localizar-situar | Qualificar |
| Atribuir existência a um ser através da identificação e classificação, relacionando-o a uma referência. | Determinar o lugar que um ser ocupa no espaço e no tempo, ou seja, sua posição espaço-temporal. | Permitir que o sujeito manifeste seu imaginário e visões sobre o mundo através de julgamentos. |

Fonte: elaborado pela autora (2025) com base em Charadeau (2016, p. 112 a 117)

Os componentes da construção descritiva, segundo Charaudeau (2016), formam a base da descrição, cada um com seu papel específico na construção e na organização do discurso. Ao nomear, atribui-se a existência a um ser, envolvendo as diferenças entre os seres e sua categorização. Ao localizar-situar, determina-se a posição de um ser no espaço e no tempo, ou seja, identifica-se onde e quando esse ser existe ou se manifesta. Por fim, ao qualificar, permite-se que o sujeito manifeste seu imaginário e suas visões sobre o mundo baseadas em critérios subjetivos ou objetivos.

A descrição se configura por meio de procedimentos, os quais "são utilizados de maneira ao mesmo tempo livre e não arbitrária". Para o autor, isso acontece porque há sempre uma relação entre a descrição com os modos de organização narrativo e argumentativo, porém, ela não é totalmente dependente, mas "adquire sentido (ou uma parte de seu sentido) em função destes outros modos". Por outro lado, a maneira livre está relacionada com o fato de que esse modo "não se fecha, em si, por uma lógica interna" (Charaudeau, 2016, p. 117).

Vejamos, nos quadros a seguir, como os componentes do modo descritivo são implementados por determinados procedimentos discursivos e linguísticos, considerando que sua construção não obedece a um percurso

obrigatório, apesar das regularidades que serão apontadas.

**QUADRO 7: Procedimentos de configuração da descrição: procedimentos discursivos e procedimentos linguísticos**

<table>
<tr><th colspan="3">Procedimentos de configuração da descrição</th></tr>
<tr><td colspan="3">Procedimentos discursivos</td></tr>
<tr><td>Identificação<br>(genérica ou específica)</td><td>Construção objetiva do mundo</td><td>Construção subjetiva do mundo</td></tr>
<tr><td>“fazer existir os seres do mundo, nomeando-os”. (p.118)</td><td>“construir uma visão de verdade sobre o mundo”. (p. 120).</td><td>“O universo assim construído é relativo ao imaginário pessoal do sujeito” (p. 125)</td></tr>
<tr><td>Finalidade:<br><br>Recensear: inventários, listas recapitulativas, listas identificatórias, nomenclaturas.<br><br>Informar: caracterização identificatória.</td><td>Finalidade:<br><br>Definir: verbetes de dicionários ou enciclopédias, textos didáticos.<br><br>Explicar: textos científicos, crônicas jornalísticas.<br><br>Incitar: anúncios, panfletos com reivindicações.<br><br>Contar: relatos literários, resumos.</td><td>Finalidade:<br><br>Incitar: textos publicitários, textos de declarações, anúncios e mensagens, catálogos.<br><br>Contar: textos jornalísticos (reportagens, relatórios), canções, histórias em quadrinhos, textos literários.</td></tr>
<tr><th colspan="3">Procedimentos de configuração da descrição</th></tr>
<tr><td colspan="3">Procedimentos linguísticos</td></tr>
<tr><td>Para nomear</td><td>Para localizar-situar</td><td>Para qualificar</td></tr>
<tr><td>● Denominação<br>● Indeterminação<br>● Atualização (ou Concretização)<br>● Dependência<br>● Designação<br>● Qualificação<br>● Enumeração</td><td>● Precisão, detalhe e identificação de lugares e da época.<br>● Ou ao contrário, com destinos e arquétipos intemporais.</td><td>● Acumulação de detalhes e precisões<br>● Utilização da analogia</td></tr>
</table>

Fonte: elaborado pela autora (2025) com base em Charaudeau (2016, p. 117 - 131)

O quadro 7 apresenta os procedimentos de configuração da descrição divididos em dois grupos principais. Nos procedimentos discursivos, a Identificação envolve nomear e caracterizar elementos do mundo. a Construção objetiva do mundo abarca definição e explicação de fatos em textos científicos e didáticos e a Construção subjetiva do mundo expressa a visão pessoal em textos literários e publicitários. Já nos procedimentos linguísticos, para Nomear, utiliza-se denominação e atualização; para Localizar-situar, há ênfase na precisão de lugares e épocas; e, para Qualificar, acumula-se detalhes e utiliza-se analogias. Assim, esse quadro sistematiza como a descrição pode ser realizada de maneira variada e adaptável.

Diante desses pressupostos apresentados por Charaudeau (2016), a pesquisadora Procópio-Xavier (2012, p. 227), compreendeu, quanto às biografias, que se pode dizer

> que os procedimentos de descrição em uma narrativa biográfica tendem a cumprir as seguintes funções: (i) identificar e caracterizar o personagem biografado, (ii) identificar e contextualizar a época na qual tal personagem vivia, (iii) servir como prova ao leitor do processo de investigação realizado pelo biógrafo, (iv) auxiliar na construção dos encadeamentos narrativos e por conseguinte, contribuir para a captação dos leitores.

Para chegar a essa conclusão, a autora oferece uma análise detalhada dos procedimentos descritivos empregados em biografias, com foco especial na nomeação e na qualificação dos biografados. Essa análise revela como os biógrafos utilizam diferentes estratégias linguísticas e estilísticas para conferir complexidade aos personagens que retratam. Em outras palavras, ela revela como a escolha das estratégias de nomeação e qualificação dos personagens, bem como a descrição de ambientes, desempenha um papel crucial na narrativa biográfica, ajudando a produzir traços identitários do biografado e de seu tempo.

## 4.4 Do Modo de organização argumentativo a Argumentação no Discurso

Diante de nosso *corpus*, compreendemos que os apontamentos sobre o Discurso Argumentativo apresentados por Ruth Amossy em suas pesquisas contribuíram para atingirmos nossos objetivos com essa tese. Porém, isso não exclui utilização do modo argumentativo de Patrick Charaudeau, entretanto, esse último não será apresentado em sua totalidade neste trabalho. Nesse sentido, ressaltamos que Charaudeau (2016) também defende que é preciso considerar, sempre, a situação de troca, o contrato, as dimensões explícita e implícita do ato de linguagem quando analisamos a argumentação. Além disso, o pesquisador leva em consideração procedimentos semânticos empregados no processo persuasivo, tais como os domínios de avaliação, hedônico, ético, estético, pragmático. Entre os procedimentos discursivos desse modo, o autor elenca: a definição, a comparação, a descrição narrativa, a acumulação, o questionamento e a provocação. Para Charaudeau (2016), a descrição narrativa produz um *efeito de exemplificação*, reforçando ou produzindo provas daquilo que é contado ou descrito. Sendo, assim, entre esses, o procedimento de descrição narrativa contribui para fundamentar nossa reflexão, com isso, não analisaremos os demais procedimentos propostos, sobretudo, aqueles mais ligados ao caráter mais lógico dedutivo do processo argumentativo, pois preferimos uma análise mais centrada nos processos de escolha lexical.

Devido à especificidade do *corpus*, como apontado, vimos a necessidade de trazer os conceitos de Ruth Amossy — pesquisadora que propõe uma abordagem em argumentação definida como Argumentação no discurso. Com o objetivo de justificar a dimensão argumentativa implícita, que busca influenciar o leitor ou compartilhar ideias, de textos predominantemente narrativos, como as (auto)biografias, Amossy (2020) apresenta estudos que discutem a presença da argumentação em diferentes gêneros discursivos, mesmo naqueles que, à primeira vista, não parecem ter um objetivo argumentativo explícito. A partir dessas concepções, ela

compreende que: mesmo textos que não parecem ter uma intenção persuasiva direta, como uma narração ou descrição, podem orientar a maneira como os leitores veem e compreendem o mundo; é possível diferenciar gêneros que têm como objetivo principal a argumentação daqueles que, embora não se proponham explicitamente a persuadir, contêm uma dimensão argumentativa. Para Amossy (2020), trata-se de uma maneira sútil de causar impacto, sem deixar de lado a possibilidade de influenciar ou modificar a maneira como os interlocutores percebem, interpretam ou sentem algo.

Mesmo que nem todo discurso tenha como objetivo primário persuadir (visada argumentativa), quase todo discurso tem uma dimensão argumentativa, pois a linguagem sempre tenta influenciar, direta ou indiretamente, a opinião, a atitude ou o comportamento do interlocutor (Amossy, 2020). Também é importante frisar, como pontua a pesquisadora, que a argumentação pode variar em intensidade. No extremo, estão discursos com confronto explícito de teses (como debates eleitorais). No outro, estão textos que parecem apenas informativos ou narrativos, mas que, ainda assim, orientam a visão do interlocutor (como reportagens ou narrativas de ficção). A argumentação é, portanto, uma característica quase onipresente no discurso, manifestando-se em diferentes graus e formas dependendo do contexto e do propósito do texto.

Para Charaudeau (2016), a argumentação vai além de apenas estruturar um texto de forma lógica e coerente. Embora uma boa argumentação deva ser logicamente organizada e coerente, isso por si só não é suficiente para caracterizar um argumento eficaz. Ela envolve a intenção de persuadir ou convencer o interlocutor. Isso significa que, além de ser logicamente estruturada, a argumentação precisa estar fundamentada em estratégias por meio das quais são apresentados o apelo emocional, além da credibilidade do argumentador e a conexão com os valores e as crenças do público. Sendo assim, a argumentação não é apenas uma questão de

apresentar ideias de forma linear, mas de criar uma interação dinâmica entre essas ideias, de forma a construir um raciocínio que seja capaz de influenciar, modificar ou reforçar o pensamento do interlocutor.

Os procedimentos dos modos de discurso, entre eles, a escolha lexical, concorrem para a dimensão argumentativa, para a construção etótica e para a discursivização das emoções, conceitos essenciais para nossas análises. Em sua tese, Procópio-Xavier (2012) reforça que isso se relaciona com o conceito de *encenação discursiva*, em que o sujeito usa estratégias específicas para construir seus argumentos. Portanto, a eficácia da argumentação depende de como os argumentos são estruturados para alcançar os objetivos do falante. A pesquisadora conclui que a complexidade da argumentação é um processo que vai além da simples lógica interna dos argumentos, destacando a necessidade de considerar os aspectos social, histórico e cultural, bem como as relações entre os sujeitos envolvidos na comunicação. Nesse sentido, a argumentação é vista como um fenômeno que se constrói a partir de estratégias discursivas cuidadosamente elaboradas para persuadir, influenciar ou justificar uma posição, sempre ancorada em valores e convenções compartilhados pelos interlocutores.

Procópio-Xavier (2012), caucionado-se em Amossy (2020), busca defender a ideia de que a argumentação não é exclusiva de textos explicitamente argumentativos. Mesmo em textos narrativos ou descritivos, há uma dimensão argumentativa que pode influenciar o leitor. Isso acontece porque toda comunicação, de certa forma, busca influenciar o outro, seja de maneira explícita, seja de maneira implícita. A pesquisadora sugere que a argumentação está presente em diversos gêneros discursivos, ainda que de forma sutil, por meio das escolhas discursivas que moldam a interpretação do texto.

Devido à natureza de nosso *corpus*, como vimos, compreendemos que os conceitos de Amossy (2020), aplicados por diversos analistas do

discurso que têm se debruçado sobre narrativas de vida, justificam nossa opção por não utilizarmos as categorias do modo argumentativo, tal como Charaudeau o desenvolveu em seus estudos iniciais. Por isso, com base em Amossy (2020), apresentaremos uma abordagem argumentativa embasada pelas teorias retóricas, pragmáticas e lógicas. Para isso, assim como a pesquisadora, partiremos de 6 princípios, são eles:

1. **Abordagem Linguageira:** a maneira como as palavras são escolhidas e conectadas dentro de um discurso desempenha um papel crucial na construção de um argumento persuasivo.

2. **Abordagem Comunicacional:** a argumentação só faz sentido dentro de uma situação de interlocução, ou seja, na interação com o ouvinte ou leitor.

3. **Abordagem Dialógica:** ao argumentar, o locutor leva em consideração o que outros disseram anteriormente, posicionando-se em relação a esses discursos.

4. **Abordagem Genérica:** os gêneros de discurso seguem diferentes convenções e normas que moldam como a argumentação é apresentada e percebida.

5. **Abordagem Figural:** as figuras de estilo são usadas estrategicamente para persuadir e influenciar o público.

6. **Abordagem Textual:** a análise textual busca entender como os argumentos são desenvolvidos e conectados dentro do texto para criar uma narrativa persuasiva.

A análise argumentativa do discurso deve considerar uma série de fatores além da lógica pura. Ainda, de acordo com Amossy (2020), esses fatores incluem as escolhas linguísticas, o contexto comunicacional, a adaptação ao auditório, o gênero do discurso, o uso de figuras de linguagem

e a construção textual. Cada um desses aspectos contribui para a eficácia da argumentação e deve ser analisado para entender como um discurso persuade seus interlocutores.

Para entender como a argumentação funciona, Amossy (2020) aponta que a verdadeira compreensão da argumentação ocorre quando se examinam os elementos verbais que estruturam e direcionam o discurso. Embora existam muitos recursos linguísticos e pragmáticos usados na análise da argumentação, como a negação, a interrogação e o uso de modalizadores, a pesquisadora se concentra em alguns aspectos principais. Ela destaca a importância dos elementos lexicais (palavras e expressões), o papel do que está implícito no discurso e os conectores que ligam as ideias.

Outro ponto abordado por Amossy (2020) é o papel do implícito na argumentação. O implícito funciona porque envolve o leitor ou ouvinte no processo de interpretação, tornando- o um participante ativo na construção do sentido. A argumentação implícita também permite que o locutor diga algo sem assumir completamente a responsabilidade por aquilo que foi dito. Isso cria uma zona de ambiguidade, na qual o interlocutor deve deduzir o sentido a partir de pistas linguísticas ou contextuais, mas sem certeza absoluta de estar interpretando corretamente. Dessa maneira, essa abordagem também carrega riscos relacionados à clareza da mensagem e à possibilidade de mal-entendidos. Portanto, a eficácia da argumentação implícita depende da habilidade do locutor em criar pistas suficientes para que o interlocutor compreenda a mensagem desejada, enquanto navega pela zona de ambiguidade de forma eficaz.

Nesse contexto, Amossy (2020) compreende que a distinção entre pressupostos e subentendidos é importante: os pressupostos estão mais fixos na linguagem e são menos questionáveis, enquanto os subentendidos dependem do contexto e da interpretação do interlocutor. Contudo, para a autora, ambos são ferramentas que podem ser usadas na persuasão,

dependendo de como são inseridos no discurso. Para Maingueneau (2024), as leis do discurso, quando conhecidas pelos interlocutores, permitem que conteúdos implícitos sejam transmitidos. Para o pesquisador francês (2024, n.p - grifos do autor),

> Esse tipo de implícito que se evidencia pelo confronto do enunciado com o contexto de enunciação, postulando-se que as leis do discurso são respeitadas, é denominado **subentendido**. Em geral, opõe-se o subentendido a um outro tipo de implícito, os **pressupostos**, que vêm inscritos *no enunciado*. Por exemplo, a partir de *Paul deixou de fumar na sala de espera* pode-se tirar o *pressuposto* de que antes ele fumava. Esse conteúdo implícito está no enunciado, mas subtraindo-se a qualquer contestação, como se se tratasse de uma evidência.

Pressupostos, de acordo com Amossy (2020), são informações que, embora não sejam o foco principal da mensagem, encontram-se implícitas no enunciado de forma automática. Ou seja, qualquer que seja o contexto, elas são entendidas como parte do que está sendo dito. Por outro lado, subentendidos são informações que dependem do contexto específico em que o enunciado foi feito para serem compreendidas. Porém, ao contrário dos pressupostos, os subentendidos podem ser negados pelo locutor, que pode alegar que essa não era sua intenção ao dizer algo. Então, os pressupostos são difíceis de contestar porque estão intrinsecamente ligados à linguagem usada, enquanto subentendidos deixam espaço para interpretação e podem ser rejeitados pelo falante. Sendo assim, para a pesquisadora, ambos são ferramentas poderosas na argumentação, pois permitem que o locutor transmita ideias sem afirmá-las diretamente, o que pode dificultar a contestação ou a negação dessas ideias pelo ouvinte.

Para entender como essas técnicas são usadas para transmitir mensagens de forma implícita, a conceituação de pressupostos e subentendidos, conforme a definição de Amossy (2020), pode ser aplicada ao texto de Bruna Porto sobre Rogério Garcia Zimmermann, conforme apresentado no quadro a seguir:

**QUADRO 8: Pressupostos e subentendidos no texto “Se é para falar de ídolo, eu sempre irei falar dele”**

| **Pressupostos** | |
|---|---|
| "Sempre existirão os 'antis', muito eu ouvi coisas desnecessárias por idolatrar tanto um técnico..." (Bruna Porto sobre Rogério Zimmermann) | A adoração a figuras públicas, como técnicos, inevitavelmente gera críticas ou oposição. A autora pressupõe que o culto a um ídolo será desafiado e que esse desafio é uma parte natural da dinâmica de se ter um ídolo. |
| **Subentendidos** | |
| "Tenho o autógrafo dele tatuado na pele e a primeira pergunta: 'e se ele for para tal time, tu vai apagar?' - NÃO!" (Bruna Porto sobre Rogério Zimmermann) | A afirmação de que possui uma tatuagem do ídolo e a produção de uma frase negativa que seria usada como resposta a uma possível provocação subentendem a ideia que transmite o valor de lealdade, produzindo a imagem de uma pessoa coerente e leal, essa negação é intensificada a partir do uso de caixa alta. |

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Dentro da perspectiva da dimensão argumentativa, também nos interessa a abordagem de Amossy (2020) sobre a importância dos conectores na argumentação e como eles ajudam a construir relações lógicas entre as ideias, permitindo ao enunciador produzir efeito de orientação argumentativa. Sendo assim, a autora compreende que os conectores e o contexto em que são usados estão intimamente ligados, influenciando a força e a direção do argumento. Desse modo, entendemos que os conectores são utilizados para estrutura r as ideias e orientar a interpretação do leitor.

A análise argumentativa destaca a complexidade e a profundidade da argumentação no discurso, que vai além da simples organização lógica das ideias. Conforme discutido por Charaudeau (2016) e Amossy (2020), a eficácia da argumentação depende não apenas da estrutura lógica, mas também da capacidade de considerar o contexto, o público-alvo e as estratégias discursivas envolvidas. Essas abordagens mostram que a argumentação pode estar presente de maneira explícita ou implícita em diferentes gêneros discursivos, incluindo textos narrativos e descritivos. Além

disso, o uso de conectores, escolhas lexicais e elementos implícitos, como pressupostos e subentendidos, são fundamentais para a construção de um discurso persuasivo. Ao final, percebemos que a argumentação é uma prática discursiva que permeia praticamente todo tipo de comunicação, moldando percepções e influenciando a interpretação dos interlocutores de forma sutil e eficaz.

Dessa forma, ao considerarmos a argumentação como um elemento presente em diferentes gêneros discursivos, incluindo os narrativos, percebemos que a construção do sentido nas narrativas de vida também se apoia em estratégias argumentativas. Ou seja, a narrativa não apenas relata eventos, mas também orienta a interpretação do leitor. Nesse sentido, ao adentrarmos o universo das narrativas de vida, no próximo tópico, aprofundamos nossas reflexões sobre como essas construções discursivas se estruturam e se transformam dentro do Espaço Biográfico, abrangendo desde as biografias tradicionais até as novas formas digitais de (auto)biografias.

# CAPÍTULO 5: IMAGENS DE SI E DO OUTRO EM TECNONARRATIVAS DE VIDA NO *BLOG MULHERES EM CAMPO*

Nos tecnotextos, de uma maneira geral, encontramos muitos exemplos de asserções e de delocutividade, visto que as tecnonarrativas realizam uma reconstrução histórica da trajetória de ascensão do ídolo. Há também a produção de efeitos de objetividade; contudo, devido aos co-texto e contexto, inferimos que a narração dessas sequências de ações ao longo do tempo parece estar a serviço do tom testemunhal que predomina a narrativa. Há, então, a junção dos modos narrativo e descritivo a fim de reconstruir partes da trajetória do ídolo em direção ao que ele se tornou.

## 5.1 Um caminho pelas narrativas de vida

Como vimos, outro conceito que, diante do nosso *corpus*, merece uma atenção especial é o de Narrativas de vida. Sendo assim, com base em Machado (2015, 2016), Procópio-Xavier (2012), Arfuch (2010), entre outros pesquisadores é possível, ainda dentro de uma perspectiva discursiva, traçarmos um caminho desde as narrativas (auto)biográficas até as narrativas digitais (auto)biográficas dentro do *Espaço Biográfico*. Visto que, para além das biografias tradicionais, o *Espaço Biográfico* possibilita que os tecnotextos analisados por nós sejam compreendidos como novas formas (auto)biográficas. Por isso, as discussões que envolvem as concepções de narrativa serão aprofundadas neste capítulo dedicado a ela.

Machado (2016, p. 137) apresenta "um breve estudo de caso de um gênero misto no qual as lembranças do autor/*sujeito-comunicante* são atravessadas por efeitos de narrativa de vida". Para isso, a pesquisadora analisa o relato de Saramago sobre sua avó, cuja identidade é delineada em conformidade com a de uma mulher tipicamente portuguesa, contudo, com base em Million-Lajoinie, a autora ressalta que o sujeito-comunicante busca, ao mesmo tempo, afirmar o seu "eu" neto de Josefa e situar sua avó nesse ambiente onde há o Saramago escritor.

> O documento que sustenta parte da história de vida da avó de Saramago foi por nós considerado como um género misto ou então transgressivo (no bom sentido), pois foge à forma habitual de uma crônica: trata-se de um texto impresso em um cartão na cor amarelo-sépia, de 22,5 cm. de altura por 9 de altura. Encontramo-lo na Fundação José Saramago, em Lisboa. No verso do cartão, os seguintes dizeres:"Crônica publicada no jornal A Capital, no dia 14 de março de 1968, e incluída no livro Deste Mundo e do Outro". (Machado, 2016, p. 137).

Nesse sentido, Machado (2016) classificou esse texto como gênero misto ou transgressivo, pois não obedeceu às formas canônicas de uma crônica. Isso porque, o texto foi encontrado pela autora na Fundação de Saramago, em formato de marcador de página, que estava sendo vendido. Assim, observou-se ao menos três gêneros diferentes: traços da crônica literária, do jornal impresso e de um marca páginas. Mesmo assim, para a semiolinguista, se se focaliza o suporte primeiro, a crônica pode ser classificada como texto oriundo do universo jornalístico, um subgênero do discurso de imprensa.

Machado (2016) também destaca elementos dos modos descritivo e narrativo na crônica, predominando o descritivo subjetivo. Visto que Saramago jogou com efeitos de realidade que são sustentados "(...) pelo olhar/voz de um narrador-descritor, que se posiciona do lado de fora do mundo do ser-objeto descrito (...)" (Machado, 2016, p. 139). Antes disso, as pesquisas da autora apontam que os textos podem produzir efeitos de narrativas de vida, os quais podem emergir em qualquer situação de comunicação, mesmo aquelas que não visam explicitamente o biográfico ou o autobiográfico. A partir dessas proposições, entendemos que a combinação de descrições objetivas e subjetivas nos tecnotextos do *blog MEC* contribuem para a construção de uma narrativa que visa captar a atenção do leitor, fazendo com que ele não rompa o contrato comunicativo subjacente ao projeto de palavra. Ou seja, neles, as enunciadoras também relatam suas próprias experiências e seus sentimentos como torcedoras.

Machado (2015) entende a narrativa de vida como uma nova

materialidade discursiva dentro de um campo de pesquisa que vem trilhando um caminho nesse sentido — os estudos discursivos. Para a pesquisadora, as narrativas também influenciam sujeitos -receptores, apresentando alto poder de persuasão. Sendo assim, essa escolha pelo sintagma *narrativa de vida* demarca um território que busca ir além daquilo apresentado nas biografias e autobiografias, dando destaque aos atos de linguagem nos quais se quer transmitir partes de uma vida, além de outros objetivos elencados por Machado (2015, p. 98), como:

> [...] narrar sua vida para realizar um balanço dos acontecimentos de uma existência e verificar se ela valeu ou não a pena; justificar alguma ação cometida que ainda cause remorsos no sujeito-comunicante ou autor da narrativa; desabafar; dar um exemplo de conduta para a posteridade, etc. Ou então, pura e simplesmente: narrar pelo prazer e para exercer essa bela arte de contar histórias e legar ao outro — ouvinte ou leitor a habilidade de construir histórias.

É importante destacarmos que Machado (2015) apresenta em seus estudos uma adaptação do conceito de narrativa de vida de Bertaux. Para esse pesquisador, a narrativa de vida surge nos relatos de vivências de uma pessoa, geralmente instigada por um entrevistador. Ou seja, "a narrativa de vida não é um discurso qualquer: é um discurso *narrativo* que se esforça para contar uma história *real* e que, além disso, (...), é improvisado durante uma relação dialógica (...)" (Bertaux, 2010, p. 89). Nesse sentido, a pesquisadora brasileira considera que experiências importantes de nossas vidas são constantemente narradas por nós e essas narrativas se manifestam por meio de palavras, imagens, gestos, e em diferentes gêneros.

Vimos que Machado (2015) introduz o conceito de *narrativa de vida* como uma nova materialidade discursiva. Para chegar a essa conclusão, ela explorou como as *narrativas de vida* podem servir a vários propósitos, desde a autorreflexão até o prazer de contar histórias. Ou seja, essas narrativas são como uma forma de representação e interpretação de eventos pessoais. Procópio-Xavier (2012), por exemplo, corrobora essa visão, abordando como as narrativas organizam e interpretam os eventos e como os discursos são

estruturados para criar sentido e coerência.

Portanto, com base em Machado (2015), faz-se possível analisarmos os traços de biografias ou autobiografias do *blog MEC* como *narrativa de vida*. Entretanto, precisamos destacar que, para a analista do discurso, esse conceito se refere à prática de uma pessoa contar sua própria história e compartilhar seus sentimentos sobre suas experiências de vida. Uma prática que é explorada em disciplinas como a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia, servindo como base para pesquisas que buscam entender comportamentos e adaptações em diferentes contextos sociais.

Em sua obra a respeito do *Pacto Biográfico*, Lejeune (2008) aborda a definição e os desafios teóricos da autobiografia. Inicialmente, o autor aponta que encontrou dificuldades teóricas ao tentar definir o gênero de maneira precisa, visto que a tentativa de diferenciar biografia de autobiografia e romance de autobiografia esbarrou em imprecisões terminológicas e conceituais, além de uma confusão de problemáticas que acabam se sobrepondo. Nesse sentido, o pesquisador, ao tentar refinar sua definição, enfrentou o problema de cair na repetição de debates e de fazer distinções excessivamente sutis entre as categorias. Outro ponto importante levantado por Lejeune (2008) é que a definição de autobiografia precisa ser historicizada, isto é, reconhecida em seu contexto temporal. Ele também reflete sobre a situação contemporânea de "definir" o gênero, pois seu foco não é a definição essencialista; mas, sim, uma análise crítica que leva em consideração as mudanças e variações ao longo do tempo.

Nesse contexto, a teoria de Philippe Lejeune sobre autobiografia se concentra na ideia do "pacto autobiográfico", que se configura como um acordo implícito entre o autor e o leitor. Lejeune (2008) define a autobiografia como uma narrativa retrospectiva em que uma pessoa real escreve sobre sua própria vida, focando especialmente no desenvolvimento de sua personalidade. Tanto na autobiografia quanto na biografia, Lejeune (2008)

ressalta que esses textos são “referenciais”, ou seja, eles têm como objetivo relatar fatos reais que podem ser verificados fora do texto. No entanto, ele conclui que o *espaço autobiográfico* não se limita à autobiografia tradicional, mas também se manifesta em textos ficcionais, que, de maneira implícita ou explícita, revelam aspectos da vida e do *eu* do autor.

Entretanto, Arfuch (2010, p. 58) aponta que a definição de *espaço autobiográfico* que fora proposta por Lejeune: “um reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam”; não é suficiente para abarcar as narrativas da vida. Para a autora, é preciso ir além dos exemplos tratados pelo pesquisador, traçando novas formas de se narrar a vida, desde que faça sentido num espaço e tempo. Assim sendo, a autora propõe a noção de *espaço biográfico*, que busca abarcar uma “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa” (Arfuch, 2010, p. 58). Há uma disputa pelo mesmo espaço destinado aos gêneros biográficos canônicos, visto que, na contemporaneidade, outros gêneros têm a escrita/narrativa sobre as vivências de si e de outros entre suas características.

Assim, conforme aponta Arfuch (2010), contamos a vida de diversas maneiras, narramos os acontecimentos os quais vivenciamos e aqueles de que tomamos conhecimento. A autora pontua que a narrativa postula “uma relação possível entre o tempo do mundo, o tempo do relato e o tempo da leitura” (Arfuch, 2010, p. 112). Ou seja, os acontecimentos são organizados no tempo e a representação deles possibilita a existência da narrativa. Assim como Procópio-Xavier (2012, p. 37), com base nos estudos de Leonor Arfuch (2010), consideramos “a narrativa como um discurso estruturado de maneira tal a revelar uma sucessão de acontecimentos, de ações e de estados. Além disso, é possível inserir na narrativa antecipações, projetos e formulações futuras”.

A partir de Arfuch (2010), entendemos a relação entre narrativa, experiência e temporalidade. Isso porque, para ela, a narrativa é a forma pela

qual a experiência humana se articula, o que atribui sentido ao tempo. Porém, como vimos, não há coincidência entre o tempo do relato e o tempo do acontecimento vivido, visto que existe uma distância inevitável entre a experiência real e a narrativa que a conta, algo que confere à narrativa um caráter paradoxal. Para a pesquisadora, a relação entre a narrativa e a temporalidade está presente na forma como o tempo é narrado e na forma como contamos nossa história, pois isso molda nossa percepção do tempo e da experiência.

Ao discutir a identidade narrativa, história e experiência, Arfuch (2010) explora como a narrativa desempenha um papel crucial na construção da identidade pessoal e da experiência vivida. Para a autora, a identidade é formada e reconfigurada por meio da narrativa, especialmente em relatos autobiográficos. Além disso, há uma distinção entre a narrativa ficcional e a histórica. Embora ambas compartilhem processos de ficcionalização — no sentido de estrutura e forma —, elas se diferenciam na maneira como tratam os "fatos". Nesse sentido, a narrativa histórica busca uma referência direta aos eventos, enquanto a ficção pode explorar um jogo mais livre com o real.

De acordo com Arfuch (2010), tanto a experiência vivida quanto a história são formas de antecipação e reorganização do passado em relação ao futuro. Por isso, a percepção do tempo nas narrativas é mediada pela construção do relato e reflete uma interpretação subjetiva dos eventos. A autora menciona que tanto a autobiografia quanto a história servem como testemunho — não apenas de fatos, mas de formas de pensar e experienciar a vida em uma determinada época. A reflexão sobre a identidade narrativa proposta pela pesquisadora sugere que o ato de contar histórias não é apenas uma atividade reflexiva, mas uma forma ativa de moldar a experiência humana, tornando os eventos significativos em um nível pessoal e coletivo.

Arfuch (2010) lista alguns gêneros, como a entrevista, as conversas, os *talk shows*, os *reality shows*, entre outros gêneros midiáticos nos quais o tema

são as experiências de vida. O *eu* é registrado de diferentes maneiras nessas novas formas biográficas. Segundo Procópio- Xavier (2012, p. 55), com base na pesquisadora argentina, “em suas diferentes manifestações genéricas, os textos circunscritos no espaço biográfico contam, de diferentes modos e em intensidade diversa, uma história de vida”.

Ao refletir sobre biografias, autobiografias, história de vida e memórias com o intuito de analisar escritas de vida de jogadores brasileiros, Cornelsen (2020) entende que, no diálogo com a História e com a Literatura, parte-se da definição etimológica da palavra, em que bio(vida) e grafia(escrita) representam a escrita da vida do outro. Sem desconsiderar outros aspectos importantes para abordar as especificidades desse gênero, o pesquisador destaca que

> as biografias, geralmente, apresentam alguns procedimentos comuns: a ordem cronológica; a centralização do foco no “herói da biografia”; o recurso às fontes e às testemunhas como acesso ao “verídico”; o método historiográfico de comparação e confirmação das fontes; o pacto de veracidade e a falta de acesso à “vida interior” do biografado. (Cornelsen, 2020, p.155).

Cornelsen (2020) investigou a construção de biografias e autobiografias de jogadores de futebol no Brasil, destacando a complexidade desses gêneros textuais e a diversidade de suas abordagens. Em sua análise, o autor incluiu 18 obras e verificou que, em apenas duas delas, não foram utilizados o nome ou apelido do jogador no título, porém elas apresentam essas referências em outras partes do paratexto, como na capa.

Além disso, Cornelsen (2020) explorou as nuances da autoria, constatando que, na maioria dos casos, jornalistas são responsáveis por escrever as biografias dos jogadores analisados, enquanto as autobiografias, frequentemente, contam com a colaboração de outros profissionais. Com isso, para ele, há uma espécie de "coautoria", que complica a distinção entre os papéis de autor e narrador.

Outra discussão apontada como necessária para Cornelsen (2020) diz respeito à dificuldade de definir algumas obras como biografias ou autobiografias de forma estrita, dada a complexidade de suas composições. O autor cita o exemplo de *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*, que se aproxima mais de uma reportagem do que de uma biografia completa. Além disso, obras como *Romário* é classificada como um mosaico de depoimentos, "[...]portanto, o princípio dessa obra não é o da escritura; mas, sim, o da escuta, outras vozes narram sobre a vida e a carreira do jogador e não aquele que figura como sendo o autor do livro" (Cornelsen, 2020, p. 151). Sendo assim, essas composições híbridas e o envolvimento de múltiplos sujeitos da enunciação tornam o processo de elaboração dessas obras uma colaboração inevitável entre jogadores e profissionais da área de comunicação. Cornelsen (2020) ainda ressalta que essas práticas são comuns no meio esportivo, mencionando exemplos internacionais, como as autobiografias de Lance Armstrong e Bob Champion.

Cornelsen (2020) identifica elementos como o uso de fotografias e a inclusão de dados sobre a carreira dos jogadores, o que também ajuda a compor a autenticidade e o valor documental das biografias. Por isso, ao considerarmos as tecnonarrativas do *Blog Mulheres em Campo*. Assim como Cornelsen (2020), entendemos que elas evidenciam que os limites dos conceitos de autobiografia e biografia sugerem a adoção da categoria de *espaço biográfico* — como vimos, um conceito que abrange obras que não podem ser classificadas estritamente como biografias ou autobiografias, como as memórias, as reportagens e os perfis, no caso de Cornelsen (2020) e os tecnotextos do *Blog MEC*, em nosso caso.

Com ênfase no uso de múltiplos focos narrativos e depoimentos, para Cornelsen (2020), diante de seu *corpus* de análise, tradicionalmente, a biografia tende a ser escrita em terceira pessoa, o que transforma o biografado em um protagonista, muitas vezes com tons heroicos ou trágicos, como nos casos de Neymar e Moacyr Barbosa. No entanto, o pesquisador

também destaca que várias obras biográficas relacionadas ao futebol brasileiro rompem com essa estrutura. O exemplo da biografia de Romário é central, pois a narrativa é construída por meio de depoimentos de várias pessoas, como o jogador Sávio, que contribui com uma perspectiva na qual ele se torna um personagem ativo na narrativa.

Diante dos nossos objetivos de análise, entendemos ser importante pensarmos também nas narrativas em sua perspectiva de testemunho. Assim, outro autor que nos ajuda a refletir sobre a temática das narrativas de vida é Seligman-Silva (2022), que tem refletido sobre narrativas de caráter testemunhal. O pesquisador destaca em suas pesquisas que o testemunho tem perpassado por diversas áreas do saber, desde a teologia e os estudos jurídicos até encontrar seu espaço nos estudos literários, campo do qual o pesquisador se apresenta. Para o autor, o testemunho se apresenta em uma paradoxal singularidade em que:

> Todo testemunho é único e insubstituível. Esta singularidade absoluta condiz com a singularidade da sua mensagem. Ele anuncia algo excepcional. Por outro lado, é esta mesma singularidade que vai corroer sua relação com o simbólico. A linguagem é um constructo de generalidades, ela é feita de universais. O testemunho comoevento singular desafiaa linguagem e o ouvinte (Seligman-Silva, 2008, p. 72).

Sendo assim, a linguagem se faz desafio para quem faz o testemunho, pois nem sempre ela é suficiente para construir aquilo que realmente se quer testemunhar. Assim, o desafio se dá no fato de que, segundo Selligman-Silva (2008), a fragmentação daquilo que foi real é travado, ou seja, sofre interferências na sua simbolização. Com isso, o pesquisador entende que a ideia de singularidade absoluta se esbarra com a possibilidade de o testemunho apresentar traços de ficção. Nas palavras dele, “esta passagem para o imaginário é desejável e pode ter um efeito terapêutico, mas para um certo discurso sobre o testemunho – sobretudo o jurídico, mas não só – a ficção contamina e dissolve o teor de verdade do testemunho” (Selligman-Silva, 2008, p. 72).

Dessa maneira, o autor supracitado compreende que há um hibridismo de imaginário e de singularidade no testemunho, pois

> Por outro lado, o testemunho também se quer compreensível e, mesmo, o testemunho se quer exemplar. Neste sentido reencontramos um veio tradicional do conceito de testemunho, que o articulaà figura cristã do mártir (também muitocara a Dostoiévski). Mártir é aquele que sofre e morre para testemunhar sua fé. O mártir (do grego mártus- uros, aquele que testemunha, ou seja, que percebe o mundo), ao testemunhar de modo único esta fé universal, torna-se ele mesmo um exemplo, um modelo, uma vida exemplar, que as hagiografias até o século XX reproduziam com certo sucesso. Aquele que testemunha um fato excepcional muitas vezes torna-se ele também uma figura exemplar. Sabemos do valor atribuído em nossa sociedade aos sobreviventes. Eles representam exemplos únicos daqueles que viram de perto atrocidades inomináveis. Eles portam estas verdades e são tratados como porta- vozes delas (Selligman-Silva, 2008, p. 72 e 73).

Sendo assim, ao testemunhar, objetiva-se ser entendido e, ao mesmo tempo, ser visto como algo a se seguir, como aponta o autor: ser uma figura exemplar. Assim como o fato testemunhado, aquele que testemunha pode também ser reconhecido como uma figura exemplar. No caso de Selligman-Silva, ele apresenta testemunhos que narram traumas de catástrofes, daqueles que sobreviveram a elas, que viveram momentos de terror e que, por isso, tornam-se portadores e mensageiros de tais verdades.

No *Blog MEC*, percebemos que enunciadora de acontecimentos e memórias também é, por vezes, enunciadora de si. Sendo assim, como indica Arfuch (2010), essas narrativas de vida podem ser compreendidas dentro de um *espaço biográfico*, no qual as enunciadoras inscrevem suas trajetórias ao narrarem a trajetória de seus ídolos. Como observa Lejeune (2008), esse processo envolve a composição de um pacto autobiográfico, estabelecido entre os participantes da narrativa. O que, como destaca Seligmann-Silva (2008), articula-se ao testemunho, no qual narrar também se torna uma forma de resistência, memória e inscrição política. Nesse contexto, o testemunho não é apenas um relato do passado, mas uma tentativa de criar imagens de si e do outro (no caso, o ídolo) e de fazer com o leitor, ou seja, o ouvinte se torne parte da experiência.

Diante das análises das tecnonarrativas de si e do outro, percebemos que as torcedoras, ao falarem de seus ídolos, não apenas mobilizam traços discursivos e enunciativos típicos de biografias tradicionais, mas também revelam aspectos profundos de sua própria identidade e paixão pelo futebol. Com isso, entendemos que as imagens de si e do outro que perpassam, principalmente as narrativas selecionadas para nossas análises, carregam um tom testemunhal ao trazerem à tona não apenas aspectos das relações das torcedoras com o futebol, mas das complexas relações sociais, emocionais e identitárias envolvidas na prática torcedora.

Portanto, compreendemos que a autobiografia com tom testemunhal não se limita a uma simples representação objetiva da vida, mas envolve um processo de reinterpretação e reconfiguração da identidade. Assim, entendemos que a *narrativa de vida*, como materialidade discursiva que transcende os limites de uma categorização rígida, faz parte desse *espaço biográfico* que também nos permite compreendermos as mais diversas experiências humanas. Ou seja, nas narrativas de vida, ao narrar a própria história, o sujeito também pode se posicionar como enunciador de uma trama e, por vezes, produzir sentidos e interpretações sobre suas experiências.

A seguir, apresentaremos as análises finais das 7 tecnonarrativas selecionadas como *corpus* desta tese, lembrando que, durante toda a leitura até aqui, utilizamos esses e outros textos do Blog Mulheres em Campo para ilustrar conceitos e apontamentos teóricos essenciais para a análise discursiva que propomos com nossos objetivos de pesquisa.

## 5.2 Diferentes *ethé* em tecnonarrativas na página Ídolo

Ao nos apoiarmos na interdisciplinaridade permitida pela *Análise do Discurso*, fez-se possível analisarmos as imagens relacionadas ao futebol na blogosfera, tratando-a como um lugar que pode permitir a visibilidade de mulheres que querem que suas vozes sejam ouvidas. Por isso, buscamos entender a construção dessas imagens dentro do ambiente futebolístico com

base na Análise do Discurso Digital de tecnonarrativas de ídolos. A seguir, aprofundamos e aplicamos os conceitos[28] levantados nos capítulos teóricos nas tecnonarrativas que apresentam fotografias das torcedoras com seus ídolos e na que narra a história da jogadora Formiga — escolha já justificada no início desta tese.

### 5.2.1 "Ídolo Fabuloso"

Na tecnonarrativa "Ídolo Fabuloso", a enunciadora-torcedora-blogueira constrói para Luís Fabiano uma imagem de herói que superou dificuldades para alcançar sucesso. Para isso, ela descreve a infância humilde e os obstáculos enfrentados na carreira utilizando, principalmente, léxicos que reforçam um *ethos* de triunfo e perseverança de um herói que vence a vida por meio de sua determinação e paixão pelo que faz.

Logo de início, quando o sujeito comunicante (EUc) constrói um projeto de fala com a finalidade de apresentar traços de identidade por meio de *ethé* variados, antes mesmo de nomear o jogador homenageado, a enunciadora reafirma o "título" de ídolo de Luís Fabiano. Assim, o enunciado "É ídolo sim, e é Ídolo ETERNO", permite que façamos uma breve análise dessa escolha lexical em que o uso do vocábulo "sim" pode marcar explicitamente a finalidade de enfatizar essa construção dessa figura venerada. Com isso, podemos inferir que, implicitamente, ela não quer deixar dúvidas sobre essa constatação. De alguma forma, também pode demonstrar que existem possibilidades de haver questionamentos em relação a sua afirmação. Além disso, o uso do verbo "ser" no presente do indicativo (é) sugere que essa constatação da enunciadora é validada atualmente. Contudo, nesse entremeio, ela também repete que o jogador é ídolo — para informar sobre algo que ela acredita ser incontestável — e acrescenta o adjetivo

[28] É importante ressaltarmos que, para evitar uma repetição de apontamentos, optamos por destacar alguns pressupostos teóricos mediante o que o corpus "dizia" para nós. Com isso, algumas narrativas abrangeram uma maior concentração de conceitos aplicados em relação as outras.

“eterno” para marcar a transcendência do jogador no tempo.

Ao iniciar o primeiro parágrafo, a enunciadora pressupõe que seus interlocutores reconhecerão as imagens construídas e atribui a ele características das quais podemos subenteder como fragmentos da identidade desse atleta, construídos a partir das imagens que ela tem desse outro. Com isso, a enunciadora constrói um *ethos* complexo de Luís Fabiano, visto que ela não começa exaltando as qualidades heroicas dele, mas traça uma imagem marcada por características ambivalentes. Ela escreve: “Marrento, brigador, sangue quente e por si vai, sim, essas são características do FABULOSO”. Essa adjetivação, que pode apresentar efeitos de sentido negativos, tem uma conotação diferente quando reconhecemos a finalidade da enunciação construída. Ao usá-los, a enunciadora reconhece essa imagem do jogador, porém, busca ressignificá-las positivamente.

Como vimos, com base em Amossy (2020), entendemos que esses termos não são neutros, nem mesmo utilizados apenas em seu sentido literal, pois são essenciais para a construção da imagem do jogador. Conforme aponta a pesquisadora, a redefinição de termos é uma técnica utilizada para contestar ou reformular as ideias de um adversário. Ao redefinir uma palavra, o orador pode alterar a compreensão do conceito e, assim, construir uma argumentação que refute a posição contrária. Sendo assim, vimos que a enunciadora- torcedora utiliza esses termos buscando distanciar-se dos sentidos negativos para dotá-los de sentidos positivos, considerando o ambiente tecnodiscursivo em que são usados . No tecnotexto, compreendemos esses traços como índices de uma imagem de pessoa batalhadora, um atleta que está sempre disposto a buscar pela vitória, mesmo que isso implique em um comportamento controverso.

Na mesma medida, esses termos de conotações negativas, apresentados como traços distintivos de um atleta que é “fabuloso”, não são características tratadas como obstáculos, visto que são mostradas como sinais

de um jogador dedicado e determinado, que não hesita em lutar pelo sucesso e pelo bem de sua equipe. Assim, o comportamento desafiador de Luís Fabiano é reinterpretado como uma expressão de sua paixão e comprometimento. Esses processos mostram como as escolhas lexicais são fundamentais para orientar a interpretação e a persuasão em um discurso, agenciando as conotações e os significados das palavras para influenciar o público e fortalecer a argumentação.

Esse caráter aguerrido e combativo de Luís Fabiano é retomado durante toda a tecnonarrativa, em que a descrição desse comportamento reforça um *ethos* construído por traços de caráter associados à raça e à bravura. No decorrer do enunciado, o ídolo é construído pela enunciadora como alguém que "dá tudo de si" em campo, que luta até o fim, mesmo que isso signifique receber cartões ou discussões com árbitros. Para tanto, esse *ethos* coletivo, em que certos traços do indivíduo são preservados, é apresentado como uma qualidade admirada, algo que o aproxima ainda mais da torcida.

Outra imagem construída na tecnonarrativa de vida de Luís Fabiano é um *ethos* de uma pessoa emocional, em que o jogador é representado como alguém movido pela emoção, pelo amor ao clube. A enunciadora descreve a forte conexão emocional do atleta com o São Paulo Futebol Clube quando destaca que ele chegou a abrir mão de dinheiro para retornar ao time: "[...] mas em 11 de Março de 2011, o artilheiro assinou seu retorno ao São Paulo, Luís Fabiano abriu mão de € 4,5 milhões [...]". Para ela, isso reforçou ainda mais esse vínculo tão forte, o que também construiu uma imagem de símbolo do clube. Outro argumento utilizado para reforçar esse efeito patêmico está na abordagem da recusa do jogador em jogar em clubes rivais, como o Corinthians. O que reforça também um *ethos* coletivo de lealdade, extremamente valorizado por torcidas de futebol e que a enunciadora, ao utilizá-lo, acaba por intensificar esse *status* de ídolo eterno de Luís Fabiano.

Para Charaudeau (2007b), as palavras constroem o efeito patêmico, pois elas podem apresentar uma tonalidade quando em discursos explícitos ou podem parecer neutras em discursos implícitos. Como vimos, em nosso *corpus*, identificamos dois tópicos de patemização do discurso: a simpatia e a atração. Diante disso, compreendemos que a tecnonarrativa "Ídolo Fabuloso" reforça essa patemização por meio dos tópicas da "simpatia" quando a enunciadora reforça que gosta do outro por meio de figuras de defesa desse ídolo, ao final do tecnotexto, ela reforça: "E só tenho a agradecer por tudo que ele fez pelo nosso time do coração, por toda dedicação, e colocar o nome no meu filho ainda foi pouco para agradecer e homenageá-lo".

No que se refere à tópica da atração, observamos que a enunciadora constrói uma imagem de Luís Fabiano que evoca elementos de fascínio e exaltação. A escolha lexical em expressões como "ídolo eterno" sugere uma admiração que se inscreve para além do tempo e das falhas humanas, consolidando uma imagem positiva de herói. Essa construção é intensificada também quando, no enunciado, identificamos traços polêmicos vistos pela enunciadora não como defeitos, mas como marcas de autenticidade e carisma. Assim, a tecnonarrativa constrói esse efeito patêmico da atração, segundo a tipologia de Charaudeau (2007b), ao mobilizar figuras como admiração e maravilhamento, por exemplo.

Ao compreendermos o que Charaudeau (2016) conceituou como discurso relatado, percebemos que as tecnonarrativas do *Blog MEC* se apoiam nessa modalidade delocutiva. As citações estão presentes quando a enunciadora narrativiza seu dizer. Em "Ídolo Fabuloso", além das muitas citações diretas de entrevistas do jogador, ao final, uma frase dita por ele, pode gerar um duplo sentido. Quando a enunciadora finaliza seu texto com "A vida me fez São Paulo, e eu fiz do São Paulo minha vida", apesar de estar explícita a assinatura do autor da frase (Luís Fabiano Clemente), a partir da leitura do tecnotexto, podemos inferir que a enunciadora também integra esse dizer a sua vida de torcedora, principalmente, porque, antes disso, ela narra

sobre sua relação com o ídolo apontando traços de extimidade — reforçados com uma fotografia, como podemos ver a seguir:

**Imagem 15: Captura de tela do trecho com fotografia da torcedora, seu filho e o jogador ídolo**




FONTE:https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/idolofabuloso/

A fotografia é apresentada pela enunciadora para reforçar o último trecho de sua homenagem ao ídolo são paulino, por isso acreditamos que essa exposição da intimidade, ou seja, a *extimidade* é uma estratégia discursiva que colabora para reforçar o *ethos* de uma torcedora que possui propriedade para falar sobre o ídolo escolhido por ela. Além disso, com essas escolhas lexical e imagética, ela busca (re)afirmar uma paixão que vai além das quatro linhas do campo e das arquibancadas, assim como seu ídolo sempre serviu de exemplo por demonstrar esse afeto também enquanto jogador do São Paulo, o que motivou a torcedora a registrar seu filho com o mesmo nome do atleta tricolor.

Por fim, o que encontramos, mais especificamente no relato da torcedora ao final da publicação, é uma dimensão testemunhal que sustenta o caráter subjetivo dessas tecnonarrativas. Ao considerarmos que o testemunho, com base em Seligman-Silva (2008), constrói-se na tensão entre

a experiência singular e o compartilhamento dela por meio da linguagem (o que nem sempre é suficiente), esse relato incorpora a narrativa do jogador à narrativa da torcedora dentro do espaço biográfico. Isso porque a patemização discursiva desse ato de enunciação pode ser interpretado como uma forma de testemunhar a partir da exemplaridade: ela não apenas relata uma admiração, mas performa uma fidelidade na qual ela se figura como portadora de tal testemunho, pois sua memória se constrói como celebração de uma experiência futebolística marcada por afeto, pertencimento e identidade.

### 5.2.2 “Nas quatro linhas, volante, fora de campo, Guerreira!”

Diferentemente do tecnotexto anterior, assim como dos demais que foram analisados, em “Nas quatro linhas, volante, fora de campo, Guerreira!” não encontramos como exemplo de extimidade e outras construções discursivas uma fotografia do sujeito comunicante com o ídolo homenageado. Como já justificamos, essa publicação faz parte do nosso *corpus* por se tratar de uma tecnonarrativa de um ídolo mulher no futebol — lembrando que entre todos eles, apenas dois tinham mulheres como homenageadas. Além dele, há apenas mais um tecnotexto de jogadora, porém, optamos por não o usar diante de nossa metodologia pelo fato de ter sido escrito pela pesquisadora responsável por esta tese. Outro fator importante a se destacar é o fato de que propusemos fazer nossas análises em ordem cronológica de publicação no *blog*, por isso, esse será nosso segundo objeto de análise.

Nessa tecnonarrativa sobre a jogadora de futebol Mirailde Maciel Mota, conhecida como Formiga, a enunciadora destaca não apenas as conquistas esportivas da atleta, mas também ressalta a projeção de sua imagem de ativista, ao descrever ações de Mirailde em sua luta contra os preconceitos que permeiam o futebol de mulheres.

Assim como os outros tecnotextos, a dualidade entre o ídolo e a

heroína é relatado pela enunciadora. Nesse sentido, a jogadora é apresentada como: um ídolo que conquistou o respeito de torcedores e uma heroína que superou obstáculos gigantescos para alcançar o sucesso, construção que parece corroborar com nossas conclusões sobre os conceitos de ídolo e herói. Dessa maneira, ao reconstruir partes da trajetória da atleta em uma descrição sobre o seu envolvimento com seis Olimpíadas e inúmeras outras competições, combinado com seu comprometimento com o futebol feminino, além de enfatizar momentos nos quais ela se comprometeu com o futebol feminino, a enunciadora constrói uma imagem de Miraildes não apenas de uma jogadora excepcional, mas de um ser humano que transcende o esporte e assume um papel maior na luta por igualdade e reconhecimento.

É importante ressaltar que, desde a introdução, a enunciadora projeta *ethé* de Formiga relacionados a traços de caráter de uma mulher de resistência, na medida em que reconstrói momentos de sua trajetória desde os desafios iniciais quando jogava entre meninos e enfrentava a violência nos jogos. Com isso, ao descrever Formiga como símbolo de persistência e de determinação, de maneira implícita, fica subentendido que a enunciadora busca resgatar a resistência das mulheres em espaços dominados por homens, como o futebol.

Isso pode ser subentendido, por exemplo, quando a enunciadora trata da falta de necessidade de comparações entre Formiga e jogadores homens, em que ela parece visar desafiar o imaginário social que, frequentemente, tenta medir o valor das mulheres comparando-as a homens. Vejamos o *print* a seguir:

**Imagem 16:Captura de tela com destaque para trecho com discurso relatado enunciando diferentes imagens de Formiga**




Fonte: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/nas-quatro-linhas-volante- fora-de-campo-guerreira/

O enunciado "Formiga não é 'Fulano de saias'. Formiga é única (...)" apresenta uma negação polifônica que coloca em cena dois enunciadores. De acordo com Ducrot e Carel (2008), o tratamento da negação na linguagem combina dois elementos principais: a descrição polifônica e a concepção argumentativa da significação[29]. A partir dessa combinação, podemos empreender uma análise da negação na qual se integram múltiplas vozes e enunciados encadeados. Isso porque na negação polifônica, para os pesquisadores, o enunciado negativo é um fenômeno complexo, não apenas uma simples inversão do valor de verdade. Por isso, as vozes são representadas por enunciadores que não se confundem com o locutor.

A jogadora é retratada no ato enunciativo como uma heroína que "nunca vai desistir de lutar pelo futebol feminino". Isso porque, mesmo em condições adversas, ela continuou a batalhar para alcançar seus objetivos e inspirar futuras gerações. Sendo assim, pod emos inferir que enunciados

[29] Com base na Teoria dos blocos semânticos, na qual Ducrot sugere que a construção dos significados está relacionada à organização dos enunciados em blocos que direcionam a interpretação e os sentidos do discurso.

como “mulheres como a Formiga nos fazem sentir cada vez mais orgulhosos” ressaltam a elevação de Formiga a uma figura heroica. Essa imagem é construída pela enunciadora em torno da sensação de comunidade e coletividade que Formiga representa no futebol feminino. Para isso, a narrativa destaca que a jogadora pertence a uma geração de atletas que lutam não apenas por suas carreiras individuais, mas também pelo fortalecimento e reconhecimento do futebol feminino como um todo.

Ao apresentar traços de identidade da atleta, a enunciadora reforça atributos de determinação, de liderança e de resistência, construindo uma imagem símbolo de uma identidade coletiva de mulheres guerreiras no esporte. Isso acontece, por exemplo, quando ela é retratada como alguém que “não precisa ser espelho de ninguém”, ressaltando sua singularidade e autenticidade como mulher e jogadora. Por fim, entendemos que essa é uma tecnonarrativa que pouco explicita imagens da enunciadora, visto que a situação de comunicação se difere dos outros tecnotextos analisados, principalmente, por ter uma maior aproximação com o contrato socio-discursivo de uma biografia tradicional. Porém, isso não nos impediu de levantarmos os pressupostos e subentendidos apontados, muitos menos de construirmos fragmentos desse *ethos* de uma enunciadora-torcedora-blogueira que pressupomos acreditar na importância da luta das mulheres jogadoras de futebol.

### 5.2.3 “O goleiro de todas as séries”

No tecnotexto “O Goleiro de Todas as Séries”, o conceito de ídolo, no contexto do futebol, pode ser compreendido a partir da relação estreita entre Nivaldo e o clube, bem como a evolução de sua carreira. A enunciadora constrói uma narrativa de Nivaldo como um ídolo “de todas as séries”, enfatizando sua lealdade e contribuição para a Chapecoense ao longo dos anos. A trajetória do jogador é narrada de forma a destacar não apenas suas habilidades técnicas, mas também seu caráter e sua liderança, aspectos que,

segundo Ecoten e Corsetti (2010), são comumente atribuídos aos ídolos do futebol.

Apesar de não deixar explícito que o texto foi construído a partir de uma entrevista do sujeito comunicante com o ídolo em questão, podemos inferir, a partir de marcas linguísticas de discurso relatado ("Segundo o goleiro", "Nas palavras de Nivaldo", "Nivaldo declarou", "Nivaldo diz sentir" etc.) que o tecnotexto é uma crônica escrita a partir de uma "conversa" anterior com o ídolo.

Dito isso, em "O goleiro de todas as séries", a enunciadora inicia a tecnonarrativa dialogando com o leitor, mas não com qualquer leitor: ela direciona o TUd como "torcedor alviverde", ou seja, o torcedor da Chapecoense, clube no qual o ídolo homenageado pelo EUc construiu a carreira que ela nomeia como exemplar. Sendo assim, inferimos que a enunciadora-torcedora-blogueira busca criar uma imagem do jogador de fidelidade. Ao mesmo tempo ela, ao contar a história de seu ídolo, apresenta um tom testemunhal, em que seu relato reforça o hibridismo entre imaginário e singularidade do testemunho. Como vimos, com base em Selligman-Silva (2008), esse testemunho além de se apresentar como exemplar, ele também se objetiva compreensível. Não por acaso, a enunciadora evoca um sujeito interpretante que, mesmo que implícito, compartilha com ela o mesmo sentimento de pertencimento clubístico — o que potencializa os efeitos de identificação e recepção do testemunho.

Outra estratégia discursiva que podemos apontar no tecnotexto sobre o goleiro Nivaldo é o uso do pronome possessivo na primeira pessoa do plural — "nossos eternos campeões", "nosso eterno goleiro de todas as séries", "nossa camisa". Essa escolha pode representar marcas de um envolvimento da enunciadora com essa forma de torcer que abrange muito mais que acompanhar os jogos do seu time, pois podemos inferir que a identidade da enunciadora se constrói a partir da partilha de valores,

memórias e afetos em comum com o(s) interlocutor(es). Em outros trechos, o advérbio de lugar "aqui" — "se passaram 12 anos e ele continua aqui", "já que passou e passa mais tempo aqui do que com o restante de sua família" — também reforça a imagem de pertencimento que a enunciadora busca construir, seja em relação a ela com o clube/ídolo, seja em relação ao jogador com o clube/torcida.

Com base na Teoria Semiolinguística, compreendemos que esse uso do advérbio aproxima o jogador da comunidade torcedora, criando um sentimento de intimidade e fidelidade. Por fim, o uso do verbo na primeira pessoa no trecho "m ostrar a eles como chegamos até onde estávamos" nos permite subentender que a enunciadora constrói um *ethos* coletivo, principalmente, ao compartilhar suas memórias entrelaçadas às narrativas de vida do jogador homenageado.

O ídolo é apresentado pela enunciadora como um "ídolo eterno", pois, ele representa para ela um indivíduo que construiu sua trajetória de maneira perseverante, superando dificuldades e colaborando positivamente com a Chapecoense em momentos críticos. O papel dele como goleiro e, mais tarde em cargos administrativos, reforça essa imagem de um profissional que, no imaginário dos torcedores do clube, permanecerá eternamente na memória.

A enunciadora também explora o profundo vínculo de Nivaldo com a Chapecoense e a cidade de Chapecó com elementos que reforçam o pertencimento do jogador à comunidade alviverde a partir do depoimento do próprio atleta, porém retomado de forma indireta no enunciado: "Mas de uma coisa tem certeza, adotou Chapecó como sua cidade e agora sua primeira casa". De maneira explícita, ao usar o discurso relatado para demonstrar esse sentimento de pertencimento do jogador, a tecnonarrativa também reforça a imagem de pertencimento. Além disso, o fato de ele ter atuado por tantos anos no clube, em todas as séries do Campeonato Brasileiro, pode ser subentendido como uma estratégia para argumentar que

ele não é apenas um funcionário do clube, mas um verdadeiro integrante da "família Chapecoense".

Assim, durante a narrativização da vida do jogador, a enunciadora argumenta por meio de uma abordagem linguageira na qual a escolha de palavras influencia na construção argumentativa a favor da construção dessa imagem de ídolo eterno que ela delega ao Nivaldo. Nesse sentido, ela deixa marcas para inferirmos que ele representa a transformação do clube, que passou de uma equipe quase falida para um time respeitado no cenário nacional. Para isso, a enunciadora destaca que o clube da Chapecoense, que quase fechou as portas, "renasceu das cinzas" com a ajuda de pessoas como Nivaldo, que personificam esse esforço de reconstrução.

Por fim, antes de analisarmos o uso da fotografia nesse tecnotexto, não podemos deixar de destacar o uso de estratégias para a construção de uma identidade discursiva na tecnonarrativa "O goleiro de todas as séries". A enunciadora retoma o trágico acidente de 2016[30], visto que o jogador ainda integrava a equipe e não viajou com o clube por questões técnicas. De acordo com ela: "quis o destino que a história fosse outra". Por isso, acreditamos que, ao explorar esse acontecimento em sua tecnonarrativa, a enunciadora se apropria de pelo menos uma das estratégias de construção de identidade discursiva: a dramatização, pois ela busca descrever essa situação visando captar a atenção do leitor para um momento em que valores afetivos são compartilhados socialmente, até mesmo entre aqueles que não são seus TUi, o que nos permite compreender que não se pode negar (como já comprovado por Charaudeau e outros estudiosos) a existência do TUd.

Quanto à fotografia compartilhada pela enunciadora-torcedora-blogueira, ao considerarmos o *blog* como um ambiente com aspectos

[30] No acidente aéreo com a delegação da Chapecoense, ocorrido em 29 de novembro de 2016, 71 pessoas morreram e 6 sobreviveram. O avião, operado pela empresa LaMia, caiu na Colômbia quando levava o time para disputar a final da Copa Sul-Americana contra o Atlético Nacional. Foi uma tragédia que comoveu o mundo do futebol e teve grande repercussão internacional.

compósitos, não seria aconselhável ignorarmos o texto escrito logo antes da fotografia e depois da fotografia, como podemos ver no trecho copiado e colado[31] a seguir:

**Imagem 17: reprodução da imagem salva em arquivo DOC's acompanhada dos textos originais da publicação**

"O ex atleta e goleiro da Chapecoense possui uma história de longa data com o clube, não há como o torcedor falar da história do time sem lembrar e comentar sobre o nosso goleiro de todas as séries. Atualmente Nivaldo ocupa um cargo administrativo no clube e como futebol também é imprevisível, não quis arriscar dizer por quanto tempo mais poderá permanecer. Mas de uma coisa tem certeza, adotou Chapecó como sua cidade e sua agora primeira casa, já que passou e passa mais tempo aqui do que com o restante de s ua família".



***(Foto: arquivo pessoal)***

"Tudo o que aconteceu com a Chapecoense marcou bastante a trajetória de Nivaldo, assim como o goleiro marcou bastante a história do time. Nivaldo diz sentir orgulho em falar da Chapecoense e contar sobre seus feitos e agradece por todos os momentos bons e oportunidades que o clube lhe deu, porém mais do que isso, é o torcedor alviverde quem agradece. Agradece a esse atleta por todo tempo, empenho e dedicação que tem desempenhado para defender as cores de nossa camisa, por todo amor e carinho que sente pela Chapecoense e por ter nos dado tanto orgulho durante todos esses anos. Por esses motivos, Nivaldo sempre será um de nossos ídolos eternos".

FONTE: arquivo DOC's com publicações salvas a partir da ferramenta CTRL+C e CTRL+V

[31] Como previámos, durante a produção da tese a página com os textos originais passou por vários momentos de instabilidade. Com isso, no período final de escrita a página apresentou mensagem de "temporariamente indisponível". Contudo, cientes da imprevisibilidade de nosso corpus, todos os textos estavam salvos em arquivo na nuvem e também constam em anexo neste trabalho.

Assim como Cornelsen (2020) aponta que nas biografias, as fotografias corroboram a autenticidade e o valor documental desse gênero, nas tecnonarrativas do blog MEC, exemplificada, nesta tese, pela publicação sobre Nivaldo, elas podem ser consideradas como marcas de uma busca pela autenticidade dessas torcedoras que escrevem sobre seus ídolos. Além disso, essa imagem de torcedora que comprova sua aproximação com o jogador evoca sentidos e afetos que extrapolam a linguagem verbal, pois ela também produz testemunho do que diz. Também entendemos que esse gesto de exposição de seu íntimo por meio de um arquivo pessoal é atravessado pela noção de extimidade, desenvolvida por Paveau (2021), na medida em que a torcedora compartilha publicamente um momento pessoal (a relação simbólica com o ídolo) em um espaço público. Mesmo que a narrativa de si, nesse e em outros casos do *blog* em questão, tenha como finalidade contar a história do outro — o ídolo —, a relação íntima vivida entre torcedora, ídolo e clube se torna externa, visível, passível de ser lida, curtida, compartilhada.

### 5.2.4 "Se é pra falar de ídolo, eu sempre irei falar dele"

A tecnonarrativa "Se é para falar de ídolo, eu sempre irei falar dele" se diferencia das demais, principalmente, por apresentar três fotografias da torcedora com o ídolo, além do teor emocional mais acentuado por expressões, pela extimidade e pela visada patêmica.

Nessa tecnonarrativa, a enunciadora constrói, por meio de um tom testemunhal, uma imagem de torcedora apaixonada, ao mesmo tempo, em que cria uma imagem de jogador exemplar ao tratar da trajetória e das conquistas do ídolo. Na publicação, ela descreve acontecimentos de sua vida pessoal, como a primeira vez em que ouviu falar sobre o atleta em 2004, culminando na tatuagem do autógrafo dele em seu tornozelo —; elementos que estão explícitos. Por outro lado, implicitamente, por meio da descrição detalhada e emocional de sua relação com Rogério, como no trecho destacado "E não só ganhou meu coração como também o título de cidadão Pelotense",

percebemos a narrativização de uma profunda paixão, em que o substantivo "coração" pode representar, entre os diversos possíveis interpretativos, um lugar afeto, pois trata-se de uma metáfora de um espaço de vínculos emocionais. Além do mais, como destacamos, ela também apresenta várias fotografias com o ídol o, vejamos uma delas a seguir:

**Imagem 18: Captura de tela das fotos pessoais no texto "Se é para falar de ídolo, eu sempre irei falar dele"**




FONTE: https://apaixonadas-por-futebol4.webnode.page/news/se-e-para-falar-de-idolo-eu- sempre-irei-falar-dele/

Nesse sentido, podemos inferir que a narrativa se configura como um testemunho sensível, em que a torcedora, de certa forma, projeta, em Rogério, a construção de um vínculo identitário marcado pela devoção e pelo afeto. Contudo, em diversos trechos, ela também busca demonstrar um conhecimento minucioso sobre a trajetória do técnico, o que deixa subentendido que ela é uma torcedora dedicada e bem informada.

Além disso, a defesa fervorosa em relação ao técnico diante dos imaginários que envolvem o futebol, como no trecho que inicia a tecnonarrativa: "O meu ídolo no futebol brasileiro não é nenhum jogador com corte de cabelo da moda, tatuagem no pescoço, que faz ostentação nas redes sociais, até porque, o mesmo não é adepto à esses veículos de comunicação" permite inferirmos que ela é uma pessoa que valoriza a argumentação em sua

devoção. Esses aspectos não são ditos diretamente, mas podem ser inferidos com base em uma leitura cuidadosa de seu texto. Isso porque, nele, a enunciadora descreve, com emoção, como conheceu Zimmermann e como, ao longo dos anos, ele se tornou uma figura essencial em sua vida como torcedora. O tom nostálgico fica evidente quando ela relembra momentos marcantes, como a primeira vitória sob o comando do técnico. Assim, ela constrói para si um *ethos* devocional, que vai além da admiração do ídolo pelo sucesso em campo, mas permeia uma conexão emocional e de identidade entre eles.

Essa tecnonarrativa pode ser vista como um bom exemplo de quando o pertencimento clubístico, na perspectiva da torcedora, extrapola as arquibancadas. Além disso, também nos permite entender a diferença do "olhar torcedor" para a perspectiva jornalística em um texto com aspectos jornalísticos. A perspectiva parcial e passional, como aponta Vimieiro (2014), posiciona o torcedor, neste caso, a torcedora no papel de protagonista, o que para nós, diante desse e de outras tecnonarrativas analisadas, entendemos que elas não se tornam apenas protagonistas no papel de torcedora, mas de também de responsáveis por narrarem trechos da história de vida de seus ídolos e, consequentemente, narrarem fragmentos de suas próprias vidas.

Ao compreendermos que a enunciadora parece visar interligar as narrativas de si com as histórias de seu ídolo, contribuem para reforçar traços de identidade de uma torcedora que admira o atleta, algo que, nesse tecnotexto, aparece de maneira explícita em t rechos como: "pois aqui tem uma mulher muito GRATA, que admira e respeita muito esse profissional". Muito além das fotografias que demonstram um vínculo com o ídolo, a enunciadora dessa tecnonarrativa explicita em palavras a emoção de ter Rogério como um ídolo e deixa pistas de que essa visada patêmica só é possível porque ela é reflexo de uma paixão maior — o Brasil de Pelotas.

A enunciadora tem uma escrita muito marcada pelo uso do pronome pessoal na primeira pessoa, inclusive no título do tecnotexto: "Se é para falar

de ídolo, eu sempre irei falar dele". Ainda, logo na primeira frase, do primeiro parágrafo, "O meu ídolo"; e, praticamente, em todo o texto encontramos o pronome "eu". Apesar de o explícito fornecer possíveis interpretativos que demonstram a relação da enunciadora com seu ídolo, também é a partir das pistas deixadas por ela, ou seja, o implícito, que completamos os sentidos. Isso é possível, de acordo com Charaudeau (2016) porque esses saberes e essas representações são constituídas por filtros construtores de sentidos que permitem nossas inferências. Sendo assim, a enunciadora, ao escolher escrever sua tecnonarrativa na primeira pessoa do singular, apesar de usar o plural em alguns trechos, cria nessa publicação um aspecto de um gênero do qual a blogosfera surgiu — o diário íntimo. Diferentemente dos outros tecnotextos que, por vezes, se caracterizam mais como crônicas, outros como biografias tradicionais, outros até mesmo apresentam traços de entrevistas, como vimos até aqui. Contudo, como vimos , em nosso aporte teórico, com base em Ribeiro (2005), essa situação é possível por conta do hibridismo da blogosfera.

Enquanto a enunciadora busca demonstrar ser conhecedora da história do seu ídolo, apresentando dados dos quais fica subentendido que ela pretende mostrar a autenticidade de sua idolatria. Porém, parece que esse trecho é inserido em sua narrativa apenas para cumprir com o contrato de comunicação do *blog*, o qual outros tecnotextos utilizam dados estatísticos como estratégia de autenticidade e de comprovação do valor documental que faz parte de um contrato biográfico. Porém, podemos perceber que a enunciadora não consegue sustentar esse papel, retomando uma abordagem passional sempre que possível.

Com isso, por meio da visada de captação, a enunciadora convoca um fazer sentir ao reafirmar em vários trechos que pode escrever sobre seu ídolo e que tem convicção de que sua idolatria não é exagerada, deixando implícito que existem torcedores que tratam as atitudes dela como tal. Isso aparece, por exemplo, quando ela faz um breve desabafo pressupondo que suas

atitudes serão questionadas: “Sempre existirão os ‘antis’, muito eu ouvi coisas desnecessárias por idolatrar tanto um técnico, um estrategista, um arrogante e etc, mas o que essas pessoas nunca se deram conta, é de que ser fã não é ser cega, ser fã não é ser burra, ser fã não é achar lindo e aplaudir tudo, a diferença é que um fã tem seus motivos para gostar de tal pessoa, e eu sempre argumentei e o defendi pois eu sabia o que estava falando. Eu não sou uma guria boba, sei exatamente quem colocar em um pedestal, e eu tenho ORGULHO de dizer que ele é meu ÍDOLO”.

Desse mesmo trecho podemos inferir várias outras imagens que a enunciadora busca construir em sua tecnonarrativa, seja de si, seja de seu ídolo; até mesmo dos torcedores que discordam de sua “forma de torcer”, dos quais ela cria uma imagem de “inimigos” como podemos subentender no uso do termo “antis”. Nesse entremeio, ela busca o tempo todo construir uma imagem de um técnico exemplar, que merece ser chamado de ídolo. Ao mesmo tempo, ela constrói um *ethos* de si de uma mulher que sabe o que faz, uma torcedora consciente e orgulhosa de sua idolatria.

Também é importante destacarmos o uso de palavras em caixa alta, como “ORGULHO” e “ÍDOLO”, e de um trecho para destacar e reforçar que o ídolo a conhece: “ELE LEMBROU DE MIM”. Essas estratégias enunciativas intensificam o tom emocional a partir de marcas gráficas que reafirmam a imagem de afeto da enunciadora em relação ao treinador. Além disso, podemos inferir que se trata de uma tentativa de convencer o interlocutor sobre a legitimidade de seu sentimento. De acordo com a Teoria Semiolinguística, tais escolhas linguísticas participam da construção do contrato de comunicação, pois produzem efeitos de sentido que buscam envolver o leitor pela força expressiva do dizer.

Dessa forma, compreendendo o discurso como um ato de linguagem, essa tecnonarrativa pode se configurar como uma enunciação marcada por um contrato de comunicação no qual a enunciadora assume um posicionamento de testemunha e de fã, explorando os recursos da visada

patêmica para construir sentidos que se completam na inserção entre explícito e implícito. Por meio da visada patêmica e da extimidade, ao descrever sua experiência pessoal e expor fotos pessoais, ela produz uma encenação de si como torcedora legítima e consciente, cuja devoção se ancora tanto em argumentos, mesmo que esses apresentem traços de afetividade. Assim, entendemos que, nesse tecnotexto, a enunciadora mobiliza estratégias discursivas, por meio das tópicas da simpatia e da atração, para legitimar sua forma de torcer e para significar sua relação com o ídolo e com o seu clube do coração, que ela denomina "o amor da sua vida".

### 5.2.5 "Olé, Olé, Olé, Olá, Lucas, Lucas!"

A tecnonarrativa "Olé, Olé, Olé, Olá, Lucas, Lucas!" é outra que se diferencia das demais não apenas pelo uso de uma fotografia da torcedora com seu ídolo, mas por ser uma publicação de felicitações pelo aniversário do jogador. Logo no início, a enunciadora deixa marcas de sua finalidade: o subtítulo "**13 de Agosto de 1992**" (destacado pela fonte em negrito) e a primeira frase do primeiro parágrafo "E não é coincidência não, o ídolos de hoje é do aniversariante do dia". Diante desse tom celebratório no início e ao final da publicação, assim como em outros tecnotextos, a enunciadora demonstra ser conhecedora do ídolo, ao descrever toda a carreira do atleta até a data da publicação da homenagem, ao final do primeiro parágrafo ela escreve: "Mas vou começar do princípio...", mantendo as características de uma biografia tradicional.

Durante a narrativa da vida e da carreira de Lucas, a enunciadora aciona como ferramenta de enunciação, mais especificamente como uma estratégia delocutiva, o discurso relatado. Para isso, ela reproduz, por exemplo, um pequeno trecho de uma entrevista com o pai do jogador: "Seu Jorge revelou que a resposta dos dirigentes foi: 'agora não podemos ver isso'". Neste caso, implicitamente, a enunciadora busca construir uma imagem de pai preocupado com a vida pessoal do filho, pois o trecho é empregado para argumentar sobre a necessidade de o ainda menino Lucas

continuar os estudos perto do local de treinamento e ter um acompanhamento nutricional para não prejudicar seu fortalecimento físico. No entanto, a resposta dos dirigentes do clube é negativa, o que fez a família optar por trocá-lo de clube. Assim, a enunciadora, por meio do discurso relatado, constrói um *ethos* de pessoa perseverante, argumentando que todas as conquistas do jogador foram possíveis por conta da dedicação dele, mas também de seu pai.

Outro ponto que a narrativa explora é o apelido do jogador, algo que, a partir de nossas vivências, podemos considerar comum nas categorias de base dos clubes de futebol, até mesmo entre garotos e garotas que jogam bola nos campos de seus bairros nas periferias e no interior dos Estados. Inicialmente, ela narra a comparação relacionada à aparência física parecida com a do jogador Marcelinho Carioca, o que resulta no primeiro apelido (Marcelinho). Contudo, já no time profissional do São Paulo, o jovem Lucas pede para ser chamado pelo próprio nome. Esse fragmento da vida do atleta também é destacado pela enunciadora que justifica: "Ele contou que não havia pedido antes porque achava normal, mas resolveu mudar porque queria fazer a sua própria história no futebol, sem ser comparado com ninguém". Aqui, a enunciadora busca construir um *ethos* de pessoa autêntica e autônoma para o jogador. Ela apresenta o atleta Lucas como um sujeito que, ao amadurecer, percebe a importância de afirmar sua própria identidade, sem viver à sombra de comparações com outros atletas. Isso reforça essa imagem de alguém que deseja ser reconhecido por seu próprio mérito e trajetória.

Ao fazermos uma leitura atenta da tecnonarrativa, percebemos que a trajetória de Lucas é apresentada pela enunciadora desde a infância, quando ele enfrenta dificuldades, como a distância da família e a exaustiva rotina escolar e de treinos, até a vida profissional, quando ele enfrenta os obstáculos nos clubes. Nesse entremeio, a enunciadora reforça uma imagem do jogador como um vencedor que foi recompensado por seu talento, sua persistência e sua dedicação.

Quanto à imagem de si que a torcedora pretende construir, entendemos que a imagem de uma torcedora que conhece seu ídolo e o admira é acionada de várias formas por ela, principalmente ao final da tecnonarrativa, quando há recorrências do uso de pronomes pessoais: “Eu costumo dizer que isso fez de Lucas o homem que é hoje”; “Não me canso de admirá-lo, como pessoa e como profissional”; “Uma das melhores pessoas que já conheci em toda a minha vida”. Essas afirmações fazem parte de um mesmo parágrafo, o que nos permite inferir uma linguagem carregada de intenções argumentativas (Amossy, 2020) para “provar” que ela pode desempenhar esse papel de construção da imagem do jogador como ídolo. Nesse caso, ao menos duas tópicas positivas da patemização discursiva podem ser relevantes para construir essa imagem: a tópica da simpatia e a tópica da atração.

Em relação à simpatia, a enunciadora busca criar uma figura admirável, ativando um estado de emoção marcado pelo uso do “eu”. De acordo com nossa compreensão dos apontamentos de Sibilia (2004), mesmo sendo uma “pessoa comum”, a torcedora pode contar fragmentos da sua própria história com seu ídolo para argumentar que sua idolatria é autentica. Esse *ethos* de uma torcedora fiel reforça a tópica da atração, criando então a imagem de “herói”, acionada por figuras como a admiração e o maravilhamento. A afetividade intensificada na escolha lexical da enunciadora reforça o *ethos* de torcedora legítima e apaixonada, posicionando-a como um sujeito que fala a partir de uma vivência compartilhada e não de um ponto de vista distante ou neutro.

Assim, o tom testemunhal, acompanhado de uma visada patêmica, constrói -se, principalmente, por causa do caráter celebratório dessa tecnonarrativa. A enunciadora se declara para seu ídolo, acionando para isso, de maneira explícita, o TUd (torcedores do São Paulo e fãs do jogador): “Estou por você, além da eternidade. Porque ela ainda é pequena quando comparada ao sentimento que habita em cada um de seus fãs”; “Gratidão por tudo, Lucas. A torcida São Paulina torce pela sua volta. O Morumbi sempre

será a sua casa". O uso de figuras de linguagem como a hipérbole, em "eternidade", além da imagem de pertencimento, em "sua casa" ajudam a revelar uma patemização discursiva em que emoções são acionadas para descrever a relação da torcedora com o jogador, porém, ela deixa explícito que não está sozinha nessa idolatria, evocando a voz da torcida e de outros fãs dele.

A enunciadora ainda entrelaça a sua própria história de vida com a de Lucas: "Se o seu sonho não existisse, o meu também não existiria". Nesse fragmento, ela fortalece a identificação com o jogador, buscando produzir efeitos de sentido de cumplicidade e de reconhecimento. Dessa forma, a enunciadora parece ter a intenção de mostrar que sua trajetória pessoal se entrelaça à trajetória do atleta, estratégia que parece intensificar esse caráter patêmico do relato e aprofunda a dimensão testemunhal da narrativa.

Por fim, ela utiliza recursos linguísticos que sinalizam um endereçamento a Lucas, explicitando mais um TUd em seu projeto de palavra: o aniversariante do dia, o que acreditamos que intensifica ainda mais a patemização, uma vez que transforma o tecnotexto, que até então mantinha um contrato voltado para os aspectos biográfico, em uma espécie de carta pessoal. Nesse sentido, a celebração do aniversário opera como uma estratégia de aproximação afetiva, por meio da discursivização de emoções tais como a lealdade e admiração da enunciadora, e consolidando o caráter de homenagem apresentado ao final da tecnonarrativa. É nesse ponto que a torcedora disponibiliza a fotografia de seu arquivo pessoal, como vemos na imagem a seguir:

**Imagem 20: reprodução da imagem salva em arquivo DOC's**




FONTE: arquivo DOC's com publicações salvas a partir da ferramenta CTRL+C e CTRL+V

Ao considerarmos o conceito de extimidade (Paveau, 2021), em que o íntimo é exposto no espaço público, a enunciadora seleciona uma fotografia de seu acervo pessoal na qual ela é fotografada fazendo uma *selfie* com seu ídolo. Uma encenação de um encontro talvez casual e espontâneo que pode ter sido publicado na intenção reiterar a estratégia de mostrar que ela é próxima do jogador. O gesto da *selfie*, ao invés de publicar a própria foto tirada, faz parte dessa extimidade em que parece ser apenas um registro de um momento cotidiano, porém, ao ser publicado, dilui-se fronteira entre espaço público e privado. Além disso, outras imagens são projetadas nesse ato, como o de jogador acessível e simpático, que sorri e permite a *selfie*. Quanto à torcedora, ela busca reforçar os sentimentos de admiração e o de desejo de proximidade.

Quanto ao cenário, diferentemente dos anteriores em que símbolos do clube estão presentes em algum fragmento dessa fotografia, a torcedora e o jogador se encontram em um espaço de circulação pública (aeroporto). Nesse sentido, entendemos que há uma estratégia de espetacularização do cotidiano, pois, ao fazer a *selfie*, a torcedora transforma o acontecimento em um conteúdo potencialmente compartilhável, ampliando o alcance desse

momento — característica dos gêneros digitais. Portanto, entendemos que, nesse tecnotexto, a enunciadora mobiliza estratégias discursivas também para legitimar, além da sua forma de torcer, a sua relação com o ídolo do qual ela se declara ao final: "Te amo!".

### 5.2.6 "Ziquita: o herói do povo"

Esta é mais uma tecnonarrativa com um teor testemunhal que se diferencia das demais, sem perder de vista o contrato do *Blog Mulheres em Campo*. A enunciadora tem como foco principal o acontecimento que fez do jogador homenageado por ela digno de ser chamado de ídolo. Inicialmente, ela lista os tipos de ídolos que acredita serem comuns no meio futebolístico. Essa estratégia é uma maneira de argumentar, implicitamente, que seu ídolo conquistou esse título de uma maneira diferente, nesse sentido, ela afirma: "Isso porque, o nosso ídolo Gilberto de Souza Costa, mais conhecido como Ziquita, virou ídolo do Atlético em 1978 ao provar que o impossível não existe" — a última frase utilizada como subtítulo da publicação demonstra que a enunciadora busca reforçar o *ethos* de herói, mobilizando-se, parece-nos, a tópica da atração em que o actante é visto por ela como um benfeitor.

A enunciadora projeta, ao longo da narrativa, a imagem de um herói improvável, um sujeito que, em um cenário de derrota quase certa, realizou um feito que ela e a torcida consideraram milagroso, pois o atleta marcou quatro gols e empatou uma partida que parecia perdida. É nesse cenário que percebemos uma intencionalidade de alçar Ziquita a uma posição de sujeito herói, principalmente se considerarmos os trechos em que o enunciado o nomeia como santo: "Ziquita saiu carregado nos braços da torcida e as manchetes no dia seguinte estampavam: 'SÃO ZIQUITA, ressuscitou o Atlético'". Nesse sentido, diferentemente de outros tecnotextos analisados, essa construção heroica não se baseia na na conquista de títulos; mas, sim, na excepcionalidade e na superação de expectativas, em que o impossível se torna possível. Importante ressaltarmos o uso do discurso relatado a partir de

manchetes de jornais para reforçar a autenticidade de suas afirmações, uma argumentação que apoia a opinião da torcedora, que declara sobre uma das manchetes: “Um título justo, já que nosso herói havia realizado um verdadeiro milagre”.

O sentimento de pertencimento do atleta ao quadro de ídolos do clube é projetado pela enunciadora ao enfatizar que, mesmo sem títulos ou artilharias expressivas, ele conquistou a confiança e, consequentemente, o título de “santo” em um único jogo. Com isso, ele é descrito como um sujeito que representa as qualidades que são valorizada s pela torcida atleticana. Ziquita é associado como “o herói do povo” pela enunciadora; um sujeito que, apesar das dificuldades e limitações, é capaz de realizar o improvável. A enunciadora representa o jogador como um ícone da resiliência e da luta, características que, para ela, a torcida atleticana valoriza em sua própria identidade. Por isso, em resposta, a enunciadora busca discursivizar a emoção de gratidão, dela e da torcida, ao descrever o evento em que foram feitas doações para ajudá-lo em um momento de dificuldade financeira e de saúde, reafirmando a relação emocional e de solidariedade que existe entre ídolo e torcedores.

Outro ponto importante, nessa tecnonarrativa, está relacionado com o apontamento de que o acontecimento é recontado às gerações mais jovens como uma lenda, o que, para nós, implicitamente, contribui para perpetuar a história e os valores do clube, consolidando Ziquita como uma figura fundamental que integra o *ethos* coletivo do clube.

Além disso, o uso do pronome pessoal, “eu”, mais uma vez reforça *ethos* de autenticidade presente nas publicações do blog MEC, principalmente naquelas em que o efeito de emoção é explicitado nas próprias palavras e completado nas inferências possíveis diante das marcas deixadas no ato de linguagem.

Diante da narrativização das emoções evocadas pela enunciadora,

podemos identificar imaginário sociodiscursivo de mitificação em torno da figura de Ziquita, que concorre para produzir uma imagem do jogador que o eleva a um status quase divino, como pode ser constatado pela designação evocada “São Ziquita”,apelido que sempre é invocado pelos torcedores quando o time precisa de resultados improváveis: “Até hoje, mesmo entre os mais novos, quando o Atlético precisa de resultados improváveis, São Ziquita, o nos so Santo de Causas (IM)possíveis é invocado!”. Esse imaginário sociodiscursivo de mitificação é mobilizado e afirmado pelas narrativas que se multiplicam, as quais ironicamente a enunciadora descreve que poderiam “encher três Arenas da Baixada”. Assim sendo, eventos de jogos que foram difíceis e a figura do jogador passaram a integrar a memória coletiva partilhada pelos torcedores do clube. Nessa memória, é possível, então, resgatar representações do jogador que projetam uma imagem dele de um sujeito quase lendário.

Por fim, assim como nas outras tecnorrativas analisadas por nós, essa também apresenta uma fotografia da torcedora com seu ídolo, porém, com características que, assim como no tecnotexto anterior, a diferencia das demais. Vejamos:

**Imagem 21: reprodução da imagem salva em arquivo DOC’s**



FONTE: arquivo DOC’s com publicações salvas a partir da ferramenta CTRL+C e CTRL+V

Diante das diferenças explícitas na fotografia, como a marca d'água do clube e uma terceira pessoa além da torcedora e do jogador fazendo uma foto com um aparelho celular, entendemos que a escolha por essa foto é estratégica, pois, mais uma vez, não foi escolhida a foto original, mas a fotografia registrada por uma quarta pessoa, provavelmente algum fotógrafo do clube, visto que foi publicada no site oficial do time. Além disso, essa marca d'água "Atlético Paranaense – site oficial" pode indicar para nós que a foto foi tirada em um espaço oficial do clube, o que é confirmado pelo enunciadora no tecnotexto: "Em visita ao Centro de Treinamento do Atlético, esta colunista teve a oportunidade de conversar, abraçar e guardar para a posteridade uma foto com o São Ziquita". Essa encenação também sugere a proposta de um contrato comunicativo que mobiliza estratégias de sedução que visam tocar os afetos do interlocutor, reforçando o *ethos* de torcedora admiradora, que reconhece e reverencia o legado de seu ídolo.

Na interseção entre imagens e texto escrito, nessa publicação, a enunciadora projeta, ao nosso ver, uma imagem do jogador como um homem digno que, apesar das dificuldades, mantém-se no imaginário sócio-discursivo que integra a memória coletiva do clube como símbolo de resistência. Nesse entremeio, a cena desperta uma patemização que humaniza a relação entre torcedoras e seus ídolos, mais uma vez despertada pelo efeito de sentido que revela sentimentos de afeto e de gratidão.

### 5.2.7 "O mais temido pelo rival"

Neste último tecnotexto analisado por nós, buscaremos focalizar nossas análises nos nossos apontamentos sobre a Análise do Discurso Digital. Isso porque, dentre as publicações selecionadas para nosso *corpus*, acreditamos que a presença de hiperlinks ilustra a aplicação da ADD na blogosfera. Entretanto, juntamente com esses apontamentos, faremos também a análise do texto escrito, pois, não podemos ignorar a construção de imagens marcadas pela escolha lexical e pelos efeitos de sentido que reforçam além

do pertencimento clubístico, as novas formas de torcer proporcionadas pelo meio digital.

Em “O mais temido pelo rival”, a enunciadora constrói uma imagem de ídolo que ultrapassa o espaço das quatro linhas ao descrever um sujeito capaz de mudar o rumo das partidas e ser decisivo. Nessa tecnonarrativa, as ações extraordinárias para salvar o time nos momentos mais críticos são descritas na intenção de projetar um *ethos* heroico, algo marcado também no ato enunciativo: “A ocasião foi pra lá de especial, o ídolo da Frasqueira fez um G-O-L-A-Ç-O de bicicleta contra o time de vermelho”. O uso da caixa alta para descrever o gol feito pelo jogador busca reforçar que não foi qualquer gol, o que também é destacado com a presença de um hiperlink que direciona o leitor para um vídeo no qual ele pode avaliar por si mesmo a constatação da enunciadora.

A escolha lexical também visa discursivizar um sentimento de pertencimento, tanto do jogador ao time e à torcida quanto da torcedora ao próprio clube. Para isso, a enunciadora utiliza pronomes na primeira pessoa e aciona termos como “privilégio”, “admiração”, “respeito”, entre outros. Além do mais, a imagem de “carrasco” — o que poderia soar negativo em outros contextos — é um elemento essencial para a personificação do jogador, representando, nesse ato enunciativo, uma personalidade carismática que se entrega ao futebol, o que leva a enunciadora afirmar: “para ser lembrado por várias torcidas mesmo depois de ter amarrado as chuteiras”.

Diante dos apontamentos de Amossy (2020), também entendemos que o termo “carrasco” utilizado para descrever Sérgio Alves, carrega um valor axiológico forte, conotando não apenas a habilidade do jogador em marcar gols decisivos contra o rival, mas também a ideia de que ele era temido e respeitado pelos adversários. Esse “peso argumentativo” pode produzir efeitos capazes de moldar a percepção do leitor, visando intensificar a ideia de como a trajetória de Sérgio Alves é vista e valorizada pelos

torcedores e pela comunidade esportiva em geral, visto que quanto ao uso estratégico das palavras, Amossy (2020) conclui que ele pode influenciar e moldar a argumentação.

Voltando ao uso de ferramentas digitais na publicação, outro hiperlink presente nessa tecnonarrativa direciona o leitor para a entrevista da qual a torcedora se apoia para argumentar a autenticidade de seu testemunho — mais um exemplo de discurso relatado, dessa vez com o auxílio de ferramentas da internet. Assim, pré-digital e digital atravessam explicitamente esse tecnotexto, em que a publicação ganha algumas características dessa nova forma de produzir conteúdo. Ao considerarmos nosso objeto em todo seu conjunto, diante desse discurso compósito, temos um ambiente no qual os elementos linguageiros e não linguageiros são integrados para produzir os sentidos analisados por nós.

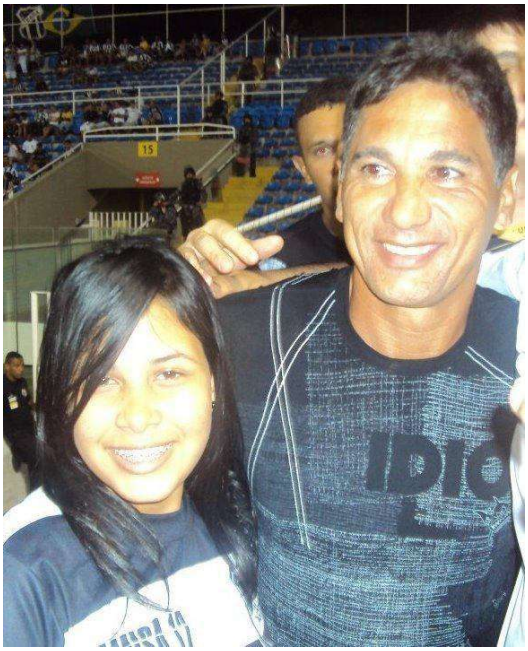
Ao descrever os feitos de Sérgio Alves, por exemplo, a autora não apenas relata eventos, mas também constrói um discurso que enaltece e eterniza o jogador como uma lenda local, expressando juízos de valor que orientam o leitor a admirar e respeitar o atleta do América/RN. Ou seja, as palavras são escolhidas cuidadosamente para construir uma determinada percepção de um jogador de futebol, demonstrando que a linguagem nunca é neutra, conforme afirma Amossy (2020), pois ela é carregada de intenções argumentativas que buscam influenciar o público.

Além disso, o texto sobre o jogador Sérgio Alves, um ídolo do ABC, destaca como o discurso esportivo pode influenciar a percepção pública e moldar o entendimento de termos e expressões. Assim, termos como “carrasco” não são neutros, pois carregam significados que vão além de suas definições literais, desempenhando um papel crucial na construção da imagem do jogador e na narrativa em torno de suas conquistas.

Por fim, temos outro elemento que se faz presente nessa publicação, a qual também se destaca por seu conteúdo menor em relação as outras, que é

a reprodução de duas fotografias da torcedora com seu ídolo, em dois momentos diferentes: uma em 2012 e outra em 2015. Ambas são acompanhadas por uma descrição, como veremos a seguir:

**Imagem 22: reprodução da imagem salva em arquivo DOC's**



No ano de 2012 fui até Fortaleza/CE para assistir Ceará x ABC pela série B daquele ano e adivinha quem estava na arquibancada do Presidente Vargas? Isso mesmo, e eu claro, não perdi a oportunidade de tietar.

FONTE: arquivo DOC's com publicações salvas a partir da ferramenta CTRL+C e CTRL+V

**Imagem 23: reprodução da imagem salva em arquivo DOC's**




Em 2015, ano do Centenário do ABC e também de disputa eleitoral, fui tietar o carrasco no dia da votação para presidente do clube.

(Foto: Arquivo Pessoal)

FONTE: arquivo DOC's com publicações salvas a partir da ferramenta CTRL+C e CTRL+V

Na legenda, percebemos um gesto de vontade de memória, de preservação de uma memória afetiva, no qual a enunciadora constrói-se como personagem da narrativa de si e do outro. Além disso, o tom celebratório e de testemunho também são reforçados pelas fotografias, pois corroboram a construção de uma imagem de fã fiel, enquanto a imagem projetada do ídolo é de um jogador próximo e acessível aos fãs. Assim, concluímos que, mais uma vez, a visada patêmica se faz presente, pois o ato enunciativo é carregado de emoção e pertencimento. Diante do exposto, entendemos que o ambiente digital, permeado pelas multimodalidades, corrobora a produção de efeitos de sentido por meio de imagens, legendas, hiperlinks, letras coloridas, entre outros elementos que, unidos às palavras carregadas de emoção e de pessoalidade, reforçam as múltiplas possibilidades dos discursos digitais, que, conforme apontamos, são compósitos e, por isso, podemos afirmar que,

no *Blog Mulheres em Campo*, estamos diante de tecnonarrativas de vida.

Em nosso *corpus* final, entre os mais variados eixos que percebemos durante a leitura dos tecnotextos do *Blog Mulheres em Campo*, como vimos, destacamos primeiramente as imagens que as torcedoras constroem sobre a relação do ídolo com o futebol, com o clube e com a torcida. Isso porque, compreendemos que as enunciadoras apresentam seus ídolos, muitas vezes, no intuito de defendê-lo como representante de uma paixão — até mesmo quando ele não integra o time do coração da torcedora que o descreve.

Nesses três primeiros eixos, foram percebidas algumas recorrências nas produções das enunciadoras torcedoras. Uma delas é a abordagem da infância dos jogadores, nos quais as enunciadoras apontam como foi a relação desse ídolo ainda criança com o futebol. Outro assunto recorrente, quando se trata dessa relação do ídolo com o futebol, está na reconstrução de momentos da trajetória deles, nos quais o contato com o futebol representou fator decisivo para mudanças nas vidas desses sujeitos. Por fim, mais uma recorrência que acreditamos ser importante para nossos objetivos de análise são os momentos em que as enunciadoras descrevem momentos da carreira do jogador, principalmente apresentando números que comprovam vitórias e títulos.

Além disso, identificamos também uma dimensão comemorativa da narrativa, contribuindo para a afirmação, perpetuação e preservação de uma memória em torno do jogador e do clube; nesse processo, emerge a mobilização do gênero epidíctico, que está a serviço da mobilização de valores caros ao clube, à torcida de um time; em que o "eu" revela a dimensão argumentativa do dizer. É importante destacarmos que esse discurso de louvor surge a partir do agenciamento dos modos enunciativo, narrativo e descritivo em conjunto produzindo tais efeitos de sentido.

Todos esses aspectos são importantes para a criação dessas tecnonarrativas, assim como os pontos apresentados na relação com o clube e

na relação com a torcida. Por isso, percebemos que, quando as enunciadoras narram sobre o outro, há a presença de alguns que são típicos de uma biografia tradicional. Nesse sentido, destacamos que, na relação com o clube, as torcedoras apresentam dados e informações sobre as mudanças de clube, algo comum no futebol. Elas também mobilizam o imaginário sociodiscursivo do "amor à camisa", a fim de projetar um *ethos* de um jogador que, mesmo em outro clube, ainda demonstra afeto em relação àquele pelo qual a torcedora torce. Nesse processo, as enunciadoras, de forma recorrente, utilizam como estratégia a mobilização do discurso relatado dos próprios ídolos a fim de projetar imagens positivas desses jogadores e de conferir credibilidade à narrativa. Como destaca Lessa (2001), o discurso relatado pode ser usado para a projeção de imagens positivas ou negativas do enunciador cujo ponto de vista está sendo representado.

Ainda nas narrativas do outro, a relação com a torcida é construída a partir da narração de partes das trajetórias de vida desses ídolos, por meio da mobilização de discursos relatados que permitem às enunciadoras reconstruir cenas de enunciação passadas nas quais os jogadores relatam ter vivido momentos fortes com as torcidas, algumas vezes de muito amor, outras nem tanto. Diante desses apontamentos, percebemos que, a partir dessas tecnonarrativas, as torcedoras falam sobre si; assim, identificamos os eixos: imagens de si, *extimidade* e emoção.

Em relação às *imagens de si*, encontramos, nos enunciados, as imagens que as torcedoras pretendem projetar de si quando, ao falarem de seus ídolos, narram momentos vividos por elas, seja com esses personagens, seja com o futebol de um modo geral. Elas também utilizam imagens para validar esse *ethos* de torcedora que realmente conhece seu ídolo, aquela que pode falar sobre ele, uma vez que busca lançar mão de estratégias discursivas que visam autenticar que ela tem proximidade com seu ídolo. Enfim, entendemos que essas tecnonarrativas constroem imagens de torcedoras a

partir da história de seus ídolos.

Em outro eixo, identificado ao nos depararmos com a exposição pessoal da torcedora por meio de fotografias, percebemos que a *extimidade* também é um conceito muito presente nesses enunciados. As enunciadoras narram histórias, mobilizando escolhas lexicais que discursivizam emoções a fim de reafirmar sua paixão pelo ídolo. Ao exporem suas fotografias pessoais, de certa forma, elas também expõem fragmentos íntimos de si entrelaçados em imagens e texto. Por fim, a discursivização das emoções é uma maneira de as enunciadoras expressarem sua paixão por seus ídolos, visando revelar não apenas a aproximação que algumas delas têm com eles, mas também toda a admiração e todo o respeito por meio da exposição de suas emoções e de suas opiniões pessoais. Como vimos, não há um limite muito claro que separe as tecnonarrativas de si das tecnonarrativas do outro; visto que, ao falar sobre seus ídolos, essas enunciadoras também falam sobre si, externando partes de sua intimidade e projetando imagens de si de torcedora apaixonada não apenas pelo ídolo, mas por tudo aquilo que envolve o futebol.

Sendo assim, estamos diante de tecnogêneros dos quais, em algumas publicações são perceptíveis características de crônicas, em outros, de biografias tradicionais, enquanto também há, até mesmo, aqueles que apresentam traços de entrevistas, como vimos. Tudo isso é possível graças à dinamicidade dos gêneros digitais e a "liberdade" da blogosfera para um processo de escrita característico do hipergênero. Dessa maneira, entendemos que esse traço pode ser, então, decisivo para que a enunciadora proponha um contrato comunicativo no qual já está prevista essa dinamicidade, ou seja, esse hibridismo genérico, deixando marcas que possibilitaram uma análise discursiva na qual os efeitos visados são passíveis de interpretação, assim como outros conceitos aplicados por nós nesta tese, da qual, a seguir, fazemos nossas considerações finais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, nosso objetivo foi compreender como o blog MEC se apresenta no universo tecnodiscursivo da Blogosfera. Para isso, buscamos analisar a presença de narrativas de si e do outro nas publicações que nomeamos tecnonarrativas ou tecnotextos. Isso foi possível por meio da identificação do contrato sócio-discursivo subjacente a essas tecnonarrativas, que, como vimos, apresentaram determinações e restrições permeadas de diferentes estratégias linguístico-discursivas.

Nesse sentido, nas tecnonarrativas analisadas por nós, encontramos alguns trechos que parecem ter sido inseridos apenas para cumprir com o contrato de comunicação do *blog*, com o uso de dados estatísticos como estratégia de autenticidade e de comprovação do valor documental que faz parte de um contrato biográfico, digamos, canônico. Porém, podemos perceber que as enunciadoras, por vezes, não sustentam esse papel, retomando uma abordagem passional sempre que possível, principalmente, nas publicações com tom testemunhal mais acentuado — identificado nos tecnotextos que contêm fotografias das torcedoras com seus ídolos. Nesse sentido, identificamos, em nossas análises, um gesto de vontade de memória, de preservação de uma memória afetiva, no qual a enunciadora constrói-se como personagem da narrativa de si e do outro, ou seja, há, quando ela e as outras enunciadoras publicam em suas tecnonarrativas fotos pessoais, traços de narrativas de si que permeiam as narrativas do outro.

Ao considerarmos que os tecnotextos foram publicados em um *blog* escrito apenas por mulheres, compreendemos que eles também constroem imagens de empoderamento e reconhecimento das torcedoras como mulheres que podem (e devem) escrever sobre futebol. Além disso, esse espaço do *blog* pode representar, para muitos, uma mudança no ambiente esportivo, visto que, ao permitir visibilidade à voz das mulheres que escrevem sobre seus ídolos (e sobre os jogos de seus times do coração), ele contribui para a

inclusão das mulheres nesse universo, por vezes, negados a elas por causa de preconceitos como o machismo.

Diante do aporte teórico levantado por nós, também nos propusemos analisar as imagens construídas de si, além das marcas de *extimidade* e de paixão reveladas por uma escrita digital particular. Nesse viés, percebemos que o sentimento de pertencimento se destaca na análise das imagens de si das torcedoras que escrevem para o *Blog Mulheres em Campo*. O que revela, para nós, como o *Blog Mulheres em Campo* pode ser um espaço discursivo importante para a articulação de vozes femininas no futebol. Isso porque, por meio da linguagem e das narrativas sobre ídolos, as enunciadoras-torcedoras-blogueiras reforçam, por meio de visadas patêmicas, que as novas formas de torcer que surgem no meio digital criam também novas formas de pertencer ao meio futebolístico.

Nesse entremeio, ao analisarmos os tecnotextos do *blog Mulheres em Campo*, percebemos que as enunciadoras-blogueiras-torcedoras narram a trajetória de seus ídolos a partir da mobilização de recursos linguístico-discursivos que revelam uma forte identificação emocional, o que nos permite inferir um comportamento típico do engajamento clubístico. No entanto, também identificamos que as tecnonarrativas revelam mais do que apenas uma visão focada nas conquistas esportivas: elas apresentam recorrência de signos que expressam a vivência de uma relação afetiva profunda, que parece mobilizar valores de lealdade, resiliência e apego ao clube.

Diante dos eixos levantados por nós, buscamos compreender, primeiramente, as imagens projetadas sobre os ídolos na relação deles com o futebol, com o clube e com a torcida, das quais entendemos que as representações enunciativas das torcedoras são evidenciadas pelas construções etóticas de ídolos vistos como heróis, homens de caráter e capazes de superarem adversidades graças a sua relação com o futebol.

Nos eixos relacionados às imagens de si, em que as torcedoras entrelaçam suas próprias narrativas com as narrativas de seus ídolos, por meio de estratégias de extimidade, além das visadas patêmicas e das imagens construídas de torcedoras "verdadeiramente" conhecedoras de seus ídolos, foi possível compreender que o discurso digital permite que as torcedoras apresentem suas relações com a torcida, com a arquibancada e com o clube encerrando um tom testemunhal e afetivo.

Assim, as tecnonarrativas do *Blog MEC* exploram a trajetória do jogador por meio de uma perspectiva pessoal e afetiva, algo que pode conectar-se à forma como muitas mulheres torcedoras expressam seu vínculo com o futebol, envolvendo espaços como redes sociais e comunidades torcedoras. Por fim, o envolvimento emocional das torcedoras com o clube e

com a história de seus ídolos exemplifica como o torcer pode se desdobrar em um comprometimento que ultrapassa as exigências tradicionais de fidelidade exclusiva, refletindo as complexas relações de pertencimento dentro do universo futebolístico.

O intuito do Blog Mulheres em Campo, atualmente, Portal Mulheres em Campo, sempre foi reunir torcedoras de diferentes clubes para publicarem textos sobre os seus times do coração, deixando espaço para uma escrita com tom emocional e testemunhal. Muitas dessas torcedoras não são profissionais de impressa, nem escritoras de obras literárias. Porém, elas encontraram, na blogosfera, um espaço para deixarem suas marcas em um meio quase sempre ligado aos homens.

Com o projeto "Ídolos", as organizadoras do *blog*, em especial a Mariana Alves, provavelmente, idealizou um espaço para homenagear grandes nomes do futebol. Contudo, nós, pesquisadores e analistas do discurso, vimos, nessas publicações, mais do que biografias, pois, ao nos depararmos com esses tecnotextos, vimo-nos diante do que Arfuch (2010)

conceituou como *Espaço Biográfico.* Um espaço que permite que novos trabalhos sejam realizados, seja em outras perspectivas do âmbito discursivo, seja nas demais áreas do saber que se interessam pelo meio futebolístico. Isso porque, estamos diante de um *corpus* do qual outros olhares são possíveis. Entre esses possíveis olhares, destacam-se a possibilidade de investigações sobre os processos de visibilidade e de apagamento no esporte por um viés discursivo; análises que problematizam os modos como torcedoras representam a feminilidade e a masculinidade no futebol na perspectiva dos estudos dos gêneros; estudos voltados às práticas digitais de produção de memória com base na Análise do Discurso Digital; reflexões educacionais sobre o potencial desses textos como ferramentas de letramento crítico em trabalhos voltados para a aplicabilidade da temática no âmbito escolar; entre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, F. V. P.; AQUINO, J. N. Q.; SANTANA, T. J. S. O torcer no futebol e suas diferentes manifestações. In: SILVA, S. R.; MAYOR, S. T. S.; SOUZA NETO, G. J. (org.). *Estudos do futebol em perspectiva: interdisciplinaridade e produção do conhecimento*. 2. ed. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2018. v. 1, p. 5–195.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.

ARENDT, H. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 352 p.

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vida. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ASSIS, D. S. O Twitter como instrumento político: análise de tweets postados pelo ex- presidente Lula a partir de uma perspectiva semiolinguística. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 29, n. 2, p. 173–196, 2º sem. 2023.

BERTAUX, D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti; Denise Maria Gurgel Lavallée. Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi; Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 167 p.

BRAIGHI, A. A.; CÂMARA, M. T. O que é midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, A. A.; LESSA, C.; CÂMARA, M. T. (orgs.). *Interfaces do midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. p. 25–42.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Bill Moyers; Betty Sue Flowers (org.); tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARDOSO, Anna Gabriela Rodrigues. *Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas*, 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

CASTRO, Luciane de. A Boca do Luxo nos anos 1970: das páginas policiais para as páginas do esporte amador. Ludopédio, São Paulo, v. 135, n. 2, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). As emoções no discurso. Vol. 2. Campinas: Mercado Letras, 2007b. p. 24-47.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias.* Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática*. v. 10. UFRJ. Rio de Janeiro: Revista Diadorim/ Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2011. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Dize-me-qual-e-teu-corpus-eu-te.html> Acesso em: 6 set 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: https://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html Acesso em: 08 jul. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso politico. In MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). As emoções no discurso. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a. p. 240-251.

CHARAUDEAU, Patrick. Por uma interdisciplinaridade "focalizada" nas ciências humanas e sociais. In: MACHADO, Ida; COURA-SOBRINHO, Jerônimo & MENDES, Emília (org.). *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Netii Fale/UFMG, 2013, p. 17-51.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Org.) *Da língua ao discurso*: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: *Gêneros*: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. *Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros*. História: Questões & Debates, Curitiba, v. 68, n. 37, p. 133-159, jul./dez. 2020. Universidade Federal do Paraná. ISSN 2447-8261. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5380/his.v00i0.000000. Acesso em: 15 fev. 2024.

COSTA, Leda M. *Marias-chuteiras x torcedoras "autênticas"*. Identidade feminina e futebol. XII Encontro Regional de História. ANPUH. Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Leda M. *O que é uma torcedora?* Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. Esporte e Sociedade. Vol. 2. Num. 4. 2007.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. Torceres: pensando diferentes possibilidades de pertencimento clubístico. *Licere*, v. 24, n. 1,
p. 477-509, 2021.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo – REDISCO*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, jul./dez. 2016. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/6139/5880.
Acesso em: 20 maio 2024.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 43, n. 1, 2008. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/2865. Acesso em: 13 fev. 2025.

ECOTEN, Márcia C. Furtado; CORSETTI, Berenice. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. In: *Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Anais... UFSC: Santa Catarina, 2010.

EMEDIATO, W. Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 2, 10 ago. 2015. Disponível em:https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1262. Acesso em: 10 fev. 2022.

GIGLIO, Sérgio Settani. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIGLIO, Sérgio S.; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História (USP)*, v. 163, p. 293-350, 2010.

GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALFELD, Paula Crespo. Confissão, informação, humor: a diversidade contratual do gênero blog. In: GOUVÊA, Lúcia Helena Martins (Org.). *Argumentação: um estudo da macro e da microestrutura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. v. 1, p. 12-44.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LESSA, Cláudio H. *A função dos índices de polifonia na construção e desconstrução de imagens em textos opinativos*. 2001. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

LESSA, Cláudio H. *Marcação e destituição de identidade político-discursiva em ensaios de intelectuais de esquerda: valores, imaginários e a projeção de auto e heteroimagens*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MACHADO, Ida Lucia. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. *Revista Diadorim*, v. 10, dez. 2011. Disponível em: http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br. Acesso em: 25 fev. 2025.MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 95-108, jul./dez. 2015. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1258/1181. Acesso em: 25 fev. 2025.

MACHADO, Ida Lucia. *Reflexões sobre uma corrente da Análise do Discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Maria Cecília Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2024. ePub.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Ed. Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico à noção de ethos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 325–331, jul./set. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.32914. Acesso em: 15 abr. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PROCÓPIO-XAVIER, M. *A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo*. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RIBEIRO, A. E. Ler na tela – letramentos e novos suportes de leitura escrita. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 125-150.

RIBEIRO, Luísa Teresa; CERQUEIRA, Carla P. Braga; CABECINHAS, Rosa. As vozes femininas na blogosfera: um olhar sobre a realidade do Minho. In: *I Congresso de Ciberjornalismo*, 2008. Anais...

SANTA, E. V. Representações do eu no ciberespaço: autobiografia e blogues. *Outra Travessia*, v. 5, p. 70-86, 2012.

SANTANA-GOMES, L. *Mulheres-editoras-independentes e as edições de si*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

SIBILIA, Paula. O "eu" dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

SIMÕES, Paula Guimarães. O futebol e seus ídolos: David Luiz na Copa do Mundo de 2014. Rumores, v. 11, n. 21, 2017.

TENORIO, Emilly Marques. Assistente social no combate ao preconceito. Caderno 6. Organização e edição de conteúdo: Comissão de Ética e Direitos Humanos do CFESS. Brasília, DF: CFESS, 2019.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. Contracampo, Niterói, n. 31, p. 23-59, 2014.

VIMIEIRO, A. C. Torcedores como produtores: por uma abordagem comunicacional das culturas torcedoras. In: VIMIEIRO, A. C.; FORTES, R. (Orgs.). A pesquisa em Comunicação e Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Fólio Digital, 2023. p. 133-156.

**ANEXOS**

**ANEXO I**

## ÍDOLO FABULOSO!!

**19/02/2016 13:47**

É ídolo sim, e é ídolo ETERNO!
Marrento, brigador, sangue quente e por ai vai, sim, essas são características do FABULOSO! Não tem como negar, ele é o tipo de jogador que chega junto no adversário e no juiz também, e pouco se importa se isso lhe render um cartão, ele quer a vitória, o resto é consequência.

INFÂNCIA




Luís ao lado do tio e do avô Benedito - arquivo pessoal do atleta

Campineiro nascido em 8 de novembro de 1980, teve uma

infância humilde, criado pela mãe e o avô.

O primeiro campo em que ele destacou? Foi o tal BURACANÃ, um campo de terra que ficava em baixo de uma pracinha e fazia alusão o gigante Maracanã.

Birô, como era conhecido na época, tinha apelido de craque devido à semelhança dos seus cabelos com os do atacante Birô-birô. Mau aluno foi reprovado duas vezes no colégio e sua mãe, dona Sandra, era sempre chamada na diretoria devido a alguma confusão do garoto indisciplinado, que vivia matando aula para faz o que mais gostava: jogar bola!

## O FUTEBOL

Desde muito cedo, Fabiano sabia o que queria, já jogava em times da Várzea, foi meia-direita do Alvorecer e do Arco-íris, antes de completar 14 anos, foi então que seu Avô Benedito mesmo sendo ponte-pretano conseguiu com que o garoto fizesse um teste nas categorias de base do Guarani Esporte Clube. Ele passou e permaneceu no juvenil durante um ano.

Quando o garoto foi dispensado devido à mudança de categoria, Fabiano passou por momentos difíceis, chegou a desistir do futebol profissional, passou a trabalhar na oficina de um grande amigo do avô, mas também não durou muito tempo, e depois conseguiu uma vaguinha ajudando a carregar e descarregar caminhões no SEASA.

Mas, foi ai que um amigo o convidou para fazer um teste no juvenil do Ituano e Luis passou, jogando por um ano na equipe, foi transferido em 1996 para a Ponte Preta, time que o Avô Benedito era apaixonado.



(ESPN)

E não demorou muito para ele brilhar na Macaca! Vice-artilheiro da competição, acabou como destaque na Copa São Paulo de Futebol Júnior em 1998, e foi ai que Fabiano se tornou Luis Fabiano e subiu para o time principal da equipe campineira, ajudou a equipe a voltar para primeira divisão do Campeonato Paulista e a chegar as finais do Brasileiro de 1999.

Em 2000, foi vendido para o Rennes, mas não se adaptou ao futebol francês e foi emprestado ao São Paulo no final da temporada.

Estreou pelo clube em 28 de fevereiro de 2001, marcou dois gols sobre o Botafogo-RJ, na final da Copa Rio-São Paulo, em uma partida que acabou em 4x1. Na semana seguinte, ajudou o clube do Morumbi a levantar a taça de campeão do torneio, ao todo foram 49 jogos e 30 gols, porém, o atleta teve de voltar ao Rennes que detinha seus direitos.

Em 2002, o São Paulo contratou Luis Fabiano definitivamente por cerca de US$ 2,1 milhões. E como era de se esperar, o artilheiro fez jus aos valores que o clube pagou por ele marcando 21 gols em apenas 25 jogos.




"Entre bater o pênalti e ajudar na briga, prefiro ajudar na briga" frase dita por LF9 ficou famosa no futebol. (Imagem/Estadão)

E assim foram as outras temporadas sempre marcando muitos gols, sempre conquistando a artilharia ou vice artilharia dos campeonatos em que disputou.

Luis recebeu sua primeira convocação para Seleção Canarinho em 2003, fez gol na estreia contra a Nigéria, ano em que também ajudou o tricolor se classificar para a Libertadores seguinte, coisa que não acontecia há 10 anos. E em 2004, Luis foi artilheiro da competição, mas infelizmente o time foi eliminado na semifinal.

Após esta etapa, Luis foi ao Porto, onde foi campeão da Super taça de Portugal e também campeão do mundo. Em 2005, foi para o Sevilla onde também se tornou ídolo, ganhou quase todos os títulos que disputou, foi destaque, goleador.

Foi ai que o já FABULOSO chamou atenção novamente da Seleção Brasileira. Em 2007, após a contusão do atacante Afonso Alves, o técnico Dunga resolver convocá-lo para as

eliminatórias. Luis se consagrou com a camisa amarela, em um jogo épico no Morumbi lotado contra o Uruguai, marcando 2 gols e saindo de campo ovacionado pela torcida, já em 2008 Luis foi artilheiro da Seleção.




(Imagem/Cosme Rimoli)

E não parou por ai, em 2009, ajudou a equipe brasileira a ser campeã da Copa das Confederações no maior estilo centroavante, marcando 5 gols em 5 jogos disputados.

Foi titular na copa da África em 2010, disputando 5 partidas e marcando 3 gols.

Ele voltou à Espanha após a Copa do Mundo, viveu mais uma última temporada de glória, em Sevilla deixou a equipe com 107 gols marcados, e uma identidade única com o torcedor espanhol, mas em 11 de Março de 2011, o artilheiro assinou seu retorno ao São Paulo, Luís Fabiano abriu mão de € 4,5 milhões, uma parte vinda de salários e premiações e outra grande parte era a sua porcentagem pela negociação.

O então presidente na época, Juvenal Juvêncio declarou " É a concretização de um sonho e um presente para toda a coletividade são-paulina.".

E no domingo, 27 de Março de 2011, Luís chegou ao aeroporto internacional de Guarulhos, cercado por mais de 300 torcedores, o atleta ficou impressionado com a quantidade de pessoas prontas para recebê-lo!



(Imagem/Marcos Iboli)

Naquele domingo, Fabuloso ainda foi a Arena Barueri assistir um clássico contra o Corinthians (time que fez inúmeras proposta pelo camisa 9, todas recusadas!). E lá viu seu ídolo e amigo Rogério Ceni marcar o 100º Gol de sua carreira.

Mas, a verdadeira festa ficou para a noite de terça-feira (29 de março), o São Paulo preparou um festa extremamente

grandiosa para a apresentação do goleador, o mestre de cerimônias foi o São Paulino fanático Cesar Filho juntamente com o Goleiro Rogério Ceni, a musica ficou por canta da banda Planta e Raiz, Andreas Kisser, Nando Reis, Jairzinho e Max B.O que cantou a musica "O Dono da 9" Em homenagem ao jogador.




(Imagem/Soberanos)

Quem também marcou presença levando a arquibancada ao delírio, foi a ESCOLA DE SAMBA INDEPENDENTE, que é oriunda da maior torcida organizada do São Paulo.

A festa recebeu mais de 45 mil torcedores, nunca no Brasil houve uma festa tão grande para recepcionar um jogador.

Nas arquibancadas vimos fumaça, sinalizador, bandeiras de mastro, tudo aquilo que o futebol moderno nos tirou.

Luís sorria feito criança, não aguentava a emoção de estar ali.



(Imagem/Paulo Pinto AE)

E lá se foram 4 anos, 4 temporadas em que Fabuloso fez inúmeros gols, ajudou o clube ser campeão da Copa Sul-Americana, Luís, se tornou o 2º maior artilheiro da história do Morumbi, o maior em média de gols, maior artilheiro do São Paulo em Campeonatos Brasileiros, em Copas do Brasil e em Libertadores (este empatado com Rogerio Ceni).

FABULOSO é o 3º maior goleador de toda historia do São Paulo Futebol Clube.·.

E em novembro de 2015 Luís precisou assumir para os torcedores (e para si mesmo) que a renovação de contrato não aconteceria, por diversas vezes o atleta disse que nem ao menos foi procurado para um conversa o que fez com o atleta (e os torcedores) ficasse bem chateado com a Diretoria.

Em 28 de outubro de 2015, Fabuloso entrou em campo com a faixa de capitão e os olhos cheios de lagrimas, contra o Figueirense fez sua última partida com a camisa do Tricolor

Paulista, o atacante chorou, marcou gol, deitou no escudo do clube e prometeu um dia voltar para ajudar de outra maneira que fosse possível.




(Imagem/Mauro Horita)

"É uma emoção muito grande. Foram muitos anos da minha vida dedicados a esse time, com muito amor envolvido. Está bom, foi bom enquanto durou. Foi sofrido, entre amor e ódio. O que importa são as lembranças boas e os números que vão ficar" – Uma das declarações do atleta em meio a lagrimas.

Na semana seguinte, no dia 4 de dezembro, o São Paulo preparou em seu centro de treinamentos uma homenagem singela ao camisa 9, com declaração de diversos jogadores, diretores e sócios torcedores do clube, o jogador mais uma vez foi as lagrimas, e fez algumas declarações mais do que de amor ao clube em que ele tanto ajudou.




(Imagem/Rubens Chiri)

"– Estou morrendo um pouco, pelo amor e carinho que tenho pelo São Paulo. Todo divórcio é complicado, mas a vida continua."

No final ainda prestou uma homenagem ao avô o velho Ditão "Dedico a meu avô. Quem recortou o primeiro recortinho quando entrei no primeiro jogo, com 17 anos, na Ponte Preta, foi o meu avô. Ele me ajudou muito. Onde ele estiver, dedico a ele toda a minha trajetória. Agradeço todos que me ajudaram, mas meu avô era especial".

Agora Fabiano faz parte do elenco da Tianjin Quanjian Football Club da China.

No final das contas, Luís Fabiano não se tornou um ídolo por causa de títulos, nem por causa dos inúmeros gols feitos e recordes batidos, FABULOSO se tornou ídolo por sua identidade com o torcedor São Paulino, por seu carisma, por ser além de jogador, torcedor fanático daquele clube, Luís é ídolo, porque não se deixou levar por dinheiro, porque não aceitou jogar em

rival, porque abriu mão de dinheiro para voltar, porque tem raça e se entregou totalmente em todos os jogos em que entrou em campo, claro que Luís errou, errou muito principalmente tomando cartões desnecessários e ficando fora de jogos importantes que ele faria a diferença, mas o amor que ele sente pelo São Paulo é algo que ameniza tudo isso.

Quem tem a oportunidade de conhecer o Fabuloso sabe o quanto ele é um cara bom caráter, um cara humilde, que preserva sua família, sua ideologia, que da atenção para cada torcedor, para cada admirador de seu trabalho, Luís é ídolo porque veio de baixo, por que venceu na vida, porque acreditou no seu sonho e fez dele realidade.

Eu como colunista do São Paulo neste blog e mais que isso como São Paulina Fanática que sou não posso deixar de dizer que cai nas graças do ainda Luís Fabiano Magrinho que fazia seu primeiro gol lá no Maracanã contra o botafogo, que me tornei fã assídua desse jogador, mais do que isso, desse ser humano.

E só tenho a agradecer por tudo que ele fez pelo nosso time de coração, por toda dedicação, e colocar o nome dele no meu filho ainda foi pouco para agradecer e homenageá-lo.




Foto: Arquivo pessoal da colunista

"A vida me fez São Paulo, e eu fiz do São Paulo a minha Vida". Luís Fabiano Clemente.

Por Jéssica Nogueira Gonçalves

**ANEXO II**

## Nas quatro linhas, volante, fora de campo, Guerreira!

09/09/2016 19:24

Formiga, traz no pé o talento e a raça, e seu sorriso é o de quem nunca vai desistir de lutar pelo Futebol Feminino.

"Formiga não é "Fulano de saias". Formiga é única. Não comparem. Ela não é – e não precisa – ser espelho de ninguém. " –Ronaldo Alves



Fonte: AFP

O futebol feminino nacional conta com uma geração vitoriosa composta por grandes nomes e, apesar dos preconceitos que sofrem, aos poucos elas conseguem mostrar todos os seus talentos dentro das quatro linhas.

Miraildes Maciel Mota, nasceu em Salvador, no dia 3 de março de 1978. Aos 12 anos recebeu o apelido de Formiga, já que não desgrudava um segundo da adversária que precisava marcar.

Não haveria posição perfeita para uma "formiguinha" emcampo do que a de volante, a jogadora é responsável pela proteção da defesa.

Formiga conquistou o público com seu espirito de liderança, com a garra e determinação que predominam em sua personalidade. Dona de uma leitura de jogo sensacional, sabe marcar e está em todos os lugares do campo conseguindo ajustar a equipe durante os jogos.

O INICIO

"Ela jogava no meio dos meninos, porque não havia time feminino, e se destacava. Batiam nela durante os jogos, mas mesmo apanhando ela continuava a jogar. Todos sonhavam ser jogadores, mas ela que conseguiu. Lutou mesmo pelo sonho dela e teve o reconhecimento. " Contou o seu irmão Manassés Mota.

Formiga se saiu tão bem entre os garotos que acabou sendo convidada para atuar numa equipe feminina local. Aos 13 anos, saiu de casa para viver em um centro de atletas. Aos 15 anos, foi jogar pelo São Paulo e converteu-se em revelação do campeonato nacional. Aos 17, disputou a primeira Copa do Mundo, na Suécia. Aos 18, fez sua estreia em uma Olimpíada, a de Atlanta (1996).

Formiga jogou em clubes da Suécia e dos Estados Unidos, e atualmente faz parte da seleção permanente, um projeto da CBF de reunir as jogadoras para treinos e amistosos, em período integral, como um clube, e com o pagamento de salário.

TÍTULOS E PARTICIPAÇÕES

Formiga foi chamada para defender a seleção brasileira em todas as 6 Olimpíadas que o futebol feminino disputou desde que entrou para o programa olímpico, em 96. Ela esteve

presente em: Atlanta-1996, Sydney-2000, Atenas--2004, Pequim-2008, Londres-2012 e Rio-2016. Em sua coleção de conquistas no esporte, ela tem duas medalhas de prata, ganhas em Atenas-2004 e Pequim-2008.




Foto: Isto é

São também 6 Copas do Mundo no currículo: 1995, 1999, 2003, 2007, 2011 e 2015.

Nos Jogos Pan-americanos, foi ouro em Santo Domingo 2003, Rio 2007 e em Toronto 2015. Em Guadalajara 2011, a atleta ficou com a medalha de prata.

Em 2010, participou do título sul-americano de futebol feminino.

Com a camisa do São José Esporte Clube-SP, foi campeã mundial de clubes em 2014 e tricampeã da Libertadores (2011, 2013 e 2014).

SELEÇÃO PERMANENTE

Desde 2015 a jogadora faz parte de um grupo de jogadoras que recebem R$ 9 mil ao mês para dedicar-se com exclusividade à equipe nacional. Para isso, foi necessário recusar uma proposta de ganhar bem mais no Rosengard, da Suécia, uma das equipes de ponta do futebol feminino.

Mulheres como a Formiga nos fazem sentir cada vez mais orgulhosos, pois, através do futebol, rompem barreiras e destroem preconceitos e opiniões adversas.

RECORDE

Na estreia dos Jogos Rio 2016, o Brasil venceu a China por 3 a 0, no Engenhão. Na partida, a meia Formiga saiu de campo com alguns motivos a mais para comemorar: aos 38 anos, a jogadora estabeleceu a marca de ser a primeira mulher do esporte no Brasil a jogar seis olimpíadas e ainda chegou aos 151 jogos com a Seleção, quebrando o recorde de Cafu.

No momento em que informaram a ela do seu feito, o sentimento de surpresa ficou estampado em seu rosto. Nem a

própria jogadora sabia dessa marca. Isso só mostra o quanto o futebol feminino ainda é desvalorizado por aqui.


Formiga fez sua estreia em Olimpíada em Atlanta em 1996. Foto: Ricardo Stuckert CBF

ADEUS A SELEÇÃO

Ainda no gramado em Itaquera, logo após a derrota do Brasil para o Canadá, na disputa de terceiro lugar da Olimpíada do Rio, a jogadora de 38 anos afirmou que não voltará a vestir a amarelinha. Mas não pendurará as chuteiras.

CARREIRA COMO TÉCNICA

O sonho da volante é seguir no futebol à beira do gramado. Mesmo com tudo que já fez pela modalidade no país, acredita que pode contribuir por mais anos com o futebol feminino fora de campo como treinadora.

– Quero ajudar. Ver essa seleção brasileira feminina ganhar um campeonato de expressão. Condições nós temos de ganhar

mesmo. Acho que depois que atingirmos um nível do tamanho que sonhamos, até brinco com as meninas que posso ir para o andar de cima (risos). Porque daí meu sonho vai ser realizado. Se não for em campo, que seja fora das quatro linhas ajudando de alguma forma – disse a jogadora.

AMOR PELO FUTEBOL

Quando a jogadora foi questionada se passaria novamente por tudo que passou para contribuir para a fortificação do futebol feminino, ela não hesitou em responder: "Com certeza passaria. Apanharia dos meus irmãos, escutaria um monte de merda de vizinho, escutaria merda de torcedor. Eu amo muito futebol. Futebol é minha vida. "

O PEDIDO

Após terminar no quarto lugar nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, Formiga confirmou sua aposentadoria da seleção brasileira e aproveitou para fazer um apelo aos torcedores, dirigentes e todos que acompanham o futebol feminino.

"Não desistam de nós, porque nós não vamos desistir", disse em entrevista à TV Globo.

LUTA A FAVOR DO FUTEBOL FEMININO

Formiga está na Seleção desde 1995. São mais de 12 anos defendendo as cores do Brasil e lutando pelo desenvolvimento do esporte no país. A atleta é uma das jogadoras que mais luta por melhoria do futebol feminino no Brasil. Está preocupada com o futuro. Não pensa apenas nela, mas sim, na nova geração.

Sonhamos com o dia em que as atletas vão ter clubes para jogar, campeonatos organizados e salários decentes. Somente 7 dos 20 clubes brasileiros mantêm times femininos e pagam

as jogadoras com os restos dos grandes investimentos feitos para os homens. E assim elas caminham para a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro feminino, sendo que o último dura somente 4 meses para os times que chegam à final. Enquanto os grandes clubes ignoram a categoria, também há pouco interesse da mídia e de patrocinadores.

De acordo com o blog Bastidores FC, do Globo Esporte, a Confederação Brasileira de Futebol cogita acabar com a Seleção Feminina fixa. "O futebol feminino não 'pega' no Brasil", é a declaração de um dos representantes da CBF, além do argumento de que houve investimento "desperdiçado" em uma participação sem medalhas nos Jogos, o que definitivamente não configura uma participação ruim: nossa seleção feminina é a 4ª melhor do mundo.



Formiga durante disputa das Olimpiadas Rio 2016. Foto: Reprodução Internet

Os dirigentes esqueceram que a Seleção permanente acaba sendo um porto seguro para as jogadoras experientes e também um aprendizado para as mais jovens, o que no futebol masculino seriam as categorias de base estruturadas pelos

clubes. A extinção do time fixo trará apenas mais dificuldades e retrocessos para o nosso já pouco valorizado futebol feminino.

POR QUE SE ORGULHAR?

As atletas brasileiras do futebol feminino além de precisar vencer a vida e as suas inúmeras dificuldades, precisam vencer também o preconceito, a omissão dos dirigentes e a desvalorização do esporte.

As atletas, não só no futebol, precisam de nossa torcida assim como, em busca de motivação para nossa prática, precisamos de heroínas.

O mundo agradece a persistência. Obrigada, Formiga.

Por Beatriz Cunha

ANEXO III

## O GOLEIRO DE TODAS AS SÉRIES

04/06/2018 10:17

Você, torcedor alviverde, quando te perguntam sobre os ídolos que fazem parte da história a Associação Chapecoense de Futebol, quem é a primeira pessoa que vem a sua mente? – sem contar todos os nossos eternos campeões que nos deixaram em 2016. Exatamente, José Nivaldo Martins Constante, ou melhor, Nivaldo, nosso eterno goleiro de todas as séries.

Nascido e criado no interior do município de Torres no RS, Nivaldo é o caçula de 8 irmãos (são dois irmãos mais velhos, seguidos de 5 irmãs e o atleta da família).

Como de costume o sonho da maioria dos garotos é se tornar jogador de futebol e o sonho de Nivaldo não era diferente; desde criança sempre quis ser goleiro, mesmo com um dos irmãos mais velhos sendo contra - ele bem que tentou desencorajar o irmão caçula chutando bolas fortes pra ver se ficava com medo, mas ao contrário, o garoto passou a gostar mais ainda da posição que escolheu para atuar. Na escola, ele era o melhor, sempre o escolhido para defender o time.



(Foto: Cleberson Silva/Chapecoense)

O tempo passou, Nivaldo cresceu e o sonho foi crescendo cada vez mais. Porém, nem tudo vem fácil, Nivaldo até tentou alguns testes nos times gaúchos de maior prestígio no Rio Grande do Sul, dupla GRENAL, mas como nunca havia feito um treinamento específico acabou ficando para trás.

Por nunca ter tido uma formação de base, a carreira profissional demorou um pouco para progredir; já tinha até pensado em desistir de ser jogador, até que surgiu a oportunidade para realizar um teste para o Araranguá Esporte Clube, um time de Santa Catarina. Nivaldo realizou o teste em uma peneira feita pelo clube e acabou agradando o treinador, foi convidado para treinar junto ao clube; assinou contrato com o Araranguá por 2 anos, de 1995 a 1997, inicialmente realizava os treinos com a equipe principal e jogava na equipe Júnior, e apenas no segundo ano que foi incorporado à equipe principal. Nivaldo teve o auxílio dos goleiros profissionais do clube, e foi ali que teve sua primeira evolução como profissional.

Após a temporada em Santa Catarina, o goleiro foi para o Grêmio Esportivo São José, time da cidade Cachoeira do Sul-RS e disputava a segunda divisão do campeonato gaúcho.

A passagem pelo clube foi rápida e em 1998 o goleiro já atuava pelo Esporte Clube Guarani, time da cidade de Venâncio Aires, também no Rio Grande do Sul.

Nivaldo passou duas temporadas no clube e teve uma breve trajetória pelo futebol nordestino. O goleiro teve passagens por clubes de Fortaleza no Ceará, Maceió em Alagoas e São Luis no Maranhão. Acabou retornando ao Rio Grande do Sul para jogar pelo Clube Esportivo Bento Gonçalves.

Já no Rio Grande do Sul novamente, Nivaldo ficou no Esportivo de 2000 a 2006, e junto com o clube conquistou a Copa FGF de 2004 e fez uma participação na Copa do Brasil de 2005. Segundo o goleiro, Bento Gonçalves, uma cidade da serra

gaúcha e menor que a cidade de Chapecó, era um excelente lugar para se viver, um clima agradável, bons hábitos alimentares, uma boa convivência com o povo, porém não tão bom no futebol. Naquela época a cidade não pensava em investir no clube e não almejavam coisas maiores em relação ao futebol da cidade. Quando recebeu o convite para atuar na Chapecoense, o Esportivo já havia encerrado sua temporada no campeonato gaúcho, o que ajudou o goleiro a aceitar a proposta, apesar de os rumores sobre o novo clube não serem boas.

Nivaldo recebeu o convite para atuar pela equipe Catarinense através de um treinador que havia trabalhado com ele no Esportivo, o técnico Guilherme Macuglia. Na época a Chapecoense passava por graves crises financeiras e apesar da má fase do clube, Nivaldo planejou realizar um bom trabalho na equipe para que pudesse ser visado por clubes maiores, como no caso de Avaí, Figueirense e Criciúma; pensou na possibilidade de que a Chapecoense pudesse servir como um trampolim para sua carreira.




(Foto: Cristiano Andujar/Agif/Estadão Conteúdo)

A Chapecoense era considerada um clube pequeno, time do interior, que afundada em dívidas, quase fechou as portas. No primeiro ano de atuação do goleiro na equipe catarinense, o clube conseguiu formar um bom time, e apesar de todos os contras se consagrou campeão estadual de 2007, com isso a torcida que estava desacreditada começou a apoiar a equipe novamente. Nesta época, houve uma mudança na diretoria, novas pessoas entraram, o pensamento já era outro, de investir no trabalho e treinamentos durante o ano todo e não somente para o catarinense.

O clube conseguiu pagar suas dívidas e continuou firme. Nas palavras de Nivaldo, o time seguiu tendo uma estabilidade, tendo um ano bom e razoável em termos de conquistas, e aos poucos o clube cresceu, chegou na fase dos acessos no Campeonato Brasileiro, o que acabou surpreendendo muita gente e até mesmo a diretoria, que em pouco tempo se viu em uma série B, sem ter uma estrutura para tal feito.

Não havia um local apropriado para treinar, o estádio não era tão bom. Com o acesso à série B, a diretoria almejava permanecer ali por uns 2 a 3 anos para juntar investimentos suficientes e organizar tudo que fosse necessário, para a partir daí pensar em sonhar com uma série A. Porém, quis o destino que já em seu primeiro ano de série B, a Chapecoense alcançasse a série A do Campeonato Brasileiro, conquista que nem mesmo o mais otimista e fanático torcedor alviverde poderia prever. E novamente estávamos dentro de uma competição nacional sem ter uma estrutura mínima para isso. Na época houve uma conversa entre o clube, a prefeitura e o governo do Estado, para investimentos e ampliação do estádio; temos hoje a Arena Condá, que ainda passará por algumas transformações ao longo do tempo.

Em uma conversa com o ex-goleiro da Associação Chapecoense de Futebol, Nivaldo declarou:

"Na Chapecoense aconteceu tudo tão rápido. Fazem 12 anos que estou aqui, mas se for analisar dentro do futebol o que aconteceu com o clube da Chapecoense, não sei se aconteceu com outros clubes, em tão pouco tempo, renascer das cinzas e permanecer num grupo tão difícil de futebol que é o Campeonato Brasileiro, entre os 20 maiores clubes do Brasil. E lá se vão 5 anos."

"Eu peguei desde o início até hoje. O ponto mais alto do nosso time, foi realmente quando a gente chegou na Sul Americana pelo segundo ano consecutivo, já tínhamos um time formado, um time característico, um time mais reforçado; todo ano contratavam poucos atletas, mas o que vinham eram de qualidade, somando. Foi nosso melhor momento, quando aconteceu o acidente. O time estava no auge, disputando uma final inédita."



(Foto: Eduardo Guimarães)

Nivaldo é um dos poucos atletas no país que disputou todas as

séries do Campeonato Brasileiro pelo mesmo clube de futebol. O goleiro participou de todos os maus momentos por qual o clube passou ao longo dos anos, mas também fez parte de sua história nos momentos bons e conquistas inéditas. O atleta que planejou uma carreira maior possivelmente em um clube rival, viu o tempo passar e as coisas darem certo, ao ponto que se passaram 12 anos e ele continua aqui, sendo peça fundamental de todas as conquistas que o clube já teve.

Nivaldo tem uma história muito rica com a Chapecoense, e por estar a tanto tempo com o clube, possui alguns números surpreendentes. O goleiro possui a marca de 298 jogos com a camisa do Verdão, e o plano era o seguinte: Nivaldo iria com a Chape para São Paulo e entraria alguns minutos na partida contra o Palmeiras para registrar a partida de número 299, a última partida do atleta seria então na Arena Condá, no último jogo do Campeonato Brasileiro, contra a equipe do Atlético-MG, onde faria sua partida de número 300 e encerraria a carreira profissional como atleta. A diretoria havia confeccionado camisetas com o número 300 na intenção de homenagear o jogador durante a partida (fato que até então Nivaldo não tinha o conhecimento); porém, quis o destino que a história fosse outra. Após uma mudança nos planos de rota da Chapecoense, Nivaldo acabou sendo cortado do vôo para São Paulo, já que a equipe iria de lá, após a partida contra o Palmeiras, para a cidade de Medellín na Colômbia, onde disputaria o primeiro jogo da final da Sul Americana. Nivaldo ficou em Chapecó e a história seguinte todos nós conhecemos.

"Várias pessoas vieram até mim, para que eu continuasse treinando pra fazer aqueles dois jogos, mas falei que não tinha condições psicológicas, naquele time eu não tinha só colegas, eu também tinha irmãos, já estávamos trabalhando há muitos anos, atletas e principalmente os diretores. [...] Eu voltar a treinar pra fazer dois jogos pra dizer que eu fiz 300 jogos pelo clube, eu não via uma razão por isso. [...] Jogar eu não vou mais, porque eu fui até onde foi possível e eu não tenho

condições psicológicas pra voltar a treinar e colocar uma luva nas mãos, pra fazer dois jogos e dizer que eu fiz 300 jogos pelo clube, acho que não tem necessidade disso. Até porque nunca foi meu objetivo chegar aqui e quebrar recordes, nunca tive isso de parâmetro para minha carreira."



(Foto: Marcio Cunha/Mafalda Press/Gazeta Press)

Quando chegou na Chapecoense, Nivaldo já tinha em mente a ideia de parar de jogar futebol, na época ele já estava com 32 anos e apesar de almejar voos maiores, sabia das dificuldades que poderiam vir pela frente, mas a cada ano o atleta se superava, fazia boas partidas, treinava bem. O contrato foi se estendendo, até 2016, quando o goleiro decidiu que seria a hora de parar, realizar os 300 jogos e encerrar a carreira como um dos maiores nomes na Associação Chapecoense de Futebol. Bem, a história que conhecemos agora é outra. Nivaldo havia informado a diretoria que encerraria a carreira naquele ano, que não renovaria o contrato como atleta, mas que estava aberto a receber alguma proposta para trabalhar e ajudar o clube de outra forma. O convite para Nivaldo ficar no clube havia sido feito, porém com a fatalidade da tragédia aérea do dia 29 de novembro, o apoio de Nivaldo foi requerido com certa

urgência e sem tempo para uma preparação:

"Aconteceu tudo tão rápido, que de repente eu me peguei tendo que ajudar a formar uma equipe fora do campo sem ter nenhuma experiência, mas tive ajuda de dois colegas, Maringá e Rui Costa, que deram auxílio e eu pude ajudar da minha maneira. [...] As coisas andaram e conseguimos permanecer na série A, conquistamos até o estadual com um time formado em 20 dias. [...] Novamente as coisas aconteceram muito rápido, pela lógica era escapar do rebaixamento meio apertado, não ir tão bem no Estadual, mas foi o contrário e ainda conseguimos uma pré libertadores."

"Em campo eu tinha uma preocupação única e exclusiva do jogo e aqui do lado de fora o parâmetro é muito maior, se perder tu fica preocupado, se ganhar tu fica preocupado até se empatar tu fica preocupado, tem que procurar sempre melhorar. Acaba o expediente tu vai pra casa e não consegue largar, diferente de quando é atleta e você sai do jogo e só volta a pensar no próximo treino, na próxima partida."

Nivaldo conta que hoje se sente mais preparado, mais confiante para trabalhar fora das quatro linhas. Durante a conversa relatou também sobre as cobranças em relação ao time, que muitas vezes é ainda maior do que com os próprios atletas em campo.

"A gente cresceu e não pode fugir da responsabilidade. A cobrança vai ser maior pra fazer com que o clube permaneça na série A."

Durante o ano de 2017, Nivaldo exerceu o cargo de gerente de futebol na Chapecoense, cargo atual ocupado por Maringá. Mas, basicamente a função do ex goleiro da Chapecoense era chegar em cada atleta que pisava em solo verde e branco, contar a história do clube, mostrar a eles como chegamos até onde estávamos, dizer o quão importante era a presença do atleta ali, o seu papel na reconstrução do clube, dizer a cada

atleta, que estavam ali para jogar pela camisa e amor ao clube e representar as pessoas que estavam naquele avião. Nivaldo teve o papel mais importante naquele ano, mostrar aos novos atletas o porquê de tudo aquilo, contar a história da Chapecoense e despertar a chama alviverde no coração de cada um que estava ali, e ninguém melhor do que o cara que fez parte de toda essa história para realizar tal missão, que fora cumprida com sucesso.




(Foto: arquivo pessoal)

Atualmente Nivaldo atua como Coordenador da base com o profissional, é ele quem faz o caminho entre os garotos da categoria de base e a equipe principal da Chapecoense, já que nas últimas temporadas a base do time parecia estar um tanto distante do profissional, e portanto precisava de uma reaproximação.

Sobre o tempo e a permanência na Chapecoense, Nivaldo relata:

"Uma vez um repórter me questionou e eu já estava a uns seis anos na Chapecoense, estávamos disputando a série C, e eu já

tava pra parar; olha se eu parar de jogar, se eu sair da Chapecoense e deixar na série B, eu já fico muito feliz. Eu não só deixei na B, como deixei na A e ainda joguei 3 anos. [...] Novamente aconteceu tudo tão rápido, lógico que não foi só por causa de mim, mas eu ajudei, eu participei de todos os acessos, tive em todos os momentos, do melhores aos piores."

Nivaldo foi atleta profissional por 22 anos, sendo 10 deles pela Chapecoense:

"O time do meu coração é a Chape, pelo fato de tudo que aconteceu aqui, pelo fato de tudo que vivi, pelo fato do clube abrir as portas pra mim, mesmo sendo um clube que estava a beira da falência. [...] Se algum dia eu sair daqui vou continuar torcendo pra Chapecoense, posso contar pra todos que ajudei a construir essa equipe."

O ex atleta e goleiro da Chapecoense possui uma história de longa data com o clube, não há como o torcedor falar da história do time sem lembrar e comentar sobre o nosso goleiro de todas as séries. Atualmente Nivaldo ocupa um cargo administrativo no clube e como futebol também é imprevisível, não quis arriscar dizer por quanto tempo mais poderá permanecer. Mas de uma coisa tem certeza, adotou Chapecó como sua cidade e sua agora primeira casa, já que passou e passa mais tempo aqui do que com o restante de sua família.



(Foto: arquivo pessoal)

Tudo o que aconteceu com a Chapecoense marcou bastante a trajetória de Nivaldo, assim como o goleiro marcou bastante a história do time. Nivaldo diz sentir orgulho em falar da Chapecoense e contar sobre seus feitos e agradece por todos os momentos bons e oportunidades que o clube lhe deu, porém mais do que isso, é o torcedor alviverde quem agradece. Agradece a esse atleta por todo tempo, empenho e dedicação que tem desempenhado para defender as cores de nossa camisa, por todo amor e carinho que sente pela Chapecoense e por ter nos dado tanto orgulho durante todos esses anos. Por esses motivos, Nivaldo sempre será um de nossos ídolos eternos.

Somos mais que 11... Somos #CHAPE

Ana Carolina Teixeira

ANEXO IV

Se é para falar de ídolo, eu sempre irei falar dele
11/06/2018 10:15




Foto: Carlos Insaurriaga/GEB

O meu ídolo no futebol brasileiro não é nenhum jogador com corte de cabelo da moda, tatuagem no pescoço, que faz ostentação nas redes sociais, até porque, o mesmo não é adepto à esses veículos de comunicação.




Foto: Assessoria de imprensa/GE

Mas sempre é bom lembrar que ele já atuou como jogador, não profissionalmente, mas já teve seu momento de lateral-direto. Estava escrito que ele seria treinador, o melhor que eu já vi atuar no meu time de coração.

Vamos falar de Rogério Garcia Zimmermann. O RZ!

Nascido no dia 10 de junho de 1965 (53 anos), Rogério é natural da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre e carrega consigo um prestígio enorme como técnico.

Formado em Educação Física, começou sua história no mundo do futebol, jogando nas categorias de base como lateral no Cruzeiro e São José, clubes gaúchos.
Mas o perfil de comandante falou mais alto. Em 1983 começou a treinar as categorias de base do São José, conhecido como

Zequinha, equipe da capital. Alguns anos depois, em 1990 foi para as categorias de base do Grêmio, onde ficou por muitos anos, 10 anos para ser mais exata. É tempo!

Já em 2002 saiu do Sul do país e foi para São Paulo, onde treinou o ECUS (Suzano/SP), onde ficou um ano.

Seu histórico é bastante extenso:
1983-1989 - São José/RS (categorias de base)
1990-2000 - Grêmio/RS (categorias de base)
2002-2003 - ECUS/Suzano SP
2004 2005 - BRASIL DE PELOTAS/RS
2006 - Ulbra/RS e Canoas/RS (no mesmo ano)
2007 - Santa Cruz/RS
2008 - Esporte Clube Pelotas/RS
2008-2010 - Cabense
2011-2012 - Canoas/RS
2012-2017 - BRASIL DE PELOTAS/RS



Foto: Facebook Oficial do clube

E seu último clube foi o Joinville de Santa Catarina.

Sabendo muito sobre a trajetória dele no Brasil, posso falar algumas de suas conquistas, das nossas conquistas.

Em 2004, na primeira vez em que esteve à frente do rubro-negro, o Brasil se encontrava na maldita segundona do estadual. No primeiro semestre já éramos campeões do citadino, quem é Xavante sabe a importância que isso teve. Um clássico na cidade, o Brasil jogando com dois atletas a menos, na casa do adversário ganhou e a torcida fez a festa, obviamente ele caiu nas graças de todos (ou quase todos), eu posso afirmar com toda certeza: ele ganhou uma fã em 2004. Naquele mesmo ano voltamos pela porta da frente para o lugar de onde nunca deveríamos e nem devemos sair: elite do futebol gaúcho.

E então ele deu sequência ao trabalho, nos fazendo campeões da Copa Emídio Perondi (2005), vice-campeões da Copa Hélio Dourado (2012), vice-campeões do Campeonato da Região Sul Fronteira (2013), Bi-Campeões Gaúchos do Interior (2014-2015), vice-campeões da Série D do Campeonato Brasileiro e claro, nossos acessos da D para a C e da C para a tão sonhada Série B do Brasileiro.

E não só ganhou meu coração como também o título de cidadão Pelotense.

Essa admiração que tenho pelo Rogério começou lá no dia 31 de janeiro de 2004, quando o calor era insuportável, quando meu pai acordou cedo para ouvir o primeiro jogo dele ao comando do Brasil diante da Ulbra, quando vencemos por 3x2 e quando eu ouvi a coletiva e já comecei a sonhar com a primeira divisão.

O clube possui vários ídolos, cada torcedor tem o seu, mas falando por mim, pela minha idade e pela história que eu vi e vivi, afirmo com toda certeza desse mundo que ele me

proporcionou as maiores alegrias dentro e fora do Bento Freitas. Sempre admirei a sua postura, inteligência,competência, visão de jogo e confiança, por mais que não concordasse com certas mudanças em algumas partidas eu confiava, eu sabia o que ele estava fazendo.

Sempre existirão os "antis", muito eu ouvi coisas desnecessárias por idolatrar tanto um técnico, um estrategista, um arrogante e etc, mas o que essas pessoas nunca se deram conta, é de que ser fã não é ser cega, ser fã não é ser burra, ser fã não é achar lindo e aplaudir tudo, a diferença é que um fã tem seus motivos para gostar de tal pessoa, e eu sempre argumentei e o defendi pois eu sabia o que estava falando. Eu não sou uma guria boba, sei exatamente quem colocar em um pedestal, e eu tenho ORGULHO de dizer que ele é meu ÍDOLO.

Eu fiz uma promessa em um jogo dentro da nossa casa e cumpri, tenho o autógrafo dele tatuado na pele e a primeira pergunta: "e se ele for para tal time, tu vai apagar?" - NÃO! Poder apagar eu posso, mas eu não quero e não vou, um laser ou uma cobertura não apagará da minha memória que de curta não tem nada, toda a história dele com o amor da minha vida, o Brasil. Não apagará todas as lágrimas derramadas de tanta alegria, não apagará todas as conquistas que um dia eu sonhei, não apagará o dia em que ele esperou um ônibus com torcedores que chegou de Brasília depois de um acesso, que ele me abraçou e me agradeceu, quando eu deveria falar isso para ele, quando o meu ídolo virou meu fã em uma tarde. Em outro clube, com outra torcida, eu recebi uma camisa autografada em casa de presente. "ELE LEMBROU DE MIM".



O dia em que ele viu pela primeira vez a tatuagem, boatos que fiquei meses sem lavar o tornozelo.
Foto: arquivo pessoal

Depois de cinco anos, quando eu vi a nota no site oficial do clube de que ele iria sair, eu não sei explicar a tristeza que eu senti, parece que um pedacinho meu estava indo embora e é assim que eu sinto. Não me acostumei a não ouvir mais as entrevistas cheias de ironia pós jogo ou os surtos à beira do gramado. Na coletiva de despedida, como eu chorei, como eu senti vontade de implorar para ele ficar, mas futebol é feito de ciclos e não importa para qual clube ele vá, qual rumo ele siga, a minha torcida será eterna, tanto na vida pessoal quanto na profissional.

Gratidão é a palavra que resume a passagem dele aqui e eu espero muito que um dia ele possa voltar, eu vou estar de braços abertos esperando, pois aqui tem uma mulher muito GRATA, que admira e respeita muito esse profissional.

Hoje estamos aí firmes e fortes, afinal o show tem que continuar, mas continuo "viúva do RZ". Enquanto eu existir, na minha frente ninguém vai falar bobagem e ficar sem resposta: AQUI NÃO!

Ele tem seu passado de glória, tem o seu nome gravado na história, na pele e na memória.



Coletiva de despedida. Foto: Leandro Lopes

Por Bruna Porto.

ANEXO V

## OLÉ, OLÉ, OLÉ, OLÁ, LUCAS, LUCAS!

12/08/2018 23:42

### 13 de Agosto de 1992

E não é coincidência não, o ídolos de hoje é do aniversariante do dia. Há exatamente 26 anos, nascia Lucas Rodrigues Moura da Silva, às 13 horas, de parto normal, com 3,3 kg, no Hospital Alvorada, em Santo Amaro-SP. Orgulho de Fátima e Jorge, esse menino desde cedo já dominava uma bola de futebol como gente grande, muitas vezes até melhor. Com o apoio e incentivo de seus pais, ele acreditou em seu sonho e correu atrás de seus objetivos. Levou muitos "NÃO's", enfrentou dificuldades, com apenas 16 anos ficou longe da família e amigos pra chegar onde está hoje em dia. Mas vou começar do princípio...



Lucas Moura criança
(Foto: perfil pessoal do atleta)

Lucas começou a sua carreira na escolinha do ex-jogador Lucas Miguelão, localizado em Diadema, onde passou a ser chamado de Marcelinho, devido a sua fisionomia parecida com o ex-jogador Marcelinho Carioca. Alguns meses depois, o mesmo teve uma breve passagem por outra escolinha, a SERC, localizada em Santa Maria, em São Caetano do Sul.

Com dez anos de idade, Lucas foi para o Corinthians, permaneceu nas categorias de base durante três anos. Assim que chegou ao time, recebeu um convite para fazer parte das categorias de base do São Paulo. Seu Jorge, pai do jogador, começou a se preocupar com a rotina dele nesse período. Os pais temiam que Lucas tivesse uma queda em seu rendimento escolar e também como jogador. O atleta estudava de manhã, treinava no período da tarde e só conseguia chegar em casa à noite, pois para retornar precisava pegar dois ônibus. Os familiares também se preocupavam com o método que o clube utilizava para ganhar massa muscular.




Lucas Moura no Corinthians
(Foto: Globo Esporte)

Os pais preocupados com a rotina do filho, e com os métodos que estavam sendo utilizados para o fortalecimento físico, pediram aos dirigentes do Corinthians que Lucas tivesse acompanhamento de uma nutricionista para ganhar massa muscular corretamente. Além disso, pediram para o clube arrumar uma escola próxima e um alojamento para o atleta. Seu Jorge revelou que a resposta dos dirigentes foi: "agora não podemos ver isso". A família esperou por três anos uma solução e ela não veio, quando o contrato com o Corinthians acabou, o pai foi convidado a ir até Cotia, conhecer o CT do São Paulo.

O tricolor exigia que os atletas da base tivessem um bom desempenho escolar. Além disso, o pai ficou satisfeito com o método de trabalho do clube.

Ainda conhecido como Marcelinho, o craque chegou ao São Paulo com 13 anos. Na primeira semana de treino no seu novo clube, seu pai passou pela mesma situação que havia passado anteriormente. Desta vez, os dirigentes do Corinthians queriam que o garoto voltasse a treinar no clube, mas a escolha foi a mesma, Lucas permaneceria no clube em que estava treinando.

Lucas teve um crescimento no desempenho de seu futebol. Logo no primeiro ano, o jogador foi campeão paulista atuando pelo seu novo clube.

Permaneceu atuando nas categorias de base do time até chegar à faixa etária dos jogadores que disputam a Copa São Paulo de Futebol Júnior.

Depois de ser campeão da Copa São Paulo de Futebol Júnior em 2010, onde foi destaque, o atleta foi integrado ao elenco profissional, no mês de agosto do mesmo ano.




Lucas ainda usando o apelido Marcelinho
Foto: Gazeta Press

Profissional...

O atleta se juntou ao São Paulo em 2005, depois de jogar para as equipes de base do Clube Atlético Juventus e Corinthians. A cria de Cotia fez sua estreia com o time profissional do SPFC em 2010, marcando quatro gols e proporcionando assistências, quatro em vinte e cinco aparições. Em 2011, Lucas marcou nove gols e deu quatro assistências em 28 jogos no Campeonato Brasileiro, além de treze gols e oito assistências em todas as competições.

Estreou profissionalmente no jogo contra o Atlético Paranaense, na Arena da Baixada, que terminaria empatado. Ele entrou no decorrer da partida, sob o comando do técnico Milton Cruz, que fazia sua estreia como técnico interino, após a demissão de Ricardo Gomes.

Lucas titular pela primeira vez no jogo contra o Vasco da Gama, no estádio do Morumbi, desta vez sob o comando de outro interino, Sérgio Baresi, que comandou o time até a chegada de Carpegiani.

O jogador passou a ser escalado como titular nos jogos seguintes, após manter boas atuações em campo e fazer seu primeiro gol como jogador profissional. Isso aconteceu na sua quarta partida como titular, contra o Atlético-MG, no Estádio Ipatingão em Minas Gerais. Nesse jogo, ele foi o destaque do São Paulo, pois além de ter marcado o gol de empate, a cria de Cotia ainda construiu a jogada que terminaria com o gol da virada feito por Fernandão, e que resultaria a vitória do São Paulo.

Lucas passou a ganhar destaque na imprensa, devido ao seu desempenho em campo, e até acabou virando motivo de discussão entre os presidentes do São Paulo e Corinthians.

A discussão começou depois que o presidente corintiano, Andrés Sanchez, começou a acusar o São Paulo de ter roubado o jogador das categorias de base do seu clube. Lucas

esclareceu o caso publicamente, em uma entrevista para o jornal O Estado de São Paulo, e deu fim à discussão.

Depois de jogar nove partidas como profissional, sendo chamado pelo apelido de Marcelinho, o jogador pediu para ser conhecido pelo seu nome verdadeiro. Ele contou que não havia pedido antes porque achava normal, mas resolveu mudar porque queria fazer a sua própria história no futebol, sem ser comparado com ninguém.

O primeiro jogo dele como Lucas, ocorreu no dia 16 de setembro, contra o Internacional, pelo Campeonato Brasileiro. Ainda em 2010 a FIFA citou o atleta como uma das principais revelações do ano.

O camisa 7 assinou a renovação de seu contrato com o São Paulo em fevereiro de 2011, até 31 de dezembro de 2015, tendo uma multa rescisória de 180 milhões de reais, fato que o tornou o segundo jogador mais caro do país, atrás apenas de Ronaldinho Gaúcho, do Flamengo.

No Campeonato Brasileiro de 2011, Lucas tornou-se o goleador mais jovem do São Paulo, na história da competição. Ele anotou nove gols durante a competição.

Depois de uma ótima segunda temporada, Lucas começou 2012 muito criticado pelo individualismo, mas deu a volta por cima e se tornou a principal arma ofensiva tricolor ao lado de Luís Fabiano, marcando gols importantes, como o único da vitória sobre o Coritiba na primeira partida da semifinal da Copa do Brasil. Na partida seguinte, contra o Atlético Mineiro, Lucas atingiu a marca de 100 jogos com a camisa do São Paulo.

Em outubro de 2012, em um jogo contra o Sport, Lucas marcou seu 1° hat-trick com a camisa do tricolor. Naquele jogo, o São Paulo bateu a equipe Pernambucana por 4x2.

Em 12 de dezembro de 2012, Lucas fez seu último jogo pelo São Paulo, antes de se apresentar para o Paris Saint-Germain. No jogo, Lucas fez um gol e deu assistência para o segundo do São Paulo, na vitória do clube sob o Tigre da Argentina, pela final da Copa Sul-Americana, onde seu time sagrou-se campeão. Lucas deu o sangue em campo, literalmente. Mas foi presenteado com uma festa incrível da torcida.




Lucas levantando a taça da Sul-Americana em sua despedida do São Paulo
(Foto: Fox Sports)

No dia 8 de agosto de 2012, o São Paulo anunciou a venda de Lucas ao Paris Saint-Germain por 43 milhões de euros (108,34 milhões de reais). Tornando-se esta, a segunda maior transferência em toda a história do futebol brasileiro, superando a de Oscar, que havia sido transferido para o Chelsea algumas semanas antes.

Lucas se apresentou oficialmente ao Paris Saint-Germain em 31 de dezembro de 2012. Sua estreia oficial com a camisa do PSG aconteceu no dia 11 de janeiro de 2013, contra o Ajaccio, no Campeonato Francês. Na ocasião, o PSG empatou por 0x0, e Lucas atuou durante 84 minutos. Ao ser substituído, o atleta foi bastante aplaudido, e teve seu nome cantado, a torcida cantava repetidamente: Lucas, Lucas, Lucas.

O jogador fez seu primeiro gol pelo Paris Saint-Germain contra o Olympique de Marseille em 24 de fevereiro. No dia 12 de Maio, o PSG venceu o Lyon e conquistou o Campeonato Francês, sendo o primeiro título de Lucas no clube parisiense. Na vitória por 3x1 diante do Lille, Lucas foi um dos destaques, fazendo seu gol e ajudando nos dois gols marcados por Marquinhos e Matuidi. Novamente, ele se consagrou Campeão do Campeonato Francês, seu segundo título pelo Clube e o quarto do PSG.

No jogo que marcou a entrega da taça do Campeonato Francês, Lucas deixou o seu gol na goleada por 4x0 diante do Montpellier.

Na temporada 2014-15, foi confirmado que Lucas usaria a camisa de número 7, a preferida desde que começou sua carreira no futebol. Seu primeiro gol na temporada 2014-15, foi contra o Bastia, no dia 16 de agosto de 2014. A partida terminou 2x0, sendo que o primeiro gol foi marcado por Lucas. Na vitória do PSG por 1x0 sobre o Saint-Étienne, em 25 de janeiro de 2015, Lucas completou 100 jogos pelo clube.

No dia 24 de janeiro de 2017, na partida contra o Bordeaux, ele chegou a marca de 200 jogos com a camisa do Paris Saint-Germain. No jogo, o PSG venceu por 4x1.

Em 31 de janeiro de 2018, foi anunciado como novo jogador do Tottenham, assinando contrato até 2023. Estreou em 13 de fevereiro, entrando nos minutos finais no empate em 2x2 com a Juventus, partida de ida das Oitavas de Final da Liga dos Campeões. Em sua primeira partida como titular, marcou seu primeiro gol pelo clube, no empate em 2–2 com o Rochdale, pelas Oitavas de Final da Copa da Inglaterra.



Lucas em sua despedida
(Foto: Fox Sports)

Lucas casou, teve um filho e continuou sendo o "moleque" lá da base do tricolor. Isso só deixou mais claro o que todos nós já sabíamos, o menino lá de Cotia continua sendo aquele que é protetor, amigo e acima de tudo, FAMÍLIA. A família sempre esteve presente em todos os momentos de sua vida, desde a base, até hoje. Eu costumo dizer que isso fez de Lucas o homem que é hoje. Ao lado de Larissa, sua esposa. Miguel, seu filho, seus pais e irmãos, tem evoluído de uma forma admirável. Não me canso de admirá-lo, como pessoa e como

profissional. Uma das melhores pessoas que eu já conheci em toda a minha vida. Falo com responsabilidade.

Todo começo tem seus ápices, altos e baixos, que nos fazem repensar se devemos continuar correndo atrás de algo que pode não valer a pena, nem por um segundo. Todos os seus dias de lutas, incansáveis tentativas frustradas e muitos "nãos" pela caminhada... Via portas se fecharem a todo instante, mas o sonho que habitava nele não o deixava desistir.

Era incrível o dom daquele pequeno, desde que "se entende por gente", faz o que mais ama, joga futebol. Encanta. Transborda amor a cada jogo, a cada gol, irradia o mundo com o seu talento, faz o coração de qualquer um gelar sempre que sorri. Sim, a busca interminável valeu a pena! Vale a pena até hoje, nos seus 8 anos de profissional.

Deus tem honrado a sua fé todos os dias, desde que pisou pela primeira vez em um campo profissional, e Ele há de honrar cada vez mais! Porque quando existe amor puro assim, dentro de milhares de corações, só se multiplica amor, e a troca nunca termina. Estou por você, além da eternidade. Porque ela ainda é pequena quando comparada ao sentimento que habita em cada um de seus fãs. Nunca se esqueça de lembrar!

Tem fome de bola, tem sede de gol, moleque do gol, moleque do gol, porque a vida é um jogo e ele é um jogador!

Gratidão por tudo, Lucas. A torcida São Paulina torce pela sua volta. O Morumbi sempre será a sua casa.

Pra finalizar, é o “nosso” sétimo 13 de agosto “juntos”, e ainda sinto a sensação do primeiro, aquele velho e bom clichê de aniversário. O aniversário é seu, jogador, mas quem ganhou o presente fui eu. E esse é um dos motivos pelos quais irei sorrir hoje.

Faz sete anos que eu vejo a minha estrela se cumprir, e me orgulho disso, de não ter desistido. Se o seu sonho não existisse, o meu também não existiria. Então termino desejando que você seja muito mais feliz do que é hoje. Que mal nenhum te alcance. Que Deus esteja sempre em primeiro lugar e que não te falte paz e saúde. Que você tenha sempre foco, força e fé para alcançar os seus objetivos e realizar os sonhos que você almeja a cada dia.

Eu vou seguir aqui, querendo sempre estar por perto, te mandando energias positivas. Boas vibrações geram boas vibrações, né? Você também me ensinou isso. Feliz aniversário, um abraço apertado e muitos sorrisos. Você merece uma vida recheada de felicidades. Se cuida, tá bom? Te amo



(Foto: Arquivo Pessoal)

Por Raiane Vieira

ANEXO VI

## ZIQUITA: O HERÓI DO POVO

10/09/2018 13:44

## O IMPOSSÍVEL NÃO EXISTE!

Existem vários tipos de ídolos na história de um Clube: aquele que foi o maior artilheiro, aquele que teve a maior identificação com a torcida, aquele que foi o principal jogador do maior título do time, às vezes um dirigente ou até um torcedor.

O nosso ídolo de hoje não está inserido em nenhuma dessas categorias. Isso porque o nosso ídolo Gilberto de Souza Costa, mais conhecido como Ziquita, virou ídolo do Atlético em 1978 ao provar que o impossível não existe.

Ziquita atuava como centroavante e começou sua carreira profissional do Esporte Clube Democrata – conhecido como Democrata de Governador Valadares – MG. Antes de jogar pelo Furacão, fez parte também do elenco do Clube Atlético Mineiro (Fonte: Wikipedia).



(Foto: OGol)

Mas foi no Furacão que ele entrou para a história do futebol. Naquele ano, o Atlético não vinha muito bem no Campeonato Estadual, não erguia a taça desde 1970 e via seu maior rival – o Coritiba - conquistar o hexa campeonato com os títulos de 71 a 76.

Voltando a 1978, o Atlético classificou-se para o quadrangular semifinal do Campeonato Paranaense, e enfrentaria o Colorado - extinto e fundido com o Esporte Clube Pinheiros formando o Paraná Clube em 1989.

No dia 05 de novembro daquele ano, a Arena da Baixada estava quase lotada de atleticanos que acompanhavam aquele jogo que era muito importante para o rubro-negro, sem saber que o mesmo seria histórico. O início do jogo foi absolutamente desastroso e no primeiro tempo o Atlético já perdia por um a zero para o time visitante.

O segundo tempo não foi muito melhor e logo nos primeiros minutos o que se viu foi um massacre: O Colorado marcou mais 3 gols e já comemorava a goleada histórica, enquanto que a torcida atleticana, humilhada dentro de sua própria casa, assistia perplexa a goleada improvável que tomava naquele dia e aos poucos, começou a deixar o estádio, sem coragem de ver seu time perder daquela maneira.

Mas como num filme, em que as coisas se resolvem no apagar das luzes, alguém veio para mudar o curso da história e fazer parte dela. Aos 30 minutos do segundo tempo, o centroavante Ziquita marcou o primeiro gol atleticano, nunca cabeçada certeira daquele gol que, imaginavam, seria o gol de honra do time, já que depois de tomar 4, a torcida havia perdido quase toda sua esperança.

Mas não foi bem assim – graças à Deus, ou à Ziquita, vai saber. Aos 34 minutos, nosso personagem dominou de costas para o gol e virou para marcar o segundo.

Neste momento, a torcida atleticana que havia começado a se retirar do Joaquim Américo, timidamente começou a retornar, afinal, um 4 a 2 já não era tão feio assim e aquela pontinha de esperança ainda ardia nos corações rubro-negros.

Aos 36 minutos veio o terceiro, novamente da cabeça abençoada dele: Ziquita. Nesse momento, com a explosão do estádio, até os torcedores que já estava na rua começaram a voltar correndo para poder presenciar o impossível acontecendo.




(Foto: Arquivo/Tribuna)

E o impossível aconteceu: aos 43 minutos, Ziquita marcou o quarto gol, com toda raça que havia dentro de si. A festa da torcida incrédula, porém em êxtase foi inimaginável. Por ironia do destino, aos 45 Ziquita mandou mais uma bola para o gol, o que seria o gol da virada, mas essa bateu na trave.

Naquele dia os deuses do futebol passavam uma lição a todos os amantes da arte: sim, existem empates com gosto de vitória, com gosto de título, com gosto de campeão.

Ziquita saiu carregado nos braços da torcida e as manchetes no dia seguinte estampavam: "SÃO ZIQUITA, ressuscitou o Atlético". Um título justo, já que nosso herói havia realizado um verdadeiro milagre.



(Foto: Arquivo/Tribuna)

O resultado do jogo teve impacto também no extracampo com o técnico do Colorado pedindo demissão. Já o técnico do furacão ganhou confiança e ressaltou: "O Atlético Paranaense é força porque é do povo" (Fonte: Globoesporte.com).

Outra manchete trazia a seguinte frase: "Ziquita, herói do povo"!

O feito é contado e recontado aos mais jovens – como eu – que não presenciaram o momento, mas amam a história e fecham os olhos para tentar sentir a emoção daquele jogo.

Outra curiosidade é que se fôssemos contar todos os torcedores que afirmam ter estado no estádio naquele dia milagroso, daria para encher 3 Arenas da Baixada daquela época.

Até hoje, mesmo entre os mais novos, quando o Atlético precisa de resultados improváveis, São Ziquita, o nosso Santo das Causas (IM)possíveis é invocado! Foi ele quem nos ensinou que "O IMPOSSÍVEL NÃO EXISTE".



(Foto: Furacao.com)

CUIDANDO DOS NOSSOS ÍDOLOS

Em 2017, com 64 anos, nosso herói sofreu um AVC e passou por dificuldades financeiras para manter o tratamento, já que

após aposentar-se do futebol trabalhou como motorista, sem, entretanto, efetuar os recolhimentos aos INSS, razão pela qual não conseguiu obter a aposentadoria.

Morando com a esposa que é professora em Governador Valadares-MG, o ex-jogador estava também com dificuldades de fala e de locomoção.

Tocados com a história de nosso ídolo, os torcedores atleticanos começaram uma grande mobilização com vistas a ajudar aquele que faz parte da história daquele que mais amamos: O Clube Atlético Paranaense.

Por torcedores independentes foram arrecadados valores em dinheiro e aproveitando o aniversário do Clube, em março de 2018, torcedores ligados à oposição organizaram uma festa em homenagem ao nosso Ziquita, revertendo todo o lucro líquido ao ex-jogador.

Também o Clube promoveu uma tarde em homenagem ao ídolo, inaugurou uma placa, além de criar uma camisa comemorativa, cuja renda líquida foi revertida para auxiliar no tratamento de Ziquita. Nosso ídolo entrou em campo e foi ovacionado pela torcida presente.



(Foto: FotoFX)




(Foto: @Monivilela)

Em visita ao Centro de Treinamento do Atlético, esta colunista teve a oportunidade de conversar, abraçar e guardar para a posteridade uma foto com o São Ziquita.



(Foto: Site Oficial do CAP)

Clube e torcedores devem estar sempre unidos para auxiliar aqueles que escreveram nossa história e que são nossas melhores pontes entre o passado, o presente e o futuro do Clube Atlético Paranaense.

Obrigada, São Ziquita!

Por Daiane Luz

ANEXO VII

## O MAIS TEMIDO PELO RIVAL

22/10/2018 17:56




1999
(Foto: Tribuna do Norte)

"Vai Sérgio Alves pode esculachar… faz um gol nos (...) e vem aqui comemorar!"

Natural de Recife, o atacante Sérgio Alves nasceu para o futebol no Central de Caruaru/PE, onde ganhou sua primeira oportunidade como titular e marcou história em grandes clubes nordestinos como ABC, Ceará e Bahia.

Sua passagem pelo ABC foi historicizada pela sua eterna fidelização as cores alvinegras no Rio Grande do Norte, foi até contratado pelo rival mas não chegou a estrear. Em suas quatro

passagens pelo Mais Querido, nos anos de 1998-1999; 2000-2001 e 2005, foi artilheiro do Campeonato Potiguar e teve como principal feito, ser carrasco do América/RN.

O Camisa dez que todos respeitam, não tinha o corte de cabelo da moda mas era, e ainda é, dono de uma personalidade ímpar. Contam os mais velhos que inúmeras vezes ele era aquele cara que pegava a bola e garantia o resultado! Quando perguntam a qualquer ABCdista sobre sua trajetória vestindo a camisa do alvinegro potiguar a resposta é clara e objetiva: "O jogo já começava 1 a 0 pro ABC".

E foi assim no ano de 2001, quando a categoria e segurança do carrasco foram fundamentais para abrilhantar os gramados do RN mais uma vez. Eu prefiro até que vocês saibam desse feito com a narração do próprio Sérgio:

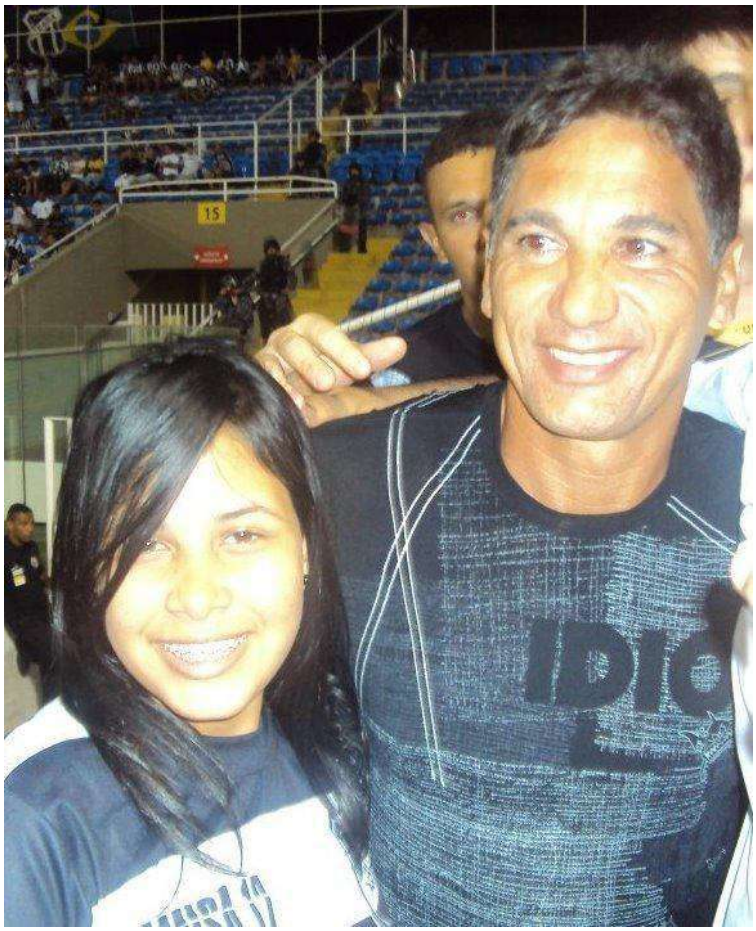
"Lembro que estávamos perdendo o jogo, e se perdêssemos estaríamos fora da competição. Me lembro que o Marciano pegou a bola pelo lado direito e fez o cruzamento, já no final do jogo, acho que aos 47 minutos do segundo tempo. O zagueiro do América pulou para cortar a trajetória da bola, que acabou passando por ele e eu tive a felicidade de dar a bicicleta. Esse é um dos gols mais bonitos de toda a minha carreira, e foi muito importante também, porque foi no clássico em que estávamos perdendo. O gol, ficou marcado na memória dos torcedores e na minha também."
(Entrevista concedida ao Globo Esporte RN em 2015)

A ocasião foi pra lá de especial, o ídolo da Frasqueira fez um G-O-L-A-Ç-O de bicicleta contra o time de vermelho, no ano de 2001, o cenário era o Estádio Machadão e nos minutos finais da partida nosso mestre decidiu o jogo para que o ABC não ficasse fora da competição, empatando o placar. Apesar do alvinegro não ter sido campeão daquele estadual, o gol ficou para sempre registrado na memória dos potiguares.

Escrever sobre Sérgio Alves é um privilégio. São muitos torcedores que se aproximaram do futebol potiguar através da admiração pelo seu potencial. No meu caso, esse respeito pelo carrasco foi transmitido pela fidelização do meu pai aos jogos e treinos do ABC, onde o principal divertimento dos torcedores naquele ambiente esportivo sempre foi "escalar" o time titular falando nos principais destaques da equipe. Ora, se o garoto era talentoso, era de praxe escolher ele e mais dez. O nosso estado faz parte de uma região que carece de ídolos locais nos gramados. Geralmente, o cara brilha aqui e já é vendido para clubes maiores devido a valorização transmitida por empresários e olheiros do esporte. O ABC é uma fábrica de craques, cito como últimos destaques os mais vistos no cenário atual, como Ayrton Lucas, Rodriguinho e Matheus Matias.

Para ser lembrado por várias torcidas mesmo depois de ter amarrado as chuteiras, temos que admitir que realmente ele não foi qualquer um ou só mais um. Sérgio é muito querido também pela torcida do Ceará, clube que detém o maior número de torcedores em seu estado, além do Bahia, que o considera importantíssimo.

O ex-presidente do ABC, Judas Tadeu, conta que as brincadeiras e superstições na concentração eram fundamentais para que os compromissos em campo não fossem encarados de forma tensa, mas que com descontração as coisas se tornavam até mais fáceis de resolver. Conta ele, que considera Sérgio Alves o terceiro melhor jogador da história do ABC, perdendo as primeiras colocações apenas Jorginho e Alberi - mas o carrasco é o mais carismático entre eles - completa, em entrevista ao Globo Esporte RN.



No ano de 2012 fui até Fortaleza/CE para assistir Ceará x ABC pela série B daquele ano e adivinha quem estava na arquibancada do Presidente Vargas? Isso mesmo, e eu claro, não perdi a oportunidade de tietar.

(Foto: Arquivo Pessoal)




Em 2015, ano do Centenário do ABC e também de disputa eleitoral, fui tietar o carrasco no dia da votação para presidente do clube.

(Foto: Arquivo Pessoal)

Ao carrasco: Agradeço em nome da Frasqueira por toda sua dedicação para o crescimento do nosso clube. Desejamos que você seja eternamente referência para o futebol nordestino.

Por: Beatriz Alves